

OFF★BASE



Heroes do it harder...

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

TESSA BAILEY
SOPHIE JORDAN





Tessa Bailey & Sophie Jordan

Off Base

Livro Único

Off Base Copyright © 2015 Tessa Bailey & Sophie Jordan

SINOPSE

- **Beck e Kenna – Tessa Bailey**

Uma boas-vindas que ele nunca esperou... E nunca irá esquecer...

Quando Kenna Sutton é designada para dirigir o carro que levará para casa o recém-retornado Beck 'True Blue' Collier, ela espera que o brilhante estrategista militar seja um grande imbecil. Sendo do tipo que nunca fica sem palavras, Kenna fica completamente sem ter o que dizer quando vê o lindo, inexperiente e absolutamente nada relaxado major do Exército que senta no seu banco do passageiro. Indignada com a falta de uma recepção de boas-vindas para Beck após sete longos anos no exterior, Kenna cuida do assunto com suas próprias mãos, dando a Beck algo que ele só fantasiou em seu beliche.

Beck nunca se esquivou de qualquer teste que tentasse sua vontade, e Kenna dá um novo significado para a palavra desafio. O problema? O pai de Kenna é o tenente-general que está presenteando Beck com a estrela de prata, e ele está determinado a tratar Kenna com o respeito que ela merece, mesmo que seus olhos implorem a Beck para colocar para fora seus desejos mais secretos. Desejos que sempre foram ditos a ele que eram obra do demônio. Mas quanto tempo pode esperar resistir um homem solitário e faminto à mulher que ele deseja?

- **Huntley e Cullen – Sophie Jordan**

Ser uma boa menina tem suas desvantagens...

Huntley Collier é uma enfermeira da sala de emergências inocente e idealista, que está cansada de ficar na *friend zone*. Cullen Brooks ganha a tarefa de ser babá de Huntley quando o irmão dela – e melhor amigo dele – é deslocado para o serviço militar. Mas suas amigáveis idas à cafeteria e maratonas de televisão a deixam querendo mais. Quando uma noite louca leva a uma bebedeira e uma explosão de luxúria negada por muito tempo, os sonhos de Huntley se tornam realidade. E a realidade é um lugar quente e selvagem do qual ela não quer sair.

Mas somente uma boa menina pode derrubar um bad boy...

Conhecido como Sullen Cullen em torno de Black Rock, Cullen Brooks não tem muitos amigos, mas Huntley é um deles... E apesar das suas fantasias definitivamente nada amigáveis sobre a loira curvilínea, ela é doce demais para os seus gostos mais escuros. No entanto, não colocar as mãos nela é algo mais fácil de ser dito do que feito, quando a pequena e recata Huntley responde ao seu toque como a gata selvagem que ele nunca esperou. Mas quando Cullen de repente enfrenta a possibilidade de perdê-la, será que esse bad boy vai arriscar tudo para manter sua boa menina?

BECK E KENNA

Tessa Bailey

Capítulo Um

Todos saúdem o maior comitê de boas-vindas de merda do mundo.

Kenna Sutton parou no sinal de trânsito, suas unhas vermelhas lascadas tamborilando no volante.

Vamos lá. Fique verde. Ela podia sentir o carro cheio de soldados à sua esquerda tentando chamar sua atenção. Em um dia normal ela apenas iria acelerar o motor do seu bebê, um Dodge Challenger azul, e convidá-los para uma corrida que eles iriam, inevitavelmente, perder. Mas ela estava atrasada – *dolorosamente atrasada* – para pegar um dos companheiros. Um soldado que estava voltando essa manhã depois de seis anos no exterior, e cuja família estava aparentemente muito ocupada para recepcioná-lo. Então como isso tinha acabado nos seus ombros? Era um dos privilégios de ser a filha do tenente-general Sutton.

— Esqueça isso, — ela murmurou, batendo o pé no acelerador e passando o sinal vermelho. Faltava uns dois quilômetros para chegar à zona de aterrissagem. Este favor de última hora para o seu pai podia ser um pé no saco, mas ela se recusava a lhe decepcionar. Ela já tinha feito o bastante para ele se decepcionar por uma vida, e era raro que confiasse a ela qualquer coisa importante, de forma que ela não queria estragar tudo. Muito ruim.

Seus conhecimentos sobre o homem que tinha sido encarregada de transportar até o quartel começava e terminava em um fato: ele era uma espécie de mentor estratégico. Bem, isso não era totalmente verdade. Ela também sabia o seu nome e a sua patente. O conjunto de habilidades do Major Beck Collier deveria ser muito especial, porque ele tinha feito de si mesmo alguém indispensável para o Exército. Por seis anos. E nem sequer um familiar deu as caras na sua chegada.

Kenna engoliu a inesperada onda de simpatia e virou com velocidade à direita, sorrindo quando seus pneus cantaram. O único benefício de acordar no início da madrugada para pegar o nerd que ela imaginava que ele era, era a chance de dirigir o seu bebê. Ouvir o ronronar do motor como se fosse um leopardo contente. Com uma onda de tropas voltando para casa, às estradas sinuosas do Forte Black Rock

não deveriam estar vazias, o que significava que os viajantes já tinham chegado. *Droga.*

Ela freou bem a tempo de impedir que a parte de baixo do carro raspasse no chão quando ela parou no estacionamento. A primeira vaga disponível estava no lugar mais afastado do lote, mas ela estava muito atrasada para ser seletiva. Segundos depois de ter estacionado o Challenger, ela pegou a placa improvisada que dizia simplesmente Collier, e correu para frente do estacionamento, os pesados coturnos Dirty Laundry batendo no asfalto.

Correr em um domingo. Que sacrilégio.

As janelas dos carros tinham sido decoradas com bandeiras coloridas em que se lia os nomes dos soldados em letras grandes e chamativas. *Sejam bem-vindos!* À distância, ela podia ouvir uma banda tocando “God Bless America”, fazendo ela caminhar mais devagar. A banda do Forte Black Rock era conhecidamente terrível, e quanto mais ela adiasse estar perto, melhor.

Um guarda uniformizado parou no alambrando. — Eu preciso ver a sua identificação, senhora.

Ele deve ser novo. Isso não era minha arrogância falando, embora Deus soubesse que ela tinha uma boa dose dessa coisa. Ela vivia na base desde que nasceu e as pessoas – ou seja, homens – costumavam saber quem ela era. Eles não a chamavam de *provocadora de pau* porque ela se misturava, não é? Com um suspiro, ela puxou a carteira do bolso e a jogou para o guarda, estourando uma bola do chiclete de menta em sua boca enquanto ele a examinava. Ela soube o momento exato em que ele reconheceu seu sobrenome, porque as sobrelanceiras desapareceram debaixo do seu capacete. — Sinto muito, Srta. Sutton. Vá direto para dentro.

— Você é ótimo. — Kenna entrou no aeródromo, empurrando a carteira de volta no bolso da sua calça jeans enquanto andava. Um grupo de fotógrafos e jornalistas bloqueavam sua visão da entrada, mas logo que ela ultrapassou a parede humana que havia se criado, viu os soldados saindo do avião. Homens carregando as mochilas verdes do Exército sobre os ombros, caminhando para os braços de mulheres chorando. Beijando bebês. Tirando fotos. Pedidos de casamento sendo feitos de joelhos. O suficiente para aquecer até o mais negro dos corações. Inclusive o dela, aparentemente.

Sentindo uma centelha estranha no peito, Kenna desviou rapidamente o olhar, estremeando quando a banda iniciou uma versão estranha de “Wild Blue Yonder”. Essa canção não era reservada para a Força Aérea? Segurando a placa caseira acima da sua cabeça, que começou a doer de repente, ela caminhou até a área de chegada e saudações, procurando por um homem mais velho sozinho. Mentores estratégicos provavelmente usavam óculos de aro grosso, tinham a pele pálida... talvez uma leve pança de muitas horas na frente do computador, certo? No segundo que ela o deixasse no quartel, ele provavelmente ia pular no primeiro console de vídeo game disponível. Ela não se importava, porque já estaria de volta na cama, terminando o seu domingo do jeito que ela tinha originalmente planejado. Contando carneirinhos.

— Com licença, senhora, — disse uma voz grave atrás dela. — Você é a minha carona?

Antes dela se virar para enfrentar o *segundo* cara que a chamou de senhora em menos de cinco minutos, sua intuição começou a rastejar. Pequenos espinhos pinicavam sua nuca enquanto ela girava. E então pôs os olhos no maior peitoral que ela já tinha visto na vida. Ele facilmente tinha o tamanho de duas dela e um pouco mais. Na plaquinha em seu peito se lia *Collier. De jeito nenhum*. Ela inclinou a cabeça para trás... Para trás... Até chegar nos dois faróis azuis gêmeos de *sim, por favor*. Seus olhos ofuscavam o céu delineando a sua cabeça loira-escuro raspado. Uma vergonha.

O que você é agora, uma poetisa? Levante o seu queixo do chão.

Kenna odiava surpresas, a menos que fosse ela a mentora. Ela estava esperando alguém que tivesse um cartaz de Neil deGrasse Tyson¹ em sua parede. Em vez disso, ele parecia um quarterback da NFL². Ele poderia ser um linebacker, se não fosse pela sua vibração modelo americano, bom garoto, fã de Kenny Chesney³, calça jeans Levi's e comida na casa da mamãe. Ela era mais alta que a maldita banda.

— Depende. — Ela deixou seu olhar cair para as suas coxas grossas como troncos, sob o pretexto de ajudar os óculos de sol. — Você é o Major Beck Collier?

¹ É um divulgador científico e astrofísico dos Estados Unidos.

² NFL é a Liga Nacional de Futebol. É o que chamamos aqui de Futebol Americano, não é o que estamos acostumados a chamar de futebol no Brasil. O quarterback, por sua vez, pelas funções que desempenha em campo, tem que ser realmente muito grande e forte.

³ É um cantor de música country dos EUA.

Seu sorriso aumentou um quilômetro em tamanho. — Ao seu serviço, senhora.

Bom Deus. De onde era esse sotaque? Georgia? Definitivamente do sul. — Olha, cara. A qualquer momento que você queira parar com essa coisa de *senhora* seria muito bom.

Seu sorriso desapareceu e ele balançou a cabeça como se eu tivesse transmitido instruções para salvar vidas. — Existe outra forma de lhe chamar em vez disso?

Para tudo. Esse cara não sabia o nome dela. O que significava que... Ele não sabia que ela era filha do tenente-general Sutton? Ao caminhar ao redor da base ela poderia muito bem usar um sinal de neon piscando que dizia *olhe não toque*. E ah, eles *olhavam*. Ela se certificava disso. Mas nas raras ocasiões que um homem realmente se aproximava dela, ele estava bem informado sobre as virilhas que ela já tinha atacado com o joelho. Kenna não tinha intenção de tirar proveito de True Blue⁴, sendo que ele era a coisa mais longe do seu tipo de homem possível. Mas pelo menos ela não seria tratada como *Kenna, a Prole de Sutton* até o quartel.

— Eu sou Kenna. Bem-vindo de volta e tudo mais. — De repente mudando de assunto para não ter que falar seu sobrenome, ela apontou para o saco de lona no chão. — Você precisa de ajuda com isso?

Sua expressão era de horror. — Não, senho... Kenna. Eu posso me virar. — Ele se mexeu sobre aqueles pés enormes. — Você precisa de ajuda com alguma coisa?

Ela olhou em volta. — Como o quê? Andar a pé?

Inacreditável. Este homem lindo e musculoso, na verdade, ficou um pouco vermelho. — Assim, no geral, eu acho. — Ele deu uma pequena sacudida de cabeça. — Você vai ter que me perdoar. Eu não fico tão próximo de uma mulher em muito tempo. Você me pegou com a guarda um pouco baixo, isso é tudo. Eu não esperava...

— Esperava o quê?

Ele parecia estar lutando para manter seu olhar acima do pescoço dela. O que foi uma enorme façanha, considerando que ela usava um top de couro e um jeans skinny de cintura baixa que deixava vários centímetros da sua barriga à mostra. Honestamente, os peitos dela

⁴ Esse é um termo usado na Marinha para indicar aquele homem de honra, muito leal e dedicado à sua causa e ao seu grupo.

estavam olhando para *ele*. Qualquer pessoa com um pau deveria ter retornado o favor, agora e como sempre acontecia. Sem falhar. O seu pomo de Adão deslizou para cima e para baixo. — Podemos começar de novo?

— Não. O que você não esperava?

Os olhos azuis de Beck caíram sobre o corpo dela, e em seguida ele olhou para longe novamente. Para qualquer lugar, *menos* para ela. — Acho que eu... — ele limpou a garganta. — Eu não esperava que a minha carona fosse tão bonita que fizesse meu estômago doer. — Ele baixou a cabeça e passou por ela em direção ao estacionamento, enquanto Kenna ficou congelada onde estava.

* * * * *

Cinco minutos em solo americano e você já fez papel de idiota.

Beck acomodou melhor a alça da sua mochila sobre seu ombro, se recusado a notar a dor que travessou seu lado direito. Ou talvez ele *devesse* nota-la. Se concentrando no desconforto da ferida, ele deixou que ela se espalhasse para baixo até os dedos do pé. Isso afastou sua mente da garota que ele podia ouvir correr para lhe alcançar. Ela realmente conseguia correr com aquela camisa? Aquilo ao menos poderia ser *chamado* de camisa?

Como ter boas maneiras. Beck diminuiu o passo até que eles estavam andando lado a lado, mas manteve o olhar resolutamente no estacionamento em frente. Ele não imaginou que o bom Deus iria lhe testar no momento em que desembarcasse? Ele tinha sido avisado que a transição de volta à vida civil não seria fácil. Aprender a ir ao mercado, comprar tênis, comer no Denny's. Ele podia – iria – lidar com isso. Mas 150 centímetros⁵ tentadores de curvas femininas e atitude? Não senhor. Beck não estava pronto para isso.

Pela primeira vez ele se arrependeu de não ter pedido à sua irmã gêmea, Huntley – a enfermeira da base – para lhe buscar. Ou seu melhor amigo, Cullen, que trabalhava no treinamento de soldados da base na área de explosivos e demolição. Ambos teriam largado tudo para ir até ele. Mas ele só precisava de um tempo. Tempo para colocar na sua cabeça o fato de que estava em casa pela primeira vez em seis

⁵ Para quem não sabe, isso é o mesmo que 1,50 m de altura.

anos. Tempo para se preparar para a notícia que ele tinha que dar. Tempo para aceitar que tudo tinha mudado.

O cheio de fumaça de incenso de Kenna poderia muito bem ter sido uma chave torcendo em seu intestino. Ele nunca tinha visto em primeira mão uma daquelas antigas mulheres ciganas que vendiam e cheiravam a magia, mas ele acha que elas eram semelhantes à Kenna. A palavra-chave, no entanto, era *semelhante*, porque ele de alguma forma sabia que o seu cheiro não podia ser imitado por nenhuma outra mulher.

Ouçã a si mesmo. O que você sabe sobre as mulheres?

Durante todo o ano passado, ele ficou trancado dentro de um centro de comando cheio de oficiais de alta patente, cientistas e jornalistas de campo. Antes disso? Bem, ele estava esperando. *Ainda* estaria esperando, se houvesse algo esperando por ele na sua casa na Georgia.

Eles chegaram ao estacionamento e Beck foi imediatamente para trás Kenna, seguindo-a de perto, mas sem tocar, pelo mar de carros em movimento. Nessa posição ele poderia lhe puxar para trás se um veículo estivesse vindo muito rápido. Tocar seria necessário, embora ele estivesse rezando para que não fosse. Ou ele estava rezando exatamente pelo oposto? *Não olhe para traseiro dela.*

Ela jogou uma olhada por cima do ombro, seus olhos verdes brilhando logo acima borda dos seus óculos de sol. — Você está com pressa para ir a algum lugar, Major?

Casa. Assim eu posso me livrar dessa dor no estômago. Esta não era sua casa, no entanto. Era apenas temporária.

— Sem pressa. — Ele a seguiu até a última fileira de carros, observando quando ela jogou a placa que tinha o seu nome escrito a mão em uma lata de lixo de metal. — Acho que você tem algum lugar em que preferia estar do que me escoltando ao redor da base.

Kenna parou junto ao porta-malas de um Challenger azul – lindo, isso era certo – e se virou para lhe encarar. — Eu acredito de todo coração que domingos devem ser gastos na cama. Você não concorda?

Beck segurou o gemido tentando se libertar da sua garganta. O pensamento dela em volta de lençóis emaranhados...

Já chega. Esta menina estava lhe fazendo uma gentileza, e sua mente só conseguia correr para pensamentos impróprios. Alguém que

parecia, se movia e falava como ela deveria ser a destinatária desse tipo de pensamentos em uma base diária. Beck não iria ser igual a todos os outros, embora sua intuição lhe dissesse que ela gostaria disso. — Eu tendo a concordar, Kenna. — Ele acenou com a cabeça uma vez. — Você sempre deve aproveitar a oportunidade de dormir. Dormir é o botão de reset da natureza.

Uma risada borbulhou de seus lábios. — Você não vai se encaixar aqui, True Blue.

O som rouco fez o aperto abaixo do seu cinto ficar mais forte. — É uma coisa boa que eu não pretendo ficar aqui por muito tempo, então.

Por algum motivo, sua resposta pareceu lembra-la de alguma coisa. Ela deu um passo em direção ao carro, cavando no bolso frontal da sua calça para retirar um conjunto de chaves do carro tilintando. A ação puxou o jeans para baixo – *muito* para baixo – e deu a ele um vislumbre da tatuagem de arame farpado que ela tinha circulando os quadris e a borda da calcinha preta. A boca de Beck ficou seca como o deserto de onde ele tinha acabado de voltar. E justo quando ele pensou que não poderia ficar pior, ela abriu o porta-malas e se esticou para levantar a porta. Os músculos da sua barriga se esticaram, a camisa – aquilo era mesmo uma camisa? – subiu e se apertou contra os seus seios altos.

Beck tirou a mochila do ombro e a segurou na frente do corpo antes que ela pudesse testemunhar sua reação ao corpo dela. Sua ereção estava se tornando um problema sério. Ela não iria embora enquanto Kenna estivesse por perto, e eles ainda tinham a viagem de carro até a base.

— Jogue a mochila no porta-malas.

— Não, obrigado. Acho que eu vou levar comigo.

Ela levantou uma sobrancelha. — O lado do passageiro do meu carro mal vai ter espaço para você, muito menos para as suas coisas.

— Se você não se importa, eu vou tentar.

Com um encolher de ombros, ela bateu o porta-malas e se dirigiu até o lado do motorista. Deixando escapar um suspiro de alívio, ele fez o caminho para o lado oposto. Mantendo a mochila no lugar com um braço, ele abriu a porta do passageiro e imediatamente admitiu que ela tinha razão. Mal tinha espaço suficiente apenas para ele e para sua mochila. Sem falar na tora de madeira viciosa que ele estava

ostentando. Não vendo outra opção, ele caiu no banco, colocando a mochila entre as suas coxas, o estofamento de couro gemendo com os seus movimentos.

Ele olhou para Kenna e a encontrou lutando com um sorriso. — Cinto de segurança.

— Afff.

Com muito esforço, ele conseguiu passar o cinto em torno de si e da mochila enquanto Kenna assistia tudo com diversão evidente do lado do motorista. Uma vez que ele conseguiu prender o cinto, ela jogou o braço sobre o assento dele e começou a dar ré para sair do estacionamento. Beck teve um vislumbre dos seus seios duros e decidiu que era melhor olhar para o teto, mas não antes da sua ereção crescer inchada a ponto de lhe roubar oxigênio dos pulmões.

Eles saíram do estacionamento e ela se virou para a estrada. — Então, — disse ela. — Do que você mais sentiu falta enquanto esteve fora, Major?

Beck respondeu honestamente, mesmo que fosse difícil se concentrar. — Minha irmã; ela é enfermeira aqui na base. Meu cachorro, Moses. Pipoca amanteigada de cinema. A minha mãe, que está na Georgia. Não nessa ordem, exatamente. Minha mãe vem antes da pipoca.

— Assim eu espero. — Ela ajustou o ar condicionado, não que eu pudesse sentir com a mochila bloqueando a ventilação. Que ruim, ele podia usar o ar gelado para se acalmar. — Você está indo para a Georgia?

— Sim, senhora. *Kenna*, — ele se corrigiu. — Cultivar pêssegos.

— Huh – o quê?

Ele sorriu para sua expressão confusa, aliviado por ter ela ter lhe dado algo para pensar além da sua anatomia rebelde. — Minha família tem um negócio de cultivo de pêssegos a seis gerações. Vou tomar as operações do meu avô assim que voltar para o sul.

— Pêssegos, — ela murmurou. — Pêssegos, um cachorro, mãe e pipoca. Se você me disser que não tem uma garota esperando por você na Georgia, Major, eu não vou acreditar em você.

Seu pescoço ficou quente, uma dor desconfortável na boca do seu estômago. — Não há nenhuma garota. — Isso não era inteiramente

verdade. *Tinha* havido uma garota, certa vez, mas isso foi há muito tempo. E enquanto ele não sentia mais o mesmo pesar que uma vez sentiu – droga, lembrar do seu rosto era sempre difícil – discutir isso com Kenna só levaria à pena. E ao constrangimento. Duas coisas que ele não queria sentir de ninguém, muito menos da linda menina confiante ao seu lado, que provavelmente nunca encontrou um único desafio no departamento romântico.

Beth podia ver a necessidade dela de pressionar mais lutando com a sua indiferença. — Você tem certeza disso?

Ele começou a dizer *sim, eu tenho certeza*, mas se conteve. Desde quando ele tinha recebido aquela carta, um ano atrás, ele nunca tinha desabafado com ninguém. O dia de hoje marcava um novo começo, longe das pressões que ele enfrentou no exterior e da tragédia que tinha vivido com a sua consciência. Vida nova após seu tempo de serviço. Embora ele pudesse ter seguido em frente mentalmente na maioria dos aspectos, a falha ainda caía pesada sobre os seus ombros, e ele queria se livrar dela. Depois que Kenna o deixasse na base, ela provavelmente ia acelerar seu carro e o nome dele ia voar pela janela, junto com a sua história triste. Ele olhou para ela. O que era o pior que podia acontecer? Ela fingir simpatia e correr de volta para o seu namorado?

Doce Jesus, ele não gostou da ideia dela rastejando de volta para os braços de um namorado.

O alargamento inesperado de ciúme impulsionou a verdade dele. — Mary era minha namorada desde o ensino médio. Nós estávamos juntos desde o primeiro ano e íamos juntos para a University of North Georgia. Tudo estava bem até que eu fiz o teste ASVAB⁶. — Ele se lembrava de ter sido convocado para fora da classe para discutir seus resultados anormalmente elevados no teste de aptidão militar com um recrutador. — Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. Eu fui mandado para o exterior antes que a tinta secasse.

— Eu conheço esse teste. — Ela o mediu com o olhar. — Isso explica como você foi promovido a major tão jovem.

— Com todo o respeito, Kenna, vinte e seis anos não é jovem quando você esteve no lugar de onde eu estou chegado. — Ele mal conseguiu impedir seu olhar de cair para as suas coxas separadas no assento. — Falando nisso, quantos anos você tem?

⁶ É uma prova para entrar no Exército dos EUA.

Seu sorriso era pura travessura. — Vinte e dois. — Oh, não. Esta menina era muito jovem para ser cobiçada, não era? Como se ela pudesse sentir a direção de seus pensamentos, o puxou de volta ao presente. — Me conte sobre Mary.

Ele engoliu em seco, incapaz de acreditar que estava compartilhando essa história em voz alta. — Mary era a filha do pastor da nossa cidade. Estávamos... ela estava... esperando. Por mim. — Ele acenou com a mão. — E então ela não estava mais.

Kenna franziu os lábios. — Como assim, esperando você voltar para se casar?

Ele ficou verde? Ele se sentia verde. — Sim, para casar e... Esperando no geral. Para outras coisas. Nós dois estávamos.

Ele viu o momento em que tudo se encaixou. Seus olhos se arregalaram. Aham. Ela estava dando carona a um virgem. Um virgem com um par de chifres. — Oh. Oh, uau. — Ela ficou em silêncio um minuto inteiro. — Então Mary - oh, Deus, a *Virgem Mary* - estava esperado por você voltar para casa para ela pudesse lhe dar a sua... flor... mas alguém a arrancou antes. É isso?

— Isso mesmo. — Ele podia ver o quartel ao longe, lhe dizendo que a viagem estava quase no fim. Metade dele estava aliviada, e a outra estranhamente nervosa com a saída dela.

— Quando foi que você descobriu que Mary tinha feito isso com você?

— Ela me enviou uma carta cerca de um ano atrás, embora possa ter sido acontecendo há mais tempo. Eu não sei.

Kenna franziu os lábios. — A maioria dos homens não teria desperdiçado tempo ao descobrir o que estava perdendo. — Ela deslizou um olhar para ele. — Por que você foi diferente?

— Eu já tinha esperado quase uma década, percebi que mais um ano não iria me matar. Especialmente quando havia homens e mulheres lutando por suas vidas e as perdendo diariamente. — Homens como o seu amigo de infância, Xander, que Beck tinha enviado a uma missão final. — O que eu tenho que reclamar, sabe? Poderia ter havido várias oportunidades, se eu tivesse olhando para elas, mas eu não queria. Parecia errado.

Beck ficou surpreso ao ver que eles tinham parado em frente ao quartel. Kenna parecia um pouco chocada enquanto andava com o carro no estacionamento. — Eu sinto muito. Descobrir por uma carta... Isso realmente não deveria ter acontecido com alguém como você.

— Ei. — Ele deu a ela um meio sorriso, na esperança de dissipar o peso que ele tinha criado dentro do carro. De repente pareceu importante não deixar ela com uma impressão negativa do seu curto tempo juntos. — Eu estou aqui em terra firme, não é? Vivo e respirando. Isso é mais do que muitos soldados podem dizer. — Beck deu uma última olhada em seu rosto bonito, memorizando seu lábio superior mais cheio, desejando poder ter mais um vislumbre dos seus olhos verdes brilhantes escondidos debaixo dos óculos de sol. Seu queixo teimoso. Parecia errado deixa-la, mas que escolha ele tinha? Ela não ia ter muito interesse em um encontro com o virgem patético e traído que ele tinha acabado de se revelar. E ainda que ela quisesse, ele só tinha quatro dias em Black Rock antes de voar para Georgia. — Adeus, Kenna. — Ele coçou a parte de trás do pescoço. — Eu devo ter feito algo certo ao longo do caminho para ganhar uma carona de uma menina tão bonita, hein? Se cuide.

Um caroço ficou preso em sua garganta quando ele levantou sua bolsa pela porta e saiu do carro.

Capítulo Dois

Que porra é essa que acabou de acontecer?

Kenna olhou para fora do para-brisa de seu carro, observando Beck subir as escadas de concreto que levam para sua casa por – quanto tempo? Um dia? Um mês? Eles não tinham chegado a falar dos detalhes da sua estadia. Não tinha havido uma conversa de verdade ali, tinha? Não, ele tinha despejado tudo no espaço de dez minutos. *Só não vá lá... Não fique de boca aberta pelo virgem magnífico sentado no banco do passageiro.* Devido ao fato de ver ele se mover com uma mistura de graça despretensiosa e confiança inata, ela podia admitir livremente que sim, ele era realmente magnífico. O seu conjunto de ombros, a sua resistência lhe dizia que ele era um homem que moveria montanhas se colocasse isso na cabeça.

Não, não havia nenhum se sobre ele. Ele fez isso. Ou pelo menos ele conseguiu mover uma espécie de montanha dentro dela em apenas dez minutos. O que ela deveria fazer com esse sentimento nojento e desagradável? Apenas deixar que ele desaparecesse dentro do quartel, literalmente o deixando escapar? Pessoas -homens, especialmente- olhavam para a sua aparência soldado-encontra-Cindy Lauper e não perdiam tempo para fazer insinuações que eram como bolas de softball cobertas de lama. Ela nunca se importou, porque todos esses caras estavam misturados em um bar de imbecis. Mas não o Major, ele não se *misturava*. Ele se abriu com ela, e ela estava sentindo o peso dessa responsabilidade. Ela... gostava de se sentir pesada com essa responsabilidade, o que não fazia nenhum maldito sentido.

Quando alcançou o degrau mais alto, Beck virou a cabeça, pegando o olhar dela pelo para-brisa. Ela ia para a sepultura grata porque não havia ninguém no carro com ela para ouvir o barulho que saiu da sua boca. Foi algo como um ohhhhnooooowhuu. Se ele tivesse conseguido manter a súplica longe daqueles intensos olhos azuis, ela poderia ter arrancado com o carro e se esforçado para esquecer o Major Beck Collier, virgem extraordinário. Mas estava lá, mesmo que ele não notasse. Ele precisava de alguém. Alguém amável e compassivo. Alguém que definitivamente não era ela, mas com toda certeza de merda ele precisava de *alguém*, e não havia mais ninguém por perto.

Ela o viu puxar uma única chave da sua mochila e abrir a porta. Ele se abaixou para passar pelo batente da porta e desapareceu um segundo depois. Kenna não percebeu que seus dedos estavam cavando no volante até que eles começaram a doer. Um senso de urgência dançou em sua caixa torácica, vibrando rapidamente, subindo lentamente por sua garganta.

— Droga. — Ela passou a mão pelo cabelo escuro, desarrumando antes de abrir a porta do lado do motorista e sair do carro.

O frio da manhã tinha começado a se dissipar e o solo já estava absorvendo o calor e o refletindo nas suas pernas cobertas pela calça jeans. Este estacionamento estaria geralmente movimentado agora, mas o silêncio do domingo amplificou o som de suas botas batendo no asfalto, ecoando o batimento nervoso dentro do seu peito. No segundo andar, ela podia ver que Beck havia deixado a porta entreaberta, quase como se ele esperasse que ela o seguisse. *Por favor, que seja o caso.* Caso contrário, essa ação seria bastante assustadora. Ela se comprometeu a ser sua carona, não sua amiga.

A decisão já foi tomada, Kenna. Pena que ela não tinha a menor ideia do que faria uma vez que estivesse no apartamento com ele. Ela não tinha nenhum plano de jogo. Ou estratégia de saída. Mas ela sabia que ir embora sem fazer *nada* seria péssimo, então seguiu seus passos escada acima, como um daqueles personagens de desenhos animados que vão flutuando atrás do aroma de uma recém-assada torta de maçã. Ou torta de pêssego, podemos dizer.

— Haha⁷, — Kenna murmurou, parando na porta. Desde quando ela hesitava em fazer alguma coisa? Para comemorar seu aniversário de dezoito anos, ela tinha deixado a sua marca no jogo anual Exército vs. Marinha. Ela escalou a torre da água e grafitou *Kenna esteve aqui... Com cerveja*. Como soldado ela trabalhava com fogo, pelo amor de Deus. Ficar nervosa perto de um virgem era inaceitável. Mesmo que ele tivesse o tamanho do Pé Grande. Depois que um tremor no corpo todo acalmou seus nervos, ela empurrou a porta aberta. Quando ela viu Beck, seu peito se apertou com tanta força que ela jurou que ele ia secar.

Ele estava parado no centro do apartamento escuro, tedioso e sem decoração, com a mochila aos seus pés. Suas mãos estavam apoiadas na cintura, a cabeça inclinada para frente. Solitário. Ele

⁷ Essa é uma daquelas risadas que a gente dá quando alguém fala algo sem graça nenhuma e nós rimos debochando, é uma risada sem humor de verdade. Em inglês existe uma palavra própria que indica isso, mas como em português não tem, achei melhor explicar.

parecia tão solitário. Tudo isso era tão errado que uma raiva cresceu dentro dela e imediatamente a fez ter um plano de jogo.

Embora isso não se sentisse nada como um jogo.

Kenna endireitou os ombros e entrou no apartamento, indo direto para a cozinha. Se alguém não tinha abastecido o lugar com alimentos básicos para esse homem, ela ia derramar o inferno na próxima vez que visse seu pai. — Eu decidi dar uma volta, Major. Você é bem-vindo. — Ela abriu a porta da geladeira, sentindo prazer ao ver um pedaço de pão, manteiga, queijo. Um pacote de seis. — Você está com fome?

Ela não esperou por sua resposta, e começou a empilhar ingredientes em cima do balcão. Graças a Deus ela tinha algo para fazer com as mãos, porque depois de um minuto Beck ainda não havia respondido. Péssima ideia. Esta tinha sido uma *péssima* ideia. De tudo que ela sabia, ele já podia ter planos. Ou...

— Kenna.

Sua voz rouca veio logo atrás dela e a vibração na sua caixa torácica se moveu mais para baixo, então ela não se virou, no caso dele poder ler isso na sua expressão. — Sim?

— Você não tem que fazer isso. Eu posso fazer o meu sanduíche.

— Mas você não deveria ter que fazer isso. — Ela jogou um pacote de queijo em cima do balcão e cruzou os braços. — Alguém deveria estar para te receber. Isso não está certo.

O lapso de silêncio a estava deixando louca, então ela se virou para ele... e se esqueceu de como respirar. Faminto. Ele parecia faminto de algo diferente de comida. Suas pupilas tinham engolido o azul de seus olhos, a garganta trabalhando para cima e para baixo enquanto ele mantinha seu olhar com determinação acima do pescoço dela. Quem era esse homem?

— Foi minha escolha, — disse ele. — Eu escolhi não sobrecarregar ninguém. Ainda não.

Kenna deu um passo mais perto e ele respirou fundo. Deus, o efeito que ela tinha sobre ele... isso a emocionava, fazia suas pernas fraquejarem, mas ao mesmo tempo ela sentia a sua dor aguda. A sua frustração. — Você não parece ser o tipo que é um fardo, — ela murmurou. — Exatamente o oposto, na verdade.

— Eu aprecio que você diga isso. — E lá estava. Ele escorregou. Seu olhar caiu para os seus seios e demorou alguns segundos de correr de volta para o seu rosto. Quando voltou a falar, sua mandíbula estava tão apertada que ela mal conseguia lhe entender. — Mas isso não é verdade. Aquilo com que eu voltei, aquilo que eu falhei em fazer... vai ser um fardo para todo muito em breve.

A curiosidade exigia que ela o questionasse, mas suas palavras a detiveram. Ela era a rainha da evasão e entendia a sua necessidade de adiar o inevitável. Fosse o que fosse. Ela também sabia exatamente como distraí-lo dos pensamentos de ser um fardo. Foi por isso que ela o seguiu até aqui, não foi? Sim, ela podia admitir isso agora. Admitir essa necessidade irrefutável de suavizar as suas bordas desgastadas, de compensar a traição que ele tinha experimentado. Esse homem lhe inspirava a necessidade de proporcionar consolo. Ninguém mais poderia fazer isso.

Kenna pegou a mão dele e o levou para fora da cozinha. Ao passarem pela sala de estar marrom e cinza, ela fez uma careta, odiando as partículas de poeira que voavam no ar. Que falta de personalidade. Ela soube o momento em que Beck percebeu que ela estava o levando para o quarto, porque sua respiração acelerou atrás dela. Ele apertou sua mão, como se quisesse lhe puxar para parar, mas não conseguiu encontrar a vontade. Quando eles entraram no quarto, Kenna soltou a sua mão e chutou a porta fechada.

Ele balançou a cabeça enquanto ela tirava as botas com a ajuda dos próprios pés e então começou a se aproximar lentamente. — O-o que você está fazendo?

Ela o empurrou em uma posição sentada na cama, passando os dedos pelas suas coxas maciças. — Eu estou te recebendo em casa, Major.

* * * * *

Beck procurou dentro de si mesmo pela folga extra na sua corda. *Você não pode encontrar. Não pode.* Ela tinha chegado ao fim. Resistir a Kenna poderia ter sido possível antes que ela tivesse tocado suas pernas, mas ninguém nunca havia tocado lá de propósito. Não tão perto do seu pau. Cristo santo, ela iria tocar nele *lá*? Ele prendeu a respiração, a cabeça caindo para trás em seus ombros enquanto seu

toque avançava mais e mais alto. *Por favor, me toque. Me agarre com força.*

Pouco antes que ela alcançasse sua virilha, Kenna desviou as mãos até a frente da jaqueta do seu uniforme. Beck soltou uma respiração trêmula e ela riu suavemente. Com conhecimento de causa? Quando ela chegou ao tipo, ele inclinou a cabeça para frente de novo e a viu abrir os botões. Um por um, ela os desabotoou, seus olhos verdes constantemente sobre ele enquanto trabalhava. Seu grande desapontamento porque ela não tinha tocado sua ereção latejante deu lugar à admiração. O que essa menina linda e elétrica estava fazendo aqui com ele? Seu rosto estava apenas alguns centímetros do dele, sua boca tão cheia. Tão deliciosa de olhar, e ao mesmo tempo tão... ruim. Era o tipo de boca que ele sonhava à noite, sozinho em sua cama, enquanto acariciava a si mesmo. Ele não deveria estar pensando nela – partes dela – como um objeto. O que estava errado com ele?

Quente. Eu estou tão quente. Preciso de mais do que a minha própria mão. Nada mais está funcionando.

Kenna empurrou a jaqueta fora de seus ombros e para baixo, deixando suas mãos presas nas mangas em suas costas. Ele começou a puxar as mãos livres, mas ela olhou para ele com um aceno de cabeça. — Major?

— Sim? — ele engoliu em seco. — Sim?

Ela se aproximou entre as suas coxas estendidas, acariciando com as unhas sua cabeça raspada. Era tão bom, ele gemeu. Um gemido interrompido pelo que ela disse em seguida. — Você pode olhar para o meu corpo.

Como se fosse um imã, seu olhar faminto pousou em seus seios e os devorou. Ela não tinha seios de boa menina, aquele tipo de garotas das suas recordações que os escondiam debaixo de cardigãs brancos para ir à igreja. Kenna seria chamada de pecadora se ela entrasse em sua antiga igreja, não importava o que ela estivesse usando. Ela não tinha seios, ela tinha... tetas. Tetas safadas, empinadas e prontas para balançar. O tipo que ele tinha visto em revistas ou vídeos pornô de alta qualidade, quando ele cedia de vez em quando e acaba assistindo. Eles altos, estavam empurrando o top de couro, exatamente como foram feitos para ser. Porra, se ele puxasse a borda um centímetro para baixo, o mamilo ia saltar livre. O pensamento de lambar os pequenos picos duros enquanto ela se sentava entre as suas coxas o enviou em outra

espiral de luxúria desconfortável que foi direto para o seu pau, o obrigado a se deslocar na cama.

— Kenna, eu nunca vi nada como você, — ele grunhiu. — Mas eu não posso olhar mais, ou eu vou me envergonhar.

Ela o surpreendeu se inclinando e beijando o canto da sua boca. — Nada que você faça ou diga aqui vai ser embaraçoso.

Em seguida, ela caiu de joelhos. O pau de Beck saltou contra sua braguilha com tanta intensidade que ele se desvencilhou das mangas da jaqueta em movimentos frenéticos para poder agarrar seu comprimento dolorido. Ele não tinha escolha... ele faria qualquer coisa para aliviar o pulsar agonizante. Seu olhar saltou para o dela, temendo o julgamento que ia encontrar lá enquanto ele se apertava e aliviava. Ele se acariciou através das suas calças. Esses desejos incontrolláveis tinham se tornado demais. Não importava quanto ele os negasse, eles não paravam, só ganhavam intensidade. Ele não viu nenhum julgamento no seu rosto. Ela gostava de ver ele se tocando? Jesus... ela *gostava*.

Beck se viu abrindo mais as coxas e se recostando sobre um cotovelo para que ela pudesse assistir. Só ter a sua atenção centrada lá ia ser o suficiente para acabar com ele. Mais. Mais. Só mais um pouco. Mas antes que pudesse começar a subida final, ela tirou sua mão, substituindo pela dela. Seu cotovelo cedeu e ele caiu de costas na cama, as coxas tremendo, o abdômen apertando.

— Alguma vez você teve a boca de uma mulher aqui, Major?

— Não, — ele resmungou. — Por favor. Eu sei que eu não deveria pedir, mas, por favor. Eu faço qualquer coisa.

Ele se obrigou a levantar a cabeça para observar ela desatando seu cinto, trabalhando o botão e abrindo a braguilha. A diminuição da pressão arrancou um gemido da sua garganta, mas nada na terra jamais ia se comprar a ver seu pau duro no aperto dela. A suavidade das mãos da mulher – não, não apenas qualquer mulher... Kenna – o deixou envergonhado. Pré-goza vazou pela ponta na primeira vez que ela o acariciou com o punho da base à cabeça, enquanto seu peito subia e descia em respirações duras.

— Ela não tinha ideia, não é, querida? — ela olhou para ele sob as pálpebras pesadas. — Você vai fazer alguma mulher muito feliz com isso.

Sua língua rosa patinou sobre a ponta, e seus quadris se sacudiram violentamente na cama. — Querida, querida, por favor... eu estou doendo. Eu estou doendo todo. — Jesus, ele nunca tinha chamado alguém de querida antes em sua vida, e quem diabos se importava? Ele estendeu a mão e enrolou o punho em seu cabelo, porque ele *não podia* deixar de usá-la como âncora. — Isso está bem?

— Se segure firme, — ela firmou antes de chupar metade de sua ereção na boca. Beck gritou os piores palavrões para o teto. Jurou que sua vida estava chegando ao fim. Cada grama de sensações em seu corpo correu para o seu pau já sensível, o fazendo inchar dentro do calor doce da boca dela. Essa boca, essa *boca* que foi desenhada para pecar, cantarolava em torno dele enquanto ela trabalhava, as vibrações batendo em suas bolas como relâmpagos. Saboreando os ruídos que polarizavam e acordavam a besta dentro dele ao mesmo tempo. Sua sobrevivência estava no controle de Kenna, e ele deu isso a ela sem um momento de hesitação, confiando que ela ia acabar com o seu tormento. Naquele momento, ela era tudo. Seu pecado, sua salvação, sua cuidadora. Tudo.

— A sua boca. Deus, a sua boca. Você. Só você, Kenna. Eu preciso tanto de você.

Cada pensamento escorregou da sua mente quando ela o levou no fundo da garganta. Ela o levava para fora com vários movimentos rápidos enquanto chupava de volta a ponta, e a consciência dele vacilou. Nada jamais tinha sido tão inacreditável. Nada. Isso não parecia real, era a coisa mais tangível que ele já tinha experimentado. Ele não queria parar nunca. Nunca.

— *Continue fazendo isso.* Chupe, me chupe duro. Do jeito que eu vim sonhando, — seus punhos se apertaram nos cabelos dela. — Por favor, Kenna, por favor. De novo, de novo. Eu vou...

Beck explodiu com um rugido quando o prazer cego atravessou seu corpo. Ele perdeu o controle, os quadris bombeando para cima, tentando aproveitar até o último momento a perfeição da boca de Kenna. Suas unhas cravaram em suas coxas e ela gemeu em torno dele, levando tudo que ele tinha e muito mais. O mais que ele não sabia que existia até agora. A dor em seu estômago desapareceu em uma memória distante, os músculos praticamente se liquefazendo sobre o colchão. Era impossível se concentrar no alívio impressionante, então ele pegou Kenna do chão, a puxou para o seu colo e a segurou, inalando seu cheio de incenso com respirações gananciosas, sabendo que ele iria associá-lo com prazer pelo resto da sua vida, e estava feliz com isso.

Mas o alívio arrebatador desapareceu quando ele se tornou ciente de seus movimentos. Ela se mexeu em seu colo, as mãos abrindo e fechando no material de sua camisa. — Agora *você*, Kenna — ele rosnou, inclinando o rosto corado para cima. — Me mostre como fazer isso para você.

Seu assentimento foi seco, se recusando a olhar para os olhos dele. — Quando nós acordamos, ok?

Dormir? Ele não conseguia dormir sabendo que ela estava experimentando o mesmo desconforto pelo qual ele tinha sido atormentado agora pouco. Sem chance. — Não. Eu preciso te fazer sentir melhor. — Esperando que não estivesse indo longe demais, Beck empurrou suas coxas abertas, estremecendo com o gemido dela. — Oh, Deus, por favor... me deixe cuidar disso. Minhas mãos, minha boca...

— Não, — ela falou, suavizando a recusa esfregando círculos em seu peito. — Eu não estou *pronta* ainda, ok?

Ela parecia pronta para ele – *além de pronta* – mas ele preferia perder um braço a forçar uma mulher na direção de algo que ela não queria. Mesmo que a ideia de deixa-la ir querendo a sua libertação fosse como ter os dois braços serrados ao mesmo tempo. Droga, ele devia *saber* o que fazer aqui. Como fazer ela se sentir melhor. Foi duro de engolir. — Quando a gente acordar?

— Sim, — ela sussurrou. Ele se reclinou para trás sobre o colchão, puxando o corpo dela com o seu. Ele jurou que não havia nenhuma maneira no inferno que ele fosse cair no sono, mas, então, ele nunca teve Kenna enrolada embaixo do seu braço. Nunca teve seu rosto esfregando em seu ombro. Nunca sentiu seus pequenos pés entrelaçados com as suas pernas.

Casa. Estou finalmente em casa.

Esse foi seu último pensamento consciente antes de adormecer.

Capítulo Três

Kenna olhou através da viseira do seu capacete para os dois pedaços de metal cortados que ela estava soldando juntos, mas se encontrou perdida nas faíscas azuis. Ela largou o maçarico e caiu no seu banco da oficina. Do outro lado da sala, ela podia sentir sua amiga Darla a observando daquele jeito silencioso que costumava lhe acalmar, mas agora só estava lhe irritando mais.

Se sentindo irracionalmente inquieta, ela levantou a viseira e estudou a escultura parcialmente concluída a alguns metros de distância, sobre um pedestal elevado. Ontem, a ideia de terminar a obra de arte que seria exibida no parque local tinha lhe imbuído um sentimento de realização, mas nada estava penetrando seu estado de espírito preocupado hoje. Nem mesmo Darla, que estava sentada na bancada adjacente traçando com um único dedo o meio de um livro, para abri-lo mais. Provavelmente Tolkien. Ou qualquer outra coisa ligada à Terra Média.

Era segunda-feira de tarde e sua amiga tinha acabado de se livrar da segunda série do inferno, esperando pegar Kenna na oficina. Como se ela fosse a outro lugar. Esses dias ela parecia passar cada segundo livre na oficina escura, trabalhando em vários pedidos de todo o país. Isso quando não estava recebendo na base homens gigantes e docemente complicados e, posteriormente, lhes dando aulas de educação sexual. Ou o início de uma. Antes que ela se arrastasse para fora do apartamento dele queimando pneu na saída do estacionamento.

Totalmente saudável.

Ela não era orgulhosa demais para admitir que tinha ido para casa depois, vasculhado a sua gaveta de meias em busca do vibrador perfeito, o ajustou na potência mais alta e foi ao céu. Porque, santa mãe dos boquetes, nem tinha sido ela a receber prazer e, mesmo assim, Kenna nunca – *nunca* – esteve mais quente em sua vida. A maneira como Beck implorou, se contorceu na cama, puxando seu cabelo e ofegante de uma forma tão puramente masculina, a fez tremer o tempo todo. Não era só luxúria a queimando da cabeça aos pés, tinha havido um poder inconfundível. Poder em ser a primeira para ele. Porém, ali parada ao lado de Beck algo apareceu. Uma... ligação. Uma troca de

confiança. Uma ideia muito emocional para reconhecer, então ela teimou em ignorar.

Mas Beck não queria ser ignorado. Um dia depois e ela ainda se sentia culpada por ter lhe deixado. Mais do que culpada, na verdade. Ela não conseguia afastar a intuição que deveria ter ficado.

E fazer o que, Kenna? Descobrir mais sobre seus hábitos alimentares de batata-doce⁸? A última coisa que ela queria era se ver amarrada com um fazendeiro de pêssego que sentia falta do seu cachorro. Eles não tinham nada em comum. Exceto seu aparente amor por fazer ele gozar.

— Ah, hm. Oi, aí? — Darla pulou da bancada, apertando seu Tolkien no peito. — Você pode pensar que é durona enquanto está segurando um maçarico. É um perigo, e eu não estou usando o calçado apropriado para o caso de um incêndio ocorrer aqui.

Kenna olhou os tamancos xadrez da sua amiga, adornados com pontas de metal no calcanhar, e admitiu que Darla estava certa. Ela estaria condenada. — Onde você encontra sapatos assim?

— Não me faça explicar de novo como funciona a Internet.

Kenna tirou o capacete e passou um pano pela nuca suada. — Uma vez. *Uma vez* eu tive problemas para baixar um arquivo e sou de repente classificada na categoria de avós analfabetas digitais.

— Nah, eles ensinam vovós a mexer na Internet hoje em dia.

Elas trocaram um sorriso exagerado. — Está bem. Acabei por hoje. Desastre evitado.

— Eu vou ser a juíza disso. — Darla apoiou o quadril contra a estação de trabalho de Kenna. — No que você está pensando tanto? Sábado à noite nós comemos pizza e assistimos *O Hobbit*...

— Contra a minha vontade.

—... e hoje você foi de Sporty Spice para Scary Spice⁹.

⁸ É porque dizem que batata-doce dá um gosto bom para o sêmen.

⁹ É uma referência a cantoras da banda inglesa Spice Girls, que fez sucesso nos anos 1990/2000. Resumidamente, cada uma delas tinha uma personalidade e um jeito de se vestir que as identificava. Sporty Spice (Mel C) era a esportiva, com uma atitude durona, enquanto a Scary Spice (Mel B), era a “assustadora”, cheia de personalidade e atitude.

— Jesus. Eu não posso ter o seu sistema de classificação das Spice Girls hoje. — Kenna deslizou do seu banquinho e foi em direção à mini geladeira para pegar uma garrafa de água. Há quanto tempo ela estava trabalhando? — Eu estou atolada com encomendas. Isso tem me estressado.

— O que você fez ontem?

A garrafa de água ficou a meio caminho da sua boca. Ah, o inferno com isso. Ela estava muito cansada da sua noite sem dormir para mentir de forma convincente. Para não mencionar que sua amiga muito esperta ia conseguir tirar isso dela eventualmente, então isso era apenas poupar tempo. — Peguei um virgem que tinha acabado de chegar na base. Comecei a preparar um sanduíche para ele, mas, uh...

— Ok, certo.

— O quê? Eu faço sanduíches mais maravilhosos.

Darla calmamente pousou o livro de capa dura no banquinho desocupado por Kenna. — Kenna, eu te conheço há quatro anos e você nunca pegou ninguém na base. Nem ao menos deu um beijo na bochecha de um soldado. — Ela deixou as palavras suspensas no ar na batida de um segundo. — Você segue à risca a regra de sair da base quando quer companhia masculina. Por causa da coisa toda com a sua mãe.

— Ei. — Kenna riu um pouco alto demais. — Essa conversa está ficando muito profunda para uma segunda-feira. Talvez eu só tenha decidido sair da velha rotina. Nada para se alarmar.

— Eu não estou alarmada. Eu só estou surpresa. — A boca pintada de vermelho de Darla se levantou de um lado. — Quem era o garotão sortudo?

— Nossa, você soa como um velho pervertido. — Kenna tentou esconder o rosto vermelho puxando o capacete de couro sobre a cabeça. — Sério, isso não importa. Ele vai voltar para a Georgia e eu nunca mais vou ver ele. Foi apenas uma coisa.

— Uma coisa.

— Sim. — Kenna acenou com a mão. — Uma coisa.

— Uma coisa *virgem* não é a *sua* coisa.

Ah sim, era. Era *tanto* a coisa dela; ela não podia pensar nisso sem contemplar outra corrida para sua gaveta de meias. Suas coxas musculosas grandes, a voz embargada, nem um grama de besteira masculina. Apenas admiração e gratidão... e o seu *rugido* quando ele gozou. A forma como depois ele a embalou contra seu peito como se ela fosse um artefato precioso. Porra. *Não é para pensar nisso, se lembra?*

— Falando em companhia masculina, precisamos de outra saída em breve. — Kenna passou pela sua amiga e começou a limpar seu ambiente de trabalho desordenado. Darla estava certa. Ela tinha quebrado a regra. As memórias não desapareciam em Black Rock e a reputação perdida da sua mãe ainda era lembrada. Kenna não estava nem aí em se vestir provocativamente, enquanto *nunca*, nunca havia deixado um único soldado colocar a mão nela. Talvez isso assinalasse o seu retorcido senso de humor, mas era meio que a maneira de Kenna de puni-los por julgar sua mãe por um comportamento considerado aceitável para os homens. Sim, ela tinha queimado seu livro de regras na noite passada. Acabou com a porcaria. Agora, mesmo dando a ideia de que elas fossem para a cidade vizinha, longe das fofocas da base, ela se sentia, de alguma forma, desleal. E absolutamente nada atraente. Isso era ruim. Muito ruim. — Que tal essa noite?

O rosto de Darla adoptou sua expressão de professora severa. — Em uma noite que eu tenho que dar aula amanhã?

— Vamos...

O celular de Kenna vibrou no bolso de trás da calça jeans. Pegando-o entre o polegar o e indicador, ela leu o nome na tela e sorriu. — Oi, pai.

— Kenna. — Sua voz rouca e séria cresceu abaixo da linha. — Você se manteve fora de problemas?

Seu coração afundou um pouco. — Sim senhor.

Isso não era uma mentira, mas ela merecia a pergunta. Em um passado não tão distante, a chamada de telefone do tenente-general teria ficado sem resposta, porque ela estaria muito ocupada fazendo nada de bom. *Encenando*, como seus conselheiros escolares haviam dito. Na idade de vinte e dois anos, ela podia olhar para trás e concordar. Após o divórcio dos seus pais, sua mãe havia se mudado para fora da base, o que levou Kenna a ser repassada de um lado a outro a cada três dias, como se fosse uma batata quente. Ela abraçou seu novo papel como um incômodo aparente que sobrecarregava seus pais a cada turno. Ela fugiu, foi pega por intoxicação pública, pequenos

furtos. Tudo terminou há cinco anos, quando seu pai teve um ataque cardíaco.

Algo milagroso tinha acontecido. O tenente-general invencível tinha começado a precisar dela. Durante sua recuperação, Kenna havia se mudado permanentemente, e se tornou a sua mão direita. Cozinhou para ele, limpava, o levava à fisioterapia e administrava a medicação. Os dois tinham crescido juntos, da sua própria maneira sutil. No entanto, agora ela se perguntava se sua imaginação tinha inventado esse vínculo. Assim que seu pai se recuperou, a enviou para morar com a sua mãe. Infelizmente, nesse momento, sua mãe tinha se mudado, casado com o namorado e engravidado.

Kenna tinha sido sozinha desde então. E é assim que ela pretendia continuar. Porque ainda que ela amasse seus pais incondicionalmente, ela sabia o que acontecia quando se amava muito alguém. Eles só amavam de volta enquanto você tinha utilidade. Então, ao invés de fingir que ela queria um futuro romântico brilhante como toda gente parecia determinada a conseguir, ela deixava a base a cada poucos meses, conhecia rapazes bêbados recém-saídos da universidade, e se envolvia em relacionamentos de uma noite só.

Isso funcionava para ela e ninguém se machucava.

— Fico feliz em ouvir isso. — Seu pai quebrou a sua linha de pensamentos confidenciais, fazendo Kenna estremecer. Pense em cachorros e unicórnios. — Eu preciso de você aqui para jantar hoje à noite. Dezenove horas em ponto. Nós temos um convidado.

— Sim, senhor, — ela respondeu sem emoção, embora ouvir que ele a queria por perto fez o seu peito inchar. Seu pai podia basicamente ter chutado a sua bunda, mas o espectro de amizade que eles haviam desenvolvido ainda pairava. — Você quer que eu vá mais cedo? Eu posso ajudar com algo...

— Não, obrigado. Tina já cuidou de tudo.

Tina. A nova esposa de seu pai. Ela e Kenna eram educadas, mas elas não exatamente fofocavam por mensagens e maquiavam uma a outra. Além do dia em que Tina tinha trocado votos com o tenente-general no jardim do seu quintal, Kenna não tinha sido mais convidada nem uma vez. Talvez isso mudaria depois do jantar de hoje à noite?

— Eu deveria lev...

— Já temos tudo. Não se atrase.

Ela assentiu, embora ele não pudesse vê-la. — Não vou me atrasar. Vejo você mais tarde, senhor.

Quando desligou, ela ignorou o olhar de simpatia de Darla.

Capítulo Quatro

Beck bebeu o uísque que tinha acabado de lhe ser entregue pelo tenente-general Sutton. Verdade seja dita, ele nunca se importou com a bebida. Uma ou duas cervejas ocasionais durante um jogo de futebol parecia servir bem, sem prejudicar sua capacidade de pensar, mas agora ele saudou a queimadura pouco familiar do uísque, porque o sabor o lembrou de Kenna. Se isso não fosse um tiro de advertência, ele não sabia o que era. A menina o fazia pensar em estar bêbado e fora de controle. O fazia *querer* ficar assim. Quem precisava da capacidade de pensar quando seu cérebro parecia determinado a manter a imagem dela pendurada na sua frente como um pêndulo de hipnose? Flashes dela explodiram na frente dos seus olhos agora. A sensação da sua boca, o peso dela sobre as suas pernas. Pateticamente, ele até pensou em como ela queria lhe fazer um sanduíche. Ele queria prender ela no colchão e perguntar porque ela queria fazer um sanduíche. Ele queria voltar no tempo e deixar que ela fizesse a maldita coisa.

Evidentemente o uísque já estava fazendo efeito.

E tudo bem, ele poderia ter sentido a necessidade de desopilar essa noite por mais de uma razão. A principal entre elas seria que o tenente-general tinha o convidado para jantar, querendo parabenizá-lo pelo seu papel na evacuação de cinco prisioneiros de guerra do Exército. Encontrando a localização, colocando vigilância na prisão temporária e conseguindo a extração, mas a missão foi comprometida por uma grande explosão. Ele não queria ser honrado. Não queria um tapinha nas costas por um trabalho bem feito quando ele tinha perdido um bom homem nessa mesma missão. Ele baniu a visão de Xander de sua mente e a guardou para sua próxima reunião com Cullen, onde ele teria que dar os detalhes das notícias que ele só queria esquecer.

Beck se mexeu para aliviar a pressão sobre o seu lado direito, como se o latejar tivesse piorado por causa das memórias. Como uma tábua de salvação, ele desenhava o rosto de Kenna em sua mente mais uma vez. Por quê? Por que ele se colocava nessa tortura quando ela o deixou? Senhor, ele tinha feito papel de idiota na frente dela. Implorando, puxando seu cabelo bonito. Sem ter ideia se ele deveria tocá-la para fazer com que ela parasse de se contorcer na sua coxa. Ela provavelmente saiu rindo do apartamento depois que ele dormiu. Será

que ela voltou para o seu namorado? Garotas que tinham aquela aparência, aquele cheiro e faziam sanduíches como ela tinha namorados.

Quando ele percebeu que sua mão estava apertando o copo de uísque com força suficiente para quebra-lo, ele respirou fundo e soltou o aperto. Senhor, esses impulsos violentos não eram ele. Sua cabeça e temperamento frios foi o fator que lhe valeu tantas promoções. O que acontecia com ele quando se tratava dessa garota?

Enquanto esperavam o último convidado a chegar, o tenente-general Sutton estava contando uma história do seu tempo durante a Guerra do Golfo, falando em voz baixa de pessoas que estavam reservadas para contos de fantasma e batalha. A mente de Beck lutou para ir para longe, para um lugar calmo a um milhão de quilômetros, pensando no lugar de onde ele tinha acabado de voltar, mas ele queria ser respeitoso, por isso se obrigou a prestar atenção a cada palavra.

— Nós não sabíamos disso na época, mas fomos muito sortudos. — Sutton lhe deu um tapa nas costas. — Assim como você. Sorte de estar vivo com uma lição de vida que a maioria dos homens nunca vai ter. Ela vai ser muito útil, mesmo que você não saiba disso.

Beck acenou com a cabeça uma vez. — Obrigado, Senhor. Eu...

— Me desculpe, estou atrasada, — disse uma voz feminina abafada, seguida de passos de botas familiares, vindo da entrada da frente, e o corpo de Beck gritou em alerta máximo. Todos seus cinco sentidos aguçados da maneira que eles faziam antes de ir para a batalha, os ombros se preparando para o impacto. Ele estava experimentando um *déjà vu*, não porque seu subconsciente estava recriando essa cena. Não, porque ele *esperava* isso. Talvez não desta maneira exatamente, mas ele esperava ver ela outra vez. Teria ido atrás dela ele mesmo, se fosse necessário.

Kenna era o convidado que eles estavam esperando para o jantar? Mas eles estavam esperando a filha de Sutton. Beck sentiu um soco no estômago quando a realidade o atingiu. Kenna – a garota que ficou de joelhos para lhe dar prazer – era a filha do tenente-general Sutton. Pelo amor de Deus.

Ele pensou que estava preparado para quando Kenna entrasse na sala, mas ele estava totalmente errado. Não, ela entrou no seu campo de visão usando botas de combate e minissaia, o seu longo cabelo – o cabelo que ele puxou – preso no topo da cabeça. E ele precisou de todo seu esforço para não cambalear para trás. Não podia ser comum, esse

impacto que ela tinha sobre ele. Como dez conjuntos suaves de mãos acariciando seu corpo ao mesmo tempo. Ele não deveria estar tão ansioso para ter aqueles olhos verdes nele. Não deveria se arrepender de não jogado ela na maldita cama ontem, e dado a ela o tipo de foda que ele estava ansioso para ter. O tipo que ele tinha visto na tela do seu notebook, em que a fêmea ficava suada e gemia para o homem empurrar com mais força, a bunda balançando com o impacto dos golpes. Não, ele definitivamente não deveria estar pensando sobre isso. Se alguma coisa, ele deveria estar puto pra caralho por ela ter omitido sua identidade, mas ele não conseguiu fazer isso com o alívio que o tomou por vê-la novamente.

Ela estava ocupada cavando em uma sacola de supermercado e não tinha levantado o olhar ainda, então ele usou esse tempo para se endireitar e se recompor. Colou seu olhar acima do seu pescoço, que era onde ele deveria ficar, especialmente com o pai dela de pé no seu ombro. Jesus.

— Eu juro que saí na hora certa, mas eu... — Kenna olhou para cima e o sorriso ficou congelado no seu rosto. Então ela também não sabia. Bem, pelo menos ele não foi o único a ser pego de surpresa. Com um esforço obvio, ela voltou sua atenção para Sutton. — Eu, hm... p-parei para comprar aquela carne seca que você sempre fala. Aquela...

— Obrigado, mas Tina já pegou para mim hoje de manhã. — Sutton afagou o ombro da filha, assim como ele fez com Beck. — Eu preferia que você tivesse chegado na hora certa.

— Ah, você me conhece. Sempre atrasada. — Ela deixou cair o saco de mantimentos no chão ao lado dela, lançando um olhar para Beck. — Basta perguntar ao Major Collier. Se eu tivesse chegado um pouco mais tarde para busca-lo ontem, ele teria começado a ir a pé. — Ela arregalou os olhos ligeiramente. — Não é, Major?

Beck escondeu a surpresa por ela ter reconhecido que eles se *conheciam* tomando um gole de uísque. — Eu estava grato por ter conseguido uma carona em tão pouco tempo. Mais uma vez obrigado, senhora.

— Está certo. Esqueci que vocês dois já se conhecem, — disse Sutton bem quando Tina se juntou a eles na sala de estar para pegar o copo agora vazio de Sutton e voltou para a cozinha. Beck percebeu que ela só tinha oferecido um acena de cabeça na direção de Kenna, que não pareceu surpresa com o gesto pouco acolhedor. — Eu vou ver se

Tina tem tudo em ordem para o jantar, — continuou Sutton. — Fique á vontade, Major. Kenna.

O ar pareceu deixar a sala assim que eles ficaram sozinhos. Ela estava ao mesmo tempo longe e perto demais para a sua paz de espírito. Perguntas pairavam na ponta da sua língua. Perguntas que ela antecipou, baseado na sua expressão expectativa – e ligeiramente desafiante. Mas a sacola com a carne seca rejeitada que ela trouxe parecia tão triste caída contra a sua bota. E ele não gostou da maneira que ela foi recebida. Nem um pouco. E ele sabia que isso explicava o aço que ela pôs na sua coluna, a maneira adorável que ela ergueu o queixo. Então ele não perguntou porque ela escondeu sua identidade dele. Sim, porque ele não queria ser previsível, mas queria ainda mais distraí-la da corrente de tensão que ele sentia atravessar a sala. Ele precisava que ela se sentisse bem-vinda, ainda que esse não fosse o seu lugar ou a sua casa.

— Eu não sou muito fã de jantares comemorativos. — Ele limpou a garganta no silêncio que se seguiu. — Você já ouviu falar do assassinato misterioso no teatro-janta¹⁰? — Ela balançou a cabeça lentamente, como se estivesse tentando entender o seu ângulo. — Há um lugar em Atlanta – Agatha, eu acho que é esse o nome. Depois que eu e minha irmã entramos na 5ª série, minha mãe costumava nos arrastar para lá nos nossos aniversários. Os atores encenavam uma grande novela policial no palco enquanto todo mundo comia costelas.

Uma faísca se acendeu nos olhos dela. — Tão ruim que era bom?

— Exatamente. — *Deus, ela é tão bonita, e eu estou aqui de pé falando sobre teatro-janta.* — No início a gente odiava, mas então a minha mãe, ela começava a rir. Ela ria tão alto que os atores esqueciam as suas falas. Logo nenhum de nós conseguia manter a cara séria. — Ele deu de ombros. — Acho que é por isso que eu não consigo mais desfrutar desses jantes. Eles parecem insignificantes em comparação.

— Odeio ser a portadora das más notícias, True Blue, mas esse vai continuar mantendo você decepcionando.

¹⁰ Dinner theater (que nós traduzimos como teatro-janta) é uma forma de entretenimento nos EUA, que é assim: em uma sala parecida com uma sala de cinema (com os degraus do fundo da sala mais altos, como uma arena), mas em vez de cadeiras tem mesas e cadeiras, e as pessoas jantam enquanto assistem uma peça de teatro. Às vezes o mais importante é a peça, às vezes é a janta. Sim, também achei a coisa mais bizarra do mundo kkkk

— Não, veja, acho que você perdeu o ponto da história. — Beck desviou do divã e arriscou um passo na direção dela. — Eu ia dizer que esse jantar vai ser melhor que todos os outros. Só de ter você aqui.

Ela bateu no saco plástico com a carne seca, derramando o conteúdo no chão. No reflexo, Beck se abaixou para pegá-lo, o que foi um grande erro, porque o colocou no nível dos olhos com as suas coxas. Ele segurou a sacola com força na mão para se impedir de tocá-la. Ele também abaixou a cabeça, porque não iria olhar. Apenas um vislumbre já tinha sido o suficiente para secar sua garganta e fazer suas calças parecerem três tamanhos menores.

Ele começou a empurrar os pacotes de carne seca de volta para a sacola, mas parou quando sentiu a mão de Kenna passando sobre a sua cabeça raspada. — Eu disse a você, Major. Você está autorizado a olhar para o meu corpo.

— Não agora, eu não posso. — Seu tom foi duro, então ele suavizou. — Não seria certo na casa do seu pai.

Ela cantarolou baixinho, de um jeito calmante que o fez fechar os olhos. — Não são muitos os homens que se importariam com isso.

— Esses homens não são dignos do seu tempo. — Ele torceu a alça da sacola no punho. — Falando nisso, eu gostaria de saber se você está em um relacionamento, Kenna.

— Não. Eu não gosto de homens falando por mim. — Houve alguns segundos de silêncio, durante os quais uma espessa tensão foi drenada de Beck. — Por que você não está irritado comigo? — ela perguntou, suas unhas se arrastando pelo pescoço dele. — Por não dizer quem eu era.

O toque dela era uma tortura, uma que ele não queria que acabasse nunca. Jamais. Mas ele se obrigou a se afastar antes que perdesse a batalha e olhasse para suas pernas. Talvez até mesmo deixasse que suas mãos encontrassem a pele macia. — Eu não estou irritado por isso. Só estou curioso pelo motivo. — Beck se levantou da posição agachada em que se encontrava, observando como ela ficou sem fôlego quando ele chegou a sua altura. Será que ela *gostava* de homens altos? Ele esperava que sim. — Eu só fiquei com raiva que você foi embora. Antes que eu pudesse...

— Antes que você pudesse o quê? — ela se aproximou apenas o suficiente para que seus seios roçassem no seu peito e o pênis dele virasse aço. — O que você teria feito comigo, Major?

Respire, homem. Dentro e fora. — Eu não vou dizer as palavras sob o telhado do seu pai.

Ela traçou a fivela do cinto com um único dedo. — Mas você me diria lá fora?

— Só se você me der a chance de fazer o que eu disser.

Confusão e indecisão brilharam nos seus olhos verdes. — Achei que você ia sair ontem à noite e celebrar o seu retorno. Encontrar uma garota para continuar de onde eu parei não teria sido difícil. — Ela bateu a palma da mão contra a sua saia e recuou. — Você não... fez isso?

— Eu saí para tomar umas cervejas sozinho. — Ele não queria, mas o apartamento cinza e silencioso o obrigou a sair, só para encontrar o barulho com o qual ele tinha se acostumado, vivendo no alojamento do Exército por tantos anos. Ele deveria ter ido encontrar Cullen e ter a conversa que ele vinha tentando adiar, mas queria dar a seu amigo mais uma noite com a consciência limpa. Um luxo que Beck não tinha. — Havia garotas lá, sim. Sorrindo e dançando. Mas eu não conseguia tirar os olhos da porta, esperando que você entrasse.

— Jesus, — ela respirou. — Pare de me dizer essas coisas.

— Por quê?

— Eu... você deveria guardar esses sentimentos bonitos para alguém que apreciem eles.

O rubor em suas bochechas disse a Beck que ela os apreciava muito, mas ele não ia jogar isso na cara dela. Ainda não. Ela podia ficar com raiva, e ele tinha planos de beijá-la outra vez. — Então você quer os detalhes de como eu gostaria de te tocar. Você quer que eu olhe para o seu corpo, mas desenhou uma linha que impede que eu diga coisas legais.

— Isso resume tudo.

Ele coçou o queixo. — Você me deu algo para pensar, Kenna.

Sutton abriu a porta da cozinha em seguida, os chamando para a mesa. Beck lançou uma piscadela para Kenna e fez um gesto para ela ir na frente.

* * * * *

Kenna girou uma garfada de macarrão e a deixou de lado. Seu apetite aparentemente tinha se tornado sabático. Ou os balões flutuantes de luxúria batendo no seu estômago não deixavam espaço para comida. Ainda que ela estivesse lutando contra o desejo de engatinhar até o outro lado da mesa e escarranchar no colo do major, porque isso era bastante errado, considerando que seu pai estava sentado a alguns metros de distância, isso é exatamente o que ela queria fazer. Totalmente o contrário dela, de muitas formas. Ela tinha ido a dezenas desses jantares com seu pai, em honra a um soldado ou outro. Quase sempre acabava como uma desculpa para o tenente-general contar suas próprias histórias. E, geralmente, o soldado lançava um ou nove olhares discretos para o seu decote durante a refeição. A quantidade perfeita para ela se lembrar de que os homens só queriam uma coisa, o que justificava os seus planos de continuar solteira e desapegada. Ela não era cínica. Apenas uma pequena recompensa por ser prática. Ela via a dinâmica entre homens e mulheres pelo que era. Uma função necessária que raramente durava muito tempo.

Bem, ele não tinha olhado para o seu decote. Nem uma vez. Ele era um fenômeno gigante, sexy e despretensioso e ela não gostava disso. No compartimento de cima, conhecido como cérebro, era isso. O compartimento de cima que abrigava os pensamentos inteligentes queria colocar ele em uma categoria de homens dispensáveis. Uma que fazia sentido e não lhe atirava ideias sobre homens fora de controle. Lá embaixo, no entanto? Lá embaixo gostava muito da determinação dele. E não podia esperar para quebrar isso quando fosse a hora certa. Sacudir ele de novo, como tinha feito ontem.

Essas eram as suas duas peças-chave de Kenna, e ela estava confortável com elas. Lá em cima e lá embaixo. O meio... o meio estava fora dos limites. O desajeitado e barulhento órgão no seu peito não deveria acelerar quando Beck dizia palavras doces. Ele deveria ignorá-las. Porque era tudo um plano para entrar nas suas calças e perder a virgindade. E isso seria muito mais fácil se ele parasse de dar esses meio sorrisos a ela do outro lado da mesa e olhasse para os seus peitos, e não para os seus olhos. O que tinha de errado com ele? Esse sutiã era um *assassino* de homens, empurrando seus filhotes para cima de um jeito que geralmente fazia os membros do sexo oposto gemer quando ela passava. Ela poderia muito bem estar vestindo uma camiseta de hockey, com toda a atenção que Beck estava dando a eles.

Ah, ele estava excitado. Em mais de um sentido. Assim que eles estivessem sozinhos, ela ia extinguir esse bipe teimoso da tela do seu radar e tudo faria sentido novamente. Ela ia saciar sua atração – francamente, *constrangedora* – elétrica por Beck essa noite. Ele ia voltar para a Georgia em alguns dias com seu novo conhecimento do corpo feminino e usar isso do jeito certo, provavelmente com alguma leiteira arrogante, ou seja lá que tipo de mulheres eles têm no sul. Ela não seria nada além de uma boa memória para ele, e ela poderia voltar aos seus encontros de estrada sem importância que duravam uma noite a cada poucos meses.

O olhar de Beck encontrou o dela, uma sobrancelha loira escura se inclinou como se ela tivesse manifestado o pensamento em voz alta. Será que esse homem poderia ler sua mente? Na sala de estar ela tinha tido essa sensação. Isso era bom para que ela lembrasse que ele era, aparentemente, uma das mentes mais afiadas do Exército. Não *apenas* um agricultor de pêssegos que se lembrava das boas maneiras que haviam lhe ensinado, mas estavam presas a ele como Super Bonder.

— Tem certeza de que você não vai ficar para a cerimônia de quarta-feira à noite, Major Collier?

O major leitor de mentes sacudiu a cabeça com relutância. — Por mais que eu gostaria de ficar mais tempo, senhor, preciso voltar para a Georgia. Meu avô está ficando velho e precisa de ajuda na fazenda, com a colheita e pêssegos e tal.

Seu pai limpou os cantos da boca com o guardanapo. — Tento imaginar uma mente como a sua sendo usada para o cultivo de pêssegos e simplesmente não consigo. Nós precisamos de você para treinar novos recrutas aqui em Black Rock, com toda a sua capacidade para solucionar problemas.

— Com todo respeito, senhor, eu já tive o meu tempo de serviço. — O sorriso dele combinava com o tom bem-humorado. — Acho que o senhor ficaria surpreso de quanto à estratégia é usada na agricultura. Minha mente não vai ser desperdiçada. Eu só vou trocar o foco.

Kenna tomou um longo gole de sua Coca-Cola Diet, observando Beck sobre a borda do copo. Não importa o quanto às perguntas do seu pai fossem pessoais ou involuntariamente condescendentes, ele manteve a calma. Nem uma gagueira ou hesitação. Ele não teve que pensar em suas respostas, porque estava dizendo a verdade. De alguma forma, ela não tinha a menor dúvida disso. Não pela primeira vez desde

que eles se conheceram, ela se perguntou quem iria pousar nesse homem. Em como seria fácil confiar nele, se a mulher se permitisse.

Durante o curso do jantar, ela aprendeu mais sobre o tempo de Beck no exterior. Sua capacidade de encontrar padrões e conceber formas únicas e muitas vezes diplomáticas de terminar crises. Ele teve a opção de voltar para casa mais de uma vez, mas tinha ficado. Embora Beck tivesse dito ao pai dela que ir para casa deixando seus companheiros para trás não parecia certo, Kenna tinha a sensação de que era mais do que isso. Enquanto o major podia apenas estar sendo modesto, ela tinha um palpite de que Beck sabia que seu talento fazia a diferença. A diferença entre a vida e a morte.

— Vai haver uma cerimônia? — perguntou Kenna, surpreendendo a si mesma. Ela não tinha falado desde que sentou, incapaz de encaixar uma palavra adequada em torno do seu pai.

Beck pareceu desconfortável pela primeira vez naquela noite. — Há uma cerimônia para entrega de medalhas. Fui convidado a participar.

— Convidado a participar? — seu pai interrompeu com uma risada estrondosa. — Ele é o homenageado. Major Collier está recebendo uma Estrela de Prata.

— Oh, — ela sussurrou, se perguntando por que ele nunca mencionou isso. Não era o tipo de grande honra que seria um motivo de orgulho para um soldado? Por que ele parecia tão desconfortável? — Parabéns, Major.

— Sim, parabéns, — Tina repetiu com um sorriso enquanto se levantava da mesa. Kenna se levantou para ajudar a esposa do seu pai a tirar os pratos vazios, mas a mulher mais velha deu um gesto para ela voltar a sentar. — Mais uísque, senhores?

Kenna notou que Beck franziu o cenho para o dela quase vazio de Coca-Cola Diet. — Não, senhora, — disse ele. — Um já foi o suficiente para mim. Ainda que a volta para o quartel seja uma viagem curta, eu ainda estou dirigindo.

Seu pai se inclinou para trás quando Tina tirou seu prato e desapareceu na cozinha. — Tome mais um, filho. Kenna pode te levar para casa. Você fica no caminho do caminho dela até a garagem.

Quando seu pulso começou a bater em seus ouvidos, o olhar severo de Beck apenas ficou mais escuro. — Garagem?

— Eu moro em um apartamento acima de uma garagem no perímetro sul de base, — explicou ela, antes de seu pai poderia responder. — Eles me deixaram utilizar um armazém vazio no térreo para o meu trabalho.

— Que trabalho é esse?

A voz dele ficou mais profunda? Kenna de repente sentiu como se eles fossem as únicas duas pessoas na sala, todo o resto era apenas um borrão de nada enquanto ele se concentrava nela. A segurando imóvel com o seu olhar. Oh Deus, ela ia leva-lo para casa. Apenas o conhecimento de que eles iam dividir o espaço fechado do seu carro mais uma vez fez suas coxas se espremerem juntas. — Eu sou uma soldadora. Crio esculturas de metal.

O canto direito da sua boca levantou. — Ah é?

Antes que ela pudesse responder, Tina enfiou a cabeça para fora da cozinha. — Joseph – quero dizer, tenente-general – há uma chamada para você. É o Coronel Wheeler.

— Vou atender no meu escritório. — O seu pai dei um tapa nos braços da sua própria cadeira e se levantou. Beck imediatamente seguiu o seu exemplo. — Eu receio que esse homem seja muito prolixo. — Ele acenou para Kenna. — Eu posso demorar um pouco, então não vou mantê-los sentados aqui. Vocês dois vão para casa em segurança.

Beck saudou o tenente-general e o homem mais velho, após seguir o exemplo, saiu da sala.

E então eles estavam sozinhos novamente. A sala pareceu se encolher ao redor deles, como se a tentando a fazer o que ela desejava – atravessar o cômodo e se atirar em Beck. Ele conseguiu esconder qualquer traço de desejo por ela durante o jantar, mas como seria se eles se tocassem?

Seu comportamento descontraído saiu da sala junto com o pai dela. Suas maçãs do rosto pareciam mais pronunciadas e levemente coradas, as mãos fechadas em punhos.

— Pronto para ir, — ela perguntou, se encolhendo interiormente com a sua voz ofegante.

— Não.

— Não?

Ele olhou para o lado e então voltou a olhar para ela. — Se eu me levantar, você vai ver o que acontece quando você olha para mim desse jeito por mais de uma hora, Kenna.

— Que jeito?

Ela poderia dizer que ele estava lutando para não olhar para os seus seios. No seu interior ela estava implorando que ele fizesse isso, mas seu olhar continuou bloqueado no dela. — Como se você estivesse pensando em fazer algo ruim.

Kenna podia ouvir Tina lavando os pratos na cozinha e sabia por experiência própria que a mulher não ia procurar Kenna ou voltar para a sala. Trabalhando como uma especialista em tecnologia, Tina tinha vivido na base durante a fase selvagem de Kenna e não parecia disposta a esquecer disso tão cedo. No entanto, ela não poderia ser mais agradecida pela aversão da mulher por ela nesse momento, porque quebrar a determinação de Beck tinha acabado de se tornar um desafio que ela não podia recusar. Ele era uma rocha inabalável lhe encarando do outro lado da mesa, mas ela viu além disso. Ela viu seu desespero, sua dor e sua fome – tudo por ela – e ela precisava ser a única que iria abalar essa frieza. Que iria lhe salvar. Somente essa noite, ela queria ser o que era necessário para que alguém continuasse respirando.

Quando ela se levantou da mesa, ele interpretou a sua expressão imediatamente, balançando a cabeça. — O que você está fazendo?

Sem responder, ela circulou a mesa e arrastou um dedo por toda a amplitude maciça de seus ombros poderosos. Eles começaram a subir e descer, parecendo se expandir a cada movimento. Isso a recordou do seu tamanho, como se ela precisasse de qualquer lembrança. Sua força óbvia era a sua ereção, porque ele a mantinha firme na coleira. Ela queria arrancar essa coleira.

Tenha sido conscientemente ou não, Beck se recostou ao seu toque, deixando uma lacuna de espaço entre o seu corpo e a mesa. Kenna pisou no espaço entre as suas pernas separadas, e passou a mão pelo seu peito musculoso. A cabeça de Beck caiu para trás em uma exalação áspera. — Kenna, eu tenho uma vontade forte, mas você está me testando como o inferno, — a coluna de sua garganta trabalhava. — Isso não está certo. Não aqui.

Ela olhou para baixo e viu o cume grosso de sua ereção, delineado contra a sua barriga. *Eu preciso ter ele dentro de mim. Preciso que ele precise de mim também.* — Quando você pensa na sua primeira vez, Major... — ela abriu os dois primeiros botões da sua própria

camisa. — Eu estou por cima, cavalcando o seu grande corpo? Ou eu estou de costas, com você me tomando com força?

Seu gemido inarticulado enviou um arrepio até suas coxas. — Não me faça dizer essas coisas aqui. Eu estou tentando fazer o que é certo.

Tentando fazer o *que* certo? Ser respeitoso com o pai dela ou... algo mais? Ela não queria saber, então terminou de abrir a trilha de botões e separou o tecido fina da sua camisa. Ele conseguiu manter o olhar colado no teto até ela soltou o fecho frontal do seu sutiã. Ele levantou a cabeça, os olhos ardentes em seus seios nus e livres. — *Jesus Cristo*. — Ele arrastou a língua pelo lábio inferior, como um homem e preparando para uma refeição, mas em vez de se banquetear, ele disse, — Eu poderia viver com essa vista, querida. Mas se você não colocar a camisa de volta, eu vou te segurar e fazer isso eu mesmo.

Seu sexo se apertou com as suas palavras, a imagem mental de Beck a vestindo com raiva. — Eu coloco minha camisa de volta se você responder minha pergunta.

Kenna se aproximou, trazendo seus seios a alguns centímetros da boca dele, e todo o seu corpo estremeceu. — Qual foi a pergunta mesmo?

— Sua primeira vez. — A respiração dele saindo pela boca fez seus mamilos apertarem. — Eu em cima? Ou você?

Por uma fração de segundo ela pensou que ele fosse desistir e chupar um dos seus mamilos na boca, mas ele permaneceu no lugar. — Quando eu te vi pela primeira vez, eu pensei...

— Me diga, Major, — ela sussurrou com a voz rouca. — Me diga todas as coisas ruins passando pela sua cabeça.

Ele engoliu audivelmente. — Eu queria te prender e... e te foder. Sem me segurar. Queria empurrar suas pernas abertas e te foder enquanto você tirava sangue das minhas costas com as suas unhas. — Ele disse as palavras com pressa, sem fôlego. — Mesmo que você gritasse, eu não queria parar. Só queria bombear e foder até parar de pensar e só sentir você. — As mãos dele subiram para agarrar os lados da sua camisa aberta, fechando o material sobre os seus seios com um suspiro de alívio pesado. — Mas eu quero você por cima, Kenna. Não acho que a gente poderia fazer diferente. Eu não ia machucar você, querida? Você é tão pequena, comparada a mim.

Poucas vezes em sua vida Kenna tinha ficado sem palavras. A descrição gráfica do que Beck disse a ela explodiu no seu meio como uma tempestade de raios, mas a doçura que se seguiu, dele cobrindo seus seios, derramou um bálsamo sobre a terra arrasada dentro dela. Isso a puxou em duas direções igualmente atraentes. Sexo com ele não seria tão preto no branco como ela esperava. O formigamento em sua nuca dizendo para *correr, fugir e não olhar para trás* estava lá, mas quando ela permaneceu em silêncio por muito tempo e uma pitada de vulnerabilidade penetrou a expressão dele, ela sabia que isso nunca iria acontecer.

Confuso ou não, ela estava correndo de cabeça para a tempestade que se aproximava.

Capítulo Cinco

Beck estudou Kenna do banco do passageiro, desejando como o inferno que ela dissesse alguma coisa.

Viu? É por isso que ele mantinha seus pensamentos pecaminosos para si mesmo. Desde que Beck podia se lembrar, ele havia sido testado por desejos que um homem bom não tinha o direito de sentir. Aos quatorze anos, ele tinha tido a coragem de confiar no ministro da juventude da sua igreja, mas em vez de dar a Beck uma forma de controlar os seus impulsos, ele o instruiu a ignorar a necessidade de... foder. Não apenas de ter relações sexuais, mas também de recriar as imagens de corpos suados batendo juntos que sua mente conjurava. Disseram a ele que isso era obra do diabo, que o ato sexual era algo tranquilo e carinhoso compartilhado entre marido e mulher. Com o tempo, ele aprendeu a manter seus pensamentos à baía até tarde da noite, no escuro, quando então não permaneciam enjaulados por mais tempo. Ele tinha trabalhado isso muito bem até Kenna aparecer na zona de aterrissagem, e o seu inferno mental foi desencadeado.

Tudo o que ele tinha dito a ela era verdade. Na tarde em que ele acordou para descobrir que ela tinha ido embora, ele estava tão dolorosamente duro que foi forçado a se aliviar antes de levantar da cama. Ela cutucou o urso dormindo dentro dele, e agora ele rugia para a vida através de suas entranhas, à procura da sua companheira. Ontem à noite, no bar, ele só foi capaz de apreciar muito ligeiramente as outras mulheres, assim como tinha sido com as soldados mulheres que conheceu no exterior. Mas ele *precisava* de Kenna. Apenas Kenna. Ele nem sequer considerava as mãos de outra pessoa sobre ele. Ou as *dela* em outra pessoa.

Beck teve de fechar os olhos e contar até dez, surpreso mais uma vez pela profundidade do ciúme ao pensamento dela com outra pessoa. Ele estava indo embora na quinta-feira, um dia após a cerimônia. Em definitivo. Não havia um homem vivo que pudesse enxergar que não gostaria de ter ela para si. Além de ser a fantasia sexual de todos os homens sobre suas pernas, ela tinha um rápido senso de humor. Ela era *interessante*. Inteligente. Misteriosa. Sabendo quão rapidamente ela tinha se comprometido, ele já poderia dizer que embarcar naquele avião

quinta-feira seria como ser pego em uma explosão dentro de um túnel pela segunda vez. Seria pior.

Sua realização sombria foi interrompida quando Kenna parou em frente a uma garagem suja, dilapidada. — Me diga que você não mora aqui. Por favor.

— Receio que sim, Major. — Ela desligou o motor do carro. — Ainda quer entrar ou mudou de ideia?

— Eu não mudei de ideia. — Ótimo. Ele finalmente a tem falando, apenas para insultar sua casa. — Eu imploro o seu perdão, Kenna. Não queria ser rude.

Um sorriso apareceu em seus olhos. — Você está implorando o meu perdão?

— Sim, senhora. — Ele olhou para trás em direção à garagem, notando a placa de aviso quebrada a segundos de desabar no chão. — Esse lugar apenas não parece seguro para uma menina que mora sozinha, isso é tudo. Seu pai não se importa?

— Eu sou adulta, Major. Eu decido onde vou deitar a minha cabeça, — ela encolheu os ombros. — Além disso, acho que quando eu me mudei e dei espaço para Tina, eu poderia ter ido para a Lua que ele não se importaria.

Beck experimentou a mesma irritação que sentiu quando o tenente-general não agradeceu a ela pela carne seca e depois novamente, quando Tina não lhe ofereceu uma bebida. — Eu não gosto que você seja tratada dessa maneira.

Ela olhou pelo para-brisa por um momento antes de voltar sua atenção para ele. Não havia mais aquela aura desamparada em sua expressão. Um convite tinha tomado seu lugar. — Sabe, falar sobre isso não nos coloca em um clima sexy. — Ela soltou o cinto de segurança e se inclinou sobre o console, o que o prendeu em sua rede de cheiro de incenso. A mão dela pousou na sua coxa, mas poderia muito bem ter sido contra o seu pau, pelo jeito que ele imediatamente empurrou contra a braguilha. — Eu quero ouvir mais sobre o que você quer. O que você me disse lá em casa... eu gostei, Major. Muito.

— Você deveria começar a me chamar de Beck agora, Kenna, — Deus, seus seios incharam contra a sua camisa quando ela se inclinou em direção a ele. — Porque afinal, você está me levando para casa.

Sua mão patinou pela coxa dele. — Tudo bem... Beck.

Era isso. Kenna dizendo seu nome foi como um fusível em sua cabeça, um curto-circuito no seu autocontrole. Um *boomboomboom* começou em seus ouvidos enquanto ele a puxou por cima do console e deixou cair a sua bundinha firme sobre o seu colo. Cada grama de resistência que ele conseguiu na sala de jantar agora exigia reembolso e nada poderia quitar a dívida. Antes que soubesse o que estava fazendo, ele rasgou sua camisa aberta e desatou o sutiã, rosnando quando os picos rosados dos seus mamilos saltaram livres. — Eu vou chupar eles. Eu *preciso* chupar eles. — Ele baixou a cabeça e sugou o mamilo direito na boca, fazendo com que ela soltasse um gemido alto. — Se mexa no meu pau enquanto eu chupo eles, Kenna. Eu estou tão duro. Você me deixa tão duro para estar dentro de você. Como isso é possível quando eu nem sei como é a sensação?

Ela se mexeu em seu colo para ficar em cima dele, a palma acariciando o lado do seu rosto. — Me leve lá para cima e eu vou te mostrar. — A respiração dela era irregular, mas ela parou depois de um movimento alucinante de seus quadris. — Você sabe como me deixa dolorida?

Reverência, alívio e *desejo* o golpearam. — Eu quero ver esse lugar onde está doendo. Eu quero olhar para você lá, ver você se tocar. Eu quero tocar... sua buceta. Quero lambar.

Kenna caiu sobre seu peito, à testa apoiada sobre o seu ombro. — Beck, se você continuar falando assim, eu vou gozar antes mesmo de você estar dentro de mim.

— Não acho que eu quero que isso aconteça, — com uma vontade de ferro enquanto ela continuou a se balançar sobre ele, a respiração quente contra o seu pescoço, Beck abriu a porta do passageiro e saiu, sorrindo no prazer/dor que lhe provocou Kenna agarrada a ele como uma tábua de salvação. Ah inferno, ele gostava disso. Como seu corpo compacto em volta do dele como um pedaço faltando, suas curvas se acomodavam nos seus cumes, o vale entre as pernas dela quente e convidativo, se esfregando contra o seu pau latejante. — Me diga aonde ir, querida, — ele ofegou.

Ela correu a boca aberta pelo seu pescoço. — Há um beco do lado esquerdo... uma escadaria atrás.

Beck andou a passos largos em direção ao beco, incapaz de ignorar o quão mal iluminado e deserto ele era. Raiva e preocupação ultrapassaram o calor permanente que ela infligia a ele. — Eu não gosto disso. Não gosto de você aqui. — Ela puxou sua orelha com os dentes e

seus passos vacilaram. *Ela está me distraindo. Está funcionando. Por enquanto.* Ele começou a subir a escada, gemendo com a forma como ela deslizava para cima e para baixo do seu eixo rígido a cada degrau. — Enquanto nós estamos no tema das coisas que eu não gosto, Kenna, eu nem sequer beijei sua boca. Você pode ter a maldita certeza de que isso vai acontecer antes da gente ir mais além...

A boca dela caiu sobre a dele bem quando eles chegaram à porta. Doce Senhor. Se ele pensava que Kenna simplesmente andando em uma sala já tinha impacto sobre ele, outro pensamento estava vindo. As costas dele bateram contra a porta de entrada, o ar saindo dos seus pulmões quando ela trancou suas bocas juntas e lentamente as separou, puxando seu lábio inferior com os dentes. Ambas as bocas se abriram para puxar ar antes de se fundirem juntas novamente em uma engrenagem quente, se movendo em um ritmo lento e sexual, acompanhadas pela pulsação entre suas coxas. Como se tivesse feito uma descoberta inesperada, ela subiu mais alto em seu corpo, as coxas segurando seus lados, as mãos segurando a cabeça dele com firmeza, e lhe deu o beijo da sua vida. Assim que um pouco de noção entrou em seu cérebro febril, ele inverteu suas posições, empurrando ela contra a porta, determinado a dar o mesmo a ela. Suas línguas se emaranharam em uma dança ansiosa e ele finalmente se permitiu fazer o que estava fantasiando desde o dia anterior. Ele alcançou debaixo da sua saia e apertou a sua bunda tentadora como o pecado. Ele agarrou a carne firme e a segurou com mais firmeza, a levantando e acariciando. Ela dissipou qualquer medo que ele tivesse de estar sendo muito áspero quando gemeu em sua boca, cavando os calcanhares em sua cintura.

Kenna puxou sua boca para longe. — Para dentro, Beck. Me leve para dentro, — ela chiou. — Se eu não soubesse melhor, acharia que você já tinha feito isso antes. Muitas vezes.

— Nah, querida. É só você, — ele pegou a chave única que ela ofereceu e a empurrou na fechadura. — Você faz com que tudo que eu faça pareça certo. Isso não tem nada a ver com experiência. — Entrando no apartamento escuro, ele beijou a sua clavícula. — Pensando bem, talvez isso tenha tudo a ver com Kenna.

As pernas dela escorregaram da sua cintura. Ela se virou antes que ele pudesse ver a sua expressão, mas ele sabia que tinha falado demais. Mostrado suas cartas muito cedo. Quando a luz se acendeu, havia uma linha de tensão nos seus ombros. *Não.* Ele não iria deixar que ela o expulsasse depois de terem chegado tão longe. Ela não tinha dito que ele a fazia doer também? Quando ela tirou o sutiã, ele nunca

esteve mais excitado em sua vida. Isso trabalharia no sentido inverso? Imaginando que ele não tinha nada, exceto tudo a perder, Beck começou a desabotoar sua camisa. Quando ele tinha quase chegado aos últimos botões, Kenna se virou, se mexendo em seus pés. Seus olhos verdes acenderam como fogos de artifício quando ele puxou a bainha da cintura. — O q-que você está...

Um pouco antes de Beck deixar cair a camisa no chão, ele se lembrou do ferimento na sua lateral e ergueu a mão para escondê-lo. Jesus, se essa garota podia fazer com que ele esquecesse a dolorosa ferida com estilhaços, ela podia fazer qualquer coisa. Mas ele nunca tinha mostrado isso de boa vontade a ninguém, e ele não queria a sua piedade. Ele queria que ela precisasse dele. Precisava da sua luxúria. Do seu toque. Qualquer coisa, menos pena.

Kenna veio até ele, à tensão ainda visível em seus ombros, mas de um tipo diferente agora. — Eu pensei que você estivesse em uma unidade de apoio, — sua mão pairou sobre a ferida como se tentasse curá-lo. — Você foi para campo, também?

— Sim. Claro que sim, — ele correu o polegar sobre o lábio superior dela, aliviado quando seus cílios vibraram fechados. — Eu nunca mandaria homens para uma situação aonde eu mesmo não iria.

Ela traçou a borda da ferida com o dedo. — Você é um bom homem, Beck Collier. Uma mulher vai te ter um dia e nunca te deixar ir.

Algo semelhante a negação espetou seu peito e inflamou seu temperamento. Ele inclinou o queixo dela para cima e se abaixou para que seus rostos ficassem próximos. — Não fale sobre mim e outra mulher quando eu estou aqui para estar dentro do *seu* corpo, Kenna. Porque eu te prometo isso, — ele a levou pela sala de estar. — Eu pretendo me afundar tão profundamente dentro de você que nenhum de nós vai ser capaz de pensar em mais *ninguém* por um bom tempo. — *Nunca mais*, se dependesse dele. — Agora tire essas roupas e me mostre a única mulher que eu tenho planos de foder. Me mostre.

Uma batida de silêncio passou pela sala de estar, onde Beck achou que ele tinha ido longe demais. Mostrou muito cedo a parte secreta, primitiva de si mesmo que ele tinha trabalhado tanto para suprimir. Deixou escapar mais honestidade do que era aceitável. Tudo desapareceu no tempo de um batimento quando ela sorriu, lenta e sensualmente. — Sabe, eu pensei que você era todo doce quando nos conhecemos, — ela deixou sua camisa rasgada deslizar para o chão e

apertou os seios de uma forma que quase o fez cair de joelhos. — Mas você é um pouco malvado por debaixo desse exterior doce, não é? — ela balançou em direção a ele, em linha reta para o seu espaço. Ele pensou que ela ia lhe beijar, mas ela apenas o empurrou para trás, o fazendo cair sentado em uma poltrona de couro. — Por que não descobrimos quão malvado exatamente você é, Major?

* * * * *

O lado que mantinha a autopreservação de Kenna fingiu não ver a absoluta posse nos olhos de Beck quando ela tirou o sutiã e as botas. Se ela se permitisse pensar sobre a sugestão que sua intuição lhe induzia, de que ele queria mais do que apenas um caso de uma noite, sua consciência não lhe permitiria continuar. Infelizmente, seu corpo não estava lhe dando escolha nenhuma nesse assunto. Ela sabia que Beck era um homem grande, um homem *lindo*, mas então ele foi e tirou sua camisa. Se ela olhasse com mais intensidade para o seu corpo constituído como um muro de tijolos, ela teria que cheirar sal para reviver. A ferida áspera no seu lado, um corte irregular tosco nos seus músculos delineados, o fez parecer mais viril, quando ela estava esperando um ursinho de pelúcia. Nã-nã. Não Beck. Beck foi rasgado como merda, e aquela pequena exibição de raiva que ele deixou passar entre as suas fissuras o fez inesperadamente perigoso. Ele era uma moeda de dois lados muito atraente, e ela queria virá-lo, ver até onde ele ia. Uma vez que o perigo aumentava sua necessidade de manter essa aventura tão casual quanto possível, ela seria tudo, menos doce. Memorável? Oh, sim. Mas não doce.

Quando apenas a saia preta curta permaneceu, ela usou os ombros de Beck para se equilibrar. Ela colocou um joelho em cada braço da poltrona, deixando seu centro exposto para ele, protegido apenas por uma calcinha vermelha pequena. Beck amaldiçoou baixinho, os músculos do seu peito e do abdômen se mexendo poderosamente, a fazendo mais ousada. Ela levou um momento para provocar a bainha da sua saia antes de deslizar o material sobre os quadris, expondo o fio dental vermelho que mal cobria o seu núcleo. — Você quer me tocar onde eu estou doendo, Beck? — ela passou os dedos pela borda do tecido vermelho, choramingando quando eles fizeram contato com o seu clitóris sensível. Seus olhos tentaram fechar com a inundação de prazer que a tomou, mas ela os manteve abertos. Em Beck. — Bem aqui, querido?

— *Sim*. Cristo, sim.

Ela deslizou as mãos até seus seios e apertou, os músculos das suas próprias coxas contraindo com o delicioso puxão em sua barriga. — Eu sou toda sua.

Beck disparou para frente, fechando a boca em seu clitóris, sugando sua calcinha e a carne com um rosnado estrondoso. Kenna gritou para a ação inesperada, quase perdendo o equilíbrio, até que as mãos dele apertaram seu traseiro, segurando-a firme enquanto ele a chupava. *Lambia*. Oh, Deus. Seu corpo estremeceu, convulsionando à beira do orgasmo. Impossível. Cedo demais. Não era?

Ele se afastou alguns centímetros, as baforadas rápidas da sua respiração ofegante acariciando sua carne. — V-você gosta assim?

— *Simsimcontinue*.

— Graças a *Deus*. Você tem um gosto tão bom.

Beck fez contato outra vez e a mente de Kenna desligou, incidindo apenas sobre a perfeição de sua boca lhe chupando. Ele era um homem faminto que tinha esquecido sua última refeição. Um dos seus braços musculosos envolveu em torno dos quadris dela, liberando a outra mão para deslizar entre as suas coxas, o polegar escovando sua entrada. Como se ele quisesse permissão, mas se recusasse a parar de lambar o núcleo úmido para perguntar.

— Seu, Beck. Meu corpo é seu. — A palavra que ela nunca disse a ninguém, provavelmente nunca diria de novo. *Não pense sobre isso. Foco nele... no que ele está fazendo com você*. — Me toque, me mova, entre em mim, fale comigo, desde que seja bom. Tudo que você fizer *vai* ser bom.

Ela pôde sentir algo assumir lugar dentro do seu grande corpo. Se possível, sua boca trabalhou com mais força, se abrindo amplamente para sugar sua carne, e então dar um banho de língua em seu clitóris. Dois dedos longos a encheram e ela ofegou — *sim* — fazendo contato visual com Beck quando ele rompeu com um gemido. — Ah, Kenna, — sua voz era uma cama de pregos. — Eu vou te machucar. Eu não sabia... eu não sabia que você era tão pequena. — Ele passou os braços ao redor

Sua garganta apertou tão forte que ela não conseguiu respirar por um momento, mas o óbvio tormento físico de Beck a colocou em ação. Ela ergueu seu rosto para encontrar o dela. — Abra suas calças, Major.

Você não vai me machucar, — ela roçou seus lábios nos dela. — Se doer um pouco, o prazer vai ser maior. Ok? — ela o beijou longa e profundamente. — Eu mostrei a minha dor, agora me mostre a sua.

As mãos dele caíram para seu colo, o couro fazendo barulho, seu zíper abrindo. — Se eu fizer algo que te machuque... — ele parou, balançando a cabeça.

— Ei, — assim que a sua ereção estava livre entre eles, grande e bonita, ela o empurrou mais para trás contra a poltrona. — Você é o virgem aqui. Essa frase deveria ser minha.

Um brilho intenso iluminou seus olhos. — Você está amarrada comigo, Kenna Sutton.

— Eu sei, — ela sussurrou, escondendo sua reação surpresa com a declaração dele ao se esticar para pegar o pacote fechado de preservativos em sua mesinha de canto, mas seus dedos trêmulos lhe delataram.

Beck pegou a caixa e a abriu com os dentes, efetivamente substituindo seu embaraço com mais uma dose enorme de tesão. Ele tirou uma embalagem de alumínio, rasgou-a em uma extremidade e rolou o preservativo para baixo em sua ereção. — Eu sei como fazer isso por causa das aulas com as enfermeiras¹¹, — ele explicou com um sorriso torto.

Algo espesso estava preso na garganta dela, mas engoliu com determinação. Suas coxas se separaram mais largamente, os joelhos descansando em braços opostos da poltrona, ela o pegou na mão, o colocou entre as coxas e afundou, centímetro por centímetro. Beck disse seu nome entre os dentes trincados, olhando para o teto, os músculos do pescoço e dos braços constritos. As coxas de Kenna sentiram a pressão dessa posição, mas ela se recusou a mudar, porque — *droga, droga, droga* — ele não podia ir mais profundo. Tão grande e grosso e perfeito. Incrível. Ele pressionou contra suas paredes internas, esticando-a para caber e doía, mas era a dor mais gloriosa. Nada se comparava a isso. Nenhuma outra coisa. A necessidade de se mover mais rápido foi se tornando insuportável, então ela enterrou os dedos na parte de trás da poltrona de couro e se levantou, antes de descer sobre ele mais uma vez.

— *Oh meu Deus.*

¹¹ No Exército é comum ter aulas sobre saúde e cuidados básicos com doenças e vida sexual, etc.

— Você? Cristo. Oh, Cristo. Você não tem ideia... — ele ergueu os quadris, levantando ambos do assento. — É muito bom. Você é apertada. Porra, tão apertada, e eu não posso. Você não pode se mover assim. Faça de novo. Ok, querida? Mais uma vez. *De novo.*

Ela nunca quis beijar um homem durante o sexo, mas o inferno se ela não queria isso com seu rosto masculino ruborizado com a promessa de um clímax muito próximo. *Beck.* Doce besta sexual que esteve trancado na gaiola por muito tempo. Kenna torceu os quadris e prazer se espalhou como tinta derramada pelo seu núcleo. Esqueça o beijo. Ela só tinha esse homem dentro dela por trinta segundos e seu corpo estava correndo cegamente em direção ao alívio. Kenna levantou e desceu sobre ele com um movimento rápido dos quadris, gemendo quando Beck inchou ainda mais dentro dela.

— Eu não vou deixar você na necessidade de novo, — Beck empurrou dentro dela com um gemido estrangulado. — Mas eu não posso pensar quando você está fazendo isso. Não é possível pensar em mais nada, só gozar dentro do seu corpo.

— Não pense, Beck. Eu não quero que você pense, — se lembrando que era a primeira experiência dele, Kenna pegou suas mãos e as colocou sobre a sua bunda, sua respiração saindo rápida quando ele a agarrou com força bruta. — Me mova como você quiser, Beck. Me jogue no chão, me faça pular, me faça ir em um ritmo lento. Faça como você quiser para gozar duro.

O suor tinha irrompido acima do seu lábio superior e pelo seu sexy pescoço musculoso. — Eu já sei que você vai ser a melhor da minha vida, Kenna. Como eu posso ter certeza que vou ser o melhor da sua? *Me diga.*

Não há ninguém no mundo como esse cara. — Eu gosto de sexo duro, — sua voz vacilou. — Me puxe para baixo. Use o meu corpo para te fazer gozar.

Seus olhos se fecharam brevemente antes de se abrirem e percorre um caminho de fogo sobre seus seios, barriga e coxas. — Você não pode ser real. Não pode ser.

Mesmo que ela tivesse dado a ele as instruções, Kenna não estava preparada para o que veio a seguir. Quando a carne das suas nádegas foi apertada com mais força pelas suas mãos, ele a empalou com dureza implacável, uma e outra vez. Tudo começou com um ritmo de teste, mas cresceu quase fora de controle. Seus dentes batiam com cada impacto assertivo. Beck a observou com os olhos meio fechados, olhos que

brilhavam com tanta luxúria reprimida que a fizeram estremecer. Ele balançou os quadris, sua expressão de satisfação absoluta quando ela gemeu alto o bastante para sacudir as janelas. Inacreditável. Ele estava procurando o seu prazer quando isso deveria ser sobre ele. Sua primeira vez. Com as sensações inimagináveis detonando dentro dela, ela não conseguiu encontrar o mesmo desprendimento. Não, ela nunca precisou tanto gozar.

Kenna estendeu os dedos para a boca de Beck. — Lambe, — quando ele fez o que ela pediu, sua língua acariciando a ponta dos dedos como se seu gosto fosse incomparável, ela quase gozou ali mesmo. Não dava mais para esperar. Enquanto Beck continuou a estocar, puxando ela sobre o seu pau, Kenna encontrou seu clitóris e com dois círculos ásperos com seu dedo meio, se empurrou mais na direção do esquecimento. — Sim, sim, *sim* — *Oh, puta merda*, suas pernas convulsionaram violentamente sobre os braços da poltrona, o local onde seu corpo encontrava o de Beck ficando completamente inundado. — Tão bom, Beck. Você é tão *bom*.

Um gemido surpreso escapou de seus lábios quando ele se levantou da cadeira e a virou. Assim que suas costas encostaram no assento de couro, suas pernas foram apoiadas nos ombros de Beck. Quando ele afundou seu comprimento com uma estocada selvagem eu seu núcleo ainda se contraindo, um grito escapou da sua garganta.

— Beck!

Angústia se infiltrou na urgência sexual que havia em seu rosto. — Estou machucando você?

— *N-não*. Continue, *continue*.

A carne molhada dos dois bateu juntas quando ele agarrou seus tornozelos onde eles descansavam em ambos os lados da sua cabeça e empurrou. Ele mergulhou com tanta força que Kenna sabia que ia sentir isso por uma semana. — Grite, então, — ele rosnou em seu ouvido, os quadris começando a bombear em um ritmo brutal. — Se não dói, então grite.

Ela não teve escolha quando outro orgasmo explodiu no meio da agressão inesperada de Beck. Mais, mais. Ela não conseguia ter o suficiente. Ela queria ser *feita* para tomar tudo o que ele tinha para dar. — É isso aí, — ela respirou, mal capaz de se ouvir sobre o rugido nos

seus ouvidos. — Não se segure. Jogue sua frustração em mim. Em mim.

— *Jesus. Pare, Kenna,* — seus dedos cravaram em seus tornozelos. — Eu não quero que isso acabe, mas você está fazendo isso *tão difícil.*

Ela respondeu com palavras, mesmo que não pudesse compreender. Mais uma vez. Ele ia a fazer gozar *de novo*, e ao mesmo tempo em que ela não queria isso, necessitava mais do que a vida.

— Você gosta de sexo duro, querida? Eu deveria saber, — ela apertou em torno dele, que cerrou os dentes para segurar um gemido. — Me tomando pelo pau com seu corpo pecador. Colocando os peitos para fora quando eu não posso chupar eles. *Garota má,* — ele se empurrou para baixo, moendo seus corpos juntos. — Usar seu corpo para me fazer gozar? O que você acha que eu vou fazer cada vez que me tocar pelo resto da minha vida de merda? Pensar em você com as pernas abertas, pedindo para ver o meu pau dolorido. Pensando nessa maldita calcinha vermelha.

Ele provou seu ponto rasgando a calcinha fio dental meio desfiada do seu corpo, e a atirando de lado. Kenna não podia pensar ou processar qualquer coisa mais, além do prazer furioso em que estava se afogando. Ela cravou as unhas — *com força* — na bunda incansável dele, sentindo a pele rompendo, e então cravando mais fundo. Seu corpo apertou e torceu, vencido pelo tumulto de luxúria tão forte que ela não conseguia respirar. Isso veio através dos seus membros trêmulos, se reuniu em sua barriga e explodiu.

Beck encheu a pouca visão que ela tinha, a cabeça jogada para trás quando ele bateu profundamente uma última vez, e saiu voando junto com ela. — Oh, Cristo. Kenna. Kenna. — A visão de um homem tão grande e robusto tremendo em cima dela ficaria marcada em seu cérebro e nunca mais desapareceria. Nem o seu peso quando ele caiu para frente, puxando ela para perto e sussurrando em seu ouvido, sem fôlego. — Tão bonita. Você sabe que você é tão bonita e doce, não é, Kenna? Eu não quis dizer aquelas coisas ruins que eu disse. Eu apenas...

Com o coração batendo duas vezes mais rápido que o normal, ela cobriu a sua boca com uma mão. — Nada do que nós fizemos ou dissemos juntos foi errado. — Quando sua testa franzida começou a relaxar, ela tirou a mão. — Você foi incrível, True Blue. Esse é tipo um eufemismo épico, na verdade, mas meu cérebro deixou o prédio.

Quando a cor marcou suas maçãs do rosto, algo mudou dentro de Kenna. Algo afiado e grande. Isso a alarmou tanto que ela sacudiu sob a enorme figura de Beck. Antes que ela pudesse se soltar, no entanto, ele a pegou em seus braços e a levantou. Sem ser instruído sobre onde seu quarto era, ele o encontrou na primeira tentativa, empurrando a porta com o pé. Ele não se incomodou em ligar a luz, e a colocou com delicadeza exagerada no centro da cama queen-size, o que foi ridículo, uma vez que ele tinha acabado de foder seus miolos com toda força. Mas ela não conseguiu rir em torno do pânico quando ele subiu na cama com ela.

— V-você vai ficar?

— Sim, senhora. — Ela não podia ver seu rosto na escuridão, mas sua respiração caiu sobre os lábios dela. — E eu não aconselharia você a me pedir para sair quando eu estou me sentindo dessa forma.

Seu coração revirou. *Tum tum tum*. — De que forma?

— Como se eu tivesse reivindicado o que é meu. E eu preciso te proteger agora. — Um momento de silêncio desapareceu na escuridão. — Eu não posso colocar isso mais claramente, Kenna.

Quando sua mente cambaleou, Beck a puxou contra o peito, seus braços musculosos envolvendo seu corpo, uma mão segurando a cabeça dela. Oh, Deus. Sua primeira festa do pijama ¹² ... e parecia tão permanente.

Mas nada era permanente. Isto, em especial, não podia ser permanente. Assim que ela tivesse alguns minutos de sono, ia descobrir como mandar ele embora.

O cansaço, junto com o calor de Beck, a derrubaram, fazendo sua resistência inútil.

Apenas alguns minutos.

Ela estava dormindo dez segundos depois.

¹² Ela chama assim porque nunca deixou nenhum homem dormir na cama dela.

Capítulo Seis

Beck acordou com o cheiro de incenso e enterrou o rosto mais perto da fonte. Não. Eram lençóis, não Kenna. Esse cheiro era melhor em sua pele, e ele queria sentir novamente. Onde ela estava? Beck abriu um olho à luz da manhã cedo e procurou por ela do outro lado da cama. Não estava lá. Ele se sentou rapidamente, fazendo sua cabeça girar, mas isso deu o segundo que ele precisava para se acalmar. Eles estavam no apartamento dela, depois de tudo. Ela não poderia ter ido muito longe. Mesmo que o apartamento estivesse tão silencioso que ele pudesse ouvir seus próprios batimentos cardíacos.

Ele se soltou dos lençóis de algodão e ficou maravilhado como se sentia descansado. Senhor, ele havia dormido o sono dos justos depois do que eles tinham feito. E se ela ficou esperando ele acordar para a segunda rodada ontem à noite? Ele passou a mão em torno do seu pênis pesado e gemeu. Segunda rodada era uma possibilidade concreta agora, mas uma intuição lancinante lhe disse que Kenna ainda estaria na cama, se ela quisesse isso. Será que ele passaria algum outro dia sem querer o que ela tinha dado a ele na noite passada? Ele duvidava. Duvidava que ele fosse querer isso com mais alguém, tampouco.

Ele sempre imaginou que a sua primeira vez seria como um mal necessário, um marco inicial a partir do qual ele ia melhorando. Ia aprender a agradar uma mulher. Mas Kenna, ele a satisfez. Mais do que isso, ela tinha dado a ele um vislumbre da sua vulnerabilidade. Ele não esperava por isso, e a mulher debaixo dele o deixou mais viciado do que sexo jamais poderia. Se ela ainda estivesse deitada na cama, Beck rastejaria sobre ela, preocupado, e exigiria saber cada pensamento em sua cabeça. Então, talvez fosse uma coisa boa que ele tivesse esse tempo sozinho para pensar antes de ir encontrá-la.

Beck puxou um cobertor aos pés da cama de Kenna e o envolveu em torno da sua cintura. Incapaz de resistir a uma rápida olhada nos bens dela, na esperança de que pudessem lhe dar alguma luz, ele parou na frente de uma foto emoldurada sobre a cômoda. Uma Kenna adolescente vestindo um macacão laranja de grandes dimensões pegando lixo na beira da estrada. Ela olhava diretamente para a câmera com uma expressão desafiadora. Ousando a pessoa que tirava a foto a fazer algum comentário. Ele reconheceu aquele olhar.

Quando ele estava crescendo, seu avô era dono de um estábulo de cavalos, localizado na extremidade da plantação de pêssegos. Ele não tinha uma criação comercial, apenas os mantinha pelo prazer de percorrer as ruelas estreitas do pomar. Uma tarde, seu avô voltou para casa com uma bela potranca cujos proprietários anteriores ainda não tinham conseguido colocar a sela. Beck conseguia se lembrar da cautela em seus olhos castanhos, a forma como ela recuava quando alguém chegava perto. Não se aproxime. Pelo menos, isso é o que a imaginação infantil de Beck interpretava a partir do olhar selvagem da potranca. Cerca de uma semana se passou com seu avô se aproximando do cavalo com a sela sem sucesso. Então, uma das éguas entrou em trabalho em trabalho de parto – um difícil. E para surpresa de todos, inclusive do veterinário, a potranca geralmente distante tinha ficado do lado de fora da tenda da égua toda a noite, se recusando a sair.

Sim. Beck tinha uma boa noção de que Kenna não aceitaria com felicidade ser comparada a uma potranca, não importa o quão linda ela tenha sido. Seja como for, ele tinha visto os dois lados de Kenna nos últimos dois dias, ela quisesse ou não mostrar a ela. Kenna selvagem e cautelosa e Kenna altruísta e carinhosa. A garota com quem ele esteve na casa do seu pai e a menina que estava indignada porque ele não teve uma festa de boas-vindas. A mulher que passou os dedos pelo seu ferimento como se estivesse desejando que ele se curasse.

Beck correu o polegar sobre a imagem de Kenna segurando o saco de lixo, se perguntando por que ela tinha escolhido exibir essa memória em particular, em vez de um momento feliz. Será que teve um momento feliz? Ele esperava que sim. Beck não gostaria de saber que ela tinha sido infeliz.

Com um último olhar para a foto, ele deixou o quarto de Kenna, já sabendo que não iria encontrá-la no apartamento. Ele tentou, sem sucesso, não olhar para a poltrona onde ela tinha explodido sua mente horas antes. A maneira como ele falou com Kenna não a horrorizou. Pelo contrário. Quais outros gostos ele poderia revelar sem assustar ela? Resolvendo pensar sobre isso mais tarde, ele rapidamente se vestiu na sala de estar. Ele bateu no bolso de trás para se certificar de que sua carteira estava com ele, franzindo a testa quando não a encontrou. No chão. Beck se abaixou para pegá-la, fazendo uma careta quando viu que estava aberta. Uma fotografia que foi tirada no seu baile de formatura do colégio olhou para ele. Nela, ele tinha seus braços em volta de Mary. Kenna tinha visto isso? Se ela já estava assustada por eles passarem a noite juntos, essa foto com certeza não ajudaria na sua causa.

As poucas palavras que ela falou no jantar na noite anterior eram a única coisa o impedindo de se alarmar. Espaço de trabalho. Ele lembrou que ela mencionou que tinha um espaço de trabalho lá embaixo na garagem. Em seu caminhão enquanto descia as escadas, ele viu uma labareda de faíscas através de uma das janelas da garagem. Ouviu um som que lembrava uma chuva forte contra metal.

Ela não se virou quando ele entrou pela porta aberta. O que foi uma coisa boa, porque a visão dela em shorts jeans desgastados, a parte inferior das costas expostas, empunhando um maçarico era simplesmente a coisa mais sexy que ele já tinha testemunhado em seus vinte e seis anos. Se a sua postura de ombros rígidos e energia ansiosa não estivesse lhe dizendo algo e claro que ela não seria receptiva ao seu toque, ele já estaria abrindo o botão daqueles shorts pequenos, implorando no seu ouvido para que ela deixasse ele lhe dar um orgasmo. Seu novo passatempo favorito.

Beck manteve um bom espaço de distância enquanto circulava a sua mesa de trabalho, evitando as faíscas azuis que desapareciam à medida que batiam no chão de concreto. Ela usava uma máscara, por isso demorou um pouco para se dar conta que ele estava ali. Quando isso aconteceu, as faíscas cessaram imediatamente e ela empurrou a máscara para cima.

— Bom dia, — disse ela, com uma elevação impaciente do queixo.

Evitando seus olhos, hein? Okay. Isso até poderia ser esperado, mas ainda assim seu pau saltar contra o seu estômago. — Bom dia, Kenna. — Ele começou a perguntar como ela havia dormido, mas uma escultura de metal à sua esquerda, brilhando em um feixe de luz do sol que entrava pela janela, chamou sua atenção. Ela era tão alta quando ele e se assemelhava a uma árvore. O tronco tinha sido formado a partir do que pareciam para-choques de carros com as bordas arredondadas, entrelaçados em ziguezague de um lado para o outro. Peça de metal de várias formas estavam anexados em intervalos, o fazendo pensar nas olhas de uma palmeira. Eles haviam sido pintados em cores vibrantes diferentes, e cacos de vidro quebrado decoravam as extremidades. Cada componente da escultura era impressionante por si só, mas todos juntos faziam um efeito extraordinário. — Esta é uma das suas?

Um arrastar de botas atrás dele. — Sim. É minha.

Ele se aproximou, vendo nuances e detalhes sutis no caminho. — De onde você tira tudo isso?

— Aqui da garagem, a maior parte. Sucata de metal ou peças de carro descartadas. — Ele se virou para encontrá-la olhando para ele, mas ela rapidamente desviou o olhar e começou a arrumar suas ferramentas de trabalho. — É parte da razão pela qual eu escolhi este lugar. Fácil acesso aos materiais.

— Você já explicou isso ao seu pai?

— Não, — a surpresa dela com a pergunta era cara. — Ele não perguntou.

Beck se aproximou do balcão, da mesma forma que seu avô se aproximava da potranca todos aqueles anos atrás. Ela parecia estar se preparando para correr se ele tentasse chegar perto dela. E maldição se ele não queria tanto tocá-la que as palmas das suas mãos coçavam. *Faça-a continuar falando enquanto você descobre como conseguir esse privilégio de novo.* — Por que você gosta de fazer isso?

O olhar dela estalou de volta para seu. — O que você quer dizer?

— Eu quero saber por que você gosta disso.

— Eu nunca disse que gosto.

— Kenna, ninguém faz nada tão bonito a menos que ame cada minuto do processo.

Uma mão voou para a sua máscara, como se ela estivesse considerando puxá-la para baixo para cobrir seu rosto de novo, mas a deixou cair para o lado depois de um segundo. — Obrigada. Eu amo fazer isso, — ela murmurou. — Eu acho que as peças não devem ser jogadas no lixo só porque têm um defeito. Ou porque elas não são perfeitas como as novas peças brilhantes. Elas ainda têm alguma utilidade, se você tirar um tempo para olhar.

Eu estou olhando. As palavras arranharam a sua garganta, tentando escapar, mas ele as segurou. Elas desceram queimando. Estar tão perto dela sem falar o que vinha à sua mente ficava mais difícil a cada minuto. Esse não era ele. Ele podia ter uma vontade de ferro em relação a maioria das coisas, mas, aparentemente, isso não se estendia a ela. Havia também uma sensação de urgência ganhando força também. Ele ia embora em dois dias. Algo precisava acontecer aqui, e enquanto ele ainda não sabia o que era, um vento empurrando suas costas lhe dizia que para frente era a única direção possível.

— Eu estou olhando para você de novo, Kenna Sutton. Não tente fingir que é diferente.

Sua boca abriu. — Bastante confiante para um novato, não é?

Beck apertou os dentes, se ordenando a ser paciente. — Com todo respeito, querida, pode ter sido apenas uma vez para mim, mas se eu contei corretamente, foram três vezes para você.

Um sorriso começou a transformar sua boca, mas ela o segurou. — Olha, Major...

— Eu já dormi nos seus lençóis e vi meu soar pingando na sua pele linda. Eu já passei a boca entre as suas pernas, — tentando segurar sua irritação, ele com muito cuidado colocou as palmas das mãos sobre a mesa que os separava. — Você vai me chamar de Beck.

— Beck, então, — disse Kenna, a voz rouca. Ela pegou o maçarico, como se tivesse em mente usá-lo nele. — É natural você se apegar à pessoa com quem teve a sua primeira vez. Eu com certeza não, mas eu já ouvi isso. — Ela tinha um sorriso apertado. — Mas vai passar, eu juro.

Paciência, não me abandone agora. Cada instinto nele gritava para arrastar ela sobre a mesa e lembrar de quão profunda era a atração entre eles, mas ele sabia que seria um erro. Isso só daria a ela uma razão para manter ele longe. — Quanto tempo até passar, você acha?

Kenna deu de ombros. — Provavelmente você vai para casa e conhecer outra loira peituda. *Provavelmente* — ela baixou o maçarico como se ele estivesse pegando fogo. — *Deus.* Eu não sei por que disse isso.

Okay. Era seguro dizer que ela tinha visto a foto na sua carteira. — Kenna, eu não guardo essa foto porque eu ainda tenho sentimentos por Mary, — ele suspirou quando ela pegou um lápis e começou a esboçar em um bloco de notas de grandes dimensões. *Risca. Risca.* — É só algo para memória, algo simples. Eu precisava disso tanto quanto precisava sair de lá. Não me pareceu certo jogar fora, mesmo depois do que ela fez.

— Nós tivemos uma noite juntos, Beck. Nada demais. Eu não sei por que você está se explicando para mim. — Ela empurrou o lápis atrás da orelha e se mexeu. — Você não me vê entrando em detalhes sobre todos os meus namorados do passado.

Ele viu isso chegando. Viu que ela tinha localizado a arma em seu arsenal e estava preparada para usá-la. — Não...

— Você não é o primeiro soldado que eu trouxe da base para cá, Beck. Longe disse, — ela não olhava para ele. Coisa boa, porque em duas frases ela conseguiu invocar todo o ciúme e a resignação que ele não estava *nem perto* de estar pronto para sentir. Não porque ela ter tido outros parceiros antes dele fazia com que ele a *quisesse* menos. Não, ele só esperava que ela não tentasse afastá-lo com esse conhecimento. E como qualquer homem que se sentia atraído por uma mulher, pensar nela com outros companheiros não caía bem. Nem um pouco.

— Então você está me dizendo que eu sou só mais uma na sua lista, — sua mandíbula se contraiu com tanta vontade que ele mal conseguia falar. — Eu só quero ser claro.

Sua hesitação foi breve. Muito breve. Mas pelo menos ela disse a ele que viveria para lutar outro dia. — Isso resume bem, *Beck*.

Não confiando em si mesmo para falar, ele acenou com a cabeça uma vez. Levou toda sua força de vontade não olhar para trás enquanto caminhava porta afora. Para voltar para seu apartamento vazio na base.

Ele daria a ela até hoje à noite. Não mais.

Capítulo Sete

Kenna olhou para os clientes do Bombs Away moendo uns contra os outros, sua bebida ficando quente na sua mão. O bar essa noite estava lotado graças à banda country atualmente cantando “Sweet Home Alabama”. Pela terceira vez. A multidão era praticamente toda formada por soldados de Black Rock, a maioria homens, o que fazia de Kenna e Darla verdadeiras celebridades. Nenhuma das duas estava se sentindo muito falante, no entanto, e suas expressões deviam espelhar isso, porque depois que duas rodadas de bebidas foram enviadas a elas, e recusadas, elas tinham sido deixadas sozinhas. Sozinha. Do jeito que Kenna gostava.

Ela tomou um gole do seu uísque morno, esperando que isso fosse extinguir a culpa e a ansiedade queimando em seu estômago. Mas isso só acendeu o seu fogo. Deus, ela se sentia como escória.

— Por que estamos aqui? — Darla resmungou ao seu lado. — Eles nem sequer têm Wi-Fi.

— Eles têm bebidas baratas.

— Ah, certo.

Kenna mexeu o cabinho mergulhado em sua bebida vermelha com o dedo do meio, o movimento inquieto. Ela não queria estar no Bombs Away hoje à noite mais do que Darla, mas evitar algo desagradável sempre tinha sido uma reação instintiva, então por que mudar agora? Esse ela ficasse em seu apartamento, Beck poderia aparecer. E embora ela tivesse feito a merda do seu melhor para cortar a conexão entre eles, se ele aparecesse, ela ia arrastar o homem para dentro e montar ele como uma bicicleta de *mountain bike*. O melhor sexo da sua vida tinha que ser com um cara que gostava de passar a noite, não é? Ele tinha que segurar ela com tanta força que Kenna acordou com o coração alojado na garganta. No mínimo, ele poderia ter sido desconsiderado ou ambivalente com relação ao seu trabalho com metal, certo? Não. Não, ele não podia. Major Beck filho da puta Collier.

Darla arrancou o cabinho da sua mão. — Pare com isso. Essa é a minha coisa.

— Ái. — Ela fez uma careta para a amiga. — Qual é a *minha* coisa, então?

— Se fechar. Você está nesse caminho agora, por sinal. — Darla deu um suspiro e voltou sua atenção para a multidão. — Sabe, este é um festival de salsinha grande o suficiente para que até *eu* consiga transar. A sua expressão de gárgula está frustrando qualquer chance que eu tenho de interação com o sexo masculino.

Kenna esfregou a testa. — Eu sinto muito. Eu arrastei você para cá essa noite e estou sendo uma idiota.

— Sim, você está, mas eu sei como isso pode ser reparado.

Ela arqueou uma sobrancelha. *Vá em frente.*

Darla mergulhou um dedo em seu suco de amora e colocou na boca. — Me conte o que aconteceu com o virgem.

— O quê? — ela endireitou a coluna para ficar reta. — Não o chame assim. O quê?

Darla bufou. — Sua reação não está contando tudo, — ela se mexeu em seu banco de couro rachado para enfrentar Kenna. — Vamos. Desabafe. Vai ser como, eu não sei, perder a sua virgindade ou algo assim.

— *Você é uma pentelha.*

— Você está certa. — Darla colocou as mãos sob o queixo e a encarou. — *Espe-rando.*

Kenna largou seu copo com um baque alto. — Ele passou a noite.

Sua amiga demorou um momento para responder. — Uh, a noite *toda?*

Ela assentiu com a cabeça.

— Tipo, dormir até o amanhecer, preparar o café, pegar sua escova de dente emprestado...

— Sim, não houve café, nem escovas de dente sendo emprestas, mas já era de *manhã* quando ele saiu.

Darla ficou em silêncio por um momento. — Você o mandou embora.

— Isso é um eufemismo. — Seu estômago se revoltou com a lembrança do rosto de Beck após o que ela disse. As mentiras que ela contou para fazer ele ir embora. Por que, afinal, qual era a outra opção? Ele iria ficar e fazer o quê? Comer panquecas? Não. Isso não era ela. Ok, ela podia ter desenvolvido alguns sentimentos obscuros pelo major, mas eles não podiam ser mais opostos. Ele era um cara para relacionamentos. Ela preferia ouvir “Sweet Home Alabama” uma quarta vez. Mandar Beck embora foi fazer a ele um favor. Quinta de manhã ele poderia pegar seu avião para a Georgia com a consciência limpa e alguma experiência sexual proveitosa. Se ela lhe desse mais incentivo, ele poderia fazer algo estúpido. Como ficar em Black Rock. Por ela. O que tornaria as coisas muito mais difíceis quando ele finalmente fosse embora. Porque seria apenas uma questão de tempo.

Ninguém ficava para sempre.

— Podemos parar de falar nisso agora?

Darla baixou seu copo. — Eu não falei nada em dez minutos.

— Huh. — Kenna pegou seu copo, mas congelou a mão no ar quando Beck entrou. De repente, suas coxas ficaram quentes e seus seios pesados. O oxigênio saiu dos seus pulmões como o ar saindo de um pneu. Usando jeans desbotados e uma camiseta azul-marinho justa, ele era o equivalente masculino de um sundae com calda tripla e uma cereja no topo. Todos os homens no bar eram pelo menos um palmo mais baixo que ele, exceto o homem de cabelos escuros ao seu lado, que também era bastante alto, mas ainda assim não tanto quanto Beck. *Merda.* Ela estava olhando para ele como uma legítima adolescente apaixonada. Ele, no entanto, ainda não a tinha visto, graças a Cristo. Ela fugiu para as sombras e abaixou a cabeça. — Ele está aqui. Ele está aqui. Existe uma saída por trás?

— Agora essa é uma pergunta que uma virgem faria, — Darla murmurou. — Ele deve ter contaminado você.

— Pode parar com a piada. Estamos em um modo de crise total aqui.

Darla calmamente tomou um gole de sua bebida. — Aponte para mim quem ele é, antes de sumir na noite. Eu mereço, depois de aguentar toda a sua besteira. Eu quero ver quem é o primeiro homem que conseguiu passar pela porta do seu apartamento.

Kenna enterrou a cabeça em suas mãos e gemeu. — Camiseta azul no bar. Você vai saber quem é, ele é enorme.

Seu olhar esquadrinhou a multidão e parou, e ela ficou de boca aberta. — Como *isso* permaneceu virgem?

— É uma longa história envolvendo a filha de um pastor e abstinência auto imposta, — o ciúme de Mary a acertou duas vezes e borbulhou na região da sua cintura, a fazendo apertar os dentes. — Podemos ir?

— Você não vai me apresentar?

— Darla.

— Ok, tudo bem, — Darla deslizou do banco e se levantou. — Você fica aqui no escuro e eu vou explorar as saídas alternativas.

Ela deu a sua amiga um olhar agradecido antes de se encolher no canto para esperar.

* * * * *

Esse dia estava se tornando rapidamente o pior da vida de Beck. E quando você viveu através de tempestades de areia e teve pequenos pedaços de estilhaços removidos no campo, isso definitivamente queria dizer alguma coisa. No banco ao lado dele estava sentado seu melhor amigo, Cullen Flanagan. Eles tinham passado pelo treinamento juntos, lado a lado. Antes de ser mandado para fora do país, ele pediu a Cullen para cuidar da sua irmã, Huntley, enquanto ele estivesse impossibilitado de fazer isso. Cullen concordou, sem hesitar. A tarefa de Beck era cuidar de Xander Gibbons, um dos recrutas orientados por Cullen. Beck tinha falhado.

Depois que Cullen recrutou Xander diretamente no Estado do Arizona, o homem mais jovem surpreendeu a todos quando resolveu seguir os passos impressionantes e escolheu se especializar em EOD¹³. Cullen tinha até mesmo apresentado um pedido de Xander treinar com ele em Black rock depois de completar a formação básica. Os dois realmente tinham sido como irmãos, saindo juntos por horas, também. Infelizmente, o fato de que foi Cullen quem ensinou Xander como desarmar uma bomba corretamente, era exatamente o que deixava essa conversa tão difícil.

¹³ EOD é essa área de explosivos, bombas e detonadores.

Durante seis meses, Xander viveu na sombra de Cullen, aprendendo tudo o que podia, mas não tinha sido suficiente. Por mais difícil que isso fosse para seu amigo, Beck sabia que estava prestes a tornar mais difícil.

— Você voltou faz dois dias? — Cullen inclinou a garrafa de Heineken para trás, sua expressão ranzinza, de quem não estava recebendo exatamente bem essa notícia. Ele não era chamado de Sullen Cullen¹⁴ por nada. Terminando sua cerveja, ele sinalizou para pedir outra. — Você nem sequer parou na base para dar um oi? O que você esteve fazendo?

Evitando essa conversa dolorosa. Se perdendo em uma bela garota fascinante que não conseguia ter o suficiente dele em um minuto, e no outro se tornou mais espinhenta que um cacto.

Esperto como de costume, Cullen inclinou a cabeça e estreitou os olhos. — Você conheceu alguém, cara?

Ele já ia dizer que não, uma vez que não tinha respostas concretas quando se tratava de Kenna, apenas uma areia movediça sob seus pés, mas ele não podia negar sua curiosidade. Cullen devia conhecer ela, afinal ela era filha de Sutton. E então ele poderia ser capaz de lhe dizer algo útil. Inferno, talvez outra parte dele só quisesse atrasar o mundo de dor em que ele estava prestes a colocar Cullen. — Sim. Eu conheci alguém, — ele girou o porta-copos que estava em suas mãos. — Kenna Sutton.

Cullen engasgou com a cerveja. — Como que é?

— Eu estou supondo que você a conhece, — disse Beck, tentando manter a voz calma. Cullen era famoso pela sua reputação com as mulheres. Se ele tivesse passado um tempo com Kenna, Beck não sabia como iria reagir. Definitivamente não seria bem. — Se vocês já saíram, é melhor você me dizer agora e ser sincero, mas eu vou ver ela de novo, independentemente disso, então cuidado com o que diz.

— Se eu já *saí* com ela? — Cullen riu baixinho. — Você está brincando?

Seu pescoço esquentou e a mão de Beck se curvou em um punho fechado enquanto ele esperava a confirmação de que Cullen e Kenna tinham se envolvido. *Respire*. — Eu pareço estar brincando?

¹⁴ É um apelido. Sullen significa alguém sombrio, mal humorado, azedo. Eles chamam de Sullen Cullen para rimar com o nome dele.

Cullen deu um raro sorriso. — Relaxa, cara. As pessoas aqui a chamam de Kenna-Sem-Homem¹⁵. Ela é mais fechada que um convento à meia-noite. — Quando Beck estreitou o olhar, Cullen apontou para as bebidas. — Não que eu tenha feito qualquer tentativa de escalar as paredes do convento. Mas ela é tentadora.

O corpo de Beck relaxou um pouco, seu temperamento abrandando como se ele tivesse sido mergulhado em água gelada. Ela mentiu para ele? Em uma tentativa de afastá-lo, sem dúvida. Pena que não tinha funcionado. Seu passado não fazia nenhuma diferença para ele, uma vez que ele era o seu presente. Somado o que ele sabia agora – que o comportamento de Kenna com tinha sido fora do comum – e aquele sentimento no fundo dos seus ossos tinha se provado correto. Essa atração que ele sentiu quando eles estavam juntos não foi imaginação. Ela sentiu isso também, caramba.

A ferida na lateral de Beck exigiu que ele trocasse de posição. Cullen o olhou com curiosidade, enquanto as doses eram servidas diante deles, mas não fez nenhum comentário. Beck deixou o seu copo intocado, mas não se opôs quando Cullen pediu outra rodada. Era isso. Um pouco de um fortalecedor não faria mal, e o álcool podia ajudar a entorpecer Cullen do que golpe que Beck estava prestes a lhe dar.

Não havia mais como adiar. Ele teve a viagem de volta para casa para digerir o desenrolar das coisas, mas para Cullen seria um baque. Seria como se Xander tivesse acabado de morrer.

— Beck!

A voz quente de sua irmã o tirou dos seus pensamentos. Até ouvir ela falar, ele não tinha percebido o quanto tinha sentindo falta de Huntley. Ele esteve longe por tanto tempo, se concentrando no trabalho, permanecendo vivo... impedindo que outras pessoas vivessem. Depois de um tempo, a ausência da sua família havia se tornado uma dor com a qual ele aprendeu a conviver. Um ferimento antigo. Ter sua irmã sorrindo tão perto o fez se sentir novo. — Huntley, — ele se levantou e a puxou para um abraço de urso. — Você está exatamente igual.

— Você parece um pouco mais malvado. — Ela deu um passo para trás, limpando as lágrimas dos olhos. — Quando você me ajudou a conseguir um emprego aqui, eu tive a ideia maluca de que você estaria por perto. Eu fiquei tão irritada com você por ter partido que eu poderia ter quebrado alguma coisa.

¹⁵ No original, *No Men-na Kenna*, porque dessa forma rima.

— Essa seria uma mudança interessante, — disse Cullen atrás dele. — Seu irmão me pediu para ficar de olho em você, mas há um limite de checagens na biblioteca ou no café antes que se morra de tédio.

Ela apertou os lábios, mas humor dançou em seus olhos. — Quem sabe você pega um livro, da próxima vez. É capaz de aprender algo útil.

Cullen piscou para ela. — A curiosidade matou o gato, querida.

Beck queria ficar quieto, observar esta nova dinâmica entre seu melhor amigo e sua irmã uma vez dolorosamente tímida. Quando chegou a Black Rock, Huntley não era capaz de olhar para Cullen sem ficar vermelha, mas ela aparentemente tinha superado a timidez no tempo em que Beck esteve fora. Se ele pudesse ficar lá sentado à noite toda e deixado a notícia cair somente sobre os seus ombros, ele faria isso, sem dúvidas, mas quanto mais ele esperava, mais difícil era encontrar as palavras.

— Huntley, — Beck começou, mas logo teve que parar e limpar a garganta seca. — Eu não esperava que você estivesse aqui essa noite. Tem uma coisa que eu preciso falar com Cullen. Vamos no ver amanhã.

— Você não pode dizer na minha frente? — perguntou sua irmã, um lampejo de dor em seus olhos azuis. Com razão, considerando que eles eram gêmeos e certa vez haviam compartilhado tudo sobre as suas vidas.

Cullen permanecia imóvel, exceto pelos nós dos seus dedos tamborilando no bar.

Uma das desvantagens de passar por treinamento básico com alguém é que significava que não haveria surpresas. O tom de Beck foi o suficiente para alertar o outro homem. — Eu tenho a impressão de que isso não é apenas um encontro de amigos.

Cullen puxou uma respiração e fez sinal para mais uma rodada de drinques. Eles foram servidos rapidamente e ele bebeu a dose em um único gole. Beck não tocou na sua, seu olhar preso em seu amigo. Cullen gesticulou para o copo de vidro de Beck. — Você vai beber isso?

— Eu estou bem assim, cara, — Beck respondeu, estremeando quando Cullen virou a dose que era dele também.

Huntley piscou para Cullen, desaprovação começando a colorir sua expressão. — Eu não sabia que estávamos ficando bêbados esta noite.

— Eu não sabia que você precisava ser consultada.

— É assim que você fala com a minha irmã? — respirando fundo para acalmar sua irritação, Beck se mexeu novamente para aliviar a pressão sobre a ferida. — Nós vamos ter essa conversa mais tarde.

Cullen continuou a olhar para frente, não havia nada de emoção em seu rosto. — É sobre Xander, não é? Você vai finalmente me dizer o que aconteceu lá? — um músculo tremeu em sua bochecha. Ele gesticulou para outra bebida e observou impassível enquanto ela era servida. — Quando você nos ligou para dizer que ele não voltaria para casa, eu sabia que você estava escondendo algo. Você é um mentiroso de merda, Beck. Fala de uma vez. Como ele morreu? O que diabos aconteceu lá?

Não haveria maneira de convencer seu amigo teimoso a se acalmar, mas caramba, ele não queria uma audiência. Huntley e Cullen podiam ser amigos agora, mas Beck duvidava que ele fosse querer que ela ouvisse isso. Isso era culpa de Beck. Ele deveria ter sido mais cuidadoso. Se ele tivesse cumprido sua promessa de proteger Xander, nada disso estaria acontecendo. — Se eu pudesse esconder isso de você para sempre, eu esconderia, porque não há nenhum sentido em ambos se sentirem culpados, Cullen. Mas isso vai sair no relatório do acidente essa semana, e eu quero que você saiba por mim.

Huntley e Cullen permaneceram completamente imóveis.

Beck soltou um suspiro cansado. — Nós estávamos extraíndo um grupo de prisioneiros de guerra. Eles tinham estado lá por uma semana, mas não conseguíamos chegar perto o suficiente ou obter uma contagem precisa dos insurgentes servindo de guardas, — ele engoliu em seco. — Um dos prisioneiros de guerra era um jornalista importante, então havia pressão para agirmos com mais rapidez do que eu me sentia confortável. Nós fomos à noite... e eles se moveram através de um túnel subterrâneo. Nós os perdemos por poucos minutos, e quando entramos no túnel, havia um dispositivo explosivo esperando por nós. — Cullen ficou tenso ao lado dele, mas manteve o olhar para frente. Beck fechou os olhos, cenas do túnel o acertando de todos os lados. — Xander era o especialista mais experiente entre nós, mas ele...

— Termine o que você tem a dizer, — Cullen exigiu, sua voz calma.

— Ele entendeu tudo errado — *madeira se fragmentando, estilhaços voando para todos os lados. Ele incapaz de chegar até seu amigo.* — A bomba explodiu e metade do túnel cedeu. A maioria de nós estava em uma parte que permaneceu de pé, — Huntley pressionou o rosto no ombro de Beck, que passou um braço ao redor dela. — Isso não é sobre *você*. — *É sobre mim.* — Nenhuma quantidade de ensino teria...

Beck nem sequer pestanejou quando o punho de Cullen disparou, enviando copos quebrados através do bar, porque ele sabia que isso estava chegando. Ele também não se surpreendeu quando Cullen arrastou seu banco para trás fazendo barulho e saiu do bar.

Beck se levantou para ir atrás de Cullen, mas Huntley, com os olhos cheios de lágrimas não derramadas, colocou a mão em seu braço. — Eu vou, — ela esfregou o nariz. — Eu sou enfermeira. Eu trabalho com soldados angustiados todos os dias. Ele acha que é responsável agora, e isso é pior do que a dor. — Ela olhou na direção em que Cullen tinha ido, então de volta para Beck. — Ele vai demorar algum tempo para passar por isso, — seus olhos azuis o estudaram. Ela estendeu a mão e tocou o lado da sua camiseta, como se avaliando a sua lesão. — Estou feliz que você está de volta e está tudo acabado, mas você poderia ter morrido ali também, Beck. Você é uma parte de mim. Eu não poderia ter lidado com isso. Por favor, não esconda nada assim de mim outra vez.

— Eu não vou.

Ele só teve um segundo para se maravilhar sobre como sua irmã tinha se tornado forte durante a sua ausência antes que ela se virasse e fosse atrás de Cullen. Quando a porta do bar se fechou atrás dela, Beck sentiu sua cabeça reverberar, como um tiro saindo, dizendo que ele não deveria ter voltado para casa. Mais do que tudo, ele desejava ter feito julgamentos diferentes, que teriam trazido seu amigo para casa em plena forma. Se fosse possível, ele teria trocado de lugar com Xander. *Muito pesado.* O peso daquela noite, as coisas que ele tinha ouvido e visto, eram como uma bigorna de 100 quilos amarrada em seu pescoço.

Sem pensar nisso conscientemente, Beck se levantou, seu destino já uma conclusão precipitada em sua mente. Kenna. Seu nome era sinônimo de conforto, uma maneira de se perder, de ser levado para um lugar onde ele não tinha que pensar ou sofrer. Ele jogou algumas notas no bar e se preparou para sair, mas uma pontada na parte de trás do

seu pescoço o fez parar de repente. Seus olhos estavam lhe pregando uma peça? Não. Lá estava ela, na metade final do bar. Outra garota estava puxando seu braço, pedindo que ela fosse na direção oposta, mas Kenna não estava se mexendo. Ela o observava, uma expressão estranha no rosto.

Beck não pensou duas vezes. Ele foi até ela.

Capítulo Oito

Oh, mama. Kenna tinha cento e quinze quilos de puro músculo vindo na sua direção, e ele estava atado a uma intensidade tão espessa que prendia suas pernas e ela não conseguia se mover. Por que ela não tinha seguido Darla para fora? Ela começou a ir, mas a tristeza irradiando de Beck a tinha afetado do bar. Ao mesmo tempo, a explicação enigmática que ele tinha dado em sua primeira tarde juntos, voltou como se ela estivesse a ouvindo pela primeira vez. *Isso com o que eu voltei, o que eu não consegui fazer... vai ser um fardo para todos em breve.*

Um fardo. Isso é exatamente o que ele parecia se sentir quando, primeiro seu amigo, e depois a mulher, tão obviamente íntima a ele, tinham partido, o deixando lá. Ela não sabia qual bomba tinha caído, mas uma coisa era certeza total. Beck não era um homem que causava dor aos outros, se ele podia evitar. Ela não podia ser a terceira pessoa a se afastar dele naquela noite. Não parecia justo. Justo. Claro. Essa era a única razão pela qual ela estava lá, sem dúvida igual a um animal selvagem da floresta que acabou de ouvir um galho estalar.

Quando Beck tinha quase a alcançado, ela conseguiu dar um passo insignificante para trás, mas já era tarde mais. Ele se abaixou e passou um braço musculoso por baixo do seu traseiro, a levantando com tão pouco esforço que um gemido escapou. O amigo dele atirando copos pelo bar chamou zero atenção, mas a filha do tenente-general Sutton sendo apalpada em público prendeu os olhares de todos em um instante. A banda foi esquecida, todo mundo se virou para olhar para eles. Felizmente, a música ainda estava alta o suficiente para que apenas Kenna e Darla, boquiaberta ao lado dela, pudessem distinguir as palavras de Beck.

— Eu *preciso* de você, — ele rosnou contra sua boca.

Ela estava balançando a cabeça? Sim. Sim, ela estava. *Pare.* — Precisa de mim?

— Sim — ele se endireitou em toda sua altura e os pés dela deixaram o chão, o que fez seu estômago parar em algum lugar próximo às suas botas. — Eu estava irritado essa manhã. Irritado demais para dizer o que eu pensava. Mas eu vou dizer agora. Você está ouvindo?

Ela mexeu os pés balançando no ar. — Uhum.

— Bom, — ele colocou um beijo duro em seus lábios. Uma série de suspiros e risos entrou em erupção em torno deles. Beck, embora aparentemente alheio à cena que eles estavam criando, apertou a boca na sua orelha e baixou a voz. — Você pode ter sido a minha primeira mulher, Kenna, mas eu sou um homem crescido com um cérebro e um coração. E eu sei que não vai ser assim com qualquer uma. Eu *sei*, — o braço dele apertou ao redor dela, a esmagando ainda mais contra o seu corpo. — Agora, você vai sair daqui segurando a minha mão.

— Eu não ando de mãos dadas, — ela sussurrou, firmemente ignorando a batida frenética do seu coração.

— Você vai segurar a *minha* mão, — em contradição direta com a sua ordem duramente dada, ele beijou sua testa com uma ternura devastadora. — Você vai segurar a *minha* mão, querida.

Oh, mama, sim. A maneira como ele estava fazendo ela se sentir — como se tivesse caído em uma correnteza de água quente — era muito ruim.

— Bem, — Kenna ouviu o tilintar das chaves de Darla à sua esquerda. — Me desculpe, mas eu tenho que ir para casa chorar sobre um pote de sorvete enquanto lamento a minha falta de pretendentes jovens e sarados.

Kenna ficou de boca aberta quando sua amiga saiu e a abandonou, mas Beck recapturou sua atenção. — Então vamos sair daqui, de mãos dadas. E... e depois?

Beck a colocou no chão e pegou sua mão. — Nós vamos ir a algum lugar conversar.

— Conversar, — disse ela, aturdida, já desejando a sensação do seu corpo espetacular outra vez. — Certo.

Os clientes se separaram para deixá-los passarem enquanto Beck a levava para fora do bar. E maldição se a sua falta de interesse na multidão boquiaberta não a atraiu ainda mais. Desde a sua memória mais antiga ela sempre esteve presente na base, mas nunca ninguém achou que ela valia o problema de irritar o seu pai. Ou quis lidar com as suas estripulias adolescentes, pelas quais ela se tornou famosa. A assustava que ela ainda não tinha colocado esse homem para correr. Não deveria o bem-educado aspirante a fazendeiro de pêssegos da Georgia se preocupar em incorrer na ira de seu pai?

O ar fresco da noite bateu com perfeição contra a sua pele quente quando eles entraram no estacionamento escuro, mas seu alívio foi de curta duração. Beck andou a passos largos em direção a seu carro e, como ele tinha um aperto de urso na sua mão, ela não teve escolha senão tropeçar atrás dele. — Eu provei uísque quando te beijei. Você estava pensando em dirigir depois de beber?

— Não, — ela se defendeu. — Darla seria minha motorista, e ela não bebe.

— Essa noite, nem eu. Me passe as suas chaves.

Ela parou de repente. — Ninguém além de mim dirige esse carro.

Beck a girou ao redor, firmando seu traseiro contra a porta do lado do motorista. No segundo que corpo dele tocou o seu, ela ficou totalmente mole, o ar saiu dos seus pulmões. *Me agarre, me toque, me tome.* Em vez de fazer qualquer uma dessas coisas, Beck inclinou a cabeça, como se estivesse perplexo com a reação de Kenna. — Ou você está cuspidando fogo ou é um doce comigo, — ela sentiu os efeitos do meio sorriso que ele deu ir até seus dedos dos pés. — Eu estou começando a pensar que você está lutando a mesma batalha que eu.

Oh, inferno. Isso definitivamente não era a fivela do cinto pressionando contra o seu estômago. *Sem movimentos bruscos.* — E que batalha seria essa?

Ele apoiou as mãos no teto do carro, esticando sua camiseta por toda aquela montanha de músculos. Quando sua força de vontade em queda não lhe deu outra escolha que não memorizar essa visão, ele fez um som como *huh*. Perfeito. O ex-virgem se tornou muito autoconfiante. — A batalha para não te pegar e te fazer sentar no meu pau duro. *Essa batalha.*

Uma onda de calor intenso se propagou entre as suas pernas, atacando seus sentidos. — Ah, essa, — ela sussurrou.

Ele esfregou seu corpo contra o dela, lado a lado. — Sim.

— Eu, hum... — ela perdeu o poder sobre o seu pescoço e deixou cair a cabeça para trás. — Eu pensei que você quisesse conversar.

— Oh, nós vamos chegar lá, — Beck arrastou a boca aberta sobre sua orelha, respirando em seu cabelo. — Hoje não foi o meu melhor dia, Kenna. Coloque suas mãos em mim e me faça esquecer.

Seu apelo rouco fez com que uma corda dentro dela se partisse, e ia contra sua natureza negar conforto a ele. Ela não podia negar o pedido. Não depois da expressão de derrota que ela tinha visto em seu rosto dentro do bar. Os dedos dela se moveram por conta própria, traçando o cós da sua calça jeans, através dos gomos apertados e firmes do seu abdômen, que se contraíam sob seu toque. Faminta com a necessidade de agradá-lo, ela passou as mãos pelo seu tosto rígido, arrastando as unhas sobre os mamilos uma vez que chegou ao topo.

— *Deus*, — ele gemeu, as mãos calejadas agarrando a barra da sua saia. — Eu sei como fazer você gozar agora. Sei que você disse áspero. Então me deixa continuar, — ele colocou a coxa entre as pernas dela. Usando a barra da saia como vantagem, Beck a puxou para frente, a fazendo gemer. — Isso é o que vejo agora, quando você anda por aí nesses pequenos pedaços de nada que abraçam a sua bunda. Eu vejo algo que eu posso torcer com as mãos. Algo que eu posso levantar só alguns centímetros e ver a sua bucetinha apertada. Eu já sou viciado nela. Você fez isso comigo em *dois dias*, e eu não posso voltar a ver isso apenas como uma saia. Ou pensar em você como um caso de uma noite. Eu não posso voltar atrás e *não* te comer.

— Sim. Ok. *Sim*, — ela agarrou seus ombros largos e balançou os quadris, montando o comprimento duro da sua coxa. Suas inibições e qualquer coisa próxima a um pensamento racional escapou, e ela não podia se importar menos com isso, desde que ele continuasse lhe tocando. Continuasse falando. Sinos de alerta soaram em algum lugar distante, lhe dizendo que este era um ponto sem retorno, mas ela não deu atenção. Ela não podia. — Beck, vamos para algum lugar.

— Graças a Cristo, — ele baixou a testa em seu ombro. — Eu pensei que você já tivesse terminado comigo.

O equilíbrio de Kenna vacilou. *Aparentemente não terminou ainda*. Apreensão se entrelaçou ao desejo que ainda corria desenfreado. Esta necessidade inegável era nova e aterrorizante, mas ela não tinha a capacidade de dizer não. Ele a fazia se sentir muito... certa. Como se ela devesse estar aqui o tempo todo e não sabia.

— Chaves, — ele pediu, tirando mechas de cabelo do seu rosto. — Eu vou dirigir.

— Só desta vez, — disse ela, se perguntando se as suas palavras tinham duplo significado. Ela poderia se abrir, só desta vez? Ele ainda estava indo embora em questão de dias. Talvez isso fosse uma desculpa

para abandonar a cautela. Não importa o que acontecesse esta noite, o inevitável iria chegar e ele iria embora. Jesus, se ele estivesse partindo essa noite, ela não acharia que passar um tempo com ele seria tão simples. Por que não adicionar mais uma memória antes que ela fosse forçada a se recuperar?

* * * * *

Beck sentiu o sorriso de Kenna quando ele se agachou para caber dentro do carro, o volante cavando seu peito até que ele ajustou o banco e foi mais para trás. Tentando não ser obvio, ele soltou uma respiração reprimida, calma e lentamente. Ele fez a sua aposta sendo assim tão mandão. Verdade seja dita, ele meio que esperava que ela lhe desse um tapa no rosto. Mas tudo o que ele tinha dito era verdade, no entanto. Começando com o fato de que ele *precisava* dela. Essa noite. E *depois* dessa noite.

Ele se sentiu rasgado em carne viva depois de magoar Cullen, sabendo que seria um bom tempo antes que ele pudesse seguir em frente. Se existissem palavras que aliviassem o que Cullen estava sentindo, ele iria buscá-las. Mas ele sabia, por experiência, que Cullen já havia se fechado para o mundo, inclusive para ele. Huntley iria mudar seu foco. Amanhã, quando eles colocassem suas cabeças para pensar em conjunto, ele iria encontrar uma maneira de melhorar as coisas para o seu amigo.

Agora, porém? Agora, ele precisava de Kenna para suturar as feridas. Ter visto ela no bar escuro e empoeirado tinha sido o suficiente para trazê-lo de volta à terra firme, mas era preciso mais. Tudo dela. Era preciso conseguir o necessário para jogar seu jogo, o que significava fazer com que esse encontro inesperado durasse mais tempo do que levaria a eles fazer sexo. Tempo suficiente para conversar. Ah, Cristo. Se ele queria fazer isso direito, ele não podia sequer pensar na expressão *sexo com ela* assim tão próximo.

Começando agora.

Ao lado dele, ela cruzou as pernas, dando a Beck um vislumbre de sua suave coxa interior.

Ok... começando agora.

Kenna arqueou as costas no banco, suspirando quando ele ligou o carro. Seu pau se sentiu estrangulado dentro das calças. Se ele pedisse, será que ela o acariciaria enquanto ele dirigia?

Droga. Começando agora? Certo.

— Onde você vai me levar?

O jeito que ela ronronou a questão de duplo sentido¹⁶, significava que ela sabia tudo sobre a sua agonia – e gostava. — Para algum lugar público onde você não pode me seduzir.

— Ah, isso não é divertido.

Ele jogou o braço sobre o banco do passageiro, tirando o seu carro da vaga. — Nós vamos conversar, Kenna.

— Sim, eu entendi. — Ela esfregou a bochecha contra o bíceps dele. — Que tal isso? Eu vou te levar a um lugar privado, — ela levantou a mão quando ele tentou interromper. — Agora me ouça. Eu prometo não tocar em você até que a porção de conversa da noite esteja concluída ao seu gosto.

— Eu sei quando estou sendo tratado com condescendência, — ela sorriu e essa distração quase fez Beck bater em um carro estacionando, mas ele pisou no frio no último segundo. — Como eu vou dizer não a você com um sorriso desses destinado a mim?

Ironicamente, suas palavras fizeram o sorriso dela vacilar. — Vire à direita para sair do estacionamento.

Beck ignorou a pontada no seu peito e seguiu as instruções. Se ele deixasse que a resistência dela o incomodasse, eles teriam outra cena como a de hoje de manhã, o que só iria prejudicar a sua causa. Felizmente, quando eles chegaram ao posto de controle que conduzia à base e os soldados em patrulha reagiram com choque ao ver Kenna com ele, sua irritação desapareceu. De acordo com Cullen, ela não saía com ninguém da base, e ainda assim lá estava eles. *Uma vitória de cada vez.*

Eles tinham estado na base há apenas dois minutos quando ela apontou através do para-brisa. — Está vendo aquela construção de tijolos à frente? Vire lá.

¹⁶ É porque ela pergunta “Where are you going to take me?” Essa expressão, “take me”, pode ter duplo sentido; no primeiro, ele quer dizer o que traduzimos “Onde você vai me levar?”, mas no segundo, pode se referir a tomar, possuir (com conotação sexual). Em resumo, ela pode estar perguntando aonde ele irá levá-la ou onde eles vão transar.

— O centro de fisioterapia? — ele diminuiu a velocidade do carro.
— Não fica aberto à noite.

— Eu sei, — ela lhe deu um olhar malicioso. — Eu tenho as chaves.

É claro que ela tinha. — Como você conseguiu isso?

Sua voz ficou solene. — Depois do ataque cardíaco do meu pai, eu o trouxe aqui para sessões de fisioterapia. Ele pensava que isso o fazia parecer fraco, então eu o trazia quando estava fechado. Às vezes ele só nadava, o que não requeria um médico. — Ela encolheu os ombros. — Eles se esqueceram de pedir as chaves de volta.

A mente de Beck se ocupou catalogando o que ela tinha revelado, e não apenas sobre o seu relacionamento com o tenente-general, mas simplesmente pela maneira triste que ela falou sobre ele. Isso o manteve tão ocupado que um detalhe um pouco mais premente lhe ocorreu somente depois que ele já tinha parado o carro no estacionamento deserto. — E o que nós estamos fazendo aqui?

Kenna abriu a porta do lado do passageiro. — Não seja um estraga surpresas, Major.

Tomando uma respiração profunda pelo que ele estava prestes a enfrentar, Beck saiu do carro. — Eu odeio surpresas.

Ela parou de repente. — Eu também. Talvez a gente tenha algo em comum, afinal. — Antes que ele pudesse dirigir a sua implicação de que eles só tinham uma coisa em comum, ela continuou a andar na direção do prédio. — De qualquer forma, essa reviravolta é justa, uma vez que você me surpreendeu no dia em que nos conhecemos. — Com o tilintar de suas chaves, a porta do centro se abriu. — Estou apenas retribuindo o favor.

— Você foi surpreendida? — perguntou Beck, seguindo-a até o saguão escurecido. — Eu esperava que um recruta totalmente novado fosse me pegar. Em vez disso, você apareceu. — Ele não podia evitar esquadrinhar o seu corpo com um olhar aquecido, notando a forma como seus mamilos endureceram sob o seu escrutínio. *Pare de olhar fixamente ou você vai ceder.* — Em termos de surpresa, acho que eu ganhei.

— Você pode dizer que eu ganhei, — ela olhou para ele por debaixo dos cílios. — Considerando o jeito como as coisas terminaram e tudo mais.

A memória de Kenna de joelhos, levando seu pau até o fundo da garganta, queimou eu seu cérebro. Ele apertou os punhos para evitar agarrá-la. Deus, ela *sabia* que ele estava lutando. Seu passo confiante fazia sua bunda se mexer de uma forma que deixava a boca dele seca. Da direita para a esquerda, de cima para baixo, logo abaixo daquela saía totalmente levantável. *Putá merda*. Ele tinha se colocado no caminho de um desastre, não tinha? Seus passos ecoavam pelo piso de linóleo do corredor, interrompendo quando ela parou em frente a uma porta de vidro fosco. Beck não permitiu que seus corpos se tocassem, mas não conseguiu resistir a apoiar as mãos no batente da porta enquanto ela trabalhava na fechadura, se inclinar para frente e cheirar o cabelo dela.

Ele sorriu quando ela quase deixou cair as chaves. — Você tem uma coisa com o meu shampoo, True Blue?

— Eu tenho uma coisa por cada parte de você.

— Bem, então, — ela empurrou a porta, que abriu, e acendeu a luz. — Isso é um bom presságio para o plano de hoje à noite.

O olhar de Beck examinou a sala enorme, estreitando na banheira de hidromassagem no chão em um canto para a qual Kenna estava se encaminhando. Com a sensação de desgraça iminente, Beck chutou a porta fechada, trancou e seguiu ela, observando a piscina com raias à esquerda, ao lado da banheira. À direita havia uma área de azulejos, onde os médicos realizavam sessões de fisioterapia. Macas de couro de grandes dimensões, onde ele própria tinha sido esticado depois de uma lesão muscular durante o treinamento básico, estavam enfileiradas em um canto, embora toda a aparelhagem tivesse certamente sido modernizada desde que ele esteve lá.

Boa tentativa, pensando sobre os novos chuveiros e em mesas mais resistentes. Qualquer coisa para distraí-lo de Kenna tirando suas botas na beirada da banheira. Ou o olhar que ela estava lhe enviando por cima do ombro, que dizia *me ajude a tirar essas malditas roupas, grandalhão*.

— Acho que você pensa que isso é engraçado, — ele disse, a voz rouca. Não havia escolha a não ser fechar a curta distância entre eles, seu corpo magnetizado pelo dela. Kenna tirou sua camisa como resposta, mas não se virou, então tudo o que ele podia ver eram suas costas nuas. No entanto, ainda assim, ele iria para sua sepultura jurando que essas eram as costas mais sexy que jamais havia existido. Não neste planeta. — Você gosta de me testar, é isso?

— Sim. — Ela enfiou os dedos nos lados de sua saia e se virou, dando a ele uma visão alucinante do seu corpo parcialmente nu. — Eu adoro testar você. Eu adoro ainda mais quando você não resiste e cede.

A saia bateu no chão e Beck soltou um suspiro, cambaleando com a velocidade que seu corpo reagiu. Ele já tinha visto ela sem roupas, mas ela estava tão perto. De longe, ele poderia vê-la toda de uma vez. Palavras ainda não tinham sido inventadas para descrever suas curvas, os ângulos dos seus quadris e seios. Em uma palavra, ela era a devastação. E tinha acabado de declarar guerra.

— Entre, — ele resmungou, indo até o painel de controle na parede.

Observando-o com curiosidade, ela entrou na banheira e afundou na água quente. Quando Beck ligou as bolhas um segundo mais tarde, escondendo seu delicioso corpo de vista, ela balançou a cabeça. — Boa jogada.

Querida, você não viu nada ainda. Voltando ao estacionamento do bar, ela havia se revelado, e agora ele sabia que essa atração desenfreada não era unilateral. A garota tinha baixo a guarda e deu a ele uma arma. Ele podia ter ficado chocado ao perceber que a arma era ele, mas não hesitaria em usá-la. Superconsciente da sua atenção persistente, Beck pegou sua camiseta e a tirou pela cabeça, jogando na direção da pilha de roupas dela que fazia um monte no azulejo. Ele soltou seu cinto e o passou pelas alças do jeans antes de abrir o zíper. Seus olhos se encontraram, e ele observou que os dela tinham adquirido um tom mais escuro de verde, um complemento perfeito para o rosa sobre as suas bochechas.

O zumbindo da banheira de hidromassagem não conseguiu disfarçar o som agudo de puxando uma respiração quando as calças jeans de Beck bateram em seus pés, permitindo que seu pau saltasse contra a sua barriga.

— Ok, — Kenna caiu de costas contra a parede submersa. — Não é tão engraçado agora.

Capítulo Nove

Kenna sussurrou um adeus sincero quando a ereção impressionante de Beck desapareceu sob a superfície da água. Mesmo que Beck tivesse deixado claro que queria conversar, ela ainda não podia acreditar quando ele se sentou no banco submerso, que estava a uns bons dois metros de distância. Ela estava frustrada, sim. Não havia como negar que sua libido tinha decolado como um ônibus espacial assim que ele tirou a calça, mas porra, o que a excitava ia além do físico. Um homem que sabia usar a cabeça lá de baixo, enquanto ainda pensava com a que tinha sobre os ombros? Sim. Era uma edição limitada. Adicione a isso o jeito como ele a olhava, como se não pudesse esperar para ver o que ela diria a seguir? Ei. Ele tinha afundado o navio de combate de Kenna.

Ela sabia que ele era capaz disso, então por que ela o trouxe aqui? Por que ela concordou em passar um tempo com ele? Porque ele parecia tão perdido no Bombs Away. Como se o mundo tivesse sacudido sob seus pés e ele não conseguia encontrar o equilíbrio. Lembrando da expressão que a fez ficar enraizada no lugar, quando deveria ter fugido pelos fundos do lugar, Kenna se sentiu egoísta por tentar seduzi-lo. Obviamente, ele precisava de alguém para conversar, e ela não conseguia ver além de suas próprias inseguranças. *Sua otária.*

— O que aconteceu lá no Bombs Away? — ele levantou a cabeça, mas continuou em silêncio. Kenna abraçou seus cotovelos, completamente fora da sua zona de conforto estando cara a cara com ele dentro dessa banheira de hidromassagem. — Algo a ver com aquele homem e a sua irmã, talvez? Você parecia infeliz.

— Como você sabia que ela era minha irmã?

Kenna decidiu não revelar a físgada de ciúme que tinha experimentado antes de notar a semelhança entre eles. — Você disse que ela trabalhava na base, ela tem esse mesmo tom de loiro escuro nos cabelos... e vocês dois abaixam o queixo da mesma forma quando alguém está falando.

Quando ela imitou o movimento, os lábios dele tremeram. — Você tem me observado quase tão de perto quanto eu tenho observado você, Kenna, — suas sobrancelhas se juntaram. — Nós três viemos para

Black Rock ao mesmo tempo, mas havia um quarto membro em nosso grupo até dois meses atrás. Xander Gibbons. Ele não voltou para casa. — Ele olhou para a água ondulante. — Me disseram que não havia nada que eu poderia ter feito, mas eu *sei*. Eu poderia ter salvado um homem bom. Além de Huntley, ele era o melhor de nós.

— Eu sinto muito. — O vapor subiu em torno deles, obscurecendo-o parcialmente de vista. — Eu não vou tentar te convencer de que não foi sua culpa, mesmo que não seja. Você é do tipo que carrega o mundo nas costas, não importa a causa, mas eu sinto muito mesmo que você tenha perdido seu amigo.

Ela podia ver que ele queria acreditar nela, queria absorver suas palavras, mas ele não estava pronto. — É por isso que você saiu comigo essa noite? Você estava se sentindo mal por mim?

Por isso o incomodava? — Em parte, foi isso.

Beck desviou o olhar. — Na primeira vez que nos encontramos, você se sentiu mal por mim porque não havia ninguém para me receber quando voltei para casa. Depois do jantar na casa do seu pai... — seu riso era tenso. — Eu estava pronto para implorar por você naquela noite, Kenna. Nós dois sabíamos quanto eu estava doendo para estar dentro de você.

— Eu não entendo onde isso vai dar.

Ele se mexeu. Antes que ela pudesse piscar, Beck estava bem na frente dela, a água batendo contra seus ombros. O pulso de Kenna correu forte em suas veias quando calor explodiu entre eles. — Você está aqui comigo porque quer cuidar de mim? Ou porque você se sente melhor quando eu estou perto? — Ele baixou a cabeça, dando à boca dela o mais leve contato. — E porque você quer esse pau.

Kenna reprimiu um gemido. — Eu não sou uma cuidadora. Você tem a garota errada, se acha isso.

Ele balançou a cabeça, arrastando seus lábios nos dela. — Eu te chamo da forma que eu vejo. Você pode ter feito um trabalho muito bom em esconder isso, mas eu vejo através de você.

— Eu estou aqui porque eu me sinto melhor quando você está por perto, — ela deixou escapar em um sussurro furioso, com medo de que se ele continuasse seu pensamento, ela teria que reconhecer a verdade por trás de suas palavras.

Sua admissão apressada suscitou reações diferentes de cada um deles. Beck parecia aliviado enquanto Kenna tinha choque revestindo a sua expressão. Ela realmente tinha acabado de admitir isso em voz alta?

— Vamos ouvir o resto, Kenna.

O vapor da água quente umedeceu seus lábios e ela os lambeu, se dando tempo para acalmar o coração fora de controle. Não funcionou. Ela pressionou a testa em seu ombro. — Eu estou aqui porque quero o seu pau.

Beck rosnou, sua língua traçando um caminho sobre a orelha. — Você vai ter isso em breve.

Ela não teve tempo para se preparar antes que ele mergulhasse na água, aumentando o espaço entre eles mais uma vez. — Você só pode estar brincando comigo.

A miséria evidente no rosto de Beck a fez se sentir apenas um pouquinho melhor. — Por que eu tenho a impressão de você não é bem-vinda na casa do seu pai? — um músculo em sua mandíbula tencionou. — Eu não gosto disso.

A mudança de tema fez a sua cabeça girar. — Espere aí. O quê? — eles não estavam falando sobre o pau dele um segundo atrás? — Ê sobre isso que você queria falar?

Ele acenou a cabeça uma vez. — Dentre outras coisas.

Ela queria se esquivar dessa linha de questionamento, mas um olha para a piscina a lembrou de todas as vezes em que ela acordou no início da madrugada para levar seu pai à fisioterapia. Metade do tempo ela ficava desmaiada em uma das macas de couro, até que ele acabava de nadar e queria sair, mas isso a fazia se sentir útil. Como se ela tivesse feito a diferença na recuperação dele. — Eu sou bem-vinda lá. Eu só... — *Eu já cumpri com a minha função.* — Você não sabe como eu era antes. É uma maravilha que eles sejam educados comigo e tudo mais. — Quando Beck só a observou com paciência tranquila, ela cortou a água com a mão. — Você não vai me perguntar como eu era antes?

— Eu não me importo com antes. Eu me importo com agora.

Kenna olhou para ele. — Por que você ao menos se importa, Beck? Eu não deveria te dizer algo como que meus próprios pais seguram em frente e têm feito o seu melhor para esquecer a parte da

vida deles que me inclui? Eles me apagariam, se pudessem. Eu sou o mal necessário para eles.

— Não. — Seu tom áspero trouxe à mente o metal com o qual ela trabalhou. — Eu não acredito nisso.

— Você provavelmente acredita que há bem em todas as pessoas, — ela continuou como se ele não tivesse falado. — Esse é você. É difícil descartar as pessoas quando você é um grande herói de guerra.

— Eu não sou nenhum herói, Kenna.

Ela zombou. — Eu estive aqui há muito tempo. Eu posso reconhecer os homens bons, e você é um deles. É por isso que você não pode simplesmente me deixar ir.

Ele não parecia feliz. Nada mesmo. — Explique essa afirmação.

O medo gotejou lentamente em seu peito. Medo de que uma vez que ela esboçasse a realidade para ele, Beck veria a verdade nas suas palavras e fugiria. — Minha mãe prendeu meu pai em um casamento por ficar grávida. Ela trabalhou duro para ganhar o seu amor, mas isso nunca aconteceu. Nunca. Ele não tem isso nele, de amar alguém. Seu relacionamento com Tina é tudo sobre conveniência. — Ela respirou fundo. — Eu represento a falha dos dois. Minha mãe pensou que eu poderia consertar o que havia quebrado em meu pai, mas eu não podia. Meu pai me vê como o produto do seu primeiro e único erro. Agora, ele só abre espaço para mim em sua vida quando é conveniente. — Sua risada não tinha qualquer traço de humor. — E, ainda assim, aqui estou eu. Vivendo a uma pequena distância de ambos, me perguntando qual vai ser a próxima vez que eu vou vê-los, como uma masoquista. A verdade é que eles encontraram algo melhor.

— Você não é uma masoquista. Você quer que eles te amem da mesma forma que você os ama. — Kenna não sabia que ele tinha se aproximado tanto até que ele segurou o seu rosto. — Você ainda não explicou por que eu não posso te deixar ir.

O bom senso a ordenou se afastar. Essa proximidade era muito pessoal e ele já tinha visto muito, mas ela não podia se mover com a intensidade do seu olhar. Ele a cercou como uma banheira quente de hidromassagem. — Há algumas razões.

Ele acariciou seu lábio inferior com o polegar, parecendo fascinado pela curva que ele fazia. — Vamos ouvi-las, para que eu possa derrubar uma por uma.

— Você ficou muito mais confiante desde que nos conhecemos.

Sob a água, seus corpos se encostaram. — Eu consegui com que a garota bonita voltasse por mais. Isso mexe com um homem.

Putá merda, ela estava se transformando em uma viciada pelo seu toque. A carne na junção das suas coxas contraiu, em busca de realização. Dele. Apenas dele. Ainda assim... — Nós somos dois tipos diferentes de pessoas, Beck. Você toca a campainha para conhecer o pai da sua namorada. Eu escalo uma janela e peço carona para Flórida enquanto todos estão dormindo.

Seus lábios esculpidos se levantaram nas extremidades. — Você vale a pena ter que conhecer seu pai. Você vale a pena o tempo que leva ler seu ato de rebeldia, Kenna. Eu sempre vou ser o cara que quer te mostrar isso. — Ele colocou a mão sob a água borbulhante e acariciou sua barriga com os nós dos dedos. — Isso não significa que não vou escolher mostrar de uma maneira diferente, uma vez que estamos sozinhos. E querida, você não iria para a Flórida antes que isso acontecesse. Nem mesmo metade de uma milha.

Uma imagem dela com Beck no banco traseiro de um carro a deixou sem fôlego. — Nem todo mundo precisa um herói, Beck. Nem todo mundo quer ser consertada.

— Boa. Porque você não está quebrada, — ele deu a ela um olhar duro. — Eu sinto muito que as pessoas que te amam a fizeram se sentir assim. São elas que precisam de conserto.

O precipício sob seus pés quase tinha se aberto totalmente quando ela jogou sua carta na manga. — Você está indo embora. Voltando para a Georgia.

— Deixe que eu me preocupe com isso agora, — seu olhar não vacilou. — Não pense sobre isso hoje à noite.

Não era algo tão impossível quando ele parecia ter a intenção de consumir seus pensamentos. — No que você quer que eu pense, em vez disso?

Beck deslizou os dedos para baixo pela sua barriga, sobre seu monte, para esfregá-los entre suas pernas. — Eu posso te dizer o que eu estou pensando. — Sua respiração batia na testa úmida dela. — Você me disse que nada do que fazemos é errado. Será que isso se estende à minha boca, querida?

— Sim, — ela sussurrou.

— Graças a Deus. — Ele apertou o punho fechado contra o seu núcleo e ela engasgou. — Kenna... Eu estou pensando que eu tomei isso e agora é meu, — ela balançou para frente e pousou no seu peito molhado. — Antes de te conhecer, dizer essas palavras teriam me horrorizado, — ele raspou em seu ouvido. — Mas quando meu pau fica duro para estar dentro de você, eu não penso em mais nada. Quando não estamos fodendo, eu vou te tratar como ouro. Mas agora, tudo no que eu posso pensar é em acabar com a minha pequena menina má. Eu quero levantar o seu corpo inerte nos meus malditos braços. Você entende?

Ele empurrou dois dedos em seu calor pulsante, arrancando um suspiro de seus lábios. *Isso é tão incrivelmente bom.* — Eu acho que isso significa que acabamos a conversa.

* * * * *

A minha menina. Minha.

Um furacão de categoria cinco¹⁷ rasgou por Beck e ele não se incomodou em tentar resistir ou minimizar os danos. Ele se considerava um homem razoável, generoso. Um homem que viu todo, desde um ponto de vista objetivo. No entanto, não havia nenhuma objetividade quando se tratava de Kenna. Ele queria dar e receber tantas coisas dela, tudo de uma vez. Queria dar prazer, segurança, tranquilidade. E ele não era um homem orgulhoso demais para admitir que queria essas coisas em troca.

Ele olhou eu seu rosto, inclinado para cima para encontrar o dele, e viu o último tijolo da sua parede caindo no chão, não deixando mais nada entre eles. Bom Deus. Ela não tinha ideia de que ao baixar a guarda ela havia selado seu destino, não é mesmo? Antes que ela confiasse todos os seus segredos, ele já tinha se apaixonado por ela, mas a menina vulnerável acendeu um chamado protetor nele. Seus músculos doíam com a necessidade de ir para a batalha por ela. Protegê-la. Fazer com que ela se sentisse digna, da mesma forma que ela tinha feito com ele. E Deus, ele era possessivo. Se ela soubesse o quanto ele queria bater no peito agora por ter ganhado a sua confiança,

¹⁷ Furacões são medidos em uma escala específica, de zero a cinco, sendo zero os mais fracos e cinco os mais fortes. Cabe ressaltar, no entanto, que o número é atribuindo não ao tamanho ou à velocidade dos ventos do furacão, mas sim aos danos e prejuízos que ele ocasionou em seu caminho.

isso iria lhe assustar? Não. Não, ela diria a ele que nada que ele tivesse vontade de fazer era errado. Outra razão para ele não deixar ela ir. Ela aceitava cada maldita coisa nele.

A emoção cresceu nele até que não havia escolha se não parar de olhar seu rosto lindo e lhe dar um beijo. Sua buceta apertou em torno dos seus dedos quando suas línguas se encontraram. *Cristo*. Saber que a boca dele na dela a afetava entre as pernas mexeu com ele, o encorajou a aprofundar o beijo. Ela ondudou os quadris, montando seus dedos enquanto ele os bombeava dentro e fora. Tão quente e molhada. Algum dia em breve ele ia fazer com que ela gozasse na sua mão, mas não hoje. A necessidade de mergulhar dentro dela, de ter seu corpo envolto em torno dele, exigia satisfação. Seu gemido rouco deve ter traído seus pensamentos, porque a mão de Kenna encontrou seu pau e começou a acariciar sob a água.

— Forte, — ele estalou. — Duro e rápido. É assim que eu vou te foder.

— *Sim*, — ela gemeu. — É assim que eu preciso.

Beck se levantou da água e saboreou a vê-la debaixo dele no banco, sua mão trabalhando seu eixo ansiosamente. Suas bochechas estavam vermelhas, sua boca aberta enquanto ela o percorria da cabeça aos pés. Quando ele se esticou para alcançar sua calça no piso atrás dela, para pegar uma camisinha recém-comprada, os olhos verdes de Kenna percorreram o seu peitoral e o estômago, antes de parar onde ele os queria, na sua pesada ereção. Ele inchou ainda mais enquanto Beck o recobria com o látex.

Ela umedeceu os lábios. — Você é sexy como o inferno, Beck. Você sabe disso?

Surpresa apareceu através da luxúria. Ele sabia que ela estava atraída por ele, mas ouvir isso diretamente da sua boca o deixou mais confiante e desesperado, ao mesmo tempo. Incapaz de controlar suas necessidades por mais tempo, ele bateu com o punho contra o seu peito. — Se levante e suba em mim.

A água correu pelo seu corpo como uma cascata enquanto ela levantava o banco, passando pelos mamilos pontudos, seu estômago firme... *porra*, sua buceta nua. Beck se encontrou com ciúmes da própria água. Nada deveria tocar nela, a não ser ele. Ela enterrou os dedos em seus ombros e deslizou pelo seu corpo, envolvendo as pernas em volta da sua cintura. A cabeça de Beck caiu para trás com um gemido quando ela estendeu a mão por trás de si mesma e levou seu

pau até a entrada escorregadia. — Eu vou te montar tão duro, — ela lambeu seu pescoço, enviando uma onda de calor direto para a sua virilha. — Tudo o que você tem que fazer é observar.

Quando ela escorreu para baixo pelo seu comprimento, Beck gemeu em alto e bom som. Ele não podia evitar. O aperto perfeito dela combinado com a sua expressão de prazer de boca aberta anulou qualquer outra experiência que ele já tivesse tido na vida.

— Você sabe o que é muito quente, — ela sussurrou, fazendo um movimento lento de quadris e soltando uma respiração instável. — Você pode andar por aí comigo assim o dia todo sem suar a camisa.

— Isso mesmo. — Um tremor passou por ele. — Uma parte de mim adoraria isso, também. Permitir que você me ordene com a sua buceta aonde quer que eu vá.

Ela subiu e girou o corpo enquanto descia pelo seu eixo novamente. — E a sua outra parte?

Beck rapidamente perdeu o foco em qualquer coisa que não fosse o local onde seus corpos se encontravam, mas ele apertou suas testas juntos, se certificando de que ela o olhasse nos olhos. — A outra parte de mim já quer matar qualquer um que cobiçar o que é meu.

A respiração dela ficou mais irregular. — Então você me fodeu e agora eu sou sua?

— É isso mesmo, — ele rosnou, levantando a mão para segurar suas coxas dobradas, mas se contendo em jogar ela no chão e empurrar até que ela estivesse gritando. — Eu estou te dando um minuto para brincar, Kenna, e então isso vai ser pra valer. Eu vou recuperar o tempo perdido com o seu corpo pecador.

— Sim, Beck, — segurando em seus ombros, ela se inclinou para trás e deu a ele uma vista de abalar a terra com seu corpo contorcido, o local onde seu pau aparecia e desaparecia na sua buceta macia. Em torno dele, as pernas dela apertaram mais quando ela começou a deslizar para cima e para baixo pelo seu comprimento em um ritmo constante. Seus gemidos viciantes quase foram levados pela água espumante, mas ele os agarrou e saboreou. Quanto mais rápido ela se movia, mais sua sanidade ameaçava o abandonar. Precisando dela perto, ele a esmagou contra o seu peito, tomando sua boca em um beijo punitivo até mesmo enquanto ela continuava montando seu pau sensível. *Não posso esperar mais.* Ele precisava prender ela, ganhar vantagem. Foder tão duro quanto possível.

Sem saber se o minuto dela tinha acabado – e não dando a mínima – Beck nadou na direção dos degraus do ofurô e subiu as escadas que levavam para fora, enquanto Kenna continuou a montar e gemer, as unhas cravadas em seus ombros. Jesus, ele amava a dor. Ela provava que Kenna era real, não um truque da sua imaginação.

Sua atenção foi capturada por uma parede espelhada, que se estendia ao longo de uma extremidade da área de fisioterapia. A visão de Kenna agarrada a ele, de costas, sua bunda requebrando sensualmente, quase o fez cair de joelhos. *Quase*. Ele tinha que chegar mais perto. Ver a sua perfeição de perto, enquanto experimentava o céu do seu calor úmido em estocadas rasas e profundas. Rasas e profundas. Com os dentes cerrados, Beck atravessou a sala a passos largos, parando em frente ao espelho. — Maldição. Porra, Kenna. Olhe só para você, — ele agarrou a bochecha direita da sua bunda, assistindo o reflexo da mão apertar a carne marcada por uma sexy tatuagem de arame farpado até ela gritar. — Se eu soubesse que você existia, teria sido impossível gozar na minha própria mão do caralho. Todos esses anos... — ele jogou a cabeça para trás com um gemido. — Nada se compararia. Eu teria sido miserável sem a sua buceta.

Ela começou um show, então. Ela observou o rosto dele quando ela bateu e moeu junto com as suas estocadas, seu corpo brilhando à luz fraca. — A maneira como você aperta a minha bunda. É como se você estivesse tentando se impedir de fazer algo mais com essa mão.

Havia uma verdade inebriante por trás de suas palavras. Um desejo que ele se esforçou para reconhecer, porque o empurrou muito profundo e o ignorou por tanto tempo. Ele tomou sua boca em um beijo furioso, se afastando apenas quando foi necessário respirar. Mas mesmo essa deliciosa distração não poderia afastar sua atenção do convite na voz dela. — O que você quer dizer com algo mais?

Seus olhos estavam brilhantes, sua voz sedutora. — Você quer me bater, Beck?

Capítulo Dez

A respiração fugiu dos pulmões de Kenna quando Beck a levantou da sua ereção rígida e a girou ao redor. Ele não tinha respondido à pergunta, mas sua expressão tinha sido resposta suficiente. Justamente quando ela pensou que todas as camas de Beck haviam sido reveladas, outra apareceu e ela adorou. Adorou ser aquela a libertar sua natureza sexual reprimida. Uma natureza que estava se transformando em insaciável e safada. Para ela, sexo sempre foi algo bom, mas parecia coreografado. Nada no sexo com Beck era planejado – ele era baixo e sujo, e honestamente cheio de desejo. Nada parecia estar fora dos limites. E para alguém como Kenna, que não se abria facilmente, isso era *libertador*. Como voar pela primeira vez.

Ela estava de costas para Beck agora, seu estômago pressionado contra a borda de uma das macas de fisioterapia revestidas de couro, que era escorregadio contra o seu corpo molhado. Ela estava obviamente presa, ele respirava pesadamente em seu cabelo, as mãos flexionando em seus quadris. — Eu não levanto a mão para mulher nenhuma, — disse ele, a sua voz como cascalho.

Exultante com o privilégio de ser aquela que poderia corrigir o seu equívoco, lhe dando um empurrão extra, Kenna achatou as palmas das mãos sobre a maca, se curvando para frente e inclinando os quadris. Como se ele não tivesse controle das suas ações, Beck arrastou seu pau duro para cima e para baixo pela sua fenda, a fazendo gemer. — É para o meu prazer, Beck, — ela jogou o cabelo para o lado, encontrando o seu olhar torturado por cima do ombro. — Você não quer me dar prazer?

— Sim. *O tempo todo.*

— Então tome o seu e me veja encontrar o meu também.

Ela se inclinou e encostou o rosto ao couro fresco, virado para que ela pudesse vê-lo pelo espelho. O seu peito grande estremeceu uma, duas vezes, enquanto ele levantava a mão direita e a flexionava no ar. Finalmente, como se a barreira final tivesse desmoronado, sua mão enorme aterrisou contra a sua bunda com um ruidoso *slap*. — Oh, Deus, — ela respirou, a carne entre as suas pernas se apertando como um punho. A ereção de Beck inchou contra o seu traseiro, lhe dizendo

sem palavras como ele tinha sido afetado. Sua visão clareou e ela o viu no espelho, a observando com uma mistura de preocupação e excitação. Suor irrompeu da sua testa, os músculos dos seus braços tensos debaixo da pele. *Gostoso pra caralho*. — Isso me fez sentir tão bem, Beck, — ela lambeu o gosto salgado dos seus próprios lábios. — Você gostou?

— Demais, — sua voz caiu para um tom profundo, que desencadeou um escuro e perigoso pulsar na altura do seu umbigo e para baixo. — Eu não tenho certeza sobre as coisas que isso me faz sentir... as coisas que eu quero fazer.

Kenna começou a lembrar a ele que nada do que faziam era errado, mas sua mão colidiu com a sua nádega ainda úmida e a fez ofegar outra vez.

— Eu sei o que você vai dizer. Que nada que acontece entre nós é errado, — ele raspou, batendo na sua bunda com mais força. — E se eu *quiser* que isso seja um pouco errado, querida? E então?

Excitada a um nível que ela nunca tinha estado antes, ficou difícil colocar ar em seus pulmões. Era *ela* que estava fazendo a maca tremer? — Só vai ser errado se você parar.

No espaço de dois segundos, ele agarrou a sua ereção, guiou a cabeça grossa para a sua entrada e mergulhou cada polegada impiedosa dentro dela, rugindo enquanto entrava. Kenna gritou contra a superfície de couro da maca, mas foi interrompida quando ele começou a estocar, uma e outra vez. O acúmulo tinha sido tão grande, a antecipação tão intensa, que um orgasmo a rasgou de dentro para fora. Parecia interminável, impulsionado por Beck a enchendo até o limite com cada novo impulso. A maca balançou debaixo dela, suas pernas de madeira raspando no chão, mas Beck a agarrou pelos lados e a segurou imóvel, a impedindo de ir para frente. Presa. Ela estava presa pelos quadris pela sua ereção inchada, e esse conhecimento era indescritível.

Kenna pensava que a força de Beck entrando nela não poderia ficar maior, mas estava errada. Ele usou seu aperto firme sobre a mesa para empurrar ela – e a maca – para trás, encontrando seus impulsos. *Scrach, scrach, scrach*¹⁸. Ela se tornou parte do móvel pesado, curvada sobre a borda, existindo apenas para atender a ele. Atrás dela, Beck rosnou, o som se misturando com o raspar da madeira contra o azulejo do piso. — Você precisa disso, não é Kenna? Precisa que meu pau seja o

¹⁸ Isso é o som da maca arrastando contra o chão.

único que você vai ter a partir de agora? — ele se moveu mais rápido. *Mais rápido.* — Isso é o que *eu* preciso.

Sua resposta abafada se perdeu no som de carne molhada se encontrando. Ela não tinha ideia de qual foi sua resposta, de qualquer maneira. Não importava. Ela só podia se concentrar no prazer provocando seus quadris, pronto para explodir como um flash de câmera. Quase lá. *Quase lá.*

Abruptamente, Beck cessou suas estocadas incansáveis, soltando um dos lados da mesa para chegar entre as suas pernas. — Você precisa que eu te toque aqui, não é? Eu aprendo rápido, Kenna. — As almofadas calejadas dos seus dedos se arrastaram sobre o clitóris e então o circularam, seus quadris empurrando deliberadamente lento. — Eu observei cada movimento que você fez na nossa primeira noite. Eu sei que você gosta quando eu uso o meu tamanho contra você. Quando eu te faço saltar para cima e para baixo no meu pau como uma bonequinha. — Seus dedos se moveram mais rápido, com mais força. — E agora eu sei que um bom tapa na bunda te deixa animada mesmo no mais chuvoso dos dias, não é?

Para enfatizar seu ponto, ele puxou até que apenas a ponta de sua excitação permaneceu dentro dela, e então bateu de volta para dentro, exigindo uma resposta. — *Sim!*

— Eu sei *tudo que você precisa. Tudo*, — seu peito estava alinhado com as suas costas, a pressionando para baixo contra a maca de couro, sua barba áspera roçando na sua orelha. — *Eu sou o papai*¹⁹ agora, Kenna.

A força de seu clímax rasgou um grito de seus lábios, o som batendo no chão de ladrilhos e ecoando por toda a sala. Suas unhas arranharam o couro, lutando para ganhar equilíbrio, mesmo que não servisse para nada. Ela não teve nenhum tempo para processar as palavras de Beck ou seu impacto sobre ela antes que ele agarrasse os lados da maca mais uma vez e a empurrasse para trás, contra seu pau à espera. Uma, duas, três vezes antes de se enterrar nas partes mais profundas da sua feminilidade e soltasse um rugido primitivo. Um que a fez se sentir reivindicada – possuída – enquanto ele gozava. O corpo de

¹⁹ Por pior que isso possa soar, essa é uma expressão bastante usada no movimento e em músicas de hip hop (quem nunca ouviu um “*come with daddy*”, que é, literalmente, “vem com o papai”, em uma dessas músicas americanas?), e aqui tem o sentido de “o homem que manda, o que dá as ordens” (e não de um pai de verdade, por favor).

Beck sacudiu com tremores que vibraram através dela quando a enorme estrutura dele desabou sobre as suas costas.

Ela escutou o som de suas respirações pesadas com fascinação esgotada. Ela sabia, no momento em que viu Beck, que ele seria tão importante para ela? Se ela pensasse bem, parecia inegável que ele tinha acabado de provar isso. Absolutamente. O que poderia se comparar a isso? Esse sentimento de felicidade satisfeita? Nada. Ele pediu a ela que não se preocupasse com a sua partida essa noite e, no seu estado atual, ela não tinha muita escolha. Ela queria esquecer tudo essa noite, deixar nas mãos dele. *Eu sei tudo que você precisa. Tudo.* A mulher independente em seu interior odiava essa frase, até que ela tinha sido falada por Beck. Agora ela adorava, porque era recíproco. Ele não tinha dito no bar que *precisava* dela?

— Me leve para casa, — ela sussurrou, suspirando quando ele beijou seu pescoço úmido.

— Eu vou te levar para casa, — disse ele. — Mas desta vez você vai ficar na cama comigo até que nós dois estejamos prontos para levantar. Eu não vou acordar sozinho outra vez.

Ela teve que fazer um esforço real para acenar. — Ok.

Ele a colocou sobre a maca, onde ela se enrolou deitada de lado, enquanto Beck foi buscar as suas roupas. Depois de provoca-la com a visão dele se vestindo, Beck ignorou a calcinha e deslizou a saia pelas suas pernas com uma gentileza que a fez rir, depois da maneira com que eles tinham acabado de transar. Ele observou de perto enquanto ela puxava a parte de cima da sua regata. Assim que ela estava vestida, Beck a levantou em seus braços e levou seu corpo maleável para fora do edifício.

* * * * *

Beck olhou para Kenna onde ela dormia, seu cabelo um emaranhado escuro sobre o travesseiro. A saia e a regata que ela tinha usado ontem à noite estavam em algum lugar na sala de estar, ele achava, deixando seu corpo delicioso exposto entre os lençóis retorcidos. Deus, ela era bonita pra caralho. Se ele não achasse que isso fosse assustá-la, ele poderia assistir ela dormindo por horas.

Quantas vezes eles tinham feito amor na noite passada? Tantas que parecia um sonho incoerente. Mãos, bocas, os gritos de Kenna, os rugidos dele, a cama rangendo. Aquelas pernas dela. Ele as tinha empurrado abertas, as enrolado em volta da sua cintura, as empurrado até a altura das orelhas dela, marcadas pela força do seu aperto. Na luz do sol, os hematomas suaves fizeram um nó na sua garganta, mas foi aliviado pela sua lembrança dela o encorajando. O jeito como ela tinha pedido para ele ir com mais força. *Mais duro.*

Com um esforço considerável, Beck se virou, as mãos cruzadas entre os joelhos enquanto ele se sentava na beira da cama.

Sim. Dizer que os dois tinham uma boa química era um eufemismo fraco. Ela era sua necessidade agora. Seu porto seguro, o foco do seu desejo. E agora que ela tinha baixado a guarda, ele mal conseguia se segurar com as coisas que ela o fazia se sentir. Protecionismo, admiração... felicidade. Em algum momento na noite passada, quando estavam recuperando o fôlego, a voz suave dela o alcançou do outro lado do travesseiro. *Me conte sobre a sua fazendo de pêssegos.*

Daquele ponto em diante, eles conversaram por horas sobre seu tempo no exterior e o amor dela pela soldagem, só parando quando seu pau começou a se sentir pesado, uma condição que ela estava mais do que ansiosa para aliviar. Só de lembrar da sua boca percorrendo seu torso estava fazendo com que ele questionasse a sua decisão de não transar com ela novamente esta manhã. Rolar sobre o corpo dela para chegar na sua buceta apertada.

Droga.

Mas não, ele não iria fazer isso. Decisões precisavam ser tomadas, e eles não tinham tempo para fingir que seu avião para a Georgia não estava saindo bem cedo amanhã de manhã. Ele tinha pontas soltas para amarrar antes da cerimônia de hoje à noite, Cullen e sua irmã para enfrentar. Enfrentar tudo isso não seria possível sem a garantia de que teria Kenna ao seu lado. Suas mãos tremiam muito com a possibilidade de que ele talvez não tivesse. Que ela acordasse e levantasse suas defesas, o colocando para fora outra vez.

Beck ouviu Kenna se mexer atrás dele e se virou. Jesus. Ele não estava preparado para ver a sua garota sorrindo à luz do sol, com o cabelo bagunçado e os lábios inchados dos seus beijos. O coração de Beck começou a inchar apenas de olhar para ela. Kenna parecia estar ainda meio dormindo quando se virou para deitar de costas, esticou os

braços sobre a cabeça e bocejou. — Você estava me falando sobre o dia da colheita de pêssego, — sua voz era rouca. — Por que você parou?

Não tocar nela era antinatural, então ele estendeu a mão sobre a cama e passou os dedos sobre o seu quadril. — Isso foi há horas, querida. Já é de manhã agora.

— Oh. — Um olho abriu, seguido pelo outro. — *Oh.*

Pelo tom de voz dela, ele apertou a boca em uma linha fina e deixou sua mão cair da pele quente. — Você quer conversar agora ou depois do café?

— Então vai haver uma conversa. Eu sabia que haveria uma conversa. — Ela se sentou, se apoiando contra a cabeceira da cama. — Você não perde tempo.

A visão dos mamilos pontiagudos foi demais para a sua sanidade mental, então Beck se levantou e caminhou para longe da cama. — Eu tenho que dizer o que eu penso agora, ou vou subir de volta em cima de você e esquecer minhas responsabilidades. Esquecer tudo além de você.

Ela deslizou as mãos sobre os lençóis. Um convite. — Isso me parece um plano.

Beck xingou, desejando por uma vez que seu corpo não fosse tão suscetível a cada movimento dela. — Eu estou indo embora amanhã, Kenna.

Seu belo rosto empalideceu. — Nós sempre soubemos que você ia em algum momento.

— É essa a sua maneira de dizer que as coisas não mudaram nada desde o primeiro dia? — o tecido da cicatriz na sua lateral direita começou a pulsar. — Porque você vai precisar ser mais convincente.

— O que você quer que eu diga? — ela gritou as palavras, então recuou, parecendo surpresa com a própria explosão. — Eu fiz o que você pediu. Eu não pensei sobre isso ontem à noite, mas a noite de ontem acabou. Eu não sei o que você espera que aconteça.

Beck balançou a cabeça, dando um passo calculado em sua direção. — Ontem à noite pode ter acabado, mas nós não. — Isso o acertou com força total, e ele sabia o que tinha que fazer aqui. Sua garota. A garota que ele queria para sempre. Então ele ia lutar, e lutar muito por ela, assim como lhe foi ensinado. Ela estava com medo, ele podia ver na sua expressão cautelosa – de modo que ele precisava ser

forte pelos dois. — Temos duas opções aqui, Kenna. Você vem comigo para a Georgia. Ou eu fico aqui.

Seus olhos verdes se arregalaram. — *O quê?* — ela saltou de pé, levando o lençol junto com ela e o envolvendo em torno do seu corpo como um escudo protetor. — E-Eu não posso... *you* não pode...

— Eu posso. Eu vou.

Assim como na sua última manhã juntos, ele viu a bomba prestes a explodir. Ele a viu fazendo uma varredura no conteúdo da sua mente para achar algo que o distanciasse. Pena que não iria funcionar desta vez. Ele conhecia ela agora, conhecia seus pontos fracos e inseguranças e dava valor a cada uma delas. Ela poderia dizer qualquer merda que quisesse, ele se manteria firme.

Beck viu o momento em que ela percebeu isso também, porque suas feições se transformaram em pânico. — Talvez a única razão pela qual eu fiquei com você é porque era temporário. Você não acha que está levando toda a coisa de brilho da manhã²⁰ longe demais?

— Não.

Um momento de silêncio passou. — *Não?* É isso?

— Sim. — Ele avançou para ela, pegando-a antes que ela pudesse tropeçar no lençol. — Aqui está o que vamos fazer agora. Nós vamos acabar com essa besteira. Você entende?

Kenna zombou. — Sim, *papai*.

Ela quis dizer isso para soar irreverente, mas seu pau não achou graça. Não depois que ela gozou gritando esse novo título apenas algumas horas atrás, enquanto ele comia a sua buceta. Antes que ele pudesse explorar sua própria mente, ela estava presa à parede, seus jeans a única barreira entre o calor dela e o seu pau. Alívio o tomou em um nível surpreendente quando ela parou de lutar um pouco e um gemido passou pelos seus lábios. — Você quer o papai, você vai ter, mas você vai me ouvir e me dar uma resposta antes.

Sua boca se fechou com teimosia, os olhos disparando balas para ele.

— Meu corpo reagiu a você primeiro. Eu não vou mentir. Mas meu coração seguiu um minuto depois e eu já era seu. *Seu para valer*.

²⁰ É uma expressão que se refere à manhã seguinte depois de uma noite incrível de sexo, como se tudo brilhasse e estivesse mais bonito.

Há algo bom e forte entre nós, e eu não vou desistir disso. — Os olhos dela suavizaram um pouco, o obrigando a segurar o desejo de lhe beijar e esquecer a discussão. — Eu vou te levar para a Georgia e te dar uma casa. Eu vou construir um lugar para você fazer as suas estátuas. Eu vou te foder todas as noites e te amar tanto quanto você possa aguentar, Kenna Sutton.

Quando ele terminou seu discurso, os olhos dela estavam cheios de lágrimas, mas ele sabia com certeza absoluta que ela não deixaria nenhuma cair. Ele não se incomodou nem um pouco, no entanto. Seu orgulho era uma das razões pelas quais ele tinha se apaixonado por ela.

— Beck. — Sua voz vacilou. — Eu não sei como pertencer a alguém. Eu não sei como ter alguém que *pertence* a mim.

Suas palavras doeram, mas ele se forçou a recuar, deixando que ela deslizesse para baixo pela parede. — Eu sei o que estou pedindo. É um salto de fé, e eu não vou te forçar a tomar uma resposta agora. — Odiando a distância que ele tinha que colocar entre eles, Beck começou a ir em direção à porta. — Eu preciso de você na cerimônia de hoje. Você pode me dar isso?

Ela assentiu com a cabeça vigorosamente, mas seu olhar estava no chão. — Eu estarei lá.

Antes de sair do quarto, ele parou no batente da porta e esperou que ela lhe desse sua atenção. — Você tem duas opções, Kenna. Me deixe saber qual vai ser. Hoje à noite.

Ele saiu do apartamento, rezando como o inferno para que a sua aposta desse resultado.

Capítulo Onze

Kenna saiu do auditório lotado. Ela tinha que estar fora da sua maldita mente vindo até aqui, vestida como uma espécie de debutante adolescente. Seus pés estavam sem os coturnos para ancorá-la no chão, seu corpo estava de alguma forma mais exposto que o habitual com esse vestido de renda branca que ia até a altura do joelho. Ela puxou o frasco secreto da sua bolsa e tomou um gole do uísque, esperando que isso acalmasse seus nervos. Sem efeito, no entanto. Georgia. Ela estava indo para a Georgia.

Depois que Beck havia saído essa manhã, ela se afundou em um banho quente e se sentou lá até ficar frio. Em seguida, preparou espaguete para o café da manhã e levou um prato até a oficina. Cerca de uma hora tinha se passado antes dela perceber que não tinha pego uma única ferramenta. Ou dado uma garfada no espaguete. Ela tinha estado em estado de choque. Ela poderia contar em uma mão as vezes em que ela sentiu que a *queriam* ou ela era importante na vida de alguém. A maioria delas tinha sido nos últimos anos, com Darla. Uma ou duas vezes enquanto seu pai estava se recuperando do infarto, ele deixou que ela visse o quanto ela apreciava a sua ajuda. Mas ser o centro da atenção de Beck, quando ele fez a proposta essa manhã, foi como ser um avião de papel jogado em um tornado.

Trechos de sua noite juntos começaram a retornar uma vez que o choque passou. Beck tinha a chamado de baby. Na hora, ela achou ridículo. Agora, no entanto? Ela se perguntava porque estava presa em Black Rock há tanto tempo quando, aos vinte e dois anos, era livre para ir a qualquer lugar? Quando ela podia mover seu negócio para onde ela decidisse viver?

Ela estava esperando, esperando que seus pais precisassem dela? Esperando que eles esquecessem o passado e a incluíssem em suas novas vidas? O tempo que ela passou ajudando seu pai a se recuperar a puxou para fora do caminho de destruição pelo qual ela tinha a intenção de viajar, lhe dando uma razão para tomar jeito. Mas e se sua natureza protetora aparentemente estava fazendo mais mal do que bem agora? Cada dia que se passava sem uma palavra da sua família parecia um golpe físico, parecia ser abandonada novamente por algo melhor. Mais novo.

Isso acabava agora. O que ela sentia por Beck era assustador, especialmente depois de um espaço de tempo tão curto. Essa coisa vibrava freneticamente em seu estômago, lhe pedindo para passar por cima da sua montanha de medos e deslizar morro abaixo pelo outro lado, diretamente para seus braços abertos. Sim, havia uma parte dela que queria curar as feridas de Beck, acalmar sua alma. Essa faceta recém-adquirida da sua personalidade estava pedindo para ser promovida. Beck reconhecia essa parte dela e a aceitava, desde que sua necessidade por ele fosse verdadeira e direta. E era. Ela precisava tanto estar com ele, que isso cantava em seus ouvidos como o assobio do vento.

Você está aqui para dar o salto. Não havia como voltar atrás agora... e inferno, ela não queria. Ela não podia esperar para ver o rosto de Beck quando ela lhe contasse. Não podia esperar para ser abraçada contra o seu peito, ouvindo o seu batimento cardíaco. Kenna soprou uma respiração através de sua boca sorridente e seus saltos altos prateados estalaram no piso enquanto ela voltava para o auditório. Quando abriu a porta, ela ouviu a profunda voz de Beck vindo do palco e seu coração a levou para o som que ela desejava. Ela parou logo na saída dos fundos, prazer se espalhando pelo seu coração com a visão de Beck em sua farda azul, falando por trás do pódio. Ela nunca tinha visto ele assim, comandando uma sala inteira, mas não a surpreendeu. Seus olhos se encontraram e ele parou de falar, sua garganta trabalhando enquanto ele a percorria da cabeça aos pés.

Um homem sentado atrás de Beck no palco limpou a garganta, o que obviamente levou o major a continuar um momento depois. — É com gratidão que aceito esta Estrela de Prata. Os que vieram antes de mim, os bons homens e mulheres abnegados, aceitem essa honra, e eu só posso esperar viver de acordo com os seus legados. — Seus olhos encontraram os de Kenna, como se ganhando força. — Mas eu estou aceitando-a em nome de Xander Gibbons, e eu gostaria que ela fosse para a sua família. Ele não foi o único soldado que deu a vida naquele dia para que eu pudesse estar aqui diante de vocês, mas ele foi um dos melhores homens que eu já conheci, e seu nome deve ser lembrado.

Kenna notou o aceno sutil de Beck para um oficial de cabelos escuros de pé ao lado do auditório. Era o homem que ela tinha visto com ele no Bombs Away. Assim como na noite passada, o homem parecia estar perdendo uma competição com ele mesmo. As linhas do seu belo rosto estavam tensas, e mesmo com toda a distância entre eles, ela via seus olhos vermelhos. Ela voltou sua atenção para Beck bem a tempo em que os aplausos respeitosos explodiram e ele saiu do

palco. Ele parou para apertar o ombro do seu amigo e dizer algo antes de se virar para as portas duplas que levavam ao corredor circundante, o mesmo em que ela estava parada, mas ele sairia do outro lado. Ela começou a se afastar da multidão, com a intenção de chegar até Beck, mas ela o viu fazer uma pausa antes de sair, e então viu seu rosto surpreso.

À direita de seu amigo estava uma linda loira que ela não tinha notado ao chegar, mas a mulher parecia familiar, no entanto. Muito familiar. Levou a Kenna apenas uma fração de segundo para lembrar a foto que ela tinha visto na carteira de Beck. Mary. A ex-namorada de Beck, Mary.

Um punho invisível se fechou em torno da sua garganta, cortando seu oxigênio. Suas pernas começaram a tremer com o desejo de correr tão rápido quanto podia. Eles acabariam agora. Olhe para eles. Eles eram uma progressão de dez anos do rei e da rainha do baile de formatura da escola. Perfeita idiota. Mary tinha a mão no braço de Beck, os grandes olhos azuis implorando, os dentes brancos brilhando enquanto ela sussurrava para ele.

Kenna podia sentir o ar frio de fora entrando pela porta atrás dele, a seduzindo para sair. Ainda não, no entanto. Quando isso tivesse acabado, ela poderia fugir, e fugir para valer. As pessoas na plateia começaram a tomar conhecimento do casal de ouro, observando-os com curiosidade, mas Beck levou Mary para a saída, dispersando os curiosos.

Kenna andou em direção a eles.

* * * * *

Jesus, isso não poderia estar acontecendo.

Ele saiu do palco, dolorido por revisitar a tragédia que tinha tomado Xander, e querendo nada mais do que ser confortado por Kenna. Quando ele a viu aparecer na porta, vestida como um anjo, isso lhe deu força para continuar seu discurso. A resposta dela estava escrita em seu rosto. Sim para a Georgia. Sim para ele. Sim para tudo. O órgão batendo em seu peito aumentou a ponto de explodir, tão cheio, tão grato.

Do nada, Mary tinha aparecido. A confusão o fez parar de repente, seguido por um breve flash de nostalgia. Não porque ele tinha quaisquer sentimentos por Mary. Ele já não os tinha por um longo tempo agora... agora ele não conseguia nem comparar uma maldita coisa perto do que Kenna o fazia sentir. Não, a figura de Mary o fez pensar no passado. Uma época em que as coisas eram simples e ele não sabia qual a sensação de perder um amigo. Perder uma batalha. Mas ela pertencia àquele tempo. Ao passado. Não ao aqui e agora.

Foi aí que o pânico se abateu sobre ele. O brilho no rosto de Kenna havia esmaecido e ele podia sentir ela escorregando pouco a pouco, cada vez para mais longe do auditório. Agora ele estava no corredor vazio, com Mary chorando e lhe implorando... para quê? Ele não podia ouvir o que ela dizia sobre o rugido em seus ouvidos. Ele precisava ir atrás de Kenna, mas seus pés estavam cimentados no chão. Com absoluta confiança, ele sabia que se virasse a esquina e visse que ela tinha fugido, ele iria quebrar. Ele não seria capaz de lidar com isso. Não depois de ter o seu futuro bem ali, na palma da sua mão. Seus problemas de confiança, seu medo de ser abandonado, ele não podia lidar com isso ainda. Com mais tempo ele chegaria lá, mas por enquanto era cedo demais para isso.

Mary agarrou seu braço e ele quis se afastar. Ninguém tocava nele, além de Kenna.

Como se ele tivesse chamado o nome dela em voz alta, Kenna dobrou a esquina e entrou no seu campo de visão. A simples imagem dela acalmou o lamento incessante afogando tudo mais, permitindo que ele se concentrasse. *Minha garota é tão bonita. E está tão ferida sem nenhuma razão.* Ela não podia ver o buraco em seu peito, onde ela se encaixava tão perfeitamente?

Se concentre. Ele não tinha perdido ela ainda. Ela ainda estava lá. A besta possessiva dentro dele exigiu que ele atacasse na direção dela, a sacudisse e beijasse até que ela parasse de parecer tão devastada. Sua falta de esperança era um insulto a essa parte feroz dele. Lógica, no entanto, conseguiu firmar seu pé na porta. Ela precisava de tempo para raciocinar sobre isso. Esse momento era igualmente importante para ambos. Ele precisava da sua confiança. Ela precisava aprender a dar isso a ele.

— É só que... você esteve fora por tanto tempo. Eu simplesmente não consegui ficar esperando, envelhecendo, — Mary soluçou na manga do seu casaco, e Beck sentiu uma pontada de simpatia por ela. Ele não guardava nenhum rancor. Eles tinham sido crianças que fizeram planos

ainda muito jovens, e ele não a culpava por não querer colocar sua vida em espera por ele. — Mas eu sei que eu errei feio, Beck. Quando ouvi que você estava voltando, pensei que talvez pudéssemos ter uma segunda chance.

Beck não respondeu. Cada gota de sua energia e atenção estava focada em Kenna. *Vamos lá. Lembre-se o que eu prometi.* Será que ela pensava que ele tinha dito aquelas palavras pela manhã da boca para fora?

A realidade de Beck mudou quando Kenna deu um passo em direção à saída lateral, seu olhando indo e voltando entre ele e Mary. Ela colocou uma mão na barra de saída de aço e seu sangue gelou. Não. Se ela saísse agora, ele nunca iria convencê-la de suas intenções, da verdade dos seus sentimentos. Isso iria começar um padrão do qual eles nunca iriam se libertar. A onda de som em seus ouvidos começou novamente...

Kenna deixou cair a mão da porta, dizendo algo baixinho para si mesma, e o pulso de Beck acelerou. Quando seus olhos se encontraram, ele viu bravura lá, e quis gritar para o teto. *Graças a Deus.*

Com os braços firmes nos seus lados, Kenna se aproximou, ficando quase à distância do seu alcance.

— Ei, Mary?

Sua ex-namorada sacudiu ao som de outra voz feminina, embora como ela tinha perdido a sua atenção fixa em Kenna estava além da sua compreensão. Será que não poderiam todos dizer que ele estava tomado? O fato era tão óbvio que estava esculpido em cada polegada do seu corpo.

Mary passou a mão sobre os olhos, lançando um olhar entre Kenna e Beck. — S-sim?

— Eu, hum. — Kenna se mexeu sobre seus pés. — Você parece uma legal e tudo mais, o que é meio que um golpe. Eu estava esperando que você fosse má, talvez usando um casaco feito de filhotes de cachorro ou algo assim. — Ela deu um passo em direção a Beck. — Mas eu sinto muito. Você vai ter que lutar comigo por ele.

Pela primeira vez em sua vida, ele experimentou o que era a sensação de ser fraco e forte, os dois ao mesmo tempo. Seus membros balançaram com a necessidade de abraçá-la, enquanto seu coração

retumbou como uma locomotiva se aproximando, ganhando poder a cada segundo. Kenna já era sua, mas nada jamais iria se comparar ao ouvir ela tornar isso oficial, apesar de seus próprios medos. Nada.

Mary deu uma risada resignada. — Parece que alguém chegou antes de mim. — Ela enfiou sua bolsa debaixo do braço. — Eu não posso nem ao menos dizer que estou surpresa. Eu sabia que se não fosse eu, uma boa mulher ia te pegar um dia e nunca te deixar ir.

Quando Mary repetiu as palavras que Kenna tinha dito a ele em sua primeira noite juntos, sua boca se abriu. *Isso mesmo, querida. Você é aquela boa mulher. E eu sou o cara mais sortudo no planeta do caralho.*

Nenhum deles quebrou o contato visual enquanto Mary se virava e saía do prédio. Beck não tinha certeza se ele olharia para qualquer lugar além de Kenna alguma outra vez.

— Então sim, eu estou lutando por você, — ela sussurrou. — E eu vou com você para a Georgia com uma condição.

— Qual é?

O sorriso dela derreteu o gelo restante em seu peito. — Eu dirijo.

— Graças a Cristo. — Beck avançou para cobrir o seu rosto com as mãos. — Você não *tem* que lutar por mim, sua louca garota linda. — Seus polegares correram pelas bochechas dela. — Nenhum de nós tem de lutar. Nós ganhamos.

Sua risada soou um pouco incrédula. — Quer dizer, eu estava realmente pronta para derrubar ela no chão, sério.

Beck balançou a cabeça, morrendo de vontade de começar a construir os próximos sessenta anos com esta menina. — Que bom que você desistiu, — ele murmurou, observando seus olhos verdes embaçarem. Sim, ela sabia o que estava por vir. — Você vai precisar da sua energia.

Ela ofegou quando ele mergulhou para baixo, passou os braços por trás de suas pernas e a jogou por cima do ombro. Ela se recuperou a tempo de bater na sua bunda enquanto eles caminhavam para a noite além das portas duplas. Juntos.

HUNTLEY E CULLEN

Sophie Jordan

Capítulo Um

Ficar bêbado pra caralho pareceu uma ótima ideia.

Não só Cullen teve uma semana de merda, mas Huntley decidiu andar pelo Bombs Away na saia mais curta que ela já tinha usado. Talvez isso fosse parte da sua punição. Se não fosse por ele, Xander não estaria lá. Xander não estaria morto.

A bainha brilhante dançava em torno do seu par de coxas bronzeadas. O top de algodão macio que ela usava se encaixava confortavelmente, abraçando os seios que ela normalmente escondia em blusas soltas e suéteres. Ele tinha tido momentos difíceis para manter ela firmemente na zona da amizade. Isso só incrementou a sua miséria. Ele tinha dois amigos de verdade nesse mundo – Beck e Huntley. O fato de que eles irmãos só contribuiu para o erro absoluto que era essa sua repentina onda de luxúria.

Ele inclinou a cabeça para trás e terminou sua garrafa de cerveja, tentando tirar os olhos dela. Ele não precisava disso agora. Assim como não precisava de todos esses milicos a olhando como se ela fosse algo bom de afundar os dentes. *Fique calmo. Não é seu trabalho tomar conta dela essa noite. O irmão dela está aqui.*

Apesar da voz da razão sussurrando dentro dele, ele estava tentando encontrar um cobertor para jogar em cima dela.

Com um pequeno aceno de cabeça, Cullen se virou para encarar os drinques alinhados em frente a ele. Com movimentos rápidos, ele os tomou, batendo os copos no balcão.

— Huntley, — seu irmão começou. Antes ele do que Cullen. Ele não estava com vontade de falar agora. — Eu não esperava que você viesse hoje à noite. — Beck parou sem jeito. Cullen fez uma careta. Ele poderia muito bem ter dito à sua irmã para dar o fora daqui, pelo olhar magoado em seu rosto. — Tem uma coisa que eu preciso falar com Cullen. Vamos nos encontrar amanhã.

O estômago de Cullen chegou ao fundo do poço. Ele sabia o que Beck queria falar. Essa conversa estava muito atrasada.

— Você não pode me dizer também, o que quer que seja? — a mágoa na voz de Huntley era inegável, e ele empurrou para baixo o desejo de assegurar que ela podia ficar. Cuidar dela era algo instintivo, mas Beck estava certo. Ela não precisava estar aqui para essa merda.

Cullen fez sinal para outra rodada de bebidas. Mais drinques foram servidos e ele bebeu a sua dose. Beck não tocou na sua. — Tenho a impressão de que isso não é apenas um encontro entre amigos. — Cullen acenou para o copo de Beck. — Você vai beber isso?

— Já estou bem, cara, — Beck respondeu.

Cullen bebeu.

— Eu não sabia que estávamos ficando bêbados essa noite, — Huntley piscou seus grandes olhos azuis para Cullen, com um toque de desaprovação. Claramente, ela não estava saindo. Não que fosse uma surpresa. Ela sempre fazia o que queria.

Cullen a olhou de cima abaixo e sentiu um lampejo de irritação novamente. Com uma maldição interna, ele bebeu mais uma dose e deixou o álcool queimar sua garganta. *Isso não é legal, cara. O irmão dela está aqui.*

Ao longo dos anos, ele manteve seus pensamentos sujos na baía quando se tratava de Huntley. Ele raramente se deixava apreciar o cabelo loiro escuro que caía até o meio das suas costas. Ou as pernas cheias de curvas. Como freiras e primas, ela estava fora dos limites. — Eu não sabia que você precisava ser consultada.

— É assim que você fala com a minha irmã? — Beck inalou. — Nós vamos ter essa conversa mais tarde.

Huntley parecia bem hoje à noite. Não havia como negar. Bem demais. Não que ela não fosse bonita, mas ela nunca foi esse tipo de garota que usava maquiagem todo dia. Ela era mais um tipo de garota de fazenda. *Você já ouviu aquela sobre a filha do fazendeiro...*

Beck se mexeu do lado dele novamente, e Cullen olhou para ele, adivinhando que seus ferimentos deveriam estar doendo. Apenas outro efeito colateral da missão que matou Xavier. Inferno, Beck poderia ter morrido também. Cullen deveria ser grato, ele supôs, que Beck conseguiu sobreviver. E ele era, exceto pelo fato de que Xander tinha ido embora. Ele não conseguia superar isso, apesar de já fazer meses.

Cullen olhou para frente, vislumbrando seu reflexo no espelho atrás das garrafas de licor. Sullen Cullen. Ele sabia que era assim que

as pessoas o chamavam, mas não se importava. Inferno, as pessoas o chamavam assim desde que ele era criança. Outras crianças. Professores. Quando você nunca ficava muito tempo em um lugar, se esquecia de como sorrir e fazer amigos. Qual era o ponto? Até o momento em que ele chegasse a conhecer alguém, já estava na hora de partir novamente.

Agora aqui, em Black Rock, não era seu trabalho fazer amigos. Seu trabalho era treinar soldados para usar material explosivo que salvariam vidas. Xander foi um dos primeiros que ele empurrou para entrar no programa. Um dos primeiros que ele treinou. Um dos poucos que ele deixou entrar. Um dos poucos que ele chamou de amigo.

E agora ele estava morto.

— É sobre Xander, não é? Você finalmente vai me dizer o que aconteceu lá? — Ele gesticulou para outra bebida e observou enquanto o barman servia. — Quando você ligou para nos dizer que ele não voltaria para casa, eu sabia que você estava escondendo algo. Você é um mentiroso de merda, Beck. Fala de uma vez. Como ele morreu? Que diabos aconteceu lá?

Por mais que Cullen tivesse medo disso, ele precisava finalmente ouvir. Ele estava esperando para ouvir isso.

Beck ergueu o peito enorme em uma respiração pesada. — Se eu pudesse esconder isso de você para sempre, eu faria, porque não há nenhum sentido em ambos se sentirem culpados, Cullen. Mas isso vai sair no relatório de acidente esta semana e eu quero que você saiba por mim.

Cullen permaneceu muito quieto. Mesmo Huntley parecia desconfortável.

Beck suspirou. — Nós estávamos extraindo um grupo de prisioneiros de guerra. Já fazia uma semana, mas não conseguíamos chegar perto o suficiente ou obter uma contagem precisa...

Cullen ouviu o relato, a cena piscando claramente em sua mente, falando apenas quando Beck fez uma pausa. — Termine o que você tem a dizer, — ele grunhiu.

— Ele entendeu errado. O explosivo explodiu e metade do túnel cedeu. A maioria de nós estava em uma parte que permaneceu de pé. — Huntley encostou em seu irmão. Beck passou um braço ao redor dela e

olhou para Cullen. — Isso não é sobre você. Nenhuma quantidade de ensinamento...

Cullen balançou a cabeça. Se não fosse dele, de quem era a culpa? Foi ele quem persuadiu Xander a entrar no EOD. Aquele que o instruiu. Essa culpa era dele e de mais ninguém. Seu punho disparou, enviando pedaços de vidro quebrado para trás do bar. *Besteira*. Ele empurrou a cadeira para trás e voou em direção à saída do bar.

Ele não precisava de ninguém que lhe dissesse como se sentir. Nem mesmo Beck.

Ele só precisava ficar sozinho.

* * * * *

Os saltos das botas de Huntley estalaram no pavimento enquanto ela corria para fora do bar atrás de Cullen. De todas as noites para vestir um par de saltos, tinha que ser justo na noite em que foi preciso correr.

As pernas mais longas de Cullen o colocaram muito à frente dela. Ela focou na sua camiseta cinza e jeans enquanto seu corpo magro cortava a frente do estacionamento. *Doce Jesus, essas botas estavam matando seus pés*. — Cullen, espere!

Ele continuou como se ele não a tivesse ouvido, caminhando em linha reta pelo estacionamento e parando ao lado da sua caminhonete. Ela correu os últimos metros de distância, determinada a alcançá-lo mesmo que ela quebrasse um tornozelo nessas botas assassinas.

— Cullen! — ela estava quase nele agora. As solas de suas botas novas derraparam no cascalho solto e ela agitou os braços ao lado do corpo até recuperar o equilíbrio.

Ele levantou os olhos avermelhados para ela, e ela sabia que a cor era apenas parcialmente culpa do álcool. A notícia que ele tinha acabado de ouvir o afetou bastante. A culpa pela morte de Xander estava gravada em cada linha de seu rosto.

Ele a olhou com impaciência quando ela parrou na frente dele ofegante e desajeitada. — O que, Huntley? Eu realmente não estou com bom humor agora para isso.

Isso. *Ela*. Como se ela fosse a maior dor na bunda dele. É assim que a viu todos esses anos? Ela achava que ele gostava de sair com ela. Um formigamento varreu seu pescoço e invadiu seu pescoço. Será que ele se ressentia em ter que manter um olho nela por Beck? Deus sabia que ele poderia ter arranjado outras coisas para fazer com o seu tempo.

Ela olhou para as chaves na mão dele e sua determinação endureceu. Certo. Ela estava prestes a se tornar uma dor ainda maior na sua bunda. Essa amizade valia para os dois lados. Ele cuidou dela. Agora era a sua vez de cuidar dele. Ela era uma enfermeira da sala de emergência. Ela lidava com pessoas em todos os tipos de condições. Isso seria apenas uma extensão para ela. Exceto que Cullen não era um estranho. *Ele passou a ser alguém que você imagina regularmente nu.*

— Você não vai dirigir, — anunciou ela, adotando a voz que usava com seus pacientes desobedientes.

— Eu vou ficar bem. Só bebi algumas poucas...

— Você bebeu mais do que poucas doses *e eu vi*. Você estava bebendo antes mesmo de eu chegar. — Ela pegou as chaves da mão dele.

Ele rosnou. Era a única palavra para descrever o som. Um som que fez os cabelos minúsculos em sua nuca arrepiar com consciência. Com seu corpo alto e forte, de cabelos escuros e olhos cor de chocolate derretido, ele era sexy. Ela não podia andar na rua ao lado dele sem as mulheres quase quebrarem o pescoço para olhá-lo de novo.

Mas agora essa consciência era diferente. Pela primeira vez ele olhou para ela com uma intensidade que a fez se sentir mulher. Ela não era a sua amiga. Não era a irmã de Beck. Ela se sentiu nua e vulnerável, o único objeto da sua concentração extasiada.

Ela também tinha certeza que ele queria estrangulá-la.

Uma veia latejava na testa dele. Ele o tinha visto assim uma vez antes. Eles estavam deixando o Java Joe e alguém tinha deixado o seu cão no carro em um dos dias mais quentes do verão. Cullen tinha marchado para dentro e confrontado o imbecil com algumas palavras bem escolhidas.

Deus, ela realmente estava realmente fazendo confusão. Ele estava chateado e olhando para ela, e ela ficou emocionada com isso. Ela tinha que parar. Conseguir um namorado. Transar. Parar de ser obcecada por Cullen como se ele fosse uma sobremesa proibida.

— Ele estendeu a mão. — Me devolva as chaves, querida.

Seus dedos se apertaram em volta do chaveiro, o metal cavando a carne macia da sua palma. Ela não estava disposta a entregar as chaves. Ele tentou agarrá-las, mas ela colocou o punho atrás dela, gritando quando ele passou o braço em volta da sua cintura e a puxou contra ele em um movimento duro que os deixou nariz com nariz.

Os saltos das suas botas deixaram o chão, a ponta dos dedos roçando a terra. Seus olhos se arregalaram quando ela olhou para ele. Piscar era impossível. O antebraço dele era uma rocha sólida em torno dela. Ela não era leve. Ela tinha 1,75 e fazia anos que anos que não se sentia bem em um biquíni... inferno, nem em um maiô. Seus seios estavam esmagados contra o peito dele, e o calor varreu seu rosto quando seus mamilos endureceram. *Por favor, por favor, não deixe que ele perceba isso.*

A única maneira que ela tinha tolerado ficar perto dele todos esses anos era porque ele não sabia os pensamentos cheios de desejo que giravam em sua mente sempre que ele estava perto. Isso seria muito humilhante.

— Eu não estou com vontade de brincar, Huntley.

Ela estremeceu com o cascalho em sua voz e a sensação do corpo dele junto ao dela.

Este homem era um guerreiro. Ele lidou com a morte. Ele brincava com bombas, pelo amor de Deus. Talvez ela não devesse lhe desafiar. Talvez ela devesse ter medo. Ele estava bêbado. Puto. Ferido. Mas ela o conhecia. Ela sabia que ele amava churrasco com molho barbecue. Ela sabia que ele cortava a grama da mãe solteira do outro lado da rua. Ela sabia que ele tinha perdido a virgindade em uma praia do Panamá, em seu décimo sexto aniversário, com uma menina três anos mais velha. Ela sabia que ele gostava de beisebol e secretamente gostava de gatos. Ela sabia que ele não pedia diretamente para ser tocado e ele achava que *Jeremiah Johnson* era o maior filme já feito.

E ela sabia que não poderia deixar que ele dirigisse nesse estado.

— Eu não estou brincando.

Pressionada contra ele assim, ela quase se sentia pequena. Eles haviam se tocado com frequência suficiente ao longo dos anos, mas nunca assim. Ela lutou para engolir o aperto na sua garganta.

— Então pare de me foder e me dê as chaves.

Ela engasgou. Ele nunca usou uma linguagem assim com ela antes. A palavra suja disparou um pico de calor através dela quando se imaginou fazendo exatamente isso. Porra. *Fodendo ele*.

Ela umedeceu os lábios e o calor se espalhou mais profundo pelo seu corpo quando os olhos dele seguiram o movimento da sua língua.

— Eu não estou fodendo com você. — Deus, ela tinha realmente dito isso? Sua avó acabou de rolar no túmulo. — Você bebeu demais para dirigir, e depois do que você acabou de ouvir essa noite, não acho que você está em condições...

— Você não acha que eu posso dirigir a porra da minha caminhonete?

Ela se encolheu.

— Eu já dirigi em condições muito piores do que essas, — ele atacou. — Bêbado. Com uma concussão. Eu até dirigi através de um deserto com fumaça e tiros ao redor. Estou treinado para lidar com situações piores que essa. Eu *deveria* saber como lidar com este tipo de merda.

Ela sabia que eles não estavam mais falando de dirigir para casa essa noite. Isso era sobre Xander.

— Cullen, — ela disse suavemente, seu coração doendo por ele.

As linhas de seu belo rosto se torceram com força. — Não. Não fale comigo como se eu fosse um de seus pacientes, enfermeira Collier. Eu não quero sua piedade. — Ele deu um passo para trás, segurando as mãos para cima em sinal de rendição. — Certo. Você pode me levar para casa. — Ele resmungou as palavras como se estivesse estava apenas brincando ela.

— Bom. — Com o caminho livre, ela subiu atrás do volante e esperou enquanto ele dava a volta e subia do lado do passageiro.

Ela apertou o cinto, satisfeita de ver que ele fez o mesmo sem que ela tivesse que pedir a ele.

Quando ela olhou para cima novamente, foi para pegar ele lhe olhando. Ele a olhou de cima a baixo. — Saia legal. Nova?

Seu rosto aqueceu. Ele tinha notado. Ela tinha se vestido para atrair esta noite, decidindo que não faria mal dar às suas pernas uma depilação e pôr em prática parecerem bonitas. Especialmente desde que ela tinha se juntado a um site de namoro on-line e seu primeiro encontro em um café estava previsto para amanhã.

— Sim. Obrigada.

Ela se virou e olhou para fora pelo para-brisa. — Tem certeza que quer me levar para casa? Parecia que você estava recebendo bastante atenção lá dentro. Talvez o Sr. Cara Certo estivesse lá.

Ela era tão transparente? A vergonha queimou as suas bochechas e ela lamentou ter confiado nele sobre ter se juntado ao site de namoro on-line. Era hora de seguir em frente com a sua vida.

Ele expressou sua preocupação, é claro. Beck lhe designara seu protetor enquanto ele estava fora, afinal de contas, e Cullen assumiu a responsabilidade com muita seriedade. Como qualquer outra tarefa ou função a qual ele fosse nomeado. Ele tinha sombreado sua vida nestes últimos anos – uma existência mansa que consistia em trabalho, leitura e surfar nos canais de televisão.

— Haverá outras oportunidades, — ela disse com um encolher de ombros. Agora não era o momento para contar sobre o seu encontro no café amanhã. Ela estava conversando com alguns outros caras também. Todos caras sérios, de boa aparência. Um contador, um treinador de academia e um consultor financeiro. Nada desses soldados cheios de bagagem emocional que queriam transar com tudo que usasse salto. Não, estes eram homens estruturados e bem estabelecidos que estavam à procura de um relacionamento sério. Em suma, homens que *não eram* como Cullen. Ela achou que isso era saudável. Não fazia sentido procurar alguém como Cullen. Ela só estaria se preparando para a decepção se fizesse isso.

Não havia ninguém como ele.

Ainda era cedo enquanto eles dirigiam pela cidade. Muitos soldados rondavam as ruas, à procura de um pouco de ação para terminar o fim de semana. Todos, exceto esse ao lado dela. Ele olhava silenciosamente para fora da janela, os braços cruzados sobre o peito magro. Ela tentou não deixar seu olhar desviar até ele, mas era difícil. Sua camiseta cinza confortável puxava contra as linhas definidas

do seu torso. Ele apoiou um cotovelo no batente da porta, e a tatuagem no bíceps apareceu por baixo da borda de sua manga.

— Você vai perder a entrada, — ele ressaltou.

Ela bateu no frio e apertou o sinal de virar, entrando na rua de Cullen à direita. Ele alugou uma casa no final de uma tranquila, que ficava a apenas alguns minutos da base.

Ela morava em um apartamento a cerca de dez minutos da fronteira de Black Rock, mas era apenas temporário. Ela queria raízes. Um lugar seu. Ela esperava um homem seu também. Um namorado. Algum dia, um marido. Ela fez uma careta. Aos vinte e seis anos, ela esperava que esse dia fosse em breve.

Ela sabia que sua família queria que ela voltasse para a Geórgia, mas ela gostava de seu trabalho e a vida que ela tinha feito aqui. Voltar para casa pareceria uma continuação do Ensino Médio. Os mesmos rostos. As mesmas pessoas fazendo praticamente as mesmas coisas, contando as mesmas histórias. Só que agora todos eles estavam casados uns com os outros e dando à luz mini versões de si mesmos.

Sua vida era boa aqui, mas ela podia admitir para si mesma que poderia ser melhor se ela tivesse alguém para compartilhar tudo isso.

Ela havia caído em uma rotina aparentemente confortável com Cullen. Não havia uma tarde de domingo em que ele não a buscasse na biblioteca e então a levasse ao Java Joe's depois que ela retirasse seus livros da semana. Às vezes eles assistiam a filmes e pediam pizza. Ele perguntava sobre o seu dia e compartilhava histórias engraçadas sobre os novatos. Ele sempre mantinha o clima leve. Ele nunca deixava parecer que o que ele fazia era grave ou perigoso, mesmo que ela soubesse que era. Porque ela mesma trava seus alunos com frequência, quando um deles explodia uma mão ou o tímpano durante o treinamento.

Não era uma vida ruim, mas ela queria mais. *Precisava* de mais.

Ela parou na frente da casa de tijolos vermelhos de um andar e estacionou ao lado da moto de Cullen. Ele havia deixado uma luz acesa no alpendre que agora iluminava o capô da caminhonete com uma aura amarela. Ela desligou o motor e desceu, seguindo Cullen até a porta.

Ele se virou para ela, a mão estendida, a palma para cima. Um sorriso sardônico apareceu em sua boca. — Posso ter minhas chaves agora? Sabe, para abrir a porta?

Ela jogou as chaves e ele as pegou com uma das mãos. Com um sorriso, ele se virou e abriu a porta da frente.

Ele estava alugando esse lugar por quatro anos, mas ainda não tinha feito muita coisa com ele, por dentro ou por fora. Sem paisagismo especial no jardim. Apenas a grama que ele que mantinha cortada. No interior, apenas o essencial. Era o apartamento de um homem solteiro por excelência. Mesa de cozinha, sofá e TV. Um único quarto e um quarto de hóspedes que ele usava como escritório – ambos escassamente mobiliados.

O lugar cheirava a ele. Ela inalou. Lá estava. Roupas limpas da lavanderia e a sua marca de sabonete – seja lá qual fosse.

Ele jogou as chaves sobre a mesa e andou até a geladeira para pegar mais uma cerveja. Ela desviou o olhar quando se pegou olhando para a sua bunda. Deus, o homem podia balançar um par de jeans.

Quando ela olhou para o lado, ele se virou novamente. Ela observou os tendões da sua garganta bronzeada trabalhando enquanto ele bebia os goles de cerveja.

O que havia com ela? É verdade, ela sempre achou ele quente, mas isso era ridículo. Era quase como se um interruptor invisível da sua libido tivesse sido acionado quando ela se inscreveu no site de namoro.

— Acho que você está presa aqui agora. Que pena para você. Eu sou uma companhia de merda no momento, — disse ele, baixando a garrafa da boca. Ele acenou para a geladeira. — Quer uma?

— Não, obrigada.

— Claro que não. — Ele tomou um longo gole, seus olhos escuros lhe observando.

— O que isso quer dizer? — ela se mexeu onde estava parada. Agora por os pés em uma poça de ácido seria melhor do que aguentar outro momento nessas botas.

Desta vez, quando ele levantou a garrafa até sua boca, aqueles lábios bem esculpidos se enrolaram em um sorriso que fez seu estômago revirar. Maldição, ela odiava que ele tivesse esse efeito sobre ela. Principalmente porque isso significava que ela era como qualquer outra garota e não imune a ele. Ela *não queria* ser como qualquer outra garota. Ela não era. Ela era diferente. Para começar, ela era sua amiga. As mulheres perambulando dentro e fora de seu quarto nunca

poderiam dizer isso. E isso deveria ser suficiente. Deveria ser mais que suficiente para satisfazê-la.

— Você é um peso leve. Uma dessas meninas que não podem resistir ao sabor da cerveja e que bebiam Strawberry Hill²¹ no Ensino Médio. Você provavelmente nunca ficou bêbada naquela época. Só deu uns cinco goles no Hill e já ficou tonta.

Cruzando os braços, ela o encarou, embora ele estivesse mais perto da verdade do que ela gostaria de admitir.

Ele riu como se lesse sua mente. — Eu estou certo, não estou, querida? Eu até posso te ver agora no campo de algum fazendeiro. Rindo e agindo como bêbada. Provavelmente deixando um cara te apalpar e depois o culpando sobre a bebida.

Ela puxou uma respiração afiada. Havia um ponta de insulto em suas palavras. Ele *nunca* falou com ela assim antes. Isso a irritou até que ela se lembrou do que ele estava passando. Isso não era sobre ela. Havia uma razão pela qual ele estava virando bebidas como se não houvesse amanhã.

Ela foi até a mesa e se sentou em uma cadeira. — Está tudo bem, — ela anunciou enquanto puxou fora uma das suas botas.

Ele franziu a testa. — O que está tudo bem?

— Você pode ser desagradável. Eu serei seu cão para chicotadas se isso te faz sentir melhor. Eu sei que você não queria dizer isso, e eu sei que você está machucado.

Seus olhos escuros brilharam e ele se empurrou para longe do balcão, os nós dos dedos ficando brancos onde ele agarrava o pescoço de sua garrafa. — Que besteira.

Talvez ela não devesse empurrá-lo, mas ele precisava de um amigo. Alguém que aguentasse os seus socos e falasse honestamente com ele. Alguém que ele não podia intimidar.

— Cullen, você precisa falar sobre isso, — disse ela suavemente.

Ele apontou um dedo acusador para ela. — Não venha bancar a psicóloga comigo.

Ela arrancou a segunda bota e a jogou no chão. — Não há nenhuma vergonha em como você está se sentindo. Você tem direito a

²¹ É tipo um Keep Cooler, uma bebida docinha com pouca quantidade de álcool.

se sentir mal. Você até pode tirar uma noite para ficar bêbado e se punir.

— Isso está certo?

Ela assentiu com a cabeça. — Sim. É importante o luto, chorar... mas eventualmente você vai ter que falar sobre ele...

Ele xingou e jogou sua garrafa vazia no lixo. — Você quer que eu fale? Você quer que eu diga como eu empurrei Xander para o programa, e quando ele disse que tinha dúvidas, eu o encorajei a ficar.

Ela fez uma careta. — Esse é seu trabalho. Treinar, dar apoio e encorajamento.

— Sim, bem, eu deveria ter sido mais objetivo. Eu deveria ter visto que ele não tinha o que era preciso.

— Você não sabe disso, — protestou ela, seu coração doendo por ele. — Poderia ter acontecido com qualquer um. — Ela odiava que ele culpasse a si mesmo. Ela sabia o quanto ele se importava com seus garotos. Ele dava tudo de si, se certificando que eles estivessem preparados para a realidade que iam ter que enfrentar.

— Mas aconteceu com ele. Um dos meus rapazes, — disse ele categoricamente. Ele se virou e pegou outra cerveja da geladeira, e desapareceu dentro do quarto.

Ela olhou para suas botas descartadas, querendo saber o que fazer. Não era como se ela pudesse entrar em seu carro e ir embora. Ela precisava chamar um táxi ou seu irmão, ou apenas aceitar que ela ia passar a noite aqui, o que realmente não era grande coisa. Não seria a primeira vez que eles dormiriam sob o mesmo teto.

E também havia o fator não tão pequeno assim que ela não queria que ele ficasse sozinho quando estava assim.

Depois de um momento, ela se levantou e seguiu Cullen, parando no limiar do seu quarto.

Seu coração se contraiu ao vê-lo na frente de seu armário. Os músculos e tendões de suas costas ondulavam enquanto ele puxava a camisa sobre a cabeça e a deixava cair no chão. Sua boca ficou seca quando ela se concentrou na linha da sua coluna, a forma como ela mergulhava e desaparecia no cóis da calça jeans.

Ele se virou, lhe dando a visão do seu peito nu. Daquele tanquinho, do caminho da felicidade²² que acenava para ela. As mãos dele se moveram, parando no botão da braguilha.

Seus lábios se separaram para pegar fôlego.

— Gostando do show? — ele levantou uma sobrancelha escura e hesitou um momento antes de se encolher e deslizar seu jeans para baixo dos quadris estreitos. Ele usava cuecas boxer, e seus ovários chutaram à vida com a visão da protuberância impressionante que ele tinha ali. *Meu Deus, qual é o tamanho dessa coisa quando ele está completamente excitado?*

Ele era lindo. Tonificado e esculpido em mármore. Sua pele era bronzeada, insinuando alguma ascendência do Mediterrâneo. A saliva voltou a encher sua boca. Ela queria beijar e lambe e morder cada polegada do corpo dele. Uma de seus encontros tinha que ser um arraso, porque ela não podia continuar encarando Cullen desse jeito.

Ela balançou a cabeça. — Pare de ser tão arrogante.

— É quem eu sou. Você sabe disso. — Ele piscou para ela quando ligou a TV e se moveu para puxar para trás as cobertas.

— O que você está fazendo?

— Eu vou assistir TV e terminar esta cerveja até apagar, — ele respondeu enquanto deslizava debaixo dos lençóis azuis escuros.

— Oh, — ela disse baixinho.

— E você? Vou ficar aqui e tomar conta de mim? Ou ligar para Beck vir te buscar? — ele levou sua cerveja aos lábios.

Ela não queria incomodar Beck. Ela disse a ele que poderia lidar com Cullen. Ele estaria indo para casa em alguns dias. Ela não queria que ele se preocupasse em estar deixando para trás uma grande bagunça. Ele tinha esperado tanto tempo para voltar para casa. Ele adorava a fazenda e estava ansioso para voltar para lá. Ele era como seu avô. A terra estava em seu sangue.

Cullen colocou em uma reprise de *The Big Bang Theory*. Ele deu um tapinha no lugar ao lado dele na cama. — Venha aqui, querida. Você gosta desse seriado.

²² Aquela trilha de pelos que é mais comum em homens, que vai do umbigo aos genitais.

Um pouco mais calma pelo seu tom familiar, ela balançou a cabeça. — Eu vou ficar.

Ele apontou para sua cômoda. — Você pode colocar uma das minhas camisetas.

— Obrigada.

Ela se moveu e abriu uma gaveta aleatória, o ouvindo chamar tarde demais. — Espera. Essa gaveta não.

Ela conteve o fôlego quando seu olhar caiu sobre um par de algemas. Ela colocou um dedo dentro de um dos círculos de aço e o levantou, se virando enquanto perguntava, — Hm, o que são...

Ele estava de pé bem atrás dela agora, olhando fixamente para o seu rosto, seu peito nu irradiando calor. — Elas são minhas. Você sabe, para quando eu tenho amigas aqui.

— Amigas, — ela guinchou, — que gostam de ser algemadas?

Ele esfregou a mão para cima e para baixo na parte de trás do seu couro cabeludo. — Bem, sim. Entre outras coisas.

Seu estômago revirou e vibrou ao imaginar o que essas *outras coisas* poderiam ser. De repente parecia que uma pedra de cem quilos havia parado sobre o seu peito. Por mais que ela tentasse, não conseguiu puxar ar suficiente. Ela olhou para as algemas e de volta para ele.

Ele deu de ombros como se não fosse grande coisa.

Ela umedeceu os lábios, seu interesse despertado. — O que são essas... *outras coisas*... Que você faz?

Ele riu e o som ondulou através de sua barriga em fitas de calor. — Vamos lá. Você realmente não quer saber sobre esse tipo de coisa.

Ela engoliu em seco. — Eu quero. Eu quero saber.

Seu sorriso desapareceu. Ele olhou para ela por um longo momento antes de encolher os ombros novamente. — Tudo bem. Às vezes fica um pouco bruto.

— Bruto?

Ele concordou, esclarecendo. — O sexo.

— Sexo. — Deus, ela parecia um papagaio agora. Ela endireitou os ombros e tentou transmitir a ideia de que era uma mulher madura que poderia lidar com uma discussão sobre sexo. *Não qualquer sexo. Sexo do jeito que Cullen gosta e faz.*

— Sim. Você sabe, uma pequena surra. Algemas na cabeceira da cama. Esse tipo de coisa.

Seus olhos se arregalaram.

— Não fique tão escandalizada. Eu não uso chicotes ou bastões nem nada. Nada como isso. Eu sei que não é a sua coisa, mas muitas mulheres gostam...

— Como você que não é a minha coisa? — ela elevou o queixo.

Ele riu e balançou a cabeça. — Vamos lá, querida. Eu conheço você.

— Você não conhece *tudo* sobre mim.

— Certo. Sexo violento é a sua coisa.

— Talvez.

Ele bufou. — Seu rosto está da cor de um tomate nesse momento.

— E d-daí, — ela gaguejou, odiando o fato que ele achava que a conhecia tanto. Talvez ele a conhecesse. — Você não sabe o que eu faria ou não faria na cama. Sabe? — *Deus, simplesmente pare. Não diga mais nada.* — Quer dizer, talvez eu goste desse tipo de coisa também. — Ótimo. Balbuciando e mentindo agora.

Diversão dançou nos seus olhos escuros, mas felizmente ele não riu. Ela não poderia ter lidado com ele rindo abertamente em seu rosto.

— Eu acho que eu não sei, — ele concordou. — É só que você não é exatamente o que eu chamaria de experiente...

A expressão dela deve ter mostrado o quanto essa declaração foi como um soco, porque ele rapidamente emendou, — Ei, eu apenas não iria pensar que você ia se aventurar em qualquer coisa além de...

— Papai e mamãe? — ela atirou para ele. — Bem, você não está exatamente versado do que eu gosto no sexo, não é?

Ele deu a ela um olhar ilegível. — Não. Eu acho que eu não.

Arrancando as algemas de suas mãos, ele as colocou de volta na gaveta e abriu outra, seus movimentos rápidos e eficientes. Tirando uma camiseta, ele entregou a ela. — Aqui está.

Ela continuou olhando para ele, essas vibrações ainda dançando em seu estômago. — Obrigada.

Se virando, ela se trancou dentro do banheiro e colocou uma camiseta de algodão macio que tinha o cheiro dele. Mesmo que a barra alcançasse o meio da sua coxa, ela manteve sua saia porque a camiseta ainda era meio curta. Saindo do banheiro, ela o encontrou na cama outra vez.

Ela se acomodou ao lado dele, em cima das cobertas, dizendo a si mesma que essa não era diferente de qualquer outra noite que eles assistiram TV juntos em seu sofá. Mesmo que ela continuasse a ouvir a voz profunda de Cullen na sua cabeça. *Às vezes fica um pouco bruto.*

Seu sexo doía e latejava, e ela apertou suas coxas juntas. A confissão dele tinha feito mais do que só despertar sua curiosidade. Ela não conseguia ignorar a ideia de Cullen... ela... e sexo áspero.

Então, e daí que ela estivesse em sua cama, e estava excitada e tinha raspado as pernas? Ele não ia fazer um movimento e ela, com certeza, também não. Mesmo que ela quisesse, seria preciso mais coragem do que ela possuía para dar o primeiro passo. Esse tipo de bravura não estava no seu DNA.

Ela se manteve rígida ao lado dele ao longo de dois episódios. A tensão não deixava o seu corpo. Ela sentia sua pele coçando e apertada. Mesmo que ela não tivesse visto esses episódios, não conseguia se concentrar nos atores. Com o canto do olho, ela viu a ascensão e queda do seu peito duro, a inclinação de seu abdômen tanquinho. O brilho das suas *dog tags*²³ sobre o seu esterno.

Isso era loucura. Seu corpo estava preparado e pronto para ir. Fazia quatros anos que ela não dormia com um cara. Que ela transava com um. Quatro anos desde que Jackson terminou com ela. Desde



²³ São aquelas comuns no Exército:

então, houve apenas alguns beijos eventuais em raros encontros. Talvez algumas carícias por debaixo da roupa. Seu corpo era a seca e Cullen agora era a água a muito desejada. Ela engoliu em seco e arranhou a coceira da sua pele. Ela não podia lidar com essa proximidade dele.

Ela mexeu seu peso, indo em direção à beira do colchão, tentando para ver o quanto ela poderia ir sem cair. Ela nunca ia conseguir relaxar, e estava presa aqui pela noite toda. Ia ser impossível dormir.

Esse era o seu pensamento persistente e final, o ultimo do qual ela ia se lembrar antes de adormecer.

Capítulo Dois

Huntley estava dormindo.

Em sua cama.

Era um inferno de uma situação, e ele não conseguia pensar direito. A única mulher com quem ele nunca iria brincar estava em sua cama, enrolada ao seu lado, de costas para ele, a saia alta o suficiente para ele vislumbrar sua calcinha branca de algodão. Calcinha branca de algodão que não deveria ter sido tão quente, mas por algum motivo o deixou tão duro quanto um tijolo. As palmas das suas mãos coçavam para segurar a carne dela, para descobrir se a sua bunda era firme como parecia.

Ele xingou e colocou no History Channel. Um filme de guerra estava passando. Ele fez uma careta. A última coisa que ele queria ver, mas pode esfriar seu tesão. Depois de trinta segundos de explosões, ele xingou ainda mais e passou para o Comedy Central.

O comediante só fez uma piada antes que seu olhar se desviasse para Huntley novamente. Ele bateu o controle remoto ansiosamente contra sua perna, e olhou para o comprimento das suas coxas lisas em exposição. A curva da sua bunda empurrando contra o algodão branco da sua roupa de baixo.

Ela normalmente usava jeans e suéteres volumosos, blusas quando o clima estava mais quente. Ele nunca tinha visto tanto de seu corpo à mostra. Nunca teve uma ideia clara da sua forma antes. Ele sabia que ela era alta. Nem magra. Nem gorda. Ela sempre tinha sido simplesmente Huntley.

Neste momento, ela o lembrou daquelas meninas pinups dos anos 1940. Curvas suculentas. Curvas suaves e montes e vales e depressões que gritavam feminilidade. Ele ajustou seu pau, na esperança de aliviar o pulsar ali. Nenhum alívio veio. Em vez disso, ele deu a si mesmo algumas carícias com o punho fechado enquanto olhava a longa extensão das suas pernas e as duas covinhas na parte inferior das suas costas, logo acima do topo da calcinha.

— Porra, — ele murmurou. Estar com tesão pela irmã do seu melhor amigo não podia estar acontecendo. Beck confiava nele. Ele esperava que ele a tratasse com respeito. Ela não era apenas uma foda.

Ele deveria ter trazido alguém para casa do bar hoje à noite. Uma cliente regular do Bombs Away que ele já tivesse fodido e que sabia jogar o seu jogo. Teria sido uma maneira de conseguir se distrair sobre Xander e Huntley não teria insistido em lhe trazer para casa. Ele não estaria com o pau tão faminto por ela agora.

Arremessando as cobertas para longe, ele pegou a garrafa de cerveja do seu criado-mudo. Ele a jogou no lixo e desligou todas as luzes da casa. Depois foi ao banheiro e escovou os dentes antes de colocá-las suas mãos abertas sobre o balcão e olhar a si mesmo no espelho.

Ele nunca – nunca – deveria ter recrutado Xander. Se ele não tivesse feito isso, o cara ainda estaria vivo. Seus olhos injetados de sangue olharam de volta para ele como punhais. Ele esfregou as mãos sobre o rosto e tentou afastar o desejo de gritar ou bater em alguma coisa.

As palavras de Beck mais cedo repetiam uma e outra vez em sua cabeça. *Ele entendeu errado. Ele entendeu errado.*

Cullen tinha treinado ele. Xander não deveria ter entendido errado. Talvez Cullen fosse o único que tinha entendido errado. Talvez ele tenha deixado alguma coisa, algum ponto fora do treinamento. Não seria a primeira vez que ele fez merda. De acordo com seu pai, ele só fazia merda. Ter ido para o EOD em vez da área de inteligência²⁴ foi o pior. Ele tinha vinte e nove anos de idade e seu velho nunca perdeu uma chance de lembrá-lo que ele era uma decepção total.

Com um suspiro de desgosto, ele desligou a luz do banheiro e então a TV, quando passou a caminho da cama. O quarto estava envolto em sombras, a única luz fraca era aquela que passava através da persiana. O vizinho tinha deixado a luz da sua varanda acesa e um brilho suave adentrou seu quarto, delineando os móveis.

Ele escorregou na cama e virou de lado. Huntley tinha rolado de costas, e ele olhou seu peito subir e descer no ritmo das respirações. Ela ainda estava esticada em cima das cobertas.

²⁴ Como já dito, EOD é essa área de explosivos, bombas e detonadores em que ele trabalha. A área de inteligência e estratégia é a área do Beck.

Se sentando sobre um cotovelo, ele a levantou ligeiramente, puxando o edredom todo o caminho. Seu nariz roçou os cabelos e ele inalou o aroma frutado. Podia ser melão, talvez? Morango? Ele resistiu ao impulso de enterrar o nariz no seu cabelo. — Merda, — ele deu uma risada fraca, sem alegria. — Você precisa se livrar do efeito do álcool, homem.

Não havia outra razão que o fizesse entender sua reação ao corpo de Huntley. Eles estiveram um ao lado do outro por anos. Ele nunca tinha cheirado o seu cabelo ou tido pensamentos picantes sobre a sua bunda.

Mesmo que ela fosse era a irmã de Beck, ela ainda não era seu tipo. Ela era uma boa menina. Ela queria casamento, cerca branca e um bando de crianças. E ela queria isso pra ontem. Pelo amor de Deus, ela entrou em um serviço de namoro online. Ele não perdeu o brilho de interesse em seus olhos quando ele explicou suas preferências sexuais, mas ele ia esquecer isso. Ele tinha que esquecer. Ele não queria estragar a garota.

Ele a colocou de volta para baixo, puxando as cobertas sobre o seu corpo. Ela suspirou baixinho contra sua garganta e sua pele reagiu, apertando quase dolorosamente. Ele rapidamente a soltou.

Se deixando cair para trás em seu travesseiro, ele se certificou de que eles estavam a uma boa distância um do outro. Jogando um braço sobre a testa, ele olhou para o teto, onde seus pensamentos encontraram o caminho de volta para Xander. A dor ainda estava lá, lhe cortando. Era uma culpa tão profunda que ele sentia que estava se afogando nela. Sua culpa. Seu fracasso. Seu pai sempre disse que ele não tinha que se meter com a EOD. Não havia um feriado de Ação de Graças que ele não o lembrasse. *Você não tem nada a fazer na EOD. É preciso ter coragem e fibra. E você não tem nenhum dos dois, rapaz.*

Seu peito apertou e suas mãos abriram e fecharam, como se estivessem procurando algo para agarrar, algo para lhe puxar para fora do atoleiro.

Alguém.

Seu olhar deslizou novamente para a esquerda onde estava Huntley e ele riu, um som baixo, atormentado. Ele realmente era um filho da puta.

Um dos seus amigos estava morto por causa dele, e ele estava na cama com a irmã do outro, sustentando a porra de uma ereção. Esse

tinha que ser o ponto mais baixo da sua vida. Considerando sua educação menos do que estelar, isso queria dizer alguma coisa.

Ele soltou um suspiro e voltou a olhar cegamente para o teto outra vez. Aos poucos, seus olhos ficaram pesados. O álcool correu através de seu sistema e finalmente fez a sua magia. Com um suspiro pesado, ele fechou os olhos.

Capítulo Três

Huntley acordou em um quarto escuro. Ela piscou sonolenta contra a luz turva e lutou por um momento para lembrar onde estava. Ela inalou, sentindo falta do habitual aroma de açúcar e baunilha que tinha seu apartamento. Isso provavelmente não a ajudava com seu desejo quase insaciável por cookies, mas as velas aromáticas eram um conforto, porque a faziam lembrar a cozinha da sua avó.

Este quarto tinha um cheiro almiscarado. Havia uma sugestão de couro e sabonete... masculino. *Cullen.*

Sua consciência retornou. Os acontecimentos da noite voltaram todos de uma vez. Bombas e a briga entre seu irmão e Cullen. Ela levando Cullen para casa. Indo para cama com Cullen.

Na cama com Cullen.

Pânico e alguma outra coisa que estava perigosamente perto da excitação chiou através dela. Ela estava de lado, debaixo das cobertas – de alguma forma ela tinha acabado ali. Ela podia sentir o calor de Cullen irradiando em suas costas. Era como um fogo morno, a convidando para sair do frio.

Ela fechou os olhos. Fazia muito tempo e ela tinha passado poucas noites com Jackson. Sexo com ele tinha sido encontros apressados na parte de trás do seu carro ou na casa de um deles quando seus pais não estavam. Nunca houve muita privacidade e sempre havia um sentido de urgência.

Ela tinha vivido com seus pais até se formar em enfermagem, e ele também não saiu da casa dos seus pais quando terminou o colegial. Ele estava seguindo os passos do seu pai e planejava assumir a loja de ferragens da família. Dormir em uma cama com um homem era uma experiência totalmente nova para ela, e sentia como se seu estômago estivesse vivo com milhares de borboletas. E não apenas qualquer homem. Cullen. Cullen sexy, de corpo duro e olhos escuros. *Às vezes fica um pouco bruto.* Deus. Ela nunca iria conseguir tirar a voz dele, dizendo essas palavras, da sua cabeça.

Ela se mexeu um pouco e se tornou ciente de que sua saia estava em torno de seus quadris. Suas pernas deslizaram sinuosamente contra

os lençóis. Ela levantou a cabeça e se atreveu a espiar pelo ombro o longo corpo imóvel atrás dela. A curva do seu ombro musculoso. Os ângulos de sombra do seu rosto pareciam um pouco mais suaves no sono. Ele estava de lado, também; seu corpo maior delineado pelo brilho pálido da luz que se infiltrava pelas persianas. Se ela se aconchegasse uma polegada para trás, eles estariam de conchinhas.

Sua respiração suave saía com a cadência do sono. Que mal havia nisso? Ele ainda estava dormindo. Por apenas um momento, ela poderia experimentar o que era dividir a cama com um homem. Um homem, e não um garoto que passava todo o seu tempo jogando videogame.

Ela avançou lentamente para trás até que a parede quente do seu peito estava nivelada com as suas costas. Ela alinhou as pernas dobradas contra as dele para que eles se encaixassem de forma mais confortável.

Seus lábios estremeceram com o simples contato, com essa proximidade. Ela se encontrou lamentando que estava usando uma camiseta e não podia sentir os contornos esculpidos do seu peito e abdômen sem a barreira de roupa. Homem e mulher. Pele com pele. Ela ansiava por isso. Ansiava por *ele*.

A boca dele estava diretamente em seu cabelo, seu hálito quente soprando os fios. O calor de sua virilha queimava sua parte inferior. Ela empurrou para trás, muito levemente, se fixando contra aquela parte dele. Curiosidade a encorajou. Ela podia sentir o cume lá. Somente a fina barreira de sua calcinha e da cueca dele os separava.

Foi terrível, mas ela se mexeu. Ela não conseguiu se conter. Sua respiração acelerou e ela o sentiu ficar mais duro. Era horrível isso que ela estava fazendo com ele – o usando por causa das suas próprias emoções baratas, enquanto ele dormia, mas o desejo fervia pelo seu corpo. Seu sexo pulsou, apertando com necessidade. Fazia muito tempo. O vibrador em sua gaveta de cabeceira não conseguia lhe satisfazer desse jeito.

Ela mordeu o lábio e engoliu um gemido enquanto esfregava sua bunda contra ele. Foi um erro. Mesmo que se aproveitar de Cullen enquanto ele dormia não fosse errado, ela agora estava doendo de desejo.

Ela não podia lidar com outro momento dessa tortura auto infligida. Ela iria dormir o resto da noite no sofá. Vivendo e aprendendo. Ela jogou as cobertas para trás e começou a se separar dele.

Ela já tinha um pé no chão quando uma mão agarrou um punhado de sua camiseta e a puxou para baixo na cama. Suas costas caíram contra o colchão com um baque suave. Uma lufada de ar escapou pela sua boca quando Cullen pairou sobre ela, maior que a vida, os ombros uma rocha sólida, agrupados com a tensão que ondulava até seus bíceps tensos.

Suas mãos achatadas contra o colchão em ambos os lados dos ombros dela, seus braços duas toras gêmeas de puro músculo que, efetivamente, a enjaulavam. Seu estômago afundou e torceu com a visão de tanta masculinidade pairando em cima dela.

Ela umedeceu os lábios enquanto olhava para seu rosto sombreado. Seu cabelo curto abraçava seu couro cabeludo, acentuando suas feições esculpidas. Ele tinha o rosto de um maldito modelo da Calvin Klein. Linhas duras de uma boa aparência cinzelada. O pulsar em seu núcleo mais profundo era incessante.

Ela sentiu-se afogando nas profundezas líquidas dos olhos dele. Eles a devoravam, brilhando como piscinas de água escura. Esse era um território desconhecido. Ela tinha visto Cullen em ação com outras mulheres. Ela sabia que ele podia ser intenso e quase predatório, mas ela nunca tinha pensado que um dia ele iria dirigir tudo isso para ela com tamanha intensidade.

Ele deve estar confuso. Ou ainda bêbado. Isso fazia mais sentido do que ele a olhando como se ela fosse sua próxima refeição. Isso fazia sentido nenhum.

— Cullen? — a voz dela escapou em um coaxar embaraçoso. Ela tentou de novo, dizendo a si mesma que isso não era estranho. Era apenas Cullen. Seu amigo. — Você está bêbado?

— Estou sóbrio o suficiente.

Se ele não estava bêbado, então isso significava que ela tinha lhe acordado com a sua moagem sem vergonha. Ótimo. Isso só ficou um pouco mais humilhante.

O ar crepitava entre eles enquanto ela procurava palavras para se explicar. Talvez ele não tivesse notado o que ela estava fazendo antes de tentar deslizar para fora da cama. Uma garota podia ter esperanças.

Ele baixou o olhar, correndo ao longo do corpo dela. Huntley se tornou hiperconsciente da corrente de ar frio em torno das suas coxas expostas. Ela não precisava olhar para saber que sua saia tinha subido

nos quadris e ele tinha uma visão clara da sua calcinha. Ela corou furiosamente. Sua roupa íntima era lisa e sem graça. Ele provavelmente estava mais acostumado com fio-dental com estampa de oncinha.

— Você não vai ficar aqui e fingir que não esfregou essa bunda em mim.

Sua voz era um grunhido quase irreconhecível para ela. Este não era o seu amigo. Era um Cullen diferente.

Um som que soava muito parecido com *omiphhhfttt* escapou dela.

Ele baixou o olhar outra vez. Cullen inclinou a cabeça, a estudando como se ela fosse um espécime que ele nunca tinha visto.

Antes que ela percebesse sua intenção, sua mão desceu e cobriu seu sexo. Ela gritou com o contato. A imprensa firme da palma da mão e os dedos longos ondulando para o lugar entre as coxas dela a fizeram saltar. Ele enterrou a mão, deslizando ao longo do vinco de sua feminilidade.

Ela choramingou, suas mãos se estendendo ao seu lado e agarrando os lençóis. Huntley separou suas coxas em boas-vindas, dando a ele maior acesso e detestando a barreira de algodão fino de sua calcinha. Ele esfregou os dedos, deslizando contra ela até que o atrito se tornou insuportável. Ela se empurrou contra seus dedos, com fome e à procura. A atenção dele viajava de um lado para o outro entre as suas pernas e o seu rosto, a sua expressão feroz e concentrada.

Aquele olhar deveria ter a assustado, mas ela só queria que seus dedos pressionassem mais profundo. Ela queria tirar a calcinha se sentir seu toque diretamente sobre a carne nua, a acariciando. Penetrando.

Seus olhos se fecharam quando sua necessidade beirou à dor.

— Abra os olhos, — ele comandou, sua voz grossa e dura.

Seus olhos se abriram e seu olhar caiu sobre ele.

— Você gosta disso? — ele perguntou, continuando seu ataque, esfregando os dedos contra a virilha da calcinha até que ela estava encharcada. Sua mandíbula estava apertada, os olhos de obsidiana duros.

Ela assentiu com a cabeça, os cabelos espalhados sobre o travesseiro.

— Diga isso. Me conte.

— S-sim. Eu gosto disso.

— O que você quer, Huntley? — ele virou o pulso, conseguindo esfregar seu clitóris com a base da palma da mão enquanto continuava com a sua carícia.

— Isso... mais... mais. — Desde que ela viu aquelas algemas, sua necessidade e desejo só haviam crescido.

Um canto da boca dele se curvou para cima e ele deu a ela um olhar que só poderia ser descrito como satisfação suprema. Em vez de lhe dar o que ela pediu, porém, ele tirou a mão. Ela gritou, arqueando as costas com a perna do seu toque.

Ele se acomodou de joelhos entre as pernas dela e a empurrou de volta para baixo com uma mão em seu ombro. Seu rosto estava mais perto agora. Diretamente acima do dela. Mesmo na penumbra do quarto, ela podia distinguir os contornos do canto da sua boca.

Ela prendeu a respiração, esperando, sabendo que algo estava chegando, mesmo que não soubesse o quê. Ocorreu-lhe, então, que nada com Cullen seria normal ou esperado. Mesmo que sua experiência na cama não fosse tão limitada, ele era um homem além da sua zona de conhecimento.

Ela abriu os lábios, os umedecendo com a língua. Os olhos dele seguiram o movimento e pareceram brilhar no escuro. Ele vai me beijar agora. Ele avançou apenas uma fração, sua boca chegando mais perto...

Ele acertou com os dedos no lugar entre as suas pernas, dando um tapinha rápido sobre o seu sexo inchado.

Um tremor percorreu seu corpo e ela gemeu.

— Você gosta disso? — ele perguntou em seu ouvido.

Ela assentiu com a cabeça e gritou quando ele golpeou seu sexo outra vez. O contato desencadeou uma onda de sensações a partir do seu clitóris inchado.

— Eu avisei que era uma companhia de merda hoje, não é?

Ela assentiu, sons incoerentes saindo da sua boca.

— Você não deveria estar aqui, Huntley. — Desta vez o alvo foi o clitóris, que ele golpeou em uma sucessão de tapinhas que atiraram agulhas afiadas de desejo por todo o corpo dela.

Ela gritou, tremendo. Ela estava tão perto.

Suas mãos grandes chegaram aos seus quadris. Ele agarrou os lados de sua calcinha e deslizou o material pelas suas pernas em um movimento rápido. O ar frio soprou sobre seu sexo dolorido.

Ela sentiu seu olhar lá, em seu centro inchado. Ele viu a evidência do que fez com ela... como ela estava molhada, como ela doía por ele.

Ele deu um assobio de aprovação e deixou escapar um — Huntley. — Sua voz parecia estrangulada. Ele colocou a mão no interior de cada uma das suas coxas, as empurrando bem abertas para ele. — Deus, você é tão bonita.

Ela nunca tinha estado tão exposta em sua vida. Jackson nunca tinha olhado para esse lugar dela.

Cullen se abaixou para que ela pudesse sentir sua respiração quente em suas dobras. — Bonita pra caralho, Huntley. Quem diria que você tinha essa bucinha tão gostosa?

A respiração dela se tornou ofegante. Ela tremeu, sentindo seu olhar como se fosse um toque. Mas não era o mesmo que uma carícia, e ela precisava que fosse. Ela precisava dele assim, *tanto*.

Ele arrastou um dedo para baixo sem a barreira da calcinha, traçando sua fenda. Ela se arqueou para fora da cama, sua espinha se curvando neste primeiro contato. Uma onda de umidade molhou o dedo dele, que fez um grunhido de aprovação.

Com o mesmo dedo, ele encontrou seu clitóris e o circulou suavemente. Ela se retorceu na cama, morrendo enquanto ele brincava e rolava o pacote apertado de nervos.

— Cullen, — ela implorou.

— Você vai ter que dizer isso, Huntley.

Ela deveria ter notado que algo estava diferente em sua voz. Que este não era apenas um Cullen quente e mal-intencionado, mas um Cullen à beira de algo perigoso. Mas ela estava muito perdida no desejo

escuro bombeando através do seu corpo para processar. — Dizer o quê?

— Diga isso, — ele comandou, ainda acariciando, mas não fazendo pressão suficiente.

— M-mais forte.

— Mais forte... o que, Huntley?

— Esfrega com mais força!

— Assim? — ele pressionou com mais força, rolando o clitóris entre os dedos, e então soltando novamente, tocando-o apenas com a mais leve pressão.

Ela choramingou e se contraiu contra a sua mão. Ele estava deliberadamente se negando a ela, e estava lhe matando. Sua boca levantou nos cantos de novo.

Ela rosnou em frustração e ele riu levemente, o som ondulando através dela. — Você vai ter que falar. Me diga o que você quer, Huntley. Então, talvez, eu te dê a chupada que você está esperando.

Ela gemeu. — Você está me torturando.

Ele colocou as mãos em cada lado das suas coxas e pairou sobre ela como um animal faminto, os tendões dos seus braços e ombros se flexionando. O olhar dele correu pelo seu corpo e pelas coxas antes de disparar de volta para o seu rosto. — Estamos apenas começando.

As mãos dele agarraram os seus tornozelos e a puxaram para baixo no colchão, amontoando mais sua saia nos quadris. A brutalidade do movimento e a rapidez com que suas mãos grandes deslizaram dos tornozelos às coxas, deveriam ter alarmado ela. Em vez disso, uma emoção quente chamuscou suas veias. A força, o poder e a intensidade dele a excitavam.

Ele baixou o rosto entre as coxas dela, suas mãos as empurrando bem abertas para ele. Um gemido escapou dela quando sua boca se fechou sobre o clitóris com precisão única. Com os braços estendidos ao lado do corpo, ela se agarrou aos lençóis em busca de um ponto de equilíbrio. *Ohmeudeusohmeudeus!* Ela arqueou enquanto ele a devorava como se fosse sua última refeição.

Ele chupou seu clitóris com a boca quente, brincando com o broto sensível, lambendo furiosamente, lhe dando uma surra com a

língua. Quando seus dentes raspavam o botão, o corpo dela estremeceu. Suas mãos voaram para fora da cama, agarrando a cabeça dele, mergulhando os dedos no cabelo curto.

— Cullen! — ela puxou se cabelo. — O que você está fazendo? — ela não sabia o que estava acontecendo. Ela sentia como se estivesse prestes a partir ao meio.

— Eu estou fazendo você gozar, — ele ronronou contra seu sexo. — Nenhum garoto já fez essa buceta tremer?

Ela agarrou seu couro cabeludo, choramingando quando sua boca encontrou a entrada de seu sexo. Ele enfiou a língua dentro. Isso só aumentou o seu tormento. Ela precisava dele lá. Ela gritou, resistindo contra os seus lábios, implorando por mais.

Ele ergueu o rosto em um rosnado.

Ele se arrastou de volta até seu corpo como um predador perseguindo sua presa, agarrando ambos os pulsos dela e os prendendo em ambos os lados da sua cabeça. Ela se perdeu em seu olhar escuro enquanto seu corpo rígido achatava o dela, seus braços musculosos esticados em cima dela, a prendendo no lugar, seu peito duro sobre o dela, esmagando seus seios.

— Eu vou fazer você gozar, Huntley. — Sua ereção dura como pedra batia contra o seu núcleo latejante.

Ela engasgou com a sensação. Mesmo com a cueca, ela podia distinguir o seu eixo enorme. Parecia impossível que eles fossem encaixar.

Mas ela ansiava por ele. Queria. Suas pernas se levantaram por vontade própria e ela as enrolou em volta da sua cintura, o prendendo. Ela começou a balançar e moer contra o seu pau em uma simulação de sexo.

— Deus, — ele suspirou, deixando cair a boca para a curva de seu pescoço. — Você está implorando por um caralho duro. Quanto tempo tem sido?

— Muito tempo, — ela ofegou.

Era isso? Será que sua fantasia secreta ia se tornar realidade? Eles iam esquecer todas as razões pelas quais isso não podia acontecer? Ela balançou a cabeça na cama, levantando mais os quadris. *Por favor. Sim.* Era surreal. Como se isso fosse apenas mais

uma fantasia e não algo que realmente estivesse acontecendo no plano da realidade.

Ela girou os quadris, gemendo na fricção que sua ereção fazia contra ela, onde todas suas sensações se concentravam. Isso não poderia ser uma forma de puni-la. Seu pau estava duro. Ele queria isso também.

Sua cueca estava úmida dela, e ela sentiu a cabeça grande e dura do seu pau na sua entrada. Ela se empurrou na direção dele com um gemido, trabalhando os quadris, odiando aquela barreira, desejando que ela sumisse.

— Deus, — ele engasgou, se mexendo e empurrando sua enorme ereção para ela, prendendo suas mãos com mais força no colchão. — Você me quer nu, não é? Eu poderia estar dentro de você tão rápido, tão profundo. Isso iria acabar com você, não é?

— Sim, — ela engasgou, implorou. Isso era o que ela queria. Ele poderia dar a ela. Reivindicar ela. Foder. Ela não podia nem pensar em outra coisa que quisesse mais.

— Mais, — ela engasgou, desesperada pela pressão, por algo, qualquer coisa, até mesmo pelos seus dedos contra seu botão de nervos ultrassensíveis outra vez.

Ela arqueou sua coluna, à beira das lágrimas. Huntley ainda precisava de mais. Ela levantou uma mão e esticou para ele, na esperança de atraí-lo para dentro dela, mas ele só a segurou de novo e a prendeu no colchão.

Ela suspirou de prazer ao sentir seu peso pesado a pressionando para baixo na cama. Seu núcleo estava logo abaixo do seu abdômen duro. Ela teria preferido sentir seu pau roçando contra ela, mas ele não parecia muito disposto a lhe dar isso.

— Você não toca, — ele ordenou em uma voz que enviou calafrios através dela. Ela se sentiu dominada e possuída de uma maneira que nunca soube que queria.

Ele largou um de seus pulsos e deslizou a mão entre eles. Com os olhos escuros focados no seu rosto, ele correu um dedo contra suas dobras molhadas.

Ela estava fazendo todos os tipos de sons embaraçosos agora, levantando seus quadris para os dedos implacáveis.

Ele a empalou com um dedo, penetrando profundamente e enrolando um pouco o dedo médio dentro dela, batendo naquele lugar onde ela nunca conseguiu chegar por conta própria.

Os tremores começaram de novo, vindo desde os seus dedos do pé, viajando pelo seu núcleo e se irradiando para cada membro. Ela estava perto. Quase. Ele retirou o dedo e mergulhou novamente. — Você é tão apertada, Huntley. — Seu polegar encontrou o clitóris e ele começou a brincar com ele quanto enfiava um segundo dedo dentro dela.

— Oh! — tudo se espremeu, apertou e torceu, explodindo em mim alfinetadas de sensação enquanto ele acariciava profundamente dentro dela, prolongando o orgasmo que gritava pelo seu corpo. Sua visão ficou cinza. Ela agarrou os lençóis ao ponto de quase rasgá-los quando o clímax se abateu sobre ela. Huntley ofegou, tentando recuperar o fôlego quando caiu de costas na cama. Ela pressionou a palma da mão na sua bochecha, lutando para firmar o pulso acelerado. Impossível.

A emoção brotou em seu peito e ela não tinha certeza de onde isso estava vindo. Lágrimas nublaram seus olhos e ela piscou ferozmente. Com a mão livre, ela tocou o ombro nu dele, a carne machucada devido à força com que o apertou.

Seu corpo gradualmente flutuou de volta para baixo, e ela acalmou seus batimentos.

Oh. Meu. Deus. O que aconteceu?

Ela ergueu o queixo. Seu olhar encontrou o de Cullen. Ele ainda parecia intenso e feroz e um pouco assustador. Ela se mexeu um pouco debaixo dele e sentiu sua ereção furiosa, ainda lá, muito insatisfeita contra o interior da sua coxa.

— Cullen... — ela umedeceu os lábios, insegura de si mesma.

Algo brilhou em seus olhos. Ela prendeu a respiração, esperando que ele falasse. Que dissesse a ela que estava feliz com o que tinha acontecido. Que esta não era a pior coisa que podia ter acontecido na história da humanidade. Que era algo que ele queria.

Que ele *a* queria.

Ele olhou para ela debaixo dele como se a visse pela primeira vez e piscou. — Merda.

Com essa maldição, ele pulou de cima dela e caiu de pé no chão em um movimento hábil.

Ela puxou uma respiração instável. Ok. Isso doeu. Mas pelo menos ela sabia onde estavam as coisas agora. Ela empurrou sua saia para baixo e deslizou até a borda da cama, pegou sua calcinha e tentou não mostrar o quanto a rejeição dele tinha machucado.

— Huntley, escute...

— Não. — Ela se virou e o encarou com a cama entre eles. — Não há nada a dizer. Esqueça.

Antes que ele pudesse adicionar qualquer outra coisa, ou pior, antes que ela quebrasse e começasse a chorar, ela correu para a sala de estar, pegou sua bolsa e se escondeu no banheiro do corredor.

Acendendo a luz, ela olhou para seu reflexo no brilho fluorescente. Seus olhos pareciam excessivamente brilhantes e enormes em seu rosto. Sua pele estava vermelha. Até seus lábios pareciam mais vermelhos, inchados. Ela percebeu com surpresa que ele não a tinha beijado. Bem, ele não a beijou *na boca*. Ela traçou seus lábios com os dedos um pouco trêmulos.

O sexo dela vibrou e se apertou, pronto para a segunda rodada. Ou pronto para a coisa real – ele entre as suas pernas. Bombeando dentro dela. A reclamando.

Ela gemeu e baixou a cabeça. Isso era muito humilhante. Claramente, ficou horrorizado como as coisas saíram de controle. Ela tinha que acabar com isso e trazer as coisas para uma perspectiva adequada entre eles outra vez. Eles eram amigos. Bons amigos. Ele era o melhor amigo do seu irmão.

Ela endireitou os ombros. Alcançando dentro da sua bolsa, ela pegou o telefone. Após uma busca rápida, discou o número de um táxi e pediu que fosse buscá-la. Desligando, ela vestiu sua calcinha novamente e correu os dedos pelo cabelo selvagem, se perguntando quanto tempo mais ela poderia se esconder no banheiro. Ela olhou para a porta de madeira. Não era como se ele estivesse batendo. Ele provavelmente ficaria aliviado se ela fosse embora.

Capítulo Quatro

Geralmente mulheres não se trancavam no banheiro depois de ficar com ele. Não que Cullen realmente ficasse com alguém. Ele não tinha dezessete anos. Quando ele estava com uma mulher, o objetivo era o sexo. Pura e simplesmente. Eles estavam lá pela mesma coisa, e as expectativas eram claras para os dois lados.

Essa noite, no entanto, Huntley tinha sido algo mais. Algo orgânico. Algo selvagem e sem precedentes para ele.

E eles nem ao menos tinham transado. Um fato que o atormentava e aliviava ao mesmo tempo. Por um lado, ele a queria tanto que seus dentes doíam. Por outro lado, ainda havia tempo para salvar sua amizade.

Huntley ficou no banheiro por dez minutos antes de aparecer. Ela parou quando o viu sentado no sofá. Ele tinha vestido uma calça jeans e uma camiseta. Em parte, para que ela se sentisse mais confortável, mas principalmente para o caso do seu pau resolver se comportar mal novamente e levantasse em todo o seu comprimento.

Dizer que ele estava sexualmente frustrado era um grande eufemismo. Ver ela de novo só o fez lembrar o quanto ele a queria. Ela parecia satisfeita. Seu rosto corado e os olhos brilhantes.

— Ei, — ela murmurou, pontos de cor marcando suas bochechas,
— Eu chamei um taxi.

Aquelas palavras o gelaram. — Por que você fez isso?

— Eu não acho que você quer que eu passe o resto da noite aqui, não é?

— Eu posso dormir no sofá.

Ela se mexeu em seus pés nus, parecendo desconfortável. — Eu quero ir para casa.

— Então eu vou te levar. Eu estou sóbrio o suficiente agora.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Você tem certeza disso?

— O que isso quer dizer?

— Um Cullen sóbrio nunca teria...

Ele riu asperamente. — Ah, você vai pôr a culpa no que aconteceu ao álcool? — ele bufou, apoiando os pulsos nos joelhos. — Essa é original, Huntley. A cerveja diminuiu minhas inibições? Sério? Eu nunca teria tocado em você, do contrário? — ele esfregou os próprios lábios, saboreando ela ali. — Vá em frente e diga isso a você mesma, se a faz se sentir melhor.

O peito dela subiu quando ela inalou asperamente, os seios cheios pressionando contra o algodão da sua blusa, e ele de repente de arrependeu de não ter visto ela nua quando teve a chance. Ele podia ter satisfeito a sua curiosidade depois de todos esses anos.

Ela sempre esteve lá, queimando logo abaixo da superfície. Claro, ele sempre a tratou como se fosse um dos caras. Apenas outro camarada. Esse era o único jeito que uma amizade entre eles poderia funcionar. Mas essa noite, ele tinha cruzado a linha. Mas não era algo irreparável, no entanto. Eles não tinham transado. Nem mesmo quando ela tinha estremecido debaixo dele em rendição, seu calor apertado ordenhando seus dedos, seus gemidos suaves o deixando louco e o convidando a tomá-la.

Ele parou mesmo que isso quase o tivesse matado. Mesmo que ele quisesse se meter tão profundamente dentro dela que não seria capaz de lembrar seu próprio nome. Até que ele esquecesse a culpa o comendo vivo.

Isso era recuperável. Ele podia esquecer o que eles tinham feito, o jeito como ele a tinha sentido. O seu gosto... como mel e manteiga na sua língua.

— O que eu deveria pensar, Cullen? — ela exigiu. — Foi uma noite difícil para você. Eu fui uma distração bem-vinda. E combinado com o álcool... — ela balançou a cabeça, as pontas do seu cabelo loiro escuro batendo em seus ombros. — Isso explica muito do que aconteceu entre nós essa noite.

Ele resistiu à vontade de insistir que o que aconteceu entre eles vinha desde que se conheceram. Desde que Beck exigiu que ele fosse conhecer sua irmã e a ajudasse com a mudança. Ele estava fodido a partir do minuto que ela saiu da casa. Vestindo uma calça jeans e uma camiseta da Georgia State University, ela era a perfeita garota da porta

ao lado²⁵. Seu rabo de cavalo balançava enquanto ela descia os degraus da varanda para encontrá-los. Ele tinha hesitado atrás de Beck, observando seu rosto sem nenhuma maquiagem.

Quando ela direcionou aqueles olhos azuis para ele, pareceu como um soco no estômago. Ela era doce e inocente. Uma perfeita garota escoteira, e ainda assim tudo que ele podia pensar era em colocar ela de quatro e foder duro, rápido e sujo. Ele era um bastardo doente. Uma olhada para a irmã do seu amigo e ele queria arruinar a garota, e essa noite ele finalmente tinha chegado perto de fazer isso.

De repente ele percebeu que ela estava lhe dando uma saída. Uma desculpa para perdoar os atos dessa noite. Eles poderiam superar o fato de que ele a tinha tomado como uma garota do colegial no banco de trás do seu carro e fingir que nada disso aconteceu.

Uma buzina soou do lado de fora.

Ela saltou para a porta. — Eu vejo você na cerimônia amanhã.

Ele pulou atrás dela, a impedindo de chegar até a porta quando a segurou pelo braço. — Eu vou te levar lá fora.

Ela abriu a boca como se quisesse protestar, mas ele não esperou para ouvir. Ele abriu a porta e saiu, indiferente ao fato de estar de pés descalços. Cullen soltou um suspiro de alívio ao ver quem estava dirigindo. Uma mulher mais velha, já na faixa dos sessenta anos, estava sentada atrás do volante. Ela acenou com o queixo para ele em saudação.

Ele abriu a porta do carro para Huntley, se sentindo mais seguro que ela estava entrando no carro com uma senhora, e não com um homem estranho.

Ela parou antes de entrar. — Vejo você amanhã?

Ele acenou. — Claro. Amanhã. Obrigado por cuidar de mim.

Ela evitou seu olhar, acenando. — Sem problemas. É para isso que eu estou aqui.

É para isso que eu estou aqui. Para cuidar dele? Ele engoliu um grunhido. Ela certamente não estava falando dele a fazendo gozar.

²⁵ É uma expressão usada para se referir àquela vizinha maravilhosa que todo homem, supostamente, sonha em pegar. É meio como um “sonho de consumo” um pouco inatingível.

O olhar dele se fixou em seu rosto e as bochechas dela ficaram vermelhas. Ele sabia que ela estava se lembrando de tudo naquele momento. Sua boca nela, seus dedos. Seu pau duro. Droga. Como as coisas iriam voltar ao normal entre eles agora, quando tudo o que ele queria era seguir o caminho onde sua boca e seus dedos tinham estado?

Porque não havia outra opção. Eles eram amigos e ele precisava ter certeza que continuariam assim.

— Vejo você amanhã. — Ele acenou.

Ela bateu a porta do carro quando entrou e o veículo arrancou pela estrada. Ele observou as luzes traseiras diminuírem, até que sumiram em uma curva.

Ele ficou parado, olhando sem ver a noite por muito minutos antes de retornar para dentro da casa vazia. Cama vazia.

Puxando os lençóis para cobrir da cintura para baixo, ele fechou os olhos e tentou fingir que não podia mais sentir o cheiro dela por tudo. Quando se segurou com uma mão e começou a se acariciar, ele disse a si mesmo que era um simples alívio depois de tudo, e não tinha nada a ver com ela, especificamente. Ele segurou a mentira até alcançar seu clímax, e só havia ela em sua mente.

Capítulo Cinco

Huntley buscou Beck para um jantar no começo da noite. Era bom ter um pouco de tempo a sós com seu irmão. Mesmo que fosse difícil encontrar seu olhar depois de ontem à noite, sabendo o que ela tinha feito com o seu melhor amigo, sabendo o que ela tinha permitido que seu melhor amigo lhe fizesse. Permitido? Inferno, ela tinha desejado isso.

— Mamãe quer que você volte para casa, — anunciou ele enquanto mastigava seu hambúrguer. — E todo mundo quer, também.

Ela assentiu com a cabeça, terminando o seu suco em um longo gole. — Eu sei.

E por todos, ele quis dizer *todos*. Eles tinham milhares de tias, tios e primos. Todo mundo também significava Jackson. Seu ex manteve contato online com ela, e também lhe mandava mensagens pelo celular. Ele gostava de ligar para ela entre os seus termos de namoro para lembrá-la de que eles tinham uma vez planejado passar seu futuro juntos e que, mesmo que ele tivesse terminado tudo, ela ainda estava no páreo para ser sua esposa. Sua voz persuasiva teve o efeito oposto sobre ela, no entanto. Um futuro com ele significava que ela teria que se encaixar em sua ideia de como ela deveria ser. Jackson a amava, desde que ela o colocasse no centro do universo. Ele nunca quis que ela trabalhasse. Ele esperava que ela o colocasse antes de tudo e de todos.

— Eu sei.

— Então por que você não volta?

— Eu gosto do meu trabalho, — essa era uma das razões.

— E isso é o suficiente para ficar aqui? Mesmo se toda a nossa família está do outro lado do país? Você está saindo com alguém? Da última vez que nos falamos...

— Não. Eu não estou saindo com ninguém — uma imagem do rosto de Cullen pairando sobre ela na escuridão do quarto passou pela sua mente e enviou uma explosão quente de calor pelo seu corpo.

— Então pense nisso, Huntley. Você não deveria ficar aqui sozinha, sem ninguém da família por perto.

Ela tinha na ponta da língua a lembrança de que ela tinha Cullen. Ela não estava sozinha. O próprio Beck tinha designado ele como seu cão de guarda, depois de tudo, mas no fim ela preferiu não dizer nada. Ela não tinha Cullen. Ninguém tinha Cullen. E depois de ontem à noite, ele provavelmente ia tratá-la com a mesma distância fria com que ele tratava seus casos de uma noite. Ele seria Sullen Cullen mesmo com ela.

— Ei, você está bem, Hunt?

Ela forçou um sorriso brilhante. — Claro. Agora, vamos pegar a sua medalha, — ela estendeu a mão sobre a mesa e retirou uma partícula de fiapo presa no ombro do seu uniforme de gala. — Eu estou orgulhosa de você, você sabe.

Ele sorriu. — E eu estou orgulhoso de você, irmãzinha.

Ela revirou os olhos. — Dezessete minutos.

— Eu ainda sou o mais velho.

— E continua tentando me dar ordens — sorrindo, ela olhou pela janela da lanchonete. — Esse lugar é como minha casa agora.

Ela não queria voltar apenas para ser sugada por aquele mundo outro vez. Ela gostava do que tinha aqui. Huntley estremeceu, percebendo que muito da sua vida aqui estava amarrada a Cullen, e se ela queria que as coisas voltassem ao normal, teria que limpar o ar entre eles e esquecer a noite passada de uma vez por todas.

— Vou tentar explicar isso para a família, — Beck disse enquanto colocava dinheiro na mesa e levantava da sua cadeira. — Mas eu não posso prometer que não vou continuar a importunar você sobre isso.

Balançando a cabeça, ela liderou o caminho até onde o carro estava estacionado. — Você tem certeza que quer voltar? Mesmo que Mary esteja lá?

Ele assentiu. — Eu não tenho medo de ficar cara a cara com ela. Eu segui em frente, — Beck realmente não parecia afetado. Ele não foi quebrado pelo fato de Mary ter lhe traído e enganado. Ele se instalou no banco do passageiro e olhou para fora pela janela, tocando sua coxa com uma energia quase ansiosa.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Bem. Por quê?

Huntley balançou a cabeça. — Você parece diferente.

Ele sorriu um pouco e esfregou seu queixo. Havia algo indescritível na curva de sua boca. Houve um tempo em sua vida quando ela praticamente podia ler seus pensamentos, e ele os dela. Agora ela não conseguia ter uma leitura precisa sobre ele. Ele estava escondendo alguma coisa dela.

De repente, o pensamento de que *ela* estava escondendo algo *dele* a atingiu com força total, e ela estava agradecida por eles já não conseguirem ler tão bem um ao outro. Calor esquentou seu rosto quando a memória dos dedos de Cullen a tocando, a enchendo, tomou conta dela. Seguiu rapidamente essa lembrança o seu desejo por algo mais duro e comprido para encher seu corpo.

Seus dedos se fecharam e apertaram o volante com força. Ela olhava para frente, inspirando e lutando contra o fogo em seu rosto enquanto entrava no estacionamento e encontrava uma vaga. Desligando o motor, ela e seu irmão saíram para o fim de tarde e começaram a caminhar em direção ao prédio de cerimônias.

— Oh, ei, aquele é o Cullen.

Havia vários soldados vestidos com uniforme de gala por todo o estacionamento, mas ela identificou Cullen rapidamente. Seu olhar era atraído por ele como se tivesse um dispositivo GPS.

Seu pulso acelerou no momento em que seu irmão gritou chamando o amigo.

Cullen parou e virou, seu corpo magro, mas definido, forte e alto. Ele preenchia muito bem o seu uniforme, e todas as partes de menina dela vibraram com essa consciência enquanto eles caminhavam através da multidão em direção a ele. A luz do sol brilhava sobre os botões brilhantes e as medalhas em seu uniforme.

Eles finalmente o alcançaram e ela ficou em silêncio enquanto Beck e Cullen apertavam as mãos. Ela quase não respirou enquanto eles trocavam saudações.

Os olhos escuros de Cullen estavam frios e distantes quando pousaram nela. — Ei, Huntley.

Ela forçou um sorriso. — Cullen.

Ela seguiu ao lado do seu irmão enquanto eles entravam no prédio. Cullen e Beck paravam a cada poucos metros, cumprimentando as pessoas que conheciam. Ela esperou pacientemente, tentando não devorar a visão de Cullen. Ele estava tão gostoso que doía olhar. Não que isso impedisse outras mulheres. Cada fêmea nas imediações fazia uma checagem em Cullen e no seu irmão, desejo e admiração brilhando nos olhos delas. Ela queria lhe dar um tapa. Um pior. Ela queria chegar perto de Cullen e colocar a mão sobre ele, de alguma forma o marcando como dela. Sim, isso seria definitivamente pior. E ridículo.

Beck a levou para um lugar na frente da plateia. Depois de um rápido beijo na bochecha, ele a deixou sozinha e tomou seu lugar no palco. Cullen também saiu, se afastando para falar com outro homem usando uniforme de gala. Vozes zumbiam ao seu redor enquanto outras pessoas encontravam seus lugares. Ela cruzou as pernas e juntou as mãos no colo, olhando para a frente e desejando que a cerimônia começasse logo, assim ela não teria que se concentrar no fato de que Cullen parecia estar lhe dando um tratamento frio. Ou talvez ele só estivesse fazendo o que sempre fazia depois de ficar com uma mulher. Um pensamento doloroso. Ele nunca tinha sido o Sullen Cullen com ela antes, e ela não gostava disso agora. Nem um pouco.

* * * * *

Ela cheirava bem. Ela parecia ótima.

Estes dois pensamentos corriam pela sua cabeça quando a cerimônia começou. Ele não podia sentar ao lado dela, então deliberadamente esperou até que fosse tarde demais, até que todos os assentos estivessem ocupados, e ele foi obrigado a permanecer de pé junto às paredes do auditório.

Ele supôs que deveria considerar uma benção que ele estivesse tão envolvido por ela, e que ela estava tão bonita em seu vestido que ele mal conseguia se concentrar no que estava acontecendo. Mesmo quando a cerimônia começou, ele se viu olhando para ela, sentada ali em seu vestido coral com um decote em formato de coração, que mostrava apenas uma sugestão de decote, mas era o suficiente. O suficiente para fazer com que ele quisesse levar ela para algum lugar

privado onde pudesse puxar para baixo a parte superior do vestido, e deixar ela exposta para sua boca faminta.

De repente, ele percebeu que Beck estava falando atrás do pódio, aceitando a Estrela de Prata. Ele ouviu as palavras de Beck, ouviu quando ele dedicou a medalha para Xander, e sentiu algo soltar dentro de seu peito. Uma pouquinho de paz, talvez.

Ele também notou a mulher se esgueirando ao lado dele. Ele olhou para ela e depois para longe, antes de retornar para ela. Era Mary, a ex-namorada de Beck. Ela a encontrou algumas vezes antes de Beck ter ido viajar. Beck parecia igualmente surpreso em vê-la, fazendo uma pausa enquanto descia do palco. O olhar de Cullen correu para Huntley. Ela parecia chocada e, bem, decididamente *não emocionada* ao ver a menina que pisou no coração do seu irmão. Na verdade, ela parecia uma mãe urso pronta para rasgar Mary ao meio antes que ela alcançasse Beck. Ela se levantou da sua cadeira e saiu na direção da garota.

Cullen agarrou seu braço, a impedindo de ir em frente enquanto Beck e Mary escorregavam por uma das portas de saída do auditório.

Ela puxou o braço. — Que ousadia vir até aqui depois do que ela fez...

— Dê a eles um pouco de privacidade.

Ela olhou para ele. — Me solte...

— Você vai atrás deles?

Sua boca se contraiu.

Ele balançou a cabeça para ela. — Seu irmão é um homem adulto e pode lutar suas próprias batalhas.

— Eu sei disso, mas Mary não é apenas uma garota que ele namorou. Eles estiveram juntos desde sempre. Ela era minha amiga, antes de mais nada. Você sabia disso? Desde o jardim de infância. Ela traiu a todos nós quando traiu ele.

Cullen segurou seu olhar azul tormentoso por um momento antes de assentir e soltar o braço dela.

Ela olhou para a porta por onde eles partiram e, em seguida, de volta para ele. — Tudo bem, — disse cruzando os braços sobre o peito, e se encostou na parede ao lado dele. — Eu vou dar a eles alguns

minutos, e então nada vai me impedir de ir até lá e falar umas verdades.

Um sorriso contraiu seus lábios.

— O que é tão engraçado? — ela retrucou.

— Eu nunca vi você assim.

— Assim como?

— Furiosa — antes que ela pudesse considerar isso, ele acrescentou. — Na verdade é meio quente.

Seu rosto corou e de repente todo o constrangimento tenso da noite passada estava entre eles novamente. Eles estavam na cama dele e suas mãos estavam na pele dela, deslizando pelas suas coxas, afundando em seu calor macio, extraíndo gritinhos suaves dos seus lábios. Ele inalou e sentiu o cheiro do shampoo frutado dela. Seu olhar deslizou para baixo e ele foi pego na forma como seu vestido coral fazia sua pele parecer exuberante como pêssegos. O desejo correu por ele, e Cullen baixou as mãos para disfarçar sua repentina ereção.

Ela olhava para a frente, nervosamente colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Isso já é tempo suficiente, — se virando, ela fez um caminho mais curto para a saída, a bainha de seu vestido voando ao redor dos seus joelhos.

Capítulo Seis

Huntley invadiu o corredor e parou de repente. Ela não estava vendo Mary. Não. Havia apenas seu irmão e uma garota de cabelos escuros e um vestido branco de renda se beijando. Bem, isso explicava a ausência de Mary. Ele não estava brincando quando disse que tinha superado a sua ex.

Não que fosse difícil imaginar que ele tivesse superado Mary quando tinha essa garota para lhe ajudar. Ela era vagamente familiar, e Huntley pensou que poderia já ter visto ela na cidade. Talvez até na base. Ela era bonita. Tensa, mesmo vestindo renda branca. Beck parecia que estava pronto para puxar ela para perto de si e nunca mais deixar ir. As mãos dela se arrastaram pelos enormes ombros de Beck, e ficou claro que ela estava totalmente de acordo com esse plano.

Esta menina era a razão para a expressão sonhadora no rosto do seu irmão no carro. Ele estava apaixonado por ela. Huntley sabia isso assim como sabia que ele adorava banana e manteiga de amendoim e passou os primeiros oito anos da sua vida com um cartaz do Rambo colado na sua parede.

Cullen surgiu ao lado dela. Ela foi assaltada pelo seu cheiro. Um leve toque de sabonete, amaciante e homem. E mais alguma coisa. Aquela *coisa* que ela tinha cheirado na cama dele. Um feromônio que só ele tinha. Fosse o que fosse, disparava uma espiral de luxúria diretamente por todo seu corpo.

Deus. Era como se ela fosse uma vítima do seu corpo. Por um breve momento ela estava deitada de costas novamente, a mão dele entre as suas coxas, o perfume almiscarado da sua pele girando ao seu redor. Ela salivou como se estivesse com fome. Morrendo de fome. Mas não era de comida. Era dele. Pelo que ele podia dar a ela. Ontem à noite tinha sido um exemplo. *Às vezes fica um pouco bruto.* Ela sabia que havia mais. Portanto, muito mais para ter. O corpo dele foi construído para o prazer, e ela sabia que ele fazia sexo como tudo mais na vida. Com foco, intensidade e poder.

— Eu não acho que ele vai precisar da sua carona para casa, — ele murmurou ao seu lado.

— Não, — ela disse calmamente, contente porque sua voz saiu normal. — Parece que ele já conseguiu uma.

Seja lá o que estivesse acontecendo entre o meu irmão e essa menina, era importante para ele. Seu peito afundou um pouco assistindo Beck ficando com uma menina cujo nome ela nem sabia.

Com Cullen ao seu lado, ela se mexeu nervosamente. Ela tentou não pensar sobre eles. Sobre ontem.

Ele tinha acendido um fogo dentro dela. Brasas que por muito tempo em sua vida ficaram adormecidas, foram agitadas. Ela precisava ficar com alguém logo, antes que se jogasse aos pés de Cullen e pedisse a ele para terminar o que começou.

Cullen apoiou uma mão na parede, o braço roçando nas suas costas. — Então, bom para Beck.

Ela assentiu com a cabeça, um nó se formando em sua garganta. Sim. Bom para seu irmão. Ele havia encontrado alguém. Ele tinha estado aqui por três dias e encontrou alguém. Enquanto isso, ela era como uma leprosa. Nem mesmo Cullen não queria ficar com ela. na noite passada, ela tinha se entregado a ele, mas ele não quis continuar.

— Sim, — respondeu ela, esperando que não soasse chocada como se sentia.

— Ele merece.

Ela se virou para Cullen de repente, não querendo falar sobre o seu irmão e a felicidade que ele tinha encontrado. Sim, ele merecia. Sim, ela queria que ele fosse feliz. Mas agora ela só lembrava como sempre tinha conseguido ser um grande desastre quando se tratava de relacionamentos.

Os lábios esculpidos de Cullen se contorceram como se ele quisesse sorrir, claramente satisfeito por seu irmão.

— E você não, Cullen? — perguntou ela.

Ele se virou para ela, sua boca plana e dura novamente, um leve questionamento em seus olhos.

— Merece felicidade, — ela esclareceu.

Ok, chamar a atenção para sua situação para o seu perpétuo status solteiro não era a melhor maneira de fazer as coisas voltarem ao normal. Ela nunca tinha questionado seu estilo de vida. E ela

certamente nunca o pressionou para levar a sério qualquer um dos seus encontros de uma noite.

Suas pálpebras baixaram, encapuzando os olhos, as profundezas escuras protegendo tudo o que estava acontecendo dentro da sua cabeça. — Não me coloque no seu divã de psiquiatra, Huntley. Estou satisfeito com a minha vida. eu acho que você é que não é feliz.

Cullen tinha razão quanto a isso. Ela tinha entrado em um site de namoro porque não estava feliz com o rumo da sua vida. Ele sabia disso. Mas pelo menos ela estava lutando para mudar as coisas. Sua avó sempre dizia que não havia nada de errado em dar uma boa olhada para sua vida e não gostar do que via. Errado era não fazer nada para mudar.

Ela olhou para seu irmão, ainda beijando a menina, suas grandes mãos segurando o seu rosto como se ela fosse o bem mais precioso do mundo para ele. Ela queria isso para si. Voltando o olhar para Cullen, ela sabia que não ia encontrar isso com ele. Seu estômago revirou. De repente, isso importou muito. Doeu. Mesmo que ela tenha se repetido inúmeras vezes para que isso não acontecesse, a noite passada importou muito para ela.

Sem outra palavra, ela se virou e começou a andar pelo longo corredor. Ela mandaria uma mensagem para Beck mais tarde. Ela não queria interromper o que era, obviamente, um momento íntimo. Além disso, ela tinha um encontro na cafeteria esta noite e precisava se preparar. O primeiro passo para corrigir sua vida. Sua avó ficaria orgulhosa.

Os sapatos de Cullen clicaram ao lado dela. — Onde você está indo?

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, levantando um ombro enquanto saía para o estacionamento, onde a luz solar já diminuía, sem querer dizer a ele sobre o seu encontro por algum motivo. Parecia estranho falar disso depois da noite passada.

— Casa. Estou um pouco cansada. — Ela estremeceu com a implicação de que não tinha dormido na noite passada, mas as palavras saíram da sua boca antes que ela pudesse se parar.

Ele examinou o estacionamento, os olhos se fechando um pouco contra o mar reluzente de capôs e para-brisas cintilantes. — Acho que sou um pouco culpado por isso.

— Sem culpa, — ela rapidamente respondeu, ofegante. — Foi uma noite dura. Eu entendo. — A palavra dura conjurou outras ideias em sua cabeça. Conversas. Memórias. A confiança nos seus movimentos. Ele não hesitou. Ele não pediu permissão. Seus dedos conquistaram o lugar entre suas pernas como se eles pertencessem ali, como se isso fosse seu direito. Seu corpo apenas respondeu como se o convidasse, ela ofegou e gemeu e se agarrou aos lençóis como uma mulher implorando para ser fodida.

Ele a fez se sentir tão pequena e feminina. Seus ombros grandes separando suas pernas, junto com suas mãos, os dedos. A ponta da sua ereção foi a maior coisa com que ela já teve contato.

Um gemido brotou em seu peito, e ela mordeu o lábio para não deixá-lo escapar.

Ele balançou a cabeça e bufou levemente. — Ainda assim eu agi errado.

Calor tomou o rosto dela. Era assim que ele estava chamando o que aconteceu entre eles. *Errado*. Ela parou ao lado do carro, apertando o botão de desbloqueio. — Está tudo bem. Você estava lidando com muita coisa ontem e...

— Não me trate como se eu fosse alguma alma frágil, Huntley. — O alerta soou em sua voz. — Deixe isso para os seus pacientes. Eu não deveria ter...

— Ah, eu sei que você não é frágil. Não há um grama de fraqueza em você. — Ela estalou a língua e se recostou contra a lateral do seu carro, olhando para ele. — Nah. Você é sempre soldado. Nunca fraco. Carrega o mundo nas costas e assume a culpa por tudo.

De repente, ela se sentiu muito cansada. Quem era ela para pensar que tinha todas as respostas e poderia consertá-lo? Já tinha dado muito trabalho esculpir a vida que ela queria para si mesma. Ela não podia salvar ele também.

Ela acenou com a mão ligeiramente em um gesto de desculpas. — Olha, vamos esquecer a noite passada. Nós somos amigos. — Ela riu uma vez. — Você é, provavelmente, o melhor amigo que tenho aqui. Eu não quero estragar tudo, e eu não quero que as coisas fiquem estranhas.

Um músculo da sua mandíbula se contraiu. — Eu concordo. Vamos esquecer isso.

Ela piscou e olhou para ele por um longo momento. Endireitando os ombros, ela tentou não se sentir ofendida que ele poderia facilmente esquecer tudo e seguir em frente quando isso era exatamente o que ela estava pedindo para ele fazer.

— Bom, — ela assentiu com a cabeça rigidamente. — Quer dizer, nós nem sequer nos beijamos. — Ok, agora deveria ser o ponto onde ela devia parar de falar. — Nós fizemos outras... coisas... mas nunca nos beijamos. — Doce Jesus, ela estava balbuciando.

Ele inclinou a cabeça para o lado uma fração, seus olhos encapuzados a estudando, os cantos da sua boca bonita puxando para baixo, como se isso não tivesse lhe ocorrido. — Não, — ele disse suavemente, sua voz um ronronar profundo que acariciou a sua pele. — Nós pulamos essa parte.

— Sim, — ela continuou balançando a cabeça como uma boneca. — Certo? Nós nem nos beijamos, e essa é a parte mais básica, não é? Como a primeira base. Nós pulamos a primeira base, então. Assim...

Deus, Huntley, cale a boca. Antes que pudesse enfiar mais o pé na jaca, ela se virou e abriu a porta.

Quando fez o movimento, suas costas colidiram com o peito dele. — Ah, me desculpe.

Seu hálito quente soprou em sua bochecha. Ela se virou. Sua boca estava tão perto. Tentadoramente perto. Ela sentiu o cheiro da sua pasta de dente mentolada. Seu olhar correu dos lábios dele para os olhos, tão escuros e hipnotizantes. Eles a puxavam, calando seus pensamentos. Ela se inclinou um pouco, esquecendo tudo, querendo a sua boca.

— É uma vergonha, — ele murmurou. Seu polegar roçou seu lábio inferior e um parafuso de luxúria atravessou seu corpo. — Eu deveria ter provado essa boca quando tive chance.

Desejo correu por dela, se misturando com arrependimento. Ele exerceu mais pressão sobre o lábio inferior, abrindo a boca de modo que seu polegar mergulhou entre os lábios. Sua respiração engatou. Ela o provou com a língua com a mais leve e delicada batidinha, e os olhos dele escureceram de desejo. Ele fechou o pequeno espaço entre eles, seu peito encostando na frente do seu vestido. Os seios dela ficaram pesados e os mamilos apertaram, doloridos. *Doce Jesus, ele vai fazer isso. Sim, sim, por favor.*

Ele deixou cair sua mão e se afastou.

Ela recuou um passo, batendo no seu carro, engolindo um suspiro trêmulo e lutando por compostura. Dando a ele um sorriso vacilante, ela deslizou para dentro do automóvel. — Fico feliz que tivemos essa conversa.

Ele olhou para ela, o calor em seus olhos ainda lá.

Ela lhe deu mais um sorriso trêmulo. Tudo deveria estar bem entre eles agora. Não deveria haver mais estranheza e tensão. Exceto pelo fato de que ela não conseguia recuperar o fôlego e sua pele parecia que ia pegar fogo.

Ela engoliu o nó na garganta, o desejo ainda bombeando através dela e parando incomodamente entre as suas pernas. — Te vejo por aí. — Ugh. Ela não podia projetar mais confiança? Parecia mais uma pergunta do que uma afirmação.

Ele balançou a cabeça, a observando com se olhar frio e encapuzado. As sobrancelhas escuras e retas sobre aqueles olhos profundos fizeram seu estômago torcer.

— Claro, — disse ele, mas sua mão permaneceu sobre o carro, como se ele estivesse pronto para impedi-la de ir, e uma parte dela queria que ele fizesse isso.

Ela queria que ele discutisse com ela. Insistisse que as coisas nunca poderiam voltar ao normal. Abrisse a porta e a puxasse para fora, a apertasse em seus braços e a beijasse com paixão.

Só que ele não fez isso. Claro que não. Ela não era o tipo irresistível que levava homens controlados como Cullen a perder a cabeça. Ontem à noite tinha sido uma anomalia.

Ela puxou a porta e ele a deixou passar. Ele a fechou com um baque, a isolando dentro da sua pequena bolha protegida. Ela dentro. Ele fora.

Com as mãos trêmulas, ela virou a ignição e ligou o carro. Ainda olhando para ele, ela começou a mover o carro, sua respiração entrecortada, um aperto no peito. *Se controle, Huntley. Você tem um encontro.*

Jogando o olhar para frente, ela foi embora.

Levou tudo em Cullen não marchar pelo estacionamento, entrar em sua caminhonete e ir atrás dela.

Por que diabos ele não a beijou?

Agora ele estava sendo consumido pelo arrependimento, louco pelo gosto dela que tinha perdido.

Merda. Ele passou a mão sobre seu couro cabeludo. Quando se tratava de Huntley, ele parava de pensar. A única coisa que o guiava era seu pau. Isso era um problema real.

Ele só podia repetir as palavras dela em sua cabeça. *Nós nem sequer nos beijamos. Nós pulamos a primeira base.*

Esse era um fato do qual ele tinha ficado dolorosamente consciente a partir do momento em que ela deixou sua casa na noite passada. Ele não podia explicar o seu ataque. Apenas que, quando ele sentiu a sua bunda contra ele, só conseguiu pensar em pôr as mãos nela, em deslizar seus dedos dentro do seu calor, tocar onde ele imaginava enterrar o pau.

As palavras dela agora foram um insulto e um desafio, simultaneamente. Ele sabia que ela não teve essa intenção, mas isso não importava. Havia apenas o que ele sentia. A necessidade de ir atrás dela, de puxar ela para si e reclamar o seu corpo. Reivindicar. Terminar o que começou. Essa possessividade era uma experiência totalmente nova para ele. Nunca aconteceu com outras mulheres, e ele sabia que era porque Huntley não era como as outras mulheres para ele.

Xingando, ele caminhou até a sua caminhonete e foi para casa. Uma vez lá, trocou de roupa e saiu para correr, batendo sua frustração no asfalto à luz fraca do dia que morria, até que o suor se agarrou a ele.

Ele continuou até seus músculos queimarem, e então se virou e correu os quilômetros restantes para casa. Ele queria a exaustão. O profundo cansaço que doía até os ossos. Talvez se ele estivesse totalmente cansado, não passaria o resto da noite pensando nela.

Esse plano durou até ele retornar para sua casa vazia e tomar um banho. Andando em seu quarto, ele olhou para o relógio. Cinco minutos depois das sete.

Imediatamente, ele teve uma visão de Huntley no Java Joe's, tomando uma caneca de algo fumegante enquanto lia sentada em uma das poltronas confortáveis e estofadas da cafeteria. Ela provavelmente estava lá agora. Ele geralmente se juntava a ele. Cullen manteve sua promessa a Beck de manter um olho nela enquanto ele estivesse fora.

Mas Beck estava de volta agora. *Você não tem que ir lá tomar conta dela.*

Ele vestiu uma camiseta preta com movimentos furiosos, se perguntando porque isso não parecia importar muito. Ele pegou as chaves e saiu pela porta. Cullen sabia que provavelmente deveria manter uma distância dela, por algum tempo, depois de ontem. Deus sabia que ele precisava desse espaço. Ou talvez uma transa rápida com alguém pudesse lhe ajudar a superar a onda inaceitável de luxúria que estava sentindo por ela.

E ainda assim a imagem de Huntley sentada sozinho no Java Joe's o estimulou.

Ele disse a si mesmo que estava indo lá por ela, porque não podia suportar a ideia dela sentada sozinha. Porque ele era seu amigo mais próximo nesta cidade.

Não porque ele queria vê-la novamente. Não porque ele ansiava por mais de ontem à noite.

Não porque ele tinha a intenção de ter ela.

Capítulo Sete

— Você é muito mais bonita pessoalmente.

Huntley forçou um sorriso para o elogio. — Obrigada. — E você parece mais baixo pessoalmente. O pensamento deslizou pela sua mente enquanto ela trocava amabilidades com o seu encontro. Eles estavam no bar da cafeteria, à espera das suas bebidas. Ela passava a mão para cima e para baixo do seu próprio braço, fingindo não notar que ele estava lhe verificando.

— Aposto que seus pacientes nunca querem ir para casa, — continuou ele. — A segurança provavelmente tem que arrastar ele para fora da emergência.

Ela sorriu novamente, se perguntando se eles iam, em algum momento, passar da etapa dos elogios. De acordo com o seu perfil, eles tinham muito em comum. Quando a sua conversa ia começar a se encaixar?

Sua barista favorita, Sheridan, colocou a bebida na sua frente, seu cabelo com as pontas vermelho-púrpura balançando elegantemente acima dos ombros enquanto ela se movia. — Aqui está, Huntley.

— Obrigada, Sheridan. — Ela pegou a caneca e encontrou o olhar curioso da menina. Nos anos em que Huntley tinha frequentado o Java Joe's, nunca tinha trazido um homem aqui. Bem, exceto Cullen, claro.

— E aqui está o seu. — Sheridan deslizou uma caneca para Greg, seu sorriso desaparecendo. Por alguma razão, ela não deu a ele seu alegre sorriso habitual.

Greg aceitou sua bebida. Quando seu telefone começou a tocar, ele o procurou no bolso do blazer. Olhando para a tela, ele olhou para Huntley através dos seus óculos de aros de arame. Ele era bonito de uma forma acadêmica. Não era musculoso. Não era um soldado. As mãos dela deveriam ser maiores que as dele. Suas mãos definitivamente não eram grandes e capazes como as de Cullen. Nem seus dedos longos e hábeis...

PARE. Ela sacudiu a cabeça rapidamente. Este era o tipo de cara que ela estava procurando. Alguém gentil e acadêmico, estudioso, que

gostava de passar seu tempo livre em bibliotecas. De acordo com seu perfil, ele fazia uma fritada de queijo de cabra épica.

Seria bom, após um dia de caos, chegar em casa para uma refeição gostosa. Uma imagem do grande corpo de Cullen sobre o dela, sua mão trabalhando entre suas coxas, a fazendo estremecer com a sua libertação, passou pela sua mente. *Doce Jesus, isso também seria bom no final de um dia duro.*

— Você pode me dar licença? É o plantão do meu serviço.

Ela piscou, afastando seus pensamentos impróprios. — Claro.

Ele andou em direção à parte de trás da cafeteria.

— Quem é esse aí? — Sheridan se inclinou sobre o bar para perguntar.

Huntley bufou. — Ele é um dentista. E muito agradável.

— Ah é? E onde está Cullen?

Seu rosto corou. — Não é meu dia de ver ele.

Sheridan levantou as duas mãos como se para repelir um ataque. — Desculpe, desculpe. Não seja tão sensível. Só pensei que havia alguma coisa entre vocês dois...

— Nós somos apenas amigos. Você sabe disso.

Sheridan bufou. — Amigos com benefícios, você quer dizer?

— Não! — ela lançou um olhar rápido para onde seu encontro falava ao telefone. Ele ergueu o queixo e acenou de volta para ela. — Não é assim com a gente, — ela insistiu. *Mas ontem à noite quase se transformou nisso, no entanto.*

— Bem, deveria ser. Eu assisto vocês dois flertando desde sempre. Eu não sei o que te impede de ir atrás daquele homem e lamber ele todinho da cabeça aos pés.

Huntley revirou os olhos. — Não é assim tão simples. Nós somos apenas amigos, — ela insistiu, traçando nervosamente a borda da sua xícara.

— Então Cullen sabe disso?

Ela assentiu com a cabeça. — Claro. E ele sabe que eu estou tendo encontros. — De certa forma.

— Sério? Tipo, ele sabe que você está tendo um encontro agora? Porque aqui vem ele. Vamos perguntar.

A cabeça de Huntley girou para ver quando Cullen entrou no café. Ele já não usava o uniforme de gala. Estava vestindo uma calça jeans bem ajustada e uma camiseta preta confortável que fazia coisas incríveis para o seu peitoral. Ou talvez fosse o seu peitoral que fizesse coisas incríveis para a camiseta.

Seu olhar pousou sobre ela. Sheridan se inclinou para frente sobre o balcão do bar para sussurrar, — Hmmm, esse homem, — ela balançou a cabeça uma vez, — é absolutamente, totalmente sexy pra caralho, e você deveria pegar ele.

Huntley nem sequer piscou com as palavras da menina. Seu olhar estava fixo em Cullen enquanto ele avançava.

Ele parou diante dela. — Ei.

— Ei, Cullen, — Sheridan cantou. — O de sempre?

Ele deu a ela um rápido olhar antes de voltar para Huntley. — Sim, obrigado.

— O que você está fazendo aqui? — Huntley perguntou, resistindo olhar por cima do seu ombro para ver onde Greg estava.

Ele deu de ombros. — Hoje é quarta-feira. O que é tão incomum sobre eu estar aqui?

Não que fosse incomum, mas ela não esperava isso. Ela já o tinha visto muito ultimamente, e com Beck aqui, ele não tinha necessidade de manter o seu comportamento padrão de cão de guarda. Ela pensou que estaria segura.

Ela teve o desejo insano de jogar um casaco sobre Greg, como se isso fosse de alguma forma escondê-lo. Ridículo, é claro. Ela não tinha nenhuma razão para esconder o fato de que estava em um encontro. Na verdade, era bom *deixar* Cullen ver que ela estava em um encontro. Assim, ele saberia que ela não estava presa à noite passada... que tudo estava bem e normal e não havia nenhuma estranheza ainda existente entre eles.

A decisão saiu das suas mãos quando Greg voltou, colocando seu telefone no bolso do blazer. — Ah, desculpe por isso. — Ele parou ao seu lado, a mão descansando no cotovelo dela.

Ela colocou um sorriso vacilante nos lábios. — Está bem.

Cullen ficou tenso, seu olhar se movendo dela para Greg, seus olhos frios incisivamente caindo para a mão que apertava seu cotovelo.

— Aqui está, Cullen, — a voz de Sheridan os interrompeu quando ela ofereceu a Cullen seu café habitual.

Cullen enfiou a mão no bolso e tirou sua carteira. Sem retirar o olhar do Huntley e Greg, ele ofereceu alguns dólares para Sheridan. — Fique com o troco.

— Cullen, este é Greg, — Huntley acenou para Greg. Não havia como escapar das apresentações agora. — Cullen é meu... amigo.

Ela podia se chutar por causa dessa pausa. Ela quase tinha dito amigo do seu irmão, mas a maneira como fez uma pausa provavelmente o fez pensar que ela estava à procura de outra palavra. *Este é Cullen, o cara com quem eu fiquei a noite passada e que fez todas as minhas partes femininas se retorcerem.*

Cullen olhou fixamente para ela por um momento antes de apertar a mão de Greg.

Greg fez uma avaliação rápida de Cullen, não perdendo seu cabelo escuro curto e o brilho das *dog tags*. Se ela não estivesse enganada, as narinas de Greg se abriram, como se ele tivesse encontrado algo contaminado.

Ela se mexeu em seus pés, sentindo uma onda de protecionismo. Como se ela precisasse proteger Cullen, o que era loucura. Ele era a pessoa menos vulnerável que ela conhecia. Mesmo sofrendo com perda de Xander, ele ainda se mantinha sólido como uma rocha. A opinião de Greg sobre ele não o afetaria nem um pouquinho.

— Que tal a mesa perto da janela, Huntley? — Greg sugeriu, olhando diretamente para ela e ignorando Cullen.

— Claro, — ela assentiu com a cabeça, se lembrando de que estava em um encontro.

— Vejo você mais tarde, Cullen. — Juntos, ela e Greg foram para a mesa e tomaram seus assentos.

Ela tentou se concentrar enquanto Greg mergulhou em uma história sobre si mesmo. A sua nuca se arrepiou. Ela estendeu a mão e esfregou conscientemente, tentando se concentrar em Greg. Uma boa meia hora passou e a situação já estava insuportável. Ela disse a si mesma que era por causa de Cullen. Se ele não estivesse aqui, ela poderia se divertir em seu primeiro encontro desde sempre.

Ela sentia Cullen atrás dela. Sentia o seu olhar. Ela ouviu o tom feminino mais elevado da voz de Sheridan e o profundo estrondo da de Cullen quando ele respondeu, e seu estômago revirou. Huntley cruzou as pernas e então as descruzou novamente sob a mesa, resistindo à vontade de olhar por cima do ombro.

— Então, eu sei que esta cidade está cheia de babacas do Exército, — Greg disse, — mas a qualidade de vida aqui é boa, e não há muitos dentistas com quem competir. — Ele parou para respirar e parecia estar pronto para deixar que ela falasse alguma coisa. — E você? Como você veio parar aqui?

— Bem, meu irmão gêmeo é um dos babacas do Exército, na verdade. Ele completou sua formação aqui e me ajudou a conseguir um emprego no hospital da base antes de ser deslocado.

— Oh. — Um estranho silêncio caiu entre eles. Ela esfregou sua nuca novamente, ainda sentindo os olhos de Cullen lhe perfurando.

Ela se forçou a engolir a última gota de seu latte e, depois de largar a xícara na mesa, ficou batendo na borda ansiosamente. — Bem, isso foi bom. — Sua guinchou um pouco no final da mentira em que tentava soar alegre. Como se tivesse sido bom e não totalmente desconfortável. Ela pegou sua bolsa pendurada no encosto da cadeira.

— Sim. — Greg ficou de pé no mesmo tempo que ela. — Eu também tive um tempo muito bom. Talvez da próxima vez, nós poderíamos sair para jantar? Há um ótimo bistrô francês que acabou de abrir.

— Claro. — Ela levantou um ombro, apesar de que ficar em casa sozinha e enrolada no sofá soava mais tentador. — Só me avise. — Ela achava que deveria tentar pelo menos mais um encontro com ele antes de dispensá-lo. Ela não ia conhecer ninguém se fosse muito exigente.

— Ótimo, — radiante, ele colocou a mão na parte inferior das suas costas e a guiou pela cafeteria.

Quando eles saíram do prédio, ela arriscou um último olhar para trás, onde Cullen estava sentado no banquinho do bar.

Ele ainda estava lá como ela sabia que estaria, uma mão pressionada plana sobre o balcão e a outra pendurada frouxamente ao lado do seu corpo. Era uma pose casual. Quase apática. E ainda assim, não era. Energia voraz irradiava dele enquanto ele apenas sentava ali. Huntley se lembrou de um animal imóvel, logo antes de entrar em ação. Essa visão fez seu pulso acelerar.

Ela endireitou os ombros. Ele não tinha nenhuma razão para estar zangado, e ela não tinha razão para se sentir como se tivesse feito algo errado. Eles eram amigos, seguindo em frente depois de um pequeno passo em falso.

Greg se aproximou. Seu rosto estava perto o suficiente para que ela pudesse ver a ligeira sobreposição de um dos seus dentes da frente sobre o dente do lado, e não conseguiu deixar de pensar como era irônico que um dentista não tivesse os dentes absolutamente perfeitos.

— O q-que você está fazendo? — ela gaguejou.

— Tudo bem se eu te beijar?

Um rápido “não” veio aos seus lábios. Ela mal o conhecia. E além disso, ela *não queria* beijá-lo. Ele podia não ser feio, mas era o último homem que ela queria beijar. O homem que ela queria estava sentado no interior da cafeteria, lhe observando.

Observando.

Se Cullen visse outro homem lhe beijar, então não pensaria que ela estava pendurada na dele. Ela estudou essa ideia. De alguma forma, fez todo o sentido para ela.

— Sim, — ela deixou escapar antes que considerasse totalmente as consequências.

Os olhos de Greg se iluminaram e ela foi presenteada com algo inesperado. Ele trabalhou a boca, como se preparando para alguma ação nos lábios, e fechou a distância que os separava. Ele achatou sua boca na dela.

Não foi um beijo terrível. Não houve movimentos de língua, felizmente, mas ele agarrou seu lábio inferior por um longo momento, como se ele quisesse levá-la com ele. Talvez ele pensou que isso era sexy, mas era apenas... estranho.

Quando se separaram, ele sorriu. — Te vejo em breve.

Ela assentiu com a cabeça, se obrigando a não olhar através da porta de vidro para Cullen. Ela não podia. Isso revelaria que ela talvez tivesse um motivo para beijar Greg. E ela tinha, mas não queria que Cullen soubesse disso.

Com um último adeus para Greg, ela correu para seu carro. Ela sentiu uma sensação desagradável de satisfação sabendo que tinha dado a Cullen uma evidência de que ela não estava sentada em casa ansiando por ele, ou trabalhando sua luxúria crua com o seu vibrador, depois da noite passada. Ela era uma menina grande, segurando sua vida pelos chifres. Por enquanto. Seu peito doía de uma maneira que era tudo, menos boa.

Ela deslizou atrás do volante, ligou o motor e saiu do estacionamento, cantando pneus. Como se ela esperasse que ele fosse lhe perseguir. Claro que ele não faria. Não havia nenhuma razão para isso.

Ela olhou para si mesma no espelho retrovisor, observando seu rosto corado e os olhos excessivamente brilhantes. Não tinha nada a ver com Greg e tudo a ver com Cullen.

Baixando o olhar, ela passou a parte de trás da mão na boca, se livrando da memória da boca de Greg lá. Tinha sido necessário, mas ela ainda ansiava por Cullen. Seus lábios, seu gosto para apagar e substituir todos os outros.

Quando ela partiu do estacionamento, sua pulsação se estabilizou, e uma sensação de vazio se espalhou por todo seu peito quando ela percebeu que não seria capaz de esquecer sua noite com Cullen. Nunca.

Quando parou no primeiro sinal vermelho, ela pôs o cinto de segurança. Olhando fixamente para frente, ela se perguntou onde isso a colocava. Se ela não conseguia parar de querer Cullen, de desejar a ele mais do que como um amigo, onde isso a deixava?

Como eles poderiam manter a amizade, afinal?

Capítulo Oito

Cullen conseguiu manter a frieza no Java Joe's por cinco minutos depois que Huntley saiu. Sua mão abria e fechava ao seu lado, o desejo de bater em alguma coisa com força o esmagando por dentro. Huntley estar em um encontro já era ruim o suficiente. Ver ela beijando aquele babaca... foi ainda pior.

— Então. Você só vai ficar sentado aqui como se essa coisa toda não te incomodasse?

Ele lançou um olhar para Sheridan enquanto ela preparava a bebida de alguém. — Por que eu iria estar incomodado?

Ela bufou. — Certo. Você passou os últimos anos saindo com Huntley e agora ela aparece em um encontro. Não é grande coisa.

— Nós somos apenas amigos.

— É assim que chamam hoje em dia?

Balançando a cabeça, ele se levantou do banquinho. — Até logo.

— Não finja para você mesmo, — ela disse enquanto ele ia para fora e fazia o caminho até a sua caminhonete. Ele começou a ir para casa, mas sua mente se rebelou, se perguntando se Huntley ia ver aquele imbecil outra vez.

Ele bateu no volante uma vez com uma maldição. Ele não podia acreditar que ela tivesse deixado aquele cara lhe dar um beijo. Claro, ela era solteira e livre para beijar qualquer homem que quisesse, mas depois da noite passada ela estava realmente tão ansiosa para ficar com outra pessoa? Ela era a única mulher em quem ele podia pensar. A única que ele queria.

Talvez você tenha preparado o terreno e ela está terminando isso com outra pessoa.

— Porra, — ele rosnou e virou o carro fazendo um U que quebrou uma dúzia de leis de trânsito. Ele não se importava. Cullen meteu o pé no acelerador sem sequer pensar, apenas um destino em mente.

Ela tinha acabado de colocar uma das suas camisetas de ficar em casa favoritas e umas calças largas de algodão, tirado a maquiagem e prendido o cabelo em um rabo de cavalo. Agora, estava olhando sua geladeira, contentando um lanche com cubos de queijo e iogurte, quando houve uma batida na porta da frente.

Um rápido olhar pelo olho mágico revelou Cullen ali de pé, uma mão apoiada em algum lugar à direita da porta. Ela engasgou. *Doce Jesus*. Ele era gostoso até mesmo pelo olho mágico. Ela se afastou da porta, a mão voando para sua boca. De repente ela lamentou ter tirado a maquiagem. Revirando os olhos, ela se xingou de idiota mentalmente. Cullen já a tinha visto várias vezes sem maquiagem.

— Abra a porta, Huntley, — sua voz profunda e firme enviou um raio de calor pela sua coluna vertebral. Por uma fração de segundo, ela pensou em recusar, mas então esqueceu a vergonha. Esse era Cullen. Não importava o que tinha acontecido entre eles, qualquer caminho que ela escolhesse em sua vida, poderia confiar nele. Ele era um bom rapaz. Mesmo que ele não soubesse, sempre fazia a coisa certa. E, neste caso, uma vez que lhe dizia respeito, a coisa certa era manter as mãos longe dela.

Com um profundo suspiro, ela abriu a porta. — Cullen, — esse guincho ofegante foi mesmo a sua voz? Ela engoliu em seco e tentou novamente. — O que você está fazendo aqui?

Um músculo pulsou em sua mandíbula, e ela percebeu que essa era uma pergunta bastante inútil. Ela nunca tinha perguntado a ele por que parou. Simplesmente abria a porta, sua casa, seu coração para ele, sem perguntas. Sempre foi assim. Era apenas mais uma prova de como as coisas estavam diferentes entes eles. Como se eles nunca pudessem voltar a ter o que tinham antes.

Ele não respondeu, não se moveu da sua porta. Seu olhar escuro a percorreu de cima a baixo, sem perder a camiseta bem ajustada, as calças de algodão e os dedos dos pés descalços tocando o tapete.

— Eu esqueci uma coisa, — ele murmurou.

— Ah é?

Ele acenou com a cabeça uma vez. — Sim.

Era como se alguém tivesse apertado um botão de pausa. O tempo parou, marcado pelo silêncio. Nada se moveu. A tensão engrossou o ar entre eles. Ela não conseguia respirar enquanto seu olhar estava cravado nela.

Em seguida, um interruptor foi aceso.

A mão dele se enrolou no seu pescoço e a puxou contra ele, ao mesmo tempo em que pisava para dentro da casa. Sua boca caiu sobre a dela. *Cullen está me beijando*. Era tudo e nada como ela sempre fantasiou esse momento.

Duro e suave. Doce e letal. Seus lábios firmes e quentes se inclinaram contra os dela. Sua língua deslizou para dentro e ela ofegou.

Huntley se sentia consumida. Marcada.

Vagamente, ela registrou o clique da porta, mas mal conseguia prestar atenção em coisas como a porta fechando ou Cullen caminhando para dentro da sala quando sua boca estava se movendo sobre a dela.

Ela não conseguia respirar. Seu peito parecia que ia explodir ao sentir o seu cheiro inebriante, o gosto... o golpe da sua língua de veludo contra a dela. Ela se sentia esmagada, atordoada, sem sentidos, os lábios ainda imóveis.

Ele se afastou um pouco e rosnou contra a sua boca. — Me beije, Huntley.

Suas palavras quebraram algo dentro dela. Ela acordou. Huntley se inclinou contra a sua boca e o beijou de volta, vorazmente, tocando sua língua com a dela.

Ele fez um profundo grunhido de aprovação, se abaixou e então a levantou do chão. Ela guinchou e agarrou seus ombros. — Cullen! — ela gritou contra os seus lábios. — Eu sou muito...

— Eu não vou te deixar cair, — ele raspou em sua boca. — Nunca.

Seu coração disparou quando ela percebeu que ele estava a levando com facilidade em direção ao seu quarto, suas grandes mãos a segurando pelas coxas, a boca ainda devorando a sua.

Ele a largou sobre a cama, caindo sobre ela, as mãos espalmadas em cada lado da sua cabeça, a prendendo. Ele levantou a cabeça e ela

deixou o ar sair em um sopro rápido quando encarou seu rosto bonito com traços firmes.

Seu olhar a perfurava. — Eu estive pensando que precisava corrigir o que você disse hoje mais cedo e te beijar.

— Ah. Você fez isso, — ela parou, meio que esperando que ele levantasse da cama e dissesse que estava tudo bem entre eles. Os dois tinham se beijado, depois de tudo. E feito um pouco mais.

Ele se levantou e seu coração afundou ao perceber que ela estava certa, mas ele não se afastou. Ele olhou para ela, seus olhos escuros cheios de uma emoção ilegível.

Ela se sentou, empurrando as mechas de cabelo que tinham se soltado do seu rabo de cavalo e caíram em seu rosto. Ela umedeceu os lábios e fingiu manter a compostura quando o viu chegar atrás do seu pescoço e puxar a camisa sobre a cabeça em um movimento preciso.

Sua boca ficou seca com a visão dele. Seus ombros e bíceps pareciam ter sido esculpidos em mármore. O peitoral musculoso, o estômago estriado. Ela já o tinha visto sem camisa antes, mas nunca assim. Nunca como um animal faminto pairando sobre ela e pronto para devorá-la. Ele ainda não tinha acabado com ela. Isso estava claro. E ela não queria que ele acabasse.

Ela queria ser devorada.

Ele agarrou a bainha da camiseta dela e a puxou sobre a sua cabeça. O ar frio soprou sobre o seu corpo. Seus olhos brilharam no escuro quando ele olhou para seu simples sutiã branco. Seu estômago apertou quando os dedos dele foram para o fecho central e o abriram. Seus seios saltaram livres.

Calor marcou seu rosto. Ela não se lembrava de alguma vez ter estado tão exposta para um homem antes. O número de homens que haviam visto seus seios era pequeno, e nunca em plena luz assim. Ela levantou as mãos para se cobrir, mas ele agarrou seus pulsos, os puxando para baixo. — De jeito nenhum você vai se esconder de mim.

As palavras agiram como ferro em brasa, acendendo uma queimadura constante em todas as suas partes íntimas. Seus mamilos apertaram, se transformando em pontos duros, e seu sexo latejou, ansioso para ser preenchido.

Ele se aproximou dela novamente, se apoiando sobre a cama. Ambos os seus joelhos separaram suas coxas para se acomodar entre elas, e ela mergulhou no colchão com o seu peso. O jeans áspero da cala dele raspou contra o algodão macio das suas. Seu olhar correu por ela, demorando nos peitos antes de rastejar mais para baixo, na inclinação do seu estômago. Ele espalmou a mão ao lado da sua barriga. Seus dedos longos cobriam boa parte da sua caixa torácica. Ele mexeu a mão e seus dedos roçaram na parte inferior dos seios.

Ela puxou uma respiração afiada, arqueando a coluna, queimando com o seu toque. Ele não era como a maioria dos rapazes. Suas mãos gananciosas não mergulharam em seus seios, apertando e apalpando eles como se fossem melões. Ele a fez esperar.

Suas duas mãos se estenderam pelo seu torso enquanto ele se inclinava sobre ela. A boca dele a milímetros da dela. Huntley levantou a cabeça da cama, buscando a sua boca, ansiosa para que ele a beijasse novamente.

As palavras dele roçaram sua pele. — Você quer a minha boca de novo?

Ela assentiu com a cabeça e se inclinou mais para perto.

Ele se esquivou de seus lábios.

Ela fez um som de protesto e levou as mãos aos ombros dele. Ele as tirou dali e prendeu na cama. Duramente. Ele entrelaçou seus dedos e alinhou seus quadris, a ereção dele diretamente sobre o seu núcleo. — Eu não sei... parece que ninguém vai fazer isso. Você tem certeza que quer me beijar?

Ele balançou contra ela, esfregando o comprimento duro ao longo da virilha de suas calças de algodão, sabendo exatamente o que ele estava fazendo com ela.

— Eu quero que você me beije, — ela insistiu.

— Tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele soltou seus pulsos da cama e trouxe sua boca contra o pescoço dela, logo abaixo da orelha. Ela sentiu as palavras vibrando contra sua pele. — Você *nunca mais* vai beijar outro homem na minha frente outra vez.

Ela assentiu, embora uma parte dela se rebelasse com o que ele tinha acabado de dizer. Cullen exercia controle total sobre ela, e ela se divertia com isso. Pela primeira vez ela sentia como se pudesse deixar ir. Ela estava pronta para se submeter inteiramente a um homem, sabendo que ele só lhe devolveria prazer.

Sua boca se arrastou pelo pescoço em uma trilha de beijos cortantes. Lábios, língua e dentes pastaram suavemente, beliscando. Ela choramingou, balançando debaixo dele, perdendo a cabeça com a necessidade. Ele chegou no ponto onde seu pescoço e ombro se encontravam, o hálito quente soprando sobre o oco que havia ali por um momento angustiante. Antecipação correu por ela enquanto esperava por mais. Ela tremia, segurando a respiração por seu beijo lá... pela ligeira raspagem dos dentes.

E finalmente isso veio. Seus dentes se afundaram profundamente no ponto de encontro do ombro com o pescoço, a marcando, reivindicando. Um suspiro sufocado saiu rasgado dela enquanto seus ossos se liquefaziam e uma onda de calor se reunia entre suas pernas. Seus olhos se arregalaram e ela ofegou, porque nenhum homem jamais tinha lhe mordido antes. Ela não tinha ideia de que gostaria tanto assim. Não tinha ideia de que sentiria isso tão profundamente. Ele recuou, lambendo a carne macia com a língua e dando beijinhos com os lábios.

Sua cabeça estava girando, o peito subia e descia com a respiração irregular enquanto a mão dele se fechava em torno de um seio, levantando o monte generoso em direção à sua cabeça, que mergulhou. A leve pressão dos dedos na carne a fez gemer. Ela arqueou, desesperada para que ele a tomasse na boca. Huntley correu uma mão pela parte de trás da cabeça dele, o puxando para baixo com um som animal que nem ela sabia que era capaz.

A ponta de sua língua acariciou levemente o mamilo. — Você quer que eu te beije aqui? Você acha que merece isso?

Ela se contorcia debaixo dele e quase saltou para fora de sua pele quando ele arrastou o polegar áspero sobre o bico inchado. Seu peito estava pesado na mão dele. O que ele ainda não tinha tocado gritava pela sua atenção, inchado e dolorido.

Seu hálito quente soprava sobre a ponta dolorida. Antecipação zumbiu através dela, em guerra com a frustração. Ela precisava disso. Precisava dele. Ela começou a ficar irritada com a espera.

— Talvez eu devesse beijar outros homens, — ela estalou.

Ele ficou tenso em cima dela, seus ombros musculosos se transformando em rocha sólida.

— Foi o que trouxe você aqui, não foi Cullen? — ela perguntou. — Nós aqui? Assim? Você estaria aqui se eu não tivesse beijando aquele cara na sua frente?

A mão dele deslizou para baixo pela sua barriga e parou entre as suas pernas. Ela pulsava contra a palma da sua mão, apertando seu sexo para que ele a enchesse. — Você não tinha que ir a esses extremos. Se você me queria na sua cama, por que não me disse antes?

Seu olhar escuro e quente se fixou em seu rosto enquanto ele abaixava a cabeça e, finalmente, tomava o mamilo, o puxando no calor úmido de sua boca, enquanto a mão deslizava sob o cós de sua calça de algodão para acariciar suavemente ao longo da sua fenda.

Era uma sobrecarga de sensações. Seus dentes marcavam o mamilo, e ela gritou quando ele mergulhou um dedo dentro dela. Ela se desfez embaixo dele. Cacos brilhantes de cor explodiram atrás das suas pálpebras.

— É isso aí, querida. Goze para mim.

Ela assentiu com a cabeça, palavras ininteligíveis tropeçando da sua boca quando ele empurrava um segundo dedo para dentro. — É aqui onde eu quero estar, Huntley.

— Sim, — ela sussurrou.

Seus olhos se encontraram com os dela, escuros e infinitos, olhando dentro da sua alma. Ele pulou da cama. Ela viu quando ele desabotoou a calça jeans e a empurrou para baixo, levando a cueca junto.

Sua boca ficou seca. Ele estava sobre ela, seu pênis projetado, a alarmando com seu tamanho.

— Oh, — ela suspirou.

Ela não podia nem ao menos fechar a mão em torno do eixo. Huntley instintivamente se moveu para trás na cama. — Eu não tenho certeza se isso vai dar certo.

— Ah, vai dar certo, querida, — ele estendeu a mão para ela e agarrou a cintura das suas calças de algodão, as puxando pelas suas pernas em um movimento rápido, o que a deixou totalmente nua. O

desejo de se proteger caiu sobre ela, e ela fechou os joelhos, dobrando as pernas para o lado. — Você confia em mim?

Ela confiava. Irrevogavelmente. Ela confiava nele. Se importava com ele. Mais do que devia. Durante anos, ela tinha abrigado sentimentos por ele. Desejo, luxúria que ela achava que ele nunca poderia retribuir. Mas ele retribuía.

Suas mãos quentes se fecharam sobre os joelhos dela, separando as pernas e parando entre elas novamente. Desta vez não havia a aspereza do jeans entre eles. Era pele nua contra pele nua, as palmas das mãos calejadas em um raspar erótico enquanto corriam ao longo das suas coxas.

Ela estava dolorida, pronta e aberta para ele. Os dedos dele esfregaram a sua buceta, e ela estava tão molhada que seu rosto queimou de vergonha.

Uma voz rouca saiu dos lábios dele. — Viu. O seu corpo quer isso.

Ele agarrou aquele enorme pênis e o esfregou na sua fenda. Ela gemeu e inclinou os quadris para cima, pronta para que ele empurrasse dentro dela. Ele arrastou a cabeça gorda do pau até o clitóris e esfregou círculos ferozes.

Ela alcançou entre eles, morrendo de vontade de tocá-lo. — Solte.

A mão dele se afastou e ela fechou os dedos em torno do seu eixo, não ficando surpresa quando a mão não conseguiu contornar a largura. Ela sabia que isso não seria possível.

Ele deixou escapar um assobio. Ela ficou exultante ao perceber que tinha controlado esse homem forte e lindo, assim como ele a controlou com a sua boca e mãos. Ela guiou a ponta dele para a sua abertura, o provocando ali, permitindo a menor entrada antes de parar e puxar para trás e para fora.

— Chega de provocação, — ele rosnou, sua mão apertando o pulso dela. — Eu não posso mais esperar.

— Então não espere, — ela apertou seu pau e o guiou outra vez, a cabeça quase totalmente dentro dela agora, apenas no limite, uma vez que ela estava sendo mais esticada do que já havia sido em sua vida.

— Deixe eu pegar uma camisinha...

— Eu estou tomando pílula, — ela disse com a voz ofegante. Ela esteve tomando anticoncepcional desde que tinha dezessete anos. O médico havia prescrito para ajudar com as cólicas ocasionais. — Você está... bem? — ela estremeceu, odiando a estranheza da pergunta.

— Eu estou limpo, mas você não tem que fazer isso. — O suor escorria do topo do seu lábio, e ela sabia que seu controle estava escorregando. — Eu nunca estive dentro de uma mulher sem proteção antes.

E isso selou a questão para ela. Huntley queria ser sua primeira em alguma coisa. Seu coração inchou. Ela queria ser a primeira mulher a sentir Cullen verdadeiramente dentro dela. A primeira a ter isso com ele, dele. — Eu confio em você, — ela sussurrou.

A indecisão guerreava em seu rosto. Ela mexeu os quadris e tentou empurrar mais dele para dentro. Ele se conteve, negando.

— Você não quer estar dentro de mim, Cullen? — ela chegou em torno dele e agarrou a sua bunda, cravando as unhas na carne firme, enlouquecida pela sua fome por ele, o instigando a mergulhar profundamente. — Com nada entre nós.

Ele gemeu e deixou cair sua mão para longe de onde segurava a si mesmo. — Porra, Huntley... se eu quero saber como é gozar dentro de você? Saber como é sentir você apertando o meu pau direto na pele? *Sim.*

Ela não teve tempo de respirar antes que ele se enterrasse profundamente com um golpe duro.

Ela engasgou e ficou rígida contra a invasão súbita, as mãos voando para os seus bíceps. Ela não era virgem, mas isso definitivamente era algo diferente. Ela nunca tinha sentido nada como ele. Era como se ela estivesse *cheia* dele, até a borda.

Ele baixou a cabeça no ombro dela, sua voz retumbando contra sua pele. — Você é tão gostosa, Huntley. Incrível.

Ela inalou uma respiração irregular, se ajustando ao tamanho dele pulsando dentro dela.

Ele olhou para ela. — Você está bem?

— Sim. É só que faz um tempo para mim, — ela inspirou e expirou várias vezes. — E você é maior do que eu estou acostumada.

Ele sorriu, lento e sexy. — Você vai se acostumar com isso.

Ele inclinou a cabeça, levantando um seio e chupando o mamilo profundamente, sugando e marcando-o levemente com os dentes.

Seu sexo se apertou, e ela gemeu com a sensação de sua incrível dureza a enchendo, tão apertada dentro do seu canal que ela sentia como se fosse uma parte dela. Como se não houvesse como definir onde um terminava e o outro começava. Ela arqueou a garganta com um gemido.

— Ah, eu sinto isso. Viu? Você *está* apertando o meu pau.

Ela sacudiu a cabeça em um gesto selvagem e trabalhou seus quadris debaixo dele, desejando que ele se movesse. — Sim.

— Você está pronta agora? — ele beliscou seu mamilo entre os dedos fortes, enviando sensações diretamente para o lugar onde seus corpos estavam unidos.

— Sim, — ela ofegou.

— Para o quê? Para o que você está pronta?

— Seu pau... se movendo, me fodendo.

— Com prazer, — ele rosnou, puxando para fora e empurrando para dentro. Ainda de forma controlada. Ainda constante. Ele se manteve criando um ritmo estável de atrito que a fez se contorcer e gemer debaixo dele.

— O quê? O que você quer, Huntley?

— Mais forte.

Seus olhos escureceram. — Porra, sim, — ele murmurou, como se isso fosse tudo o que ele estava esperando que ela dissesse.

Ele bateu dentro dela, a cabeceira da cama batendo contra a parede a cada estocada.

Ela gritou seu nome e arranhou suas costas. Ele segurava seus quadris com força, os dedos cavando profundamente em sua carne.

Ele levantou sua pélvis até que a bunda estava fora da cama, e empurrou o pau profundamente, batendo no ponto certo. Ela gozou, seu corpo sacudindo violentamente. Ele continuou a martelar dentro dela, implacável como uma máquina.

— Oh, isso é tão bonito. Goze para mim de novo, querida, — suas mãos deslizaram dos quadris para agarrar a bunda dela. Ele massageou as nádegas perfeitamente redondas enquanto dirigia dentro e fora dela.

Não era possível. Ela nunca teve um orgasmo como esse. Com Jackson tinha sido raro e nunca mais do que um por noite. Isso não acontecia.

— Eu não consigo... eu nunca... — sua voz falhou.

— Sim, você consegue. Você *vai*, — a voz dele a acariciou como se fosse um toque físico.

Ela começou a tremer enquanto ele bombeava dentro e fora, suas grandes mãos amassando sua bunda de uma forma que a deixou mais quente e fez um punho invisível apertar e torcer seu baixo ventre. Ela estava perto de novo, estranhos sons guturais rasgando sua garganta. Ela levantou e revirou os quadris, seus movimentos se tornando desajeitados no desespero.

Outro clímax explodiu dentro dela, partindo das suas entranhas, a fazendo enrolar os dedos dos pés nos lençóis. Ela levantou os quadris e a tensão no seu núcleo estalou. Sensações deliciosas dispararam por cada terminação nervosa antes de voltarem para atingir seu ponto doce uma e outra vez. Ela engoliu um grito. Puta merda. Ela mal podia encontrar o ponto certo quando estava trabalhando para gozar.

Mas ele sabia onde encontrá-lo. Conhecia cada lugar a ser tocado. Sabia exatamente o que fazer para ter o corpo dela cantando. Uma mão largou a sua bunda para encontrar o clitóris, seus dedos esfregando e beliscando enquanto ele deslizava dentro e fora dela.

Foi o que bastou. Ela quebrou, gozando outra vez, tremendo debaixo dele quando seu ritmo se tornou frenético, seus corpos batendo juntos, alto. — Eu disse. É isso aí, querida, — a respiração dele mudou, seus movimentos ficaram menos graciosos, mais urgentes enquanto ele buscava sua própria libertação.

Ele xingou, empurrando profundamente uma última vez e se mantendo dentro dela enquanto gozava. — Oh, meu Deus, — ele ofegou.

Ele deu outro impulso curto, a mão espalmada na barriga de uma forma que a fez se sentir marcada, seu corpo possuído e bem utilizado de uma forma totalmente nova e desejável.

Ele tirou a mão da barriga dela e deslizou para fora, caindo ao seu lado, respirando pesadamente. Euforia se agarrou a ela, fazendo sua cabeça girar ligeiramente.

Então era isso que ela estava perdendo.

No instante em que o pensamento entrou em sua cabeça, ela se perguntou como iria fazer isso outra vez. Sem ele. Eufórica ou não, ela não estava cega para o fator estranheza. Ela tinha acabado de ter sexo alucinante com o seu melhor amigo. Ah, e ele também era o melhor amigo do seu irmão.

Será que ele ia se levantar e sair agora? Será que eles retomariam sua amizade como se isso nunca tivesse acontecido? Ela ficou imóvel ao lado dele, não tendo certeza de como reagir. O que dizer em uma situação como essa? Ela deveria se levantar e se vestir...

Ele estendeu o braço e o enrolou em volta da cintura dela, a puxando para perto, ao seu lado. Ela olhou para o rosto dele. Seus olhos estavam fechados, mas ela sabia que ele não estava dormindo. Ainda. Ela esperou alguns instantes para ver se ele diria algo.

Depois que dez minutos se passaram em seu relógio digital, ela encontrou coragem e quebrou o silêncio, perguntando: — Você já comeu?

A boca dele se curvou um pouco. — Não.

— Eu tenho espaguete pronto.

— Parece bom.

Sorrindo, ela deslizou para fora de seu abraço e se levantou. Se inclinando, ela pegou sua camiseta descartada.

— Você não tem que fazer isso.

Puxando a camiseta sobre a cabeça, ela olhou por cima do ombro para ele, arqueando uma sobrancelha questionadora.

— Eu só vou ter o trabalho de te despir novamente mais tarde.

Calor a inundou quando suas palavras retumbaram no ar. Bem, isso respondia à pergunta se ele planejava ir embora logo.

Se virando, ela foi para a cozinha com um sorriso ridiculamente grande no rosto.

Capítulo Nove

Cullen deveria ter saído no momento em que o sexo terminou, mas ele estava longe de estar satisfeito dela. Ele não ia a lugar nenhum. *Talvez nunca.*

Assim que o pensamento fantasioso passou pela sua cabeça, ele o empurrou para fora. Isso não era nada além de sexo. Ótimo sexo. Mas apenas sexo.

Ela se sentou ao lado dele, suas coxas se tocando, enquanto comiam espaguete em frente à TV. Eles descobriram uma maratona de *The Walking Dead* e pararam para assistir. Ele adorava olhar para o seu rosto expressivo. Mesmo que ela já tivesse visto todos os episódios, ainda cobria a boca e pulava nas partes assustadoras.

— Que brutalidade! Canibais, — ela torceu o nariz para o seu prato de espaguete. — Estou feliz que eu já comi.

— Ah, vamos lá, — ele levantou uma almôndega revestida de molho marinara. — Você não quer uma mordida?

— Eca! Tira isso daqui, — ela se inclinou bem para o lado, rindo enquanto ele empurrava o garfo para ela. — Você vai deixar isso cair em mim!

Ele enfiou a almôndega na boca. Mastigando, ele agarrou sua cintura e tentou beijá-la com a boca cheia de carne picante.

Ela gritou e tentou se soltar. — Pare! Não faça isso!

Ele conseguiu dar um beijo em sua bochecha, deixando uma mancha de molho marinara. Ela limpou com a palma da sua mão, rindo.

— Ok, parei, — ele prometeu, sorrindo para o seu rosto corado.

O seriado voltou dos comerciais e eles ficaram lado a lado novamente, comentando e dando suas opiniões sobre a história.

— Eu seria uma das primeiras a morrer, — ela disse com absoluta sinceridade, balançando a cabeça para o seu destino inevitável.

— De jeito nenhum. Você teria a mim, e eu teria explosivos.

Ela riu e deu a ele um olhar. — Você sabe que bombas fazem muito barulho.

— E daí?

— Bem, isso atrairia mais zumbis.

— Não se eu continuasse matando todos eles, — ele respondeu.

Ela balançou a cabeça, claramente pouco convencida da sua lógica.

— Olha, — disse ele. — Tudo que eu estou dizendo é que posso montar uma bomba com uma faixa de borracha e produtos de limpeza domésticos. E eu *posso* fazer isso rápido o suficiente para nós fugirmos.

— Pouco convencido? — ela bufou.

Ele deu de ombros. — Eu conheço meus pontos fortes.

— Ainda assim. Eu acho que um tanque da base poderia ser algo útil de se ter.

Ele assentiu. — Sim, exceto que eles são beberões de gasolina, e eu imagino que vamos ter de nos preocupar com combustível.

Eles continuaram com suas hipóteses, mantendo sua camaradagem fácil até que o episódio chegou ao fim. Era como todas as outras vezes em que eles saíram, só que era diferente. Melhor. Porque havia maior intimidade agora. Ele podia tocar no seu braço, colocar seu cabelo para trás do ombro e ela não estremecia.

— Preciso de um banho, — ela declarou quando o próximo episódio começou.

— Vá em frente. Eu vou lavar a louça, — ele pegou o seu prato, sentindo o seu olhar sobre ele e lutando para não estremecer. Para quem olhasse, eles pareceriam quase... domésticos. *Inferno*.

— Obrigada.

Ele ouviu a água do chuveiro começar a correr enquanto colocava os pratos sujos na máquina de lavar. Terminando, ele desligou a TV e foi para o banheiro. Do lado de fora do chuveiro, ele tirou a cueca e então abriu a cortina de plástico floral verde e rosa.

Ela pulou e gritou como se ele fosse um dos zumbis que eles tinham acabado de assistir. Seu olhar caiu, deslizando pelo corpo dela. Seus mamilos deliciosos ficaram duros instantaneamente. Ele não tinha ideia de que ela tinha esses belos seios. Pisando no interior do chuveiro, ele inclinou a cabeça e colocou um deles na boca. Ela gritou de novo, suas mãos voando para a cabeça dele. A água escorria sobre eles, fazendo a carne dela quente e escorregadia sob suas mãos.

Ele se fartou em seus seios, a mão entre as pernas dela, esfregando onde ela já estava molhada devido à cominação de seu desejo com a água do chuveiro.

Ele a apoiou na parede do banheiro, fazendo uma pausa para molhar um pouco as mãos. Ele colocou sabonete sobre elas e ensaboou o corpo de Huntley, massageando em toda parte. Peitos, bunda, seu sexo apertado. Ela fechou os olhos, a cabeça rolando contra a parede de azulejos. Seu cabelo loiro escuro caía molhado sobre seus ombros e costas.

Ela gozou gritando o seu nome, o peito arfando. Ele levantou uma das suas coxas, a prendeu em volta do seu quadril e quando estava prestes a entrar no seu calor apertado, ela o empurrou e caiu de joelhos.

Ele olhou para ela, a água caindo sobre o seu corpo. Ela parecia uma sereia saída do mar, sua boca carnuda na cabeça do seu pau, os olhos azuis escuros e as pálpebras pesadas lhe pedindo para arruiná-la.

Ela pegou a cabeça inchada e a rolou sobre os seus lábios. Huntley chupou o seu pau na boca molhada, tomando o máximo que podia do comprimento. Seus dedos magros se fecharam em volta da base, a parte que ela não conseguia engolir. Ele achatou uma mão contra a parede do chuveiro, e a outra enrolou no cabelo molhado dela.

Ela o chupou como se quisesse tomar tudo dele. Suas bolas se apertaram e ele sabia que não ia durar muito mais.

Ele tentou fazer com que ela levantasse. — Huntley, já chega.

Ela o ignorou, chupando com mais força, a mão livre cobrindo as suas bolas. Ele estava perdido. Cullen começou a mover os quadris, fodendo a sua boca. Ela fez um gemido de aprovação. Sua língua deslizou ao longo da parte de baixo do seu pau, e ele perdeu a cabeça. Cullen gozou com um grito, enquanto a sua boca tomava tudo dele, engolindo cada gota.

Ele a puxou pelos braços, se sentindo tonto. — Huntley.

Ela olhou para ele, os olhos vidrados, e ele sabia que ela se sentia assim também. Que essa coisa entre eles era boa. E muito assustadora.

Ela tirou algumas mechas úmidas de cabelo do rosto. — Eu nunca entendi por que as mulheres faziam isso. Eu nunca gostei, mas... com você, — seus olhos brilhavam. — Eu amei.

Seu peito apertou. Ele roçou o polegar na sua bochecha e a virou, terminando de lavar o seu corpo e depois a si mesmo, com movimentos bruscos e superficiais. Ele não disse uma palavra quando eles saíram do chuveiro e se vestiram novamente.

Teria feito sentido ir embora depois disso. Dizer boa noite e dar o fora. Ambos tinham que trabalhar cedo na manhã seguinte. Então teria feito sentido lhe dar um beijo de adeus e esquecer essa noite de sexo quente, irresponsável e louco. Em vez disso, ele pegou emprestada a sua escova de dentes, apagou a luz e subiu na cama ao lado dela, a puxando mais para o seu lado.

Ele iria se preocupar com o que fazia sentido mais tarde.

* * * * *

Huntley acordou no escuro. Ela piscou por um momento, sabendo que algo estava errado. Levou um segundo para ela se lembrar de que não estava sozinha. Os acontecimentos da noite passada inundaram seus pensamentos e seu corpo formigou, deliciosamente dolorido e sensível depois do sexo. *Sexo com Cullen*. Cullen, que ainda dormia ao seu lado.

Ela virou a cabeça, estendendo a mão para tocar seu ombro nu. Ele murmurou alguma coisa e sacudiu a cabeça, um som triste saindo dele. Ela conhecia esse som. Já tinha ouvido muitos sons de pesar tarde da noite na emergência.

— Cullen, — ela sussurrou, na esperança de aliviar seu sonho ruim. Um sonho que ela tinha certeza que tinha raízes na perda de Xander.

Seus olhos se abriram quando ela disse seu nome, um soldado acostumado a acordar instantaneamente. A dor estava estampada em

seus olhos. O tipo de dor que ele nunca deixaria alguém vislumbrar durante o dia. Agora, com suas defesas baixas, ela via diretamente dentro dele. Através dele. Ele não conseguiu esconder seus fantasmas dela.

Ela estendeu a mão e acariciou sua mandíbula, lhe dizendo que estava ali para ele. Ela entendia, e sempre estaria lá. Ele nunca teria que ficar sozinho. Se ele simplesmente deixasse.

Ele agarrou seu pulso, linhas de tensão marcando a sua boca. Ele apertou com mais força, um agarre tão feroz quanto seu olhar cintilante.

Ela o encarou de volta, questionando, insegura. — Cullen, você está bem?

Ele soltou o pulso dela. Seu peito subiu e desceu várias vezes antes que ele respondesse, — Acho que está sendo muito difícil aceitar a morte de Xander.

A pulsação dela parou com essa admissão. Ele estava falando com ela. Se abrindo de verdade sobre o que estava acontecendo por trás das suas barreiras cuidadosamente construídas.

— Eu sei.

— Eu simplesmente não consigo parar de me perguntar “e se”. E se eu tivesse sido um instrutor melhor? No meio do programa Xander expressou algumas dúvidas. E se eu não tivesse empurrado ele a continuar? Eu apenas sinto que falhei. Meu velho nunca quis que eu fosse da EOD. — Ele deu uma risada crua de dor. — Ele disse que eu não tinha o temperamento certo para isso. Que eu ia me foder. E eu não o escutei.

— Ele estava errado, Cullen. Você não falhou. Você fez o seu trabalho, — ela ficou de lado para enfrentar ele melhor. — Xander era um ser humano com livre arbítrio. Ele fez suas próprias escolhas, e ele não teria ficado se não quisesse.

— Sim, é só a porra do meu ego, eu acho, pensando que eu sou tão importante.

— Não, — ela disse com a voz dura. — Não é ego. Você era amigo dele. Claro que você era importante para ele, mas você não é Deus. Você não foi responsável pelo seu destino, e eu sei que ele está olhando para você agora, querendo que você acredite nisso, — na escuridão, ela podia ver o brilho de seus olhos enquanto ele a estudava.

— Deus, você é muito boa. Pode haver alguma menina tão doce como você?

Ela franziu a testa. — Eu não sou doce.

Ela sempre foi a garota doce. Previsível. Na verdade, a única coisa imprevisível que ela já fez foi deixar a Georgia. Claro, ela tinha feito isso apenas porque queria ficar longe de Jackson. Todos assumiam que ela gostaria de voltar e ficar com ele. Casar e ter os dois filhos padrão. Era quase como se ela temesse que isso acontecesse, então correu para o outro lado do país para evitar esse destino.

— Mais doce do que a maioria das meninas... — sua voz se desvaneceu, e ela sabia o que ele estava pensando. *Mais doce do que a maioria das meninas com quem eu fodo.*

Ela estava bem familiarizada com o seu tipo normal de mulher. A maioria eram groupies do Exército, ansiosas para uma noite louca. Ela não era assim. Esse tipo de comportamento não fazia sentido para ela. Ele sabia disso, mesmo que ela não tivesse dito. Ele a conhecia muito bem.

A mão dele se moveu em suas costas novamente, acariciando com delicadeza. — Você merece muito, Huntley.

— Assim como você, — ela rebateu, sentindo dor no peito, quase sofrendo porque ela sabia que ele não acreditava nisso para si mesmo. Especialmente enquanto carregava o fardo da morte de Xander. — Algum dia você vai perceber isso.

Ela só esperava que não fosse tarde demais antes que ele percebesse que uma parte do que ele merecia de melhor poderia ser um futuro com ela.

— Eu não quero te machucar.

— Você não vai, — ela tocou seu rosto, e ele estendeu a mão para segurar seus pulsos.

— Você é um bom homem, Cullen, — ele precisava ouvir isso. Ele precisava acreditar. Ele tinha ouvido seu próprio pai chamá-lo de garoto fodido por anos. E agora ele estava se culpando pelo que aconteceu com Xander. Ele precisava saber que alguém acreditava nele, que *ela* acreditava.

Ele olhou para ela por um longo momento antes de liberar seus pulsos. Ele enfiou a mão entre as suas coxas, as separando, fazendo

com que a pergunta em seus lábios e seus pensamentos se dispersassem.

Ele empurrou sua calcinha de lado, sem uma palavra, e mergulhou um dedo dentro dela. Ela engasgou enquanto ele trabalhava nela com alguns golpes até que ela estava molhada.

Ele retirou a mão e rolou de costas, puxando-a em cima dele. Ainda segurando a calcinha para o lado, ele bateu dentro dela. Ela gritou, aberta e empalada em cima dele, a sensação cambaleando entre a dor e o prazer.

Ele agarrou a cintura dela e a guiou com suas mãos grandes, praticamente levantando todo seu corpo e então a puxando para baixo, até que ela achou seu próprio ritmo e começou a se mover. Mas mesmo isso não era o suficiente para ele. Não em seu estado atual.

Com um grunhido, ele a colocou de quatro e pôs sua bunda para cima, puxando sua carne contra ele. Cullen esfregou a cabeça ao longo da sua fenda, tocando suas dobras úmidas por um momento antes de se enterrar nela outra vez.

Ela choramingou, um orgasmo explodindo no primeiro impulso. Seu sexo apertou em volta da espessura dele. Ela nunca tinha sido tomada por trás assim, e a posição pressionava justamente em cima do seu ponto doce. *OhDeusOhDeus!* A cada estocada, seu feixe de nervos era acariciado, e ela estremeceu até romper com ele.

Seus músculos viraram geleia e seu corpo ficou mole, cedendo debaixo dele, mas ele ainda não tinha terminado. O domínio sobre seus quadris aumentou e ele a puxou de volta, segurando firme para seu pau martelar.

Uma das mãos dele patinou até a inclinação das suas costas e enrolou em torno de seu ombro, a firmando no lugar enquanto ele a fodia duro. Ele era uma besta. Parecia desesperado e primal. E ela adorou. Ela estava tão molhada que podia ouvir o deslizamento liso dele trabalhando dentro e fora dela. Um segundo orgasmo a tomou antes que os tremores do primeiro tivessem sequer diminuído.

Eles gozaram juntos. Ele bateu nela com uma última moagem de seus quadris, seu pau pulsando enquanto ele jorrava dentro dela.

Puxando seu pênis para fora, ele caiu sobre o colchão. Ela caiu sobre o estômago dele, seu sexo ainda latejando da ação. Ela olhou de

olhos arregalados para o escuro, maravilhada com o fato de que cada encontro com ele era diferente, melhor.

Ela pressionou os dedos contra sua própria boca, segurando quaisquer palavras que ela poderia se arrepender de falar.

Ela nunca se cansaria disso, e ainda assim era tão efêmero. Passageiro e ilusório como um sonho. Pela manhã, ele teria ido embora.

A mão dele desceu pelas suas costas, os dedos se arrastando pela coluna e se movendo pelas suas omoplatas. Arrepios cobriram a sua pele.

— Eu machuquei você? — sua voz profunda retumbou na escuridão, envolvendo-a.

— Não. Eu gostei. — Ela amou. Ela amava *ele*.

Oh, Deus. Ela queria dormir todas as noites ao seu lado. Ela queria estar lá para ele quando ele acordasse no meio de um pesadelo. Ser sua amiga. Sua amante. Seu tudo. Ela queria ser tudo para ele.

Ela fechou os olhos e respirou fundo, grata por ele não poder ver o seu rosto no escuro enquanto ela alcançava esse conhecimento impressionante.

— Eu fui muito bruto. Sinto muito...

— *Eu ameí isso.* — Eu te amo. Ela exalou, batendo os dedos contra a sua boca. A mão dele se firmou categoricamente nas suas costas, a palma aquecendo o seu centro. A marca da sua mão cauterizou profundamente em sua pele – através dos tendões e dos ossos, chegando diretamente até a alma.

* * * * *

À luz escura da madrugada, Huntley sentiu o movimento na cama. De repente, ela estava bem acordada. Seu coração batia rápido no peito enquanto ela ficava imóvel e esperava, rezava para que ele lhe desse um beijo de adeus, talvez sussurrasse uma pequena promessa em seu ouvido. Ela sabia que ele estava indo embora, mas ansiava que ele dissesse mais alguma coisa. *Vejo você à noite. Te ligo depois do trabalho. Vamos pegar algo para o jantar. Posso passar a noite aqui*

outra vez? Algo. Qualquer coisa, menos ele deslizando silenciosamente do seu quarto como se fosse um ladrão.

Abrindo minimamente um olho, ela identificou a forma de Cullen ao lado da cama – os ombros largos e as costas duras afinando até sua cintura estreita. Ele saiu do alcance da sua visão. Huntley ouviu o farfalhar das roupas e depois nada. Ela podia sentir seu olhar sobre ela nas sombras. Um longo momento passou.

Seus ouvidos estavam alerta e seu coração martelava como se fosse uma banda enquanto ele saía do quarto. Houve o tilintar fraco das chaves onde elas tinham ficado na sala de estar. Uma porta abrindo e fechando.

E então ele se foi.

* * * * *

Ele não deveria ter saído assim, mas era a melhor coisa a fazer. Muito melhor do que colocar um sorriso em seu rosto bonito e ter uma conversa estranha.

Ele destravou a porta da sua caminhonete e deslizou para trás do volante. Eles iriam conversar, mas primeiro ele precisava colocar a cabeça e ver como o que tinha acontecido mudava as coisas.

Ele esfregou seu peito. Parecia haver uma pedra ali, pressionando, esmagando.

Você não pode dar o que ela merece.

Isso era verdade. Ele prometeu ao seu irmão que iria cuidar dela. Não transar com ela até que eles não conseguissem mais lembrar seus próprios nomes. E a forma como tinha sido com ela? *Merda*. O sexo tinha sido sujo e bruto. Do jeito que ele gostava.

Ele saiu da garagem e dirigiu para sua casa. Ele precisava se trocar antes de ir para a base. Ele corria três quilômetros todas as manhãs com os seus estagiários, e nunca tinha se atrasado. Ele olhou para o relógio. Os garotos não saberiam o que pensar. Inferno, *ele* não sabia o que pensar.

Cullen passou a mão sobre o rosto e pensou nas suas últimas dez horas. Ele nunca tinha tido isso com uma mulher antes. Essa proximidade, esse sentimento, tanto físico quando emocional. Ele não ia fingir que não queria mais. Ia ser uma tortura manter as mãos longe dela, resistir a ela agora que ele sabia como poderiam ser as coisas entre eles.

Então não resista.

E o quê? Ele seria o seu namorado? Marido? Ele não tinha isso. Relacionamentos. Monogamia. Ele não era esse tipo de cara. Ele era o tipo que acordava suado em meio a pesadelos. Ele não podia ser como Beck. Ele não tinha essa semente plantada dentro dele. Ele falhava com as pessoas. Seu pai. Xander. Ele tomava decisões estúpidas. Ele não podia confiar em si mesmo. Se ele falhasse com Huntley, isso só aumentaria o corte profundo.

Puxando uma respiração profunda, ele prometeu deixar ela ir antes que as coisas ficassem mais complicadas do que já eram.

Capítulo Dez

Dois dias se passaram antes que Huntley visse Cullen novamente.

Ele tinha enviado uma mensagem na noite anterior, explicando que eles estavam tendo treinos noturnos. Ela sabia que eles ocasionalmente realizavam exercícios de treinamento que simulavam cenários de guerra. Que ele pensou em lhe enviar uma mensagem deveria ter lhe apaziguado, mas fez pouco para aliviar a dor de não ver ele ou acalmar o emaranhado de pensamentos agitados em círculos sem rumo em um esforço para descobrir em que pé eles estavam agora.

Ela mandou uma mensagem de volta e o convidou para ir a sua casa na sexta-feira à noite. Beck e sua nova namorada iam lá para jantar. Kenna ia embora para a Georgia com ele, e Beck tinha decidido ficar uns dias a mais para ajudá-la a arrumar suas coisas.

Cullen respondeu, também por mensagem, que ia aparecer, mas chegaria atrasado. Ela olhou para a porta durante todo o jantar, se perguntando se ele realmente ia vir.

Ele finalmente chegou quando ela estava servindo a sobremesa, seu cabelo ainda úmido de um banho. Ela inalou seu aroma, o cheiro de sabonete e a leve nota do desodorante, quando ele passou por ela na sala de jantar, e todas suas partes femininas tremeram de desejo, ansiosas para um reencontro.

— Ei, cara. — Beck se levantou e bateu nas suas costas, o puxando para perto em um daqueles meio abraços que os caras se davam. Ele acenou para Kenna. — Este é Kenna. A minha garota.

Até mesmo Cullen sorriu para o tom sonhador de Beck enquanto estendia sua mão para Kenna. — Bom te conhecer.

O olhar de Cullen foi para Huntlye, e um formigamento vertiginoso se espalhou por toda ela.

— Eu posso cortar um pedaço de lasanha para você, — ela ofereceu. — Ou você gostaria de um pedaço de bolo?

O olhar de Cullen deslizou sobre ela, aquecendo-a em todos os lugares. — Eu quero bolo.

O desejo correu através dela, apertando sua pele. Seus olhos pareciam de pudim sob o olhar dele. Por que ela tinha a sensação de que eles estavam pedindo algo mais?

— Uma xícara de café também, por favor, se você tiver.

Balançando a cabeça, ela se virou e desapareceu dentro da sua pequena cozinha que, de repente, parecia muito apertada e quente. Ela disse a si mesma que isso era culpa da lasanha que tinha assado por duas horas, mas o forno esteve desligado há mais de uma hora, agora. Suas mãos tremiam quando ela pegou uma xícara do armário.

Quando se virou, ela gritou, quase deixando cair a xícara no chão quando o encontrou parado logo atrás dela.

— Desculpe, — ele murmurou, seus sapatos batendo no chão de ladrilhos enquanto ele se aproximava, chegando tão perto que ela podia ver as pequenas manchas douradas em seus olhos castanhos. Ele não parecia arrependido, no entanto. Não, a franqueza em seu olhar dizia um monte de coisas, mas não havia ali um pedido de desculpas.

— Está tudo bem, — ela murmurou, apoiando a caneca lisa contra a sua mão. A borda da gaveta cortava duro em suas costas. Ele não parecia com pressa de ir para o lado dela. — Você só me assustou.

— Nervosa? — seus olhos percorreram seu rosto.

Ela balançou a cabeça e, em seguida, acenou com a cabeça, indecisa sobre o que ela estava, mas descobrindo que estava tudo bem em admitir a verdade. Ela ficava nervosa em torno dele, e estar tão perto a fazia se sentir como se estivesse saindo da sua pele.

Dando um passo à frente para passar em volta dele, ela respirou fundo quando a sua frente roçou no peito duro dele. Luxúria foi disparada como um tiro por ela. Mesmo que ela estivesse usando uma blusa. Mesmo que ele estivesse usando uma camiseta de algodão macio. Seus seios se apertaram, os mamilos reagindo à memória dele beliscando suas pontas carentes.

Um silvo de respiração escapou dele. Ao som, um alívio caiu sobre ela. Ele sentiu isso também. Ele queria ela outra vez.

Ela se virou de costas para ele, indo para o bolo de chocolate que ela tinha preparado ontem, quando estava pirando de pensar nele e precisava de uma distração. Ela cortou quatro fatias generosas e colocou cada uma em um prato de sobremesa. Depois, ela cobriu o bolo com a cúpula de vidro e levou à boca o dedo que ficou sujo com a

cobertura. Antes que ela pudesse lamber, os longos dedos de Cullen se envolveram em torno do seu pulso.

Ele nivelou um olhar escaldante com o dela, com fome de algo que definitivamente não era bolo. Seu peito apertou com tanta força que doeu. Ela observou, os olhos arregalados, quando ele levou a mão dela à boca. Ele capturou o dedo indicador, sugando a ponta coberta de chocolate. Ela suspirou e seus olhos escureceram. Ele fez um rosnado baixo de satisfação. Seu estômago afundou e revirou quando ele circulou seu dedo com a língua, lambendo cada pedaço de cobertura.

— Precisa de ajuda com o bolo, mana? — Beck perguntou da sala.

Ela saltou com a culpa ao som da voz do seu irmão. Mortificação tomou seu rosto quando ela pensou nele na sala ao lado. Seu irmão dando um flagrante no seu dedo sendo chupado pelo seu melhor amigo não estava exatamente na sua lista de coisas-a-fazer. Ela puxou a mão livre do seu aperto e rapidamente segurou três pratos. Com os olhos ainda fixos sobre ela, Cullen pegou o último prato de bolo e seguiu para fora da cozinha, só para encontrar Beck e Kenna em meio a um beijo ardente que a fez querer arrancar seus olhos. Por mais que ela adorasse o seu irmão, havia coisas que ela simplesmente não queria ver.

Ela limpou a garganta e eles se separaram, ambos parecendo estar querendo sozinhos em um quarto, não na sua sala de jantar. Ela podia entender isso. Seu dedo ainda formigava da boca de Cullen, e essa não era sua única parte formigando.

Ela entregou os pratos com bolo.

— Mmm, delicioso, — Kenna disse depois de dar uma primeira mordida.

— Hunt tem jeito na cozinha, — Beck disse.

Ela deu de ombros displicentemente. — Bem, a vovó não me deixa sair da Georgia sem ter copiado todas as suas receitas.

Seu irmão acenou para Cullen. — Estou surpreso que Hunt não engordou você enquanto eu estava fora, Cullen.

Cullen enfiou na boca uma enorme garfada, que teria sido o equivalente a quatro mordidas para ela. — Se eu não corresse tanto, ela teria conseguido.

Eles terminaram o bolo em silêncio. Prato vazio, Beck se inclinou para trás em sua cadeira, seus dedos se arrastando nas pontas dos fios

escuros de Kenna. — Você deu mais atenção ao que nós conversamos, Huntley?

Ela sentiu o peso do olhar de Cullen sobre ela e se mexeu desconfortavelmente. — Um pouco, — ela respondeu vagamente, sabendo que ele estava se referindo a ela se mudar de volta para a Georgia.

— Seria bom ter você perto de nós, — seu irmão colocou a mão sobre o joelho nu de Kenna. Por um momento, seu olhar se perdeu lá, como se esse joelho fosse tudo o que ele quisesse no mundo. Huntley arriscou um rápido olhar para descobrir que Cullen estava lhe encarando com quase igual intensidade.

Ela rapidamente desviou o olhar, e voltou a focar em seu irmão e Kenna. Eles eram um “nós” agora. Uma bola se formou em seu peito. Ela estava feliz por ele... e com inveja.

— Fale com ela, Cullen, — Beck desviou o olhar do joelho de Kenna e deu um tapa no ombro de Cullen. — Diga a ela que ela deveria voltar para casa.

Um lampejo de algo passou pelo rosto de Cullen. Huntley prendeu a respiração, tentando lê-lo, tentando decifrar o que ela tinha visto ali naquela fração de segundo.

— Eu não sei, — respondeu Cullen lentamente. — Ela deve fazer o que quiser. Você quer voltar para casa? — o ar saiu de seus pulmões quando Cullen levantou uma sobrancelha para ela.

— E então, Hunt? O que você quer fazer? — Beck cutucou.

Ela umedeceu os lábios, o olhar preso em Cullen. — Eu-eu não sei.

O olhar de Cullen caiu para seu bolo, cortando mais um pedaço com o garfo como se sua resposta não importasse de forma alguma para ele. — Eu acho que é melhor você decidir isso primeiro.

A próxima meia hora passou em um borrão miserável. O que ela esperava? Que Cullen se declarasse? Anunciasse que a amava e que precisava dela aqui? Esse tipo de coisa só acontecia em filmes. Não. Na. Vida. Dela.

Depois de aceitar duas fatias de bolo de chocolate antes de ir, Beck e Kenna partiram.

Cullen agiu como se fosse de casa, cuidando da cozinha, colocando a louça na máquina, como se fosse qualquer outra noite em que eles passaram um tempo juntos.

Por que eles não poderiam ter isso o tempo todo? Bem, com a vantagem adicional do sexo, é claro.

Ela o observou por um momento, cruzando os braços e se encostando ao balcão, admirando a forma como seu jeans encaixava bem. Deus. Como ela poderia estar no mesmo espaço que esse homem e não querer rastejar para ele? Colocando o último copo na máquina, ele fechou a porta e se virou. Sua boca se curvou em um canto, como se ele tivesse flagrado ela lhe olhando. — Ei.

— Ei, — ela devolveu. — Você não tem que fazer isso. Você não sujou nem a metade dessa louça.

— Eu não me importo. E eu totalmente tenho a intenção de levar um pedaço de lasanha para casa.

Assim, ele não iria ficar a noite, então?

Ela andou até a sala e se sentou sobre as pernas dobradas no sofá, disposta a evaporar com a estranheza entre eles. Ela pegou o controle remoto quando ele sentou ao seu lado, feliz por ter algo para ocupar as mãos.

— Quer assistir alguma coisa na TV? — ela tentou não olhar para suas coxas musculosas ou a forma como a camisa se ajustava contra o seu estômago plano e recortado pelo abdômen definido. — Acho que está passando uma maratona de *Vikings*. — Ela mal tinha colocado no canal quando sentiu dedos quentes circulando seu tornozelo.

Ela ofegou e deixou cair o controle remoto quando ele arrastou o pé para o seu colo. — O que você está fazendo? — ela engasgou.

— Esfregando seus pés. Você esteve trabalhando o dia todo.

Ela suspirou de alegria no momento em que seus polegares apertaram a sola do seu pé. Seu corpo ficou mole e ela derreteu no sofá. Ele estava certo. Ela tinha estado de pé o dia todo. Mesmo com os melhores sapatos e palmilhas de gel, seus pés doíam até o final do seu turno. — Isso é incrível.

Ele sorriu com os olhos para ela quando deslizou os polegares do calcanhar para o arco do pé, exercendo a quantidade perfeita de pressão. Ela gemeu de alegria, mas seus pés não eram a única parte

dela a reagir. Prazer irradiava dos pés e viajava pelas pernas, se estabelecendo entre as suas coxas. Uma pulsação baixa latejava lá quando ele segurou seu calcanhar e moeu contra a ponta do seu polegar. As sensações dispararam por todos os nervos do seu corpo.

— Ohhhh, suas mãos são incríveis, — ela gemeu.

Seu sorriso aumentou. — Eu tenho ouvido isso.

Ela jogou uma das almofadas do sofá em seu rosto. — Aposto que sim.

Eles caíram em um silêncio cômodo, o constrangimento de antes indo embora. Ela virou o rosto para o sofá para abafar outro gemido. Seus joelhos viraram pudim, caindo ligeiramente abertos, como um convite.

— Huntley?

— Hmm?

— Nós precisamos conversar.

Ela franziu a testa. Ela não queria conversar. Não agora. Ela só queria que ele continue fazendo coisas deliciosas com as mãos. Talvez ele pudesse adicionar sua boca em seguida. Ela não iria se opor a ele desabotoar seu jeans e...

— Huntley? — ele insistiu. — Noite passada...

Medo tomou conta dela. Nada de bom iria seguir essas palavras, ela tinha certeza.

— Foi bom, — continuou ele, seu polegar traçando círculos no interior de sua perna. Seu coração disparou dentro do peito.

Bom? Ela bufou. Isso era tudo que foi para ele? Ela puxou suas pernas para longe, dobrando os joelhos contra o peito.

— Mas? — ela disse, seu tom mais agudo do que pretendia. Ela apoiou o queixo nos joelhos. — Eu posso ouvir o “mas” aí. É aqui que você me dispensa facilmente? Você não precisa fazer isso, Cullen. Eu te conheço. Eu não sou uma das suas outras mulheres, de quem você tem que sair correndo.

— Outras mulheres? — seu olhar se estreitou em seu rosto, a suavidade de sua boca desaparecendo enquanto seus lábios

endureciam em uma linha sem absolutamente nenhum sorriso. — Do que você está falando?

— Nós somos amigos, que acabaram dormindo juntos. Entendi. Você não precisa se preocupar que eu vá querer algo mais de você.

Ele se recostou no sofá, jogando um braço sobre o encosto, em uma pose casual de quem não sentia nada, mas tensa, apesar do seu tom calmo. — Você entende?

Ela assentiu com a cabeça uma vez, insegura para falar

Ele continuou: — Então é isso? Tivemos apenas uma brincadeira nos lençóis e isso agora está fora dos nossos sistemas?

Ela assentiu com a cabeça novamente, sua insegurança aumentando.

— Eu vejo, — disse ele, olhando para longe, seu olhar caindo na TV.

— Nós ainda somos amigos. Vamos sempre ser...

— Amigos, — ele completou, olhando para ela de repente. — É isso que você quer?

Ela sustentou o olhar, não tendo mais certeza de nada. — Você não quer isso?

— Você está perguntando agora, Huntley? Parece que você já tem tudo resolvido. Mas ei, você está se mudando para casa. Certo? — as palavras pairaram entre eles, um desafio à espera de uma resposta.

— Uh. Eu estou considerando isso — *O que diabos ela estava dizendo? Ela não estava indo embora. Ela gostava de sua vida aqui.*

— Bem, faz sentido manter as coisas casuais. Apenas fodendo sem compromisso.

— Certo, — murmurou, olhando sem ver a TV, se perguntando por que essas palavras pareciam um tapa na cara.

O toque de seu telefone perturbou o silêncio entre eles. Ela o pegou na mesa de café e atendeu sem olhar para ver quem estava ligando, contente pela distração súbita.

— Ei, Huntley, é o Greg. Como vai você?

Cullen se esticou ao lado dela, e ela sabia que ele podia ouvir a voz de Greg.

— Uh, tudo bem. Como você está? — ele enviou a ela algumas mensagens de texto desde seu encontro no café. Ela respondeu a um ou dois, mas ignorou a maioria deles. Ela não podia sequer imaginar ver ele novamente. Mesmo que seu coração não estivesse amarrado a Cullen, eles não seriam um bom par.

Ela sorrateiramente deu um olhar para Cullen, sem ouvir uma palavra do que Greg estava dizendo. Sua mandíbula estava trancada e seu olhar perfurando dentro dela, brilhante e intenso. Havia algo ali que lembrava um pouco ele no café, quando a viu com Greg. Uma emoção escura correu através dela enquanto ela se lembrava de como aquela noite terminou.

— Hum-hum, — ela concordou com seja lá o que Greg estivesse dizendo. Algo sobre outro encontro.

Cullen inalou bruscamente e ela sabia que ele podia ouvir cada palavra. Ela fez uma careta. Deus. Ela não estava tentando fazer ciúmes. De verdade. E ele não tinha motivos para sentir ciúmes – eles não estavam em um relacionamento exclusivo. Os cabelos da sua nuca se arrepiaram enquanto outras partes suas acordavam e estremeciam, desejando as mãos dele novamente. Seu corpo duro e forte assumindo o comando sobre o dela e a fazendo querer coisas que ela nunca soube que queria.

Ela deu um pequeno aceno com a cabeça e apertou os dedos ao redor do telefone, vendo o brilho nos olhos de Cullen que eram um aviso que ele estava perto de perder a cabeça.

Ele se levantou do sofá e parou diante dela, a fivela do cinto no nível dos seus olhos. Ela engoliu em seco e desviou o olhar para o rosto dele. Olhos ainda brilhando.

As mãos dele circularam seus tornozelos e puxaram até que ela estava deitada de costas no sofá. Ela suspirou ao telefone.

— Você está bem, Huntley? — Greg perguntou em seu ouvido.

— Sim, eu estou bem, — ela rangeu os dentes quando Cullen deslizou suas mãos grandes por suas pernas.

Ele se inclinou e mordeu o lóbulo da sua orelha, enviando ondas de luxúria que eram uma mistura de prazer e dor. — Você está mais do

que bem, — ele rosnou. — Por que você não diz a ele que você está prestes a ser bem fodida, duro e rápido, por mim. Mais uma vez.

Ela gemeu. Seu corpo reagiu em um nível primitivo, seu sexo latejou, seus seios cresceram pesados com a necessidade.

— Huntley? Você está bem? — Greg perguntou preocupado quando a respiração quente de Cullen bateu no seu ouvido. Uma onda de umidade molhou sua calcinha.

— S-sim, — ela ofegou. — Eu tenho que i-ir.

As palavras mal saíram de sua boca antes que Cullen arrancasse o telefone da mão dela e o jogasse de lado.

Ele ronronou perto do seu rosto com uma voz profunda. — Não tem sentido continuar essa conversa. Você não vai sair com ele outra vez.

Ela abriu a boca para dizer... o quê, ela não tinha certeza. Ela não queria sair com Greg. Isso era verdade.

Seu peito subiu em uma respiração irregular. — Agora você é minha;

Como ele ousava agir de forma tão arrogante? Uma onda de fúria encheu seus ouvidos. Ela não pensou. Apenas reagiu. Ela atacou, lhe dando um soco no peito. Nem um lampejo de dor atravessou seu rosto. Ele nem sequer pestanejou.

Ele se inclinou sobre ela, sua voz letal. — Me bata, se isso te faz sentir melhor. Eu posso aguentar, — seus olhos escuros brilharam e ela sabia que ele queria dizer isso. Talvez até desejasse isso um pouco.

Puxando uma respiração afiada, ela disse a si mesma que raiva era a emoção dominante nessa situação, mas ela sabia que era mentira. Desejo se agitou dentro dela.

Ela gemeu seu nome quando ele puxou suas leggings pelas pernas em um movimento rápido e a virou no sofá.

Sua ampla mão alisou a curva arredondada do seu traseiro. — Isso não é seu. Você entendeu? — a mão dele desceu para lhe dar um tapa. Ela pulou com o contato, gemendo baixo quando um parafuso de calor acertou direto o lugar entre as suas pernas. Ela arqueou a coluna vertebral, pedindo mais, desejando que sua calcinha tivesse desaparecido, sua raiva de momentos atrás derretendo no ar.

Ela estremeceu de quatro quando ele passou a mão sobre a sua coxa e deslizou pela nádega ardendo, lhe dando um apertão com força antes de puxar sua calcinha para o lado. Com a mesma mão que ele cobriu seu sexo, o massageou até que ela perdeu a capacidade de falar.

— Isso é meu, — ele rosnou.

Sua cabeça girava. Eles tinham acabado de estabelecer que tudo que havia entre eles era sexo. *Isso é meu*. Ele não quis dizer isso. Estava apenas falando uma daquelas coisas que se dizia durante o sexo. Palavras apaixonadas que se deixava escapar durante o êxtase. Sullen Cullen nunca se prendia a mulher nenhuma.

A capacidade de pensar desapareceu quando ele deslizou um dedo dentro dela. Ela arqueou a espinha, empurrando seu traseiro no ar, o tomando mais profundamente.

Os lábios dele pousaram na sua nádega nua, beijando onde ele tinha espancado antes. — Diga isso, — sua voz retumbou contra ele, vibrando de algum lugar no fundo do seu peito.

— Eu não vou dizer isso.

Ele mordeu a bunda, os dentes afiados punindo a pele macia. Ela gritou totalmente perplexa, umidade correndo entre as suas pernas, a levando diretamente em direção ao orgasmo.

Ele diminuiu a ação de bombeamento do dedo entre suas pernas, ele falando com a sua boca a centímetros da pele. — Seu corpo diz isso alto e claro. Você acabou de ficar realmente molhada pra mim, querida, — sua boca viajou até a parte baixa das suas costas, dando beijos carinhosos na carne arrepiada. — Diga, — ele ordenou.

Sua ternura chegou até ela. Huntley ofegava respirações pesadas contra a almofada do sofá, empurrando sua bunda para ele, provocando o dedo a continuar seu ataque. — Eu sou sua.

Seu polegar pressionou duro contra o clitóris como forma de recompensa, e ela voou além, gozando com um grito abafado, os braços segurando a almofada do sofá, os dedos cavando o tecido. Seus joelhos tremiam, ameaçando ceder.

Cullen puxou o dedo para fora. — Aí está, querida. — Ela ouviu o leve som do zíper abrindo sobre o barulho da sua própria respiração. Ele agarrou os quadris dela com as duas mãos, a levantando. — Segure no encosto do sofá, — ele ordenou.

Ela cruzou os dedos sobre a borda dura, sua cabeça ainda girando do orgasmo.

Uma respiração sibilante escapou dela quando sentiu a cabeça gorda do pau dele na sua entrada. Ele arrastou a ponta de cima a baixo na fenda, esfregando sobre seu clitóris sensível.

— Oh, Deus, — ela gemeu.

Ele empurrou para dentro, apenas a cabeça. — Você sente isso, querida?

Ela assentiu com a cabeça e sons que poderiam se assemelhar a uma fala saíram dos seus lábios, mas soaram mais como algo que um animal faria.

Ele empurrou um pouco mais para dentro e ela choramingou. As paredes de seu canal se esticaram, lutaram para acomodar seu tamanho.

— Você não vai me esquecer. Ninguém jamais vai te tocar assim. Ninguém vai fazer você gozar com eu faço. Nenhum ex-namorado. Nenhum outro homem.

Um soluço brotou em seu peito. Ele já estava assumindo que ela tinha ido embora. Ele estava bem com isso.

Ele não lhe deu tempo para se ajustar ou recuperar o fôlego. Com uma estocada rápida, ele a encheu. Segurando seus quadris, ele martelou nela, se inclinando para baixo, cobrindo as costas dela com o seu peito. As mãos grandes deslizaram pela sua barriga até cobrir os seios enquanto ele bombeava dentro e fora dela. Seus dedos ágeis puxaram as taças do sutiã de renda para baixo até que seus peitos saltaram por cima do tecido agrupado. Ele acariciou a pesada carne dolorida, seus dedos brincando com os mamilos até que eles eram pontos duros.

Ela começou a empurrar de volta contra ele, encontrando o impulso do seu pau, batendo sua bunda contra ele, querendo puni-lo por falar como se ela já tivesse ido embora. Ele rosnou, seus dedos beliscando com mais força os mamilos, cortando alguma corda invisível que a mantinha sobre controle. A sensação deliciosa inchou por todo seu corpo, desde o seu sexo e rolou por todo o caminho até os dedos dos pés.

Ele riu, baixo e profundo, o som áspero contra a sua nuca. — É isso aí, — ele enfiou a mão entre eles, rolando o seu clitóris entre os dedos. — Quem é o dono disso?

Ela gritou, convulsionando contra ele, odiando e se divertindo com a sua arrogância absoluta. Quando seu orgasmo diminuiu e desapareceu, ela soltou o sofá e se espremeu para sair debaixo dele, plenamente consciente de que ele ainda não tinha alcançando seu clímax.

— Huntley, o que...

Ela se virou e o empurrou para baixo no sofá, a palma de uma mão plana em seu peito enquanto ela montava nele, segurou seu pau com a mão livre e o guiou de volta para dentro dela. Ela afundou sobre ele, deixando escapar o ar de seus pulmões quando o sentiu assim. Empalada por ele. Ela nunca tinha experimentado a sensação de um homem tão profundo e duro dentro dela. Não que ela tivesse uma vasta experiência, mas era quase como se ele estivesse chegando ao seu coração. Como se realmente fosse uma parte dela. Se isso era para ser a última vez deles, então ela faria com que ele se lembrasse para sempre.

As mãos dele caíram até a sua cintura. Ele a agarrou, pronto para mover seu corpo para cima e para baixo, mas ela o deteve. Huntley agarrou seus pulsos e os empurrou acima da cabeça. Eles trancaram seus olhares enquanto ela ainda se mantinha em cima dele.

— O que você está fazendo, Huntley?

— Agora é a *minha* vez.

Calor brilhou em seus olhos. — Então comece a se mover.

Ela balançou a cabeça para ele. — Você teve o seu momento. Agora é a minha vez de fazer isso do meu jeito.

— Sua vez? Você gozou duas vezes. Eu diria que é a minha vez agora.

Baixando a cabeça, ela mordeu o seu abdômen. Ele fez um som curto, meio rosnado, meio gemido, ao mesmo tempo em que os músculos internos do seu canal apertaram seu pau.

— Sente isso? — ela perguntou, afrouxando o aperto nos seus pulsos.

As mãos dele desceram e alisaram seu traseiro arredondado. — Sim, — ele resmungou, seus dedos cavando e flexionando sobre ela de uma forma que a fez doer e apertar em torno dele outra vez.

Ela emoldurou o rosto com as mãos e o beijou lenta e profundamente, sua língua provando, alimentando o beijo até que se tornou algo selvagem e quente.

O sexo dela continuou a pulsar e espremer em torno de seu pau enquanto o beijo ficou febril e intenso. Ele tentou mover os quadris e ela quebrou o beijo, empurrando a mão com força em seu peito, prendendo-o no sofá. — Você não se move, — ela repreendeu.

— Foda-se, — ele ofegou. — Eu preciso me mover.

As palavras desesperadas quase foram a sua ruína. Seus músculos internos trabalharam, apertando, apertando seu pau, ávidos por atrito e pressão.

Ele arqueou sua garganta com um gemido. — Eu sinto isso. Você quer isso também. Me deixa continuar.

— Eu defino o ritmo, — ela se moveu, se levantando alguns centímetros antes de descer e se sentar totalmente, moendo sobre ele e balançando os quadris.

Se inclinando, ela beijou sua garganta, inalou seu perfume, marcou sua pele com os dentes. Ela arrastou beijos por todo o seu pescoço e clavícula, amando o gosto salgado da sua pele. Em seu ouvido, ela mordeu o lóbulo e levantou os quadris, o preparando para outro movimento lento e fácil.

Seu grito rouco e quebrado foi a sua recompensa. Quando ela voltou a descer, apertou seu comprimento duro, ofegando com o atrito. Os dedos dele cravaram em seus quadris, se agarrando a ela como se sua vida dependesse disso. Sua cabeça rolava de um lado para o outro no sofá, o suor escorrendo da testa. Ela nunca tinha se sentido tão poderosa, tão completamente feminina.

Sua mandíbula apertou, suas maçãs do rosto bem marcadas. Ela passou os dedos sobre o seu rosto, o beijando e saboreando a sua boca antes de deslizar os lábios ao longo da sua mandíbula quadrada em um turbilhão de beijos.

— Huntley, — ele implorou com uma voz que ela nunca tinha ouvido nele. Nem em qualquer homem. Arqueando, ela começou a balançar os quadris, se movendo acima dele sinuosamente, afundando

lentamente e se arrastando de volta. Ela passou uma mão para trás e agarrou suas bolas, apertando suavemente.

Ele saltou, seus quadris a levantando quando ele gozou com um grito gutural, jorrando profundamente dentro dela, seus dedos cavando tão profundamente em seus quadris que ele ela sabia que ia ter marcas mais tarde.

Ele caiu de volta no sofá, seu rosto cheio de prazer, os olhos fechados. Seu peito bonito brilhando com o suor.

Ela caiu sobre ele, seus corpos colados um ao outro, respirando como um.

— Até onde uma foda vai, essa pode ter sido... a melhor. — Sua voz veio como um sopro sobre a sua cabeça.

Ela sorriu, extremamente satisfeita consigo mesma. — Eu posso ter que concordar, — seus dedos descansaram no plano duro do seu estômago, tocando levemente.

A voz dele ressoou pelo ar. — Eu vou sentir falta disso.

Seu sorriso saciado desapareceu com as palavras dele.

Por que diabos ele tinha que dizer isso?

Será que ele achava necessário lembrá-la que isso não era permanente? Que não poderia durar? Ela hesitou por um momento antes de se afastar. Sem olhar para ele, ela pegou sua blusa e a puxou pela cabeça, sem se preocupar com o sutiã.

— O que há de errado? — ele perguntou.

Ela olhou para o seu rosto, não exatamente encontrando seus olhos. — Nada, — quando ela colocou a calcinha, seu olhar caiu para o sofá. Cada linda plegada dele não era dela. Ela piscou contra a queimação súbita em seus olhos.

Ele se apoiou nos cotovelos, a observando de perto. — Você passou do quente para o frio em dez segundos. É o que eu disse?

— Não. Não é nada.

Nada, exceto que ele parecia ansioso que ela voltasse para a Georgia. Faria tudo mais fácil. Daria ao que havia entre eles um prazo de validade.

Ela enfiou uma perna na sua calça legging, seus movimentos rígidos de raiva.

Os olhos escuros dele se estreitaram. — Não vamos ficar nessa besteira aqui. Se você está com raiva, diga.

— Bem. Eu estou com raiva. — Ela plantou ambas as mãos nos quadris, se sentindo muito livre ao admitir isso.

— Sério? Você está louca? — ele se atirou para fora do sofá e parou de pé na frente dela, sem se importar nem um pouco com a própria nudez. — Porque foi você quem falou em se mudar depois que nós começamos a dormir juntos. Não sou eu quem está indo embora.

Ela olhou para ele, a indignação levando a melhor. — Beck e minha família querem que eu volte. Eu... eu não decidi.

— Ah é, por que não? — ele acusou. — Por que você não decidiu ainda, Huntley?

Era isso. Nesse momento, ela poderia se declarar e dizer: *eu não vou embora, eu vou ficar por sua causa*. Apenas algumas palavras, mas elas a aterrorizavam pra caralho, fazendo com que parecesse que havia uma bola de golfe presa em sua garganta. E se ele não se sentisse da mesma forma sobre ela?

Ela endireitou os ombros, seu orgulho vindo à tona. Por que *ele* não podia dizer isso? Nada o impedia. Por que ele tinha que estar aqui? Por que ela que tinha que correr o risco?

Cullen olhou para ela, sem piscar, os olhos fixos no seu rosto. Seu peito nu levantava coma respiração e seus olhos a cortavam como vidro, escuro como as águas à noite. — Talvez você devesse apenas ir.

As palavras a cortaram profundamente. Ela observou seu rosto com cuidado. Nada. Sua expressão era impassível.

— Talvez eu devesse, — as palavras saíram dela, um erro estúpido no momento em que ela as disse, e ainda assim não havia como pegá-las de volta.

Eles se olharam. Depois de um longo momento, ele se virou, pegou sua camisa no chão e a puxou sobre sua cabeça. Ele então vestiu sua cueca e a calça jeans. — Você precisa fazer o que é certo para você, Huntley. O que te faz feliz.

As palavras não foram emitidas de forma acalorada ou agressiva. Não havia raiva nelas. Pelo contrário, ele realmente as disse amavelmente. Magnanimamente. Mas ainda assim pareciam como o soco mais cruel.

Ele não se importava.

Ela assentiu com a cabeça rigidamente. Ela queria que ele fosse egoísta. Que exigisse que ela ficasse por ele.

Seu peito doía com tanta força, tão intensa e profunda. Não era como nada que ela tivesse conhecido quando Jackson partiu seu coração.

Ele assentiu. — Me avise se você precisar de alguma ajuda com a mudança.

Ela inalou uma respiração profunda. Esse foi o último prego no caixão. Ele tinha realmente se oferecido para ajudá-la a empacotar suas coisas. Esse cara não a queria. Pelo menos não o suficiente para tentar convencê-la a ficar.

Ela piscou os olhos que ardiam e voltou sua atenção para arrumar as almofadas do sofá.

Por que eles tinham que dormir juntos? Sexo sempre estragava tudo. Pelo menos amizades. Se eles tivessem mantido as mãos longe um do outro, ela agora não estaria diante de uma mudança. Ela sentiu uma pontada no peito e esfregou, os dedos massageando a área.

— Eu aviso, — ela respondeu com os lábios dormentes, de repente sem se preocupar em corrigir o equívoco de que ela estaria se mudando. Não importava. Ele estava fora do seu alcance.

Ele acenou com a cabeça uma vez, bruscamente, se virou para a porta e saiu para a noite.

Assim que a porta se fechou, ela caiu no sofá. Soluços altos escaparam imediatamente. Ela pressionou uma mão contra o peito e fechou os olhos em um longo piscar. Houve realmente alguma escolha aqui? No momento em que Cullen fez seu movimento, seu coração e seu corpo eram dele. A lógica não tinha chances. A precipitação era inevitável.

Ela ergueu o queixo e olhou sem ver à frente. Cega e ainda vendo. Ela viveria em estreita proximidade com Cullen. Mas ela saberia lidar. Felizmente, eles ainda poderiam ser amigos.

Talvez um dia eles até olhassem para trás e rissem dessa sua aventura. Ela fez uma careta. Era difícil imaginar isso agora, mas talvez.

Ela ficaria aqui, em Black Rock. Esta era a sua vida. A sua casa. Mesmo que Cullen não fosse uma parte dela.

Capítulo Onze

Cullen irrompeu em sua casa e atirou as chaves contra a parede. Ele se atirou no sofá e esfregou as mãos no rosto antes de levantar e andar marchando pela sua sala de estar.

Sério que ele realmente se ofereceu para ajudar ela a empacotar suas coisas?

Porra, porra, porra.

A batida em sua porta o fez saltar. Ele olhou para ela por um longo momento, então seu coração acelerou, batendo como um tambor. *Huntley.*

Com dois passos, ele abriu a porta e olhou para Beck ali de pé.

— Beck, — disse ele entorpecido, seu coração esvaziando.

Com um sorriso tenso, seu amigo entrou na casa. Ele olhou em volta antes de enfrentar Cullen.

— Está tarde, — disse Cullen estupidamente. — O que você está fazendo aqui? — pelo que viu da última vez em que esteve com Beck, ele não achava que o cara ia se separar de Kenna até a metade da próxima semana, mas aqui estava ele. Sozinho.

— Achei que você já teria voltado da Huntley por agora, — ele finalmente disse.

Cullen observou seu amigo de perto. Ele não tinha deixado a casa de Huntley até um bom tempo depois que Beck e Kenna tinham partido.

— É? — ele coçou a parte de trás de sua cabeça, a tensão pairando entre eles. Enquanto Cullen olhava Beck, ele se pressionou duramente a não pensar sobre o que estava fazendo com a irmã do homem algumas horas antes... e mais duramente ainda para não se sentir culpado por isso.

— É, — Beck acenou com a cabeça uma vez. — Pensei que era hora de falarmos sobre o que está acontecendo entre você e Hunt.

Tudo dentro de Cullen se apertou em uma batalha de prontidão. Ele olhou para Beck com cautela enquanto circulava a sala de estar. — O que você quer dizer?

Beck sorriu sem graça. — Vamos lá, cara. É óbvio que você está dormindo com a minha irmã. — Ele encolheu os ombros enormes. — Isso não era exatamente o que eu tinha em mente quando te pedi para cuidar dela, mas se você estiver a tratando com o respeito que ela merece, então não teremos problemas. Ela é adulta e faz suas próprias decisões. Um fato que a minha namorada poderia ter mencionado várias vezes no caminho para casa.

Cullen exalou e não mentiu ou negou a acusação. Ele sabia que tocar Huntley tinha quebrado um código, mas ele não estava arrependido. Na verdade, a única coisa da qual ele se arrependia no momento era como as coisas tinham se desenrolado entre eles na sua casa.

Beck arqueou uma sobrancelha e olhou diretamente para Cullen. — Então. Será que temos um problema?

Cullen balançou a cabeça e caiu de volta em seu sofá. — Ela vai voltar para a Georgia.

Beck o estudou por um momento. — Isso é um fato?

Cullen assentiu com a cabeça uma vez.

— E você concorda com esse plano?

— É decisão dela. Eu não posso fazer que ela fique, se ela não quer...

Beck jogou a cabeça para trás e riu. — Você é realmente tão estúpido? Você tem que dar a ela uma razão para ficar. Do mesmo jeito que eu dei a Kenna uma razão para ir. Você pediu a ela para ficar em Black Rock?

As mãos de Cullen se abriram e fecharam em punhos. Era assim tão fácil? Ele só tinha que pedir? — Talvez seja melhor que ela vá. — Ele passou a mão pela cabeça. — Eu só sei que não posso decepcioná-la. — Ele falhou com seu pai. Falhou com Xander. Ele não podia falhar com Huntley também.

— Talvez você não queira que ela fique, — Beck desafiou. — Talvez você tenha se divertido com ela e agora acabou.

— *Ei*, — Cullen ficou de pé, esquecendo por um momento que este era o irmão de Huntley. Ele agarrou Beck pela camisa e o sacudiu. — Não é desse jeito.

— Não? Então como é? — No silêncio de Cullen, Beck assentiu. — Talvez você precise descobrir isso antes que ela se vá. Porque minha irmã é forte e ela vai seguir em frente, enquanto você está sentado aqui, imaginando como diabos a deixou ir embora. — Ele andou até a porta e a abriu. — Pense sobre isso.

Pensar sobre isso foi tudo o que ele fez pelo resto da noite.

Ele não conseguiu pregar o olho, olhando fixamente para a escuridão, querendo saber quando ele tinha se tornado esse enorme filho da puta. Ele tinha se apaixonado pela sua melhor amiga e tinha feito tudo errado... tudo para fazer com que ela empacotasse suas coisas e caminhasse para fora da sua vida para sempre.

Então isso lhe ocorreu.

Exatamente aquilo que ele não queria - falhar com Huntley, perde-la- era o que estava acontecendo.

Merda. Se ele não consertasse as coisas com Huntley agora, seria tarde demais.

Talvez já fosse.

* * * * *

— Há um paciente se queixando de dores no peito na sala de exames cinco, — Nancy, a enfermeira sênior de plantão, disse a Huntley enquanto caminhava até o posto de enfermagem depois de ajudar a um dos médicos com um braço quebrado na sala de exames três. Ela via isso de tempo em tempos. Álcool e pebolim não se misturavam.

Huntley olhou para o relógio, ansiosa pela hora em que poderia fazer uma pausa e tomar um café com leite no caminhão de alimentos estacionando em frente ao hospital. — E estou supondo que você quer que eu veja o paciente?

— Você não se importa, não é?

— Claro que não. — Estar ocupada era bom. Ocupada a impedia de pensar muito sobre Cullen. Quando ela voltasse para sua casa vazia hoje à noite, teria tempo de sobra para isso.

Huntley pegou a ficha e seguiu pelo corredor, parando quando algo lhe ocorreu. Ela olhou por cima do ombro. — Sala de exame número cinco?

A outra enfermeira deu de ombros, sorrindo misteriosamente enquanto se movia na direção oposta do corredor. Dor no peito era geralmente uma prioridade e, portanto, encaminhada para a sala um ou dois. A menos que a triagem houvesse considerado como baixo risco, por algum motivo.

Ela seguiu e abriu a porta, uma saudação pronta em seus lábios, quando foi ler a ficha para procurar por algo além do básico do paciente, e encontrou as informações em branco.

Huntley olhou para cima e seu coração parou com a visão de Cullen sentado na maca de exames. Seu peito apertou. Aqueles olhos de chocolate derretido. O corpo duro inconfundível mesmo debaixo da farda. Ele apoiava as mãos sobre cada uma das coxas de maneira ansiosa.

— Cullen? O que você está fazendo aqui?

Cullen estava aqui. Em frente a ela.

Ela baixou a ficha, sabendo que havia sido enganada. Um rápido olhar de cima a baixo pelo seu corpo confirmou que ele estava tão forte e quente como sempre. Ele teve que contar com a ajuda de Nancy para isso. — Você não deveria estar no trabalho? — ela perguntou.

Ele colocou uma mão sobre o coração. — Eu me machuquei. Bem aqui.

Seus lábios tremeram com a absoluta seriedade da sua expressão. — E então?

Com o pulso acelerado, ela colocou a ficha no balcão e andou para frente. Limpando a garganta e ignorando a constrição súbita de seu próprio coração, ela fingiu seriedade. — Quando essa dor começou?

— Algumas noites atrás.

— Entendo. — Ela engoliu contra a secura repentina de sua boca e resistiu ao impulso de se jogar em seus braços. — Você pode descrever a dor?

Ele balançou a cabeça solenemente. — Sim, a princípio meu pulso disparava e parecia que meu coração ia explodir.

— Hm. Interessante.

— E então, na noite passada, a dor mudou.

— Ah é?

— Sim. — As mãos dele se fecharam em torno de seus quadris, puxando-a entre as suas coxas. De repente, ela não achava que ele era a única pessoa cujo coração parecia que ia explodir. — Quando você começou a falar sobre voltar para a Georgia, deixando Black Rock para trás, me deixando para trás... eu senti como se uma faca estivesse me esfaqueando bem aqui. — Ele pegou a mão dela e a colocou sobre o seu coração. Seus olhos se arrastaram por cada centímetro do seu rosto, seu olhar penetrando sua pele e seus ossos, escavando profundamente sua alma. — Ainda sinto.

— Oh, — ela respirou, seu peito doendo mais apertado, tentando puxar ar. Ela supôs que deveria dizer a ele que não tinha intenção de se mudar. Talvez mais tarde. Depois que ele dissesse tudo que veio aqui para dizer.

— Oh, — ele repetiu. — Só há uma maneira de fazer isso parar. Apenas uma maneira de me consertar.

Ela umedeceu os lábios. — Bem, então me diga. Sou enfermeira. É minha responsabilidade...

Ele a silenciou com um beijo, sua boca inclinada se moveu sobre a dela até que ela esqueceu tudo o que estava pronta para dizer. Ele se afastou, a deixando ofegando, com a mão cobrindo seu rosto. — Fique.

— O q-quê? — sua voz saiu trêmula, mas não era nada comparado ao modo como seu coração estremecia dentro do peito.

— Eu preciso que você fique. Que viva aqui. Comigo. — Seus dedos apertaram mais seu rosto. — Eu preciso que você me ame.

Seu coração transbordou com essas palavras. — Cullen, — ela sufocou. — Você me ama?

— Eu te amo. Eu sempre amei. Eu só não sabia. Você está no meu sangue, Huntley. Se você for embora, eu estou perdido.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente, piscando, tentando não chorar. — Eu não vou a lugar nenhum. Eu nunca tive a intenção. Essa é a minha casa.

Alívio passou pelo rosto dele. — Bem, é bom saber.

— Tanto quanto eu te amo, — ela continuou. — Por que eu te amo. Eu já amava há muito tempo.

Ele trouxe a outra mão para cima, emoldurando seu rosto com as duas palmas. — Então, você está se mudando para minha casa, ou eu estou me mudando para a sua?

Ela riu. — Não é um pouco rápido? Um pouco...

— Querida, nós estamos namorando há anos. Nós apenas não tínhamos percebido isso. — Ele sorriu, mas seus olhos a perfuraram com intensidade solene. — E eu não quero passar outra noite sem você.

— Uau, — ela suspirou. — Você não perde tempo.

— Eu sei o que eu quero, — seu polegar traçou a boca dela. — E todo esse tempo, nós poderíamos ter tido sexo.

— Nós temos muito que recuperar, — ela concordou, trazendo sua outra mão até o peito dele, se deleitando com a dureza de sua carne sob a palma e odiando as roupas que a impendiam de ter acesso completo.

— Por que não arranjamos uma nova casa juntos? — sugeriu ele, beijando sua mandíbula, avançando em direção à gola do seu uniforme. — Um novo começo para nós dois?

— Nós também podemos fazer isso, — ela assentiu com a cabeça em aprovação.

— Algum lugar grande o bastante para todas as crianças que vamos ter.

— Crianças? — seu coração saltou loucamente em seu peito. Ela puxou o rosto para trás.

— Bem, sim, vamos nos casar primeiro, claro. Mas nós teremos bebês, Huntley.

Lágrimas ardiam em seus olhos; não havia como pará-las. Ela limpou o rosto com as costas da mão. Ela tentou falar, mas um soluço quebrado escapou.

— Isso não é muito romântico, não é? — ele franziu a testa como se essa ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. — Propor dessa forma. Eu deveria ter...

— É perfeito. — Ela fungou, seus dedos se enrolando na camisa dele e o puxando com força. — É lindo. É tão você. Eu não gostaria de nada diferente.

— Eu não vou deixar você, — ele passou a mão em seus cabelos.

— Eu sei que você não vai.

— Eu vou tentar te dar tudo, Huntley.

— Apenas me ame.

— Feito, — ele a beijou de novo, lenta e profundamente, uma promessa de *para sempre*.

Fim